

INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

Tipologias e Gêneros Textuais



Presidente: Gabriel Granjeiro

Vice-Presidente: Rodrigo Calado

Diretor Pedagógico: Erico Teixeira

Diretora de Produção Educacional: Vivian Higashi

Gerência de Produção de Conteúdo: Magno Coimbra

Coordenadora Pedagógica: Élica Lopes

Todo o material desta apostila (incluídos textos e imagens) está protegido por direitos autorais do Gran Cursos Online. Será proibida toda forma de plágio, cópia, reprodução ou qualquer outra forma de uso, não autorizada expressamente, seja ela onerosa ou não, sujeitando-se o transgressor às penalidades previstas civil e criminalmente.

CÓDIGO:

230414542195



BRUNO PILASTRE

Doutor em Linguística pela Universidade de Brasília. É autor de obras didáticas de Língua Portuguesa (Gramática, Texto, Redação Oficial e Redação Discursiva). Pela Editora Gran Cursos, publicou o “Guia Prático de Língua Portuguesa” e o “Guia de Redação Discursiva para Concursos”. No Gran Cursos Online, atua na área de desenvolvimento de materiais didáticos (educação e popularização de C&T/CNPq: <http://lattes.cnpq.br/1396654209681297>).

SUMÁRIO

Apresentação	4
Tipologias e Gêneros Textuais.....	5
Definição e Características das Principais Tipologias Textuais	5
A Tipologia Narrativa	5
Discurso Direto, Discurso Indireto e Discurso Indireto Livre	6
A Tipologia Descritiva.....	10
A Tipologia Expositiva	12
A Tipologia Argumentativa	14
Evidência das Provas	15
Métodos de Raciocínio: Dedutivo e Indutivo.....	16
Faláncias Argumentativas	18
A Tipologia Injuntiva.....	23
Definição dos Principais Gêneros Textuais	29
Resumo	34
Mapa Mental	35
Exercícios	37
Gabarito	116
Gabarito Comentado.....	118
Referências	223

APRESENTAÇÃO

Para iniciar essa aula, apresento o **quantitativo** das questões sobre **tipologias e gêneros textuais** cobradas nas provas das **principais bancas examinadoras** nos **últimos quatro anos** (2023, 2022, 2021 e 2020).

BANCA	N. DE QUESTÕES
QUADRIX	109
FGV	99
CEBRASPE	55
IBFC	33
AOCP	24
FCC	17
IDECAN	13
IADES	8
VUNESP	6
CESGRANRIO	1

Como se vê, as bancas possuem variados perfis em relação à abordagem desse conteúdo. Desconsiderando os fatores relativos ao número de provas aplicadas (uma banca pode ter aplicado mais provas se comparada às demais; nos últimos anos, estávamos em um contexto de restrição de aplicação de provas), há uma predileção pelo tema nas bancas Quadrix, FGV, Cebraspe e IBFC.

Uma coisa é certa: o tema é relevante e você deve dominar as características de cada tipologia. Vamos a cada uma delas!

TIPOLOGIAS E GÊNEROS TEXTUAIS

DEFINIÇÃO E CARACTERÍSTICAS DAS PRINCIPAIS TIPOLOGIAS TEXTUAIS

Por **tipologia textual** (ou tipo textual), entende-se uma espécie de construção teórica definida pela natureza linguística de sua composição (ou seja, os aspectos lexicais, morfológicos e sintáticos; os tempos verbais, as relações lógicas, o estilo). Isso quer dizer o seguinte: a depender de como o texto se organiza informacionalmente e linguisticamente, ele pode ser do tipo X ou do tipo Y. Na classificação de Pereira & Neves, há seis tipos textuais:

- NARRATIVO;
- DESCRITIVO;
- EXPOSITIVO;
- ARGUMENTATIVO;
- INSTRUCIONAL OU INJUNTIVO;
- DIALOGAL.

Os textos ilustrativos de cada tipologia estarão presentes nas próprias questões analisadas ao longo da aula. Peço atenção à leitura desses textos, os quais são, em muitos casos, longos. Essa leitura permitirá a você um domínio mais seguro sobre as propriedades de cada tipologia.

Vamos começar pela tipologia narrativa.

A TIPOLOGIA NARRATIVA

Na **narração**, há seres que participam de eventos em determinado tempo e espaço. Os participantes desses eventos são os **personagens**, os quais podem ser reais ou fictícios. O evento (uma espécie de ação) é denotado por verbos nacionais, como *cantar, correr, beijar, nadar, ouvir* etc. O **tempo** da narrativa é tipicamente o passado, mas pode ser o presente (a narração de um jogo de futebol) ou o futuro (obras proféticas, por exemplo). Em uma narrativa, o **espaço** pode ser físico (uma cidade, uma casa, uma escola) ou psicológico (mente do personagem ou do narrador).

Quem conta a história é o **narrador**, que pode ser de primeira ou terceira pessoa: o narrador em primeira pessoa participa das ações; o narrador em terceira pessoa não está diretamente envolvido nas ações, podendo ser observador (apenas relata os acontecimentos vistos a olhos nus) ou observador onisciente (aquele que tudo sabe, que tudo vê, inclusive os estados mentais das personagens).

Linguisticamente, o tempo da narrativa é marcado pelas formas verbais (flexão de passado, presente, futuro) e por formas adverbiais (*ontem, hoje* etc.). O narrador é marcado pela flexão de número e pessoa do verbo (primeira ou terceira).

Para você compreender melhor, vamos observar o trecho a seguir, o qual foi retirado da obra *Livro das Mil e Uma Noites*:

Disse Sahrazad: conta-se, ó rei venturoso, de parecer bem orientado, que certo mercador vivia em próspera condição, com abundantes cabedais, dadivosos, proprietário de escravos e servos, de várias mulheres e filhos; em muitas terras ele investira, fazendo empréstimos ou contrariando dívidas. Em dada manhã, ele viajou para um desses países: montou um de seus animais, no qual pendurara um alforje com bolinhos e tâmaras que lhe serviriam como farnel, e partiu em viagem por dias e noites, e Deus já escrevera que ele chegaria bem e incólume à terra para onde rumava; [...].

(*Livro das mil e uma noites – volume I – ramo sírio*)

Nesse texto, observamos um narrador em terceira pessoa, o qual introduz a fala da personagem Sahrazad. Essa personagem, por sua vez, é também uma narradora em terceira pessoa (ela fala sobre o mercador). O texto envolve personagens (Sahrazad, o rei, mercador etc.) que realizam ações em determinado tempo (passado) e espaço (um reino).

Eu sei que você já leu outros livros. Tente puxar de memória uma narração que te marcou: quais eram os personagens? Que ações desempenharam? Onde e quando aconteceram as ações? Ao responder a essas perguntas, você organizará os elementos de uma narrativa.

ATENÇÃO !

Os textos narrativos podem ser ficcionais ou não. Uma notícia, por exemplo, pode narrar um acontecimento. Nesse caso, trata-se de um fato não ficcional.

DISCURSO DIRETO, DISCURSO INDIRETO E DISCURSO INDIRETO LIVRE

O narrador possui dois papéis na narrativa:

- I – apresentar as personagens (via descrição); e
- II – trazer ao leitor as falas das personagens.

Vamos analisar com mais cuidado a função II. O narrador pode trazer ao leitor as falas das personagens de duas maneiras:

EXEMPLO

a) **diretamente**, exatamente como a personagem falou:

O Amanuense Belmiro disse ao colega:

– Estou farto de tanta burocracia.

EXEMPLO

b) **indiretamente**, “traduzindo” com suas próprias palavras o que o personagem falou:
O Amanuense Belmiro disse ao colega que estava farto de tanta burocracia.

Conseguiu perceber a diferença? No primeiro caso, temos o chamado **discurso direto**. No segundo caso, temos o **discurso indireto**. É simples diferenciar essa classificação:

- discurso **direto**: a fala da personagem é apresentada **diretamente**.
- discurso **indireto**: a fala da personagem é apresentada **indiretamente**

O PULO DO GATO 

As bancas examinadoras pedem a transposição discurso direto <-> discurso indireto. Como você pode perceber, há uma diferença temporal nessa transposição: o discurso indireto registra que a fala da personagem ocorreu **antes** do momento da enunciação. Fique atento(a), viu?

Para alguns cargos mais específicos, especialmente os cargos da área de Letras (professor, revisor, estenodatilógrafo etc.), avalia-se o conhecimento sobre um outro tipo de discurso, o **indireto livre (ou aparente)**. Nesse tipo de discurso, existe uma construção híbrida que, numa narrativa, concilia o discurso direto e o indireto, pela supressão dos subordinantes próprios do discurso indireto e pela conservação de algumas falas nos termos em que teriam sido proferidas (Houaiss, 2009). O principal efeito estilístico do discurso indireto livre é a não distinção entre o discurso do narrador e o discurso do personagem. No excerto a seguir, observamos um trecho em que não sabemos se a pergunta foi feita pelo narrador ou pela personagem Baleia (uma cachorrinha):

Abriu os olhos a custo. Agora havia uma grande escuridão, com certeza o sol desaparecera.
Os chocalhos das cabras tilintaram para os lados do rio, o fartum do chiqueiro espalhou-se pela vizinhança.

Baleia assustou-se. **Que faziam aqueles animais soltos de noite?** A obrigação dela era levantar-se, conduzi-los ao bebedouro. Franziu as ventas, procurando distinguir os meninos. Estranhou a ausência deles.

(*Vidas Secas*, Graciliano Ramos, 1938)

DIRETO DO CONCURSO 

001. (FGV/AL-RO/ANALISTA/2018) A afirmativa abaixo que é inadequada em relação às narrativas é:

- a) toda narrativa implica mudanças de situações ou estados.
- b) as narrativas implicam uma causalidade na intriga.
- c) todas as narrativas mostram personagens humanos ou humanizados.
- d) uma narrativa mostra sempre uma integração de ações.
- e) os relatos narrativos implicam sempre um narrador personagem.



Em narrativas, NÃO há obrigatoriedade de o narrador ser personagem. Como sabemos, há o narrador em terceira pessoa (observador ou onisciente).

Letra e.

QUESTÃO INÉDITA 

002. (INÉDITA/2023) A frase abaixo que mostra a presença do discurso indireto livre é:

- a) Sentiu o cheiro bom dos preás que desciam do morro, mas o cheiro vinha fraco e havia nele partículas de outros viventes. Parecia que o morro se tinha distanciado muito.
- b) A cachorra Baleia assustou-se. Que faziam aqueles animais soltos de noite? A obrigação dela era levantar-se, conduzi-los ao bebedouro.
- c) Pouco a pouco a cólera diminuiu, e sinhá Vitória, embalando as crianças, enjoou-se da cadela achacada, gargarejou muxoxos e nomes feios.
- d) Nesse momento Fabiano andava no copiar, batendo castanholas com os dedos. Sinhá Vitória encolheu o pescoço e tentou encostar os ombros às orelhas.
- e) Defronte do carro de bois faltou-lhe a perna traseira. E, perdendo muito sangue, andou como gente em dois pés, arrastando com dificuldade a parte posterior do corpo.



O discurso indireto livre é marcado pela mescla entre o discurso do narrador e o do personagem. Ocorre tipicamente quando não se pode definir com clareza se o enunciado foi produzido pelo narrador ou pelo personagem. Em "b", isso ocorre na interrogativa "Que faziam aqueles animais soltos de noite?", pois não sabemos se esse questionamento foi feito pelo narrador ou pelo personagem (no caso, a cachorra Baleia). Nas demais alternativas, não há discurso indireto livre: há apenas a narração de eventos em terceira pessoa.

Letra b.

003. (INÉDITA/2023) Alguns narradores, como os de Machado de Assis, interrompem suas narrativas para fazer comentários com os leitores; o trecho abaixo em que o narrador comenta o processo de composição da narrativa é:

- a) "Começo a arrepender-me deste livro. Não que ele me canse; eu não tenho que fazer; e, realmente, expedir alguns magros capítulos para esse mundo sempre é tarefa que distrai um pouco da eternidade. Mas o livro é enfadonho, cheira a sepulcro, traz certa contração cadavérica; vício grave, e aliás ínfimo, porque o maior defeito deste livro é tu, leitor. Tu tens pressa de envelhecer, e o livro anda devagar; tu amas a narração direita e nutrida, o estilo regular e fluente, e este livro e o meu estilo são como os ébrios, guinam à direita e à esquerda, andam e param, resmungam, urram, gargalham, ameaçam o céu, escorregam e caem..."
- b) "Tinha dezessete anos; pungia-me um buçozinho que eu forcejava por trazer a bigode. Os olhos, vivos e resolutos, eram a minha feição verdadeiramente máscula. Como ostentasse certa arrogância, não se distinguia bem se era uma criança com fumos de homem, se um homem com ares de menino."
- c) "Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis; nada menos. Meu pai, logo que teve aragem dos onze contos, sobressaltou-se deveras; achou que o caso excedia as raias de um capricho juvenil."
- d) "A Casa Verde foi o nome dado ao asilo, por alusão à cor das janelas, que pela primeira vez apareciam verdes em Itaguaí. Inaugurou-se com imensa pompa; de todas as vilas e povoações próximas, e até remotas, e da própria cidade do Rio de Janeiro, correu gente para assistir às cerimônias, que duraram sete dias."
- e) "Nisto, o cônego estremece. O rosto ilumina-se-lhe. A pena, cheia de comoção e respeito, completa o substantivo com o adjetivo. Sílvia caminhará agora ao pé de Sílvio, no sermão que o cônego vai pregar um dia destes, e irão juntinhos ao prelo, se ele coligir os seus escritos, o que não se sabe."



Em "b", "c", "d" e "e", os excertos narrativos estão centrados nos personagens e nos eventos internos à narrativa. Em "a", o narrador dirige-se ao leitor (e fala sobre o processo de composição da narrativa), como podemos confirmar pela leitura deste trecho: "porque o maior defeito deste livro é tu, leitor. Tu tens pressa de envelhecer, e o livro anda devagar". É a chamada referência exofórica.

Letra a.

A TIPOLOGIA DESCRIPTIVA

Podemos agora falar da **DESCRIÇÃO**, que pode ser objetiva ou subjetiva.

Em uma **descrição**, apresentamos uma série de características de determinado ser/objeto/espaço, formando na memória do leitor/ouvinte a imagem do que está sendo descrito.

Na descrição, essa apresentação de características é verbal (oral ou escrita). Linguisticamente, a descrição é tipicamente formada por predicações nominais (Sujeito + Verbo de ligação + Predicativo) ou por adjetivação (Substantivo + adjetivo (atributivo)).

Como eu disse, a descrição pode ser objetiva ou subjetiva. Na descrição objetiva, o ser/objeto/espaço é descrito tal qual se apresenta ao mundo. Na descrição subjetiva, diferentemente, o ser/objeto/espaço é descrito a partir das impressões pessoais (subjetivas) de quem está realizando a caracterização. Vamos tentar diferenciar essas duas formas de descrição.

Imagine a seguinte situação: eu peço a um botânico para descrever um açaizeiro. Muito provavelmente, a descrição será a seguinte: "o açaí é uma palmeira do gênero Euterpe que produz um fruto bacáceo de cor roxa". Essa é uma descrição objetiva. Imagine agora que eu peça a alguém da região Norte que descreva um açaizeiro. É muito provável que a descrição envolva subjetividades do tipo: "o açaizeiro é nossa árvore guardiã, protetora de nossos irmãos" (lembra-se da música do Djavan? Uma parte dela diz "açaí, guardiã", que traduz essa característica do açaizeiro como fonte de alimento e renda). Essa segunda descrição envolve, portanto, subjetividades (as impressões pessoais/regionais das características do açaizeiro).

Observe a descrição a seguir, em que Tchekhov apresenta uma paisagem:

Depois das propriedades dos camponeses, começava um barranco aberto e escarpado, que terminava no rio; aqui e ali, no meio da argila, afloravam pedras enormes. Pelo declive, perto das pedras e das valas escavadas pelos ceramistas, corriam trilhas sinuosas, entre verdadeiras montanhas de cacos de louça, ora pardos, ora vermelhos, e lá embaixo se estendia um prado vasto, plano, verde-claro, já ceifado, onde agora vagava o rebanho de camponeses.

(Anton Tchekhov. *O assassinato e outras histórias*)



004. (CEBRASPE/SEFAZ-RS/ASSISTENTE/2019)

Texto 1A2-II

Neide nunca tinha pensado naquilo até que, mexendo um cremezinho de laranja na cozinha, a nutricionista do programa das dez da manhã falou:

— Ninguém é obrigado a parecer velho.

Tirando a canseira provocada por aquele horror de exames que o médico tinha pedido, Neide considerou que, aos sessenta e quatro anos, até que não parecia velha. Mexeu o creme com mais vigor. A dermatologista deu aparte:

— Alguns estudos afirmam que a velhice começa aos trinta e seis anos de idade. Aos trinta e seis anos, ela já era casada havia doze anos com João Carlos, já era mãe dos gêmeos, já sustentava a casa e tinha até contratado um auxiliar só para atender as freguesas que batiam palmas no portão. Aos trinta e seis anos, João Carlos já havia sido despedido da firma e já indicava que ia se tornar um deprimido de marca e um desempregado crônico. O fogão de seis bocas e a campainha com barulho de sino vieram depois, e seus préstimos de doceira eram anunciados em uma tabuleta de madeira. A apresentadora, que já nem era tão mocinha, considerou que tudo dependia do estado de espírito da pessoa e das escolhas feitas durante a vida:

— Às vezes, é preciso dizer não.

Neide pensou que falar era fácil e que mais a vida mandava do que ela escolhia. Na tevê, a palavra era do geriatra, um homem robusto, de tez bronzeada e cabelos fartos e grisalhos.

— As pessoas podem continuar sexualmente ativas até a morte. Literalmente, o amor não tem idade.

Neide sentiu uma tontura, e, de repente, a colher de pau caiu ao chão com barulho. Foi bem na hora em que João Carlos entrou na cozinha: estava com sede. Varreu com os olhos a figura diante de si: o pijama azul de listras estava tão acabado que nem dava para pano de chão, e a barriga do marido esgarçava as casas dos dois últimos botões. A tontura deu uma pequena trégua, o suficiente para que ela se desgostasse à visão do descaimento.

Cíntia Moscovich. *Aos sessenta e quatro*. In: *Essa coisa brilhante que é a chuva*. Rio de Janeiro: Record, 2012
(com adaptações)

Assinale a opção que reproduz trecho do Texto 1A2-II em que predomina a tipologia descrição.

- a) “Ninguém é obrigado a parecer velho” (l. 4).
- b) “Neide considerou que, aos sessenta e quatro anos, até que não parecia velha. Mexeu o creme com mais vigor” (l. 6 a 8).
- c) “Alguns estudos afirmam que a velhice começa aos trinta e seis anos de idade” (l. 9 e 10).
- d) “Foi bem na hora em que João Carlos entrou na cozinha: estava com sede” (l. 31 e 32).
- e) “a barriga do marido esgarçava as casas dos dois últimos botões” (l. 35 e 36).



A descrição é uma “fotografia” por escrito. Nela, o autor busca compor verbalmente imagens, as quais são formadas na mente do leitor. Apenas em “e” isso ocorre: é possível imaginar como a barriga do homem abria/rombia/desfiava as casas dos dois últimos botões (da roupa). Nas demais alternativas, temos o predomínio de outros elementos, como a narração.

Letra e.

005. (FGV/MP-RJ/ANALISTA/019) Observe o seguinte texto descritivo a seguir.

A casa estava situada em centro de terreno; era bastante grande, com duas salas, quatro quartos, dois banheiros e um pequeno quintal. O piso de todos os cômodos era de cerâmica cinzenta e cada um deles possuía uma iluminação diferente.

Nesse caso, a estratégia discursiva parte:

- a) de longe para perto.
- b) de cima para baixo.
- c) das partes para o todo.
- d) de baixo para cima.
- e) do todo para as partes.



A estratégia discursiva parte do todo (casa em um terreno), segue para os cômodos e finaliza na descrição de elementos do cômodo, como cerâmica e iluminação. Então temos a estratégia indicada na alternativa “e”: a descrição parte do todo para as partes.

Nesse tipo de questão, a banca demanda do candidato a capacidade de sintetizar uma noção presente em um trecho de texto. Essa síntese, no caso da questão em análise, é do tipo **essência** da estratégia discursiva no âmbito da descrição.

Letra e.

Bom, espero que essa ilustração tenha ficado clara. Vamos agora à apresentação dos tipos textuais **DISSERTATIVO-EXPOSITIVO** e **DISSERTATIVO-ARGUMENTATIVO**.

A TIPOLOGIA EXPOSITIVA

No tipo textual **dissertativo expositivo**, o autor do texto expõe/apresenta ideias, fatos, fenômenos. Por ser de caráter expositivo, não se busca convencer o leitor em relação ao ponto de vista – pressupõe-se, assim, que a dissertação expositiva **apenas apresenta** a ideia, o fato ou o fenômeno.

A dissertação expositiva é tipicamente em terceira pessoa (ou impessoal), uma vez que o autor discorre sobre algo. Em relação à exposição sem defesa de um ponto de vista, temos a seguinte ilustração: pode-se discorrer (dissertar) sobre partidos políticos com absoluta isenção, apresentando os diversos partidos em totalidade, dando deles a ideia exata, sem tentar convencer o meu leitor das qualidades ou falhas de partido A ou B. Não procuro, nesse caso, formar a opinião de meu leitor; ao contrário, deixo-o em inteira liberdade de se decidir por se filiar a determinado partido.

No excerto a seguir, de Gilberto Amado (citado em Othon M. Garcia), observamos que o autor apenas mostra certas características do Brasil. Não há, em nenhuma parte do texto, recursos argumentativos que visam ao convencimento do leitor (característica da argumentação). Observe:

No seu aspecto exterior, na sua constituição geográfica, o Brasil é um todo único. Não o separa nenhum lago interior, nenhum mar mediterrâneo. As montanhas que se erguem dentro dele, em vez de divisão, são fatores de unidade. Os seus rios prendem e aproximam as populações entre si, assim os que correm dentro do país como os que marcam fronteiras.

Por sua produção e por seu comércio, é o Brasil um dos raros países que se bastam em si mesmos, que podem prover ao sustento e assegurar a existência de seus filhos. De norte a sul e de leste a oeste, os brasileiros falam a mesma língua quase sem variações dialetais. Nenhuma memória de outros idiomas subjacentes na sua formação perturba a unidade íntima da consciência do brasileiro na enunciação e na comunicação do seu pensamento e do seu sentimento.

(Gilberto Amado. Três livros)

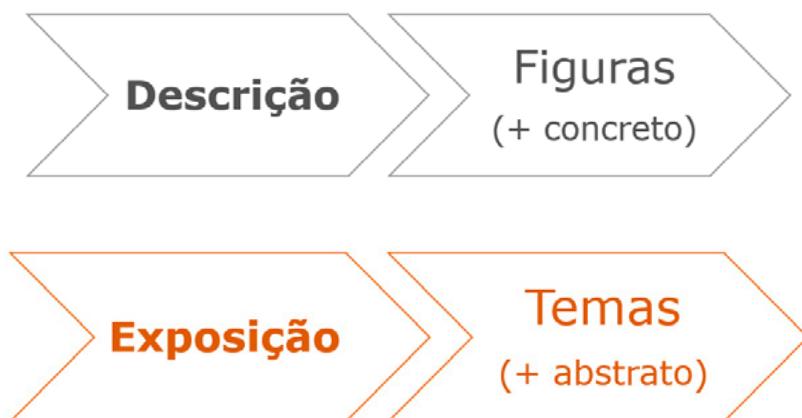
Professor, como diferenciar a tipologia expositiva da tipologia descritiva?

Essa é uma dúvida muito frequente. Para diferenciar a exposição da descrição, eu utilizo os conceitos de **tema** e **figura**. Como apresentado na obra *Para entender o texto: leitura e redação*, de Platão e Fiorin (2007), os elementos concretos presentes no texto são denominados **figuras**; os elementos abstratos são denominados **temas**. Na definição dos autores:

Figuras são palavras ou expressões que correspondem a algo existente no mundo natural: substantivos concretos, verbos que indicam atividades físicas, adjetivos que expressam qualidades físicas. Por exemplo, asno, feno, regato, água, comer, beber, límpidas. Quando falamos em mundo natural, não estamos querendo dizer apenas o mundo realmente existente, mas também os mundos fictícios criados pela imaginação humana. Se imaginarmos um mundo em que as flores sejam de pedra, isso será também uma figura.

Temas são palavras ou expressões que não correspondem a algo existente no mundo natural, mas a elementos que organizam, categorizam, ordenam a realidade percebida pelos sentidos. Por exemplo, humanidade, idealizar, privação, felicidade (*registro meu*), necessidade.

Basicamente, temos o seguinte: a descrição lida com figuras; a dissertação lida com temas.



A TIPOLOGIA ARGUMENTATIVA

Agora observe como é o tipo textual **dissertação argumentativa**. Por ser mais complexa e mais recorrente em concursos públicos, eu detalharei mais esse tipo textual, certo? Seguirei os ensinamentos do professor Othon M. Garcia.

No tipo textual **dissertação argumentativa**, diferentemente da dissertação expositiva, procuramos formar a opinião do leitor ou ouvinte, objetivando convencê-lo de que a razão (o discernimento, o bom senso, o juízo) está conosco, de que nós é que estamos de posse da verdade.

Imagine a seguinte situação: eu sou filiado a determinado partido político. Se eu produzir um texto em que o objetivo seja demonstrar as vantagens, a conveniência, a coerência, a qualidade, a verdade de meu partido (em oposição aos demais), estou argumentando. Em suma, argumentar é convencer ou tentar convencer mediante a apresentação de razões, em face da evidência de provas e à luz de um raciocínio coerente e consistente.

O texto a seguir, de autoria de Sérgio Buarque de Holanda, é um excelente exemplar de texto argumentativo. Perceba que o autor se posiciona em relação aos fatos e defende uma tese. Sérgio Buarque claramente procura convencer o leitor.

O Estado não é uma ampliação do círculo familiar e, ainda menos, uma integração de certos agrupamentos, de certas vontades particularistas, de que a família é o melhor exemplo. Não existe, entre o círculo familiar e o Estado, uma graduação, mas antes uma descontinuidade e até uma oposição. A indistinção fundamental entre as duas formas é prejuízo romântico que teve os seus adeptos mais entusiastas durante o século décimo nono. De acordo com esses doutrinadores, o Estado e as suas instituições descenderiam em linha reta, e por simples evolução da Família. A verdade, bem outra, é que pertencem a ordens diferentes em essência. Só pela transgressão da ordem doméstica e familiar é que nasce o Estado e que o simples indivíduo se faz cidadão, contribuinte, eleitor, elegível, recrutável e responsável, ante as leis da Cidade. Há nesse fato um

triunfo do geral sobre o particular, do intelectual sobre o material, do abstrato sobre o corpóreo e não uma depuração sucessiva, uma espiritualização de formas mais naturais e rudimentares, uma procissão das hipóstases, para falar como na filosofia alexandrina. A ordem familiar, em sua forma pura, é abolida por uma transcendência .

(Sérgio Buarque de Holanda. Raízes do Brasil)

A grande questão envolvendo a argumentação é sua consistência, sua fundamentação. Os estudos clássicos defendem que a argumentação é fundamentada em dois elementos principais: **a consistência do raciocínio e a evidência das provas.** Vou expor, em mais detalhes, o segundo aspecto: **a evidência das provas.**

EVIDÊNCIA DAS PROVAS

Há cinco tipos mais comuns de **evidência das provas:**

- os fatos;
- os exemplos;
- as ilustrações;
- os dados estatísticos;
- o testemunho.

Vamos conhecer cada um em síntese:

OS FATOS

Os fatos constituem o elemento mais importante da argumentação: eles são capazes de provar, de convencer. Porém, é importante lembrar que nem todos os fatos são irrefutáveis. O valor de prova de certos fatos está sujeito à evolução da ciência, da técnica e dos próprios conceitos utilizados. Além disso, há casos em que fatos são distorcidos.

Há fatos que são evidentes ou notórios: esses são os que mais provam. Afirmar que no Brasil há desigualdade social é um fato, por exemplo.

OS EXEMPLOS

Os exemplos são caracterizados por revelar fatos típicos ou representativos de determinada situação. O fato de o motorista Fulano de Tal ter uma jornada de trabalho de 12 horas diárias é um exemplo típico dos sacrifícios a que estão sujeitos esses profissionais, revelando uma das falhas do setor de transporte público.

AS ILUSTRAÇÕES

A ilustração ocorre quando o exemplo se alonga em narrativa detalhada e entremeada de descrições. Observe que a ilustração é um recurso utilizado pela argumentação. Não deve, portanto, ser o centro da produção (a ilustração não deve ser predominante).

Imagine um texto argumentativo que procura comprovar, por evidência, a falta de planejamento habitacional em algumas cidades serranas. Nessas cidades, há construções irregulares próximas a encostas. Essas encostas ficam frágeis em épocas chuvosas. É possível, assim, ilustrar essa situação com um caso hipotético ou real. No caso da ilustração hipotética, é necessário que haja verossimilhança e consistência no relato. Importante: o valor de prova da ilustração hipotético é muito relativo.

Um caso real, o qual pode ser citado no texto-exemplo, é o da família do lavrador Francisco Edézio Lopes, de 46 anos. Edézio e seus familiares, moradores do distrito de Jamapará, em Sapucaia, no centro sul-fluminense, procuraram abrigo no carro durante o temporal e acabaram arrastados pela enxurrada. Todos morreram.

Observe, mais uma vez, que a ilustração tem a função de ilustrar a tese e deve ser clara, objetiva, sintomática e obviamente relacionada com a proposição.

OS DADOS ESTATÍSTICOS

Os dados estatísticos também são fatos, mas possuem uma natureza mais específica e possuem grande valor de convicção, constituindo quase sempre prova ou evidência incontestável. Quanto mais específico e completo for o dado, melhor.

Além disso, é importante que haja fonte, pois os dados não surgem naturalmente. Assim, afirmar que o índice de analfabetismo por raça no Brasil é de 14% para os negros e 6,1% para os brancos é diferente de afirmar que a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2007, revela que índice de analfabetismo por raça no Brasil é de 14% para os negros e 6,1% para os brancos. A segunda proposição é mais convincente, pois há referência explícita à fonte.

O TESTEMUNHO

A evidência por testemunho é composta por uma afirmação fundamentada, por um depoimento, uma comprovação. É um fato trazido à composição por intermédio de terceiros. O testemunho por autoridade é um recurso que possui alto valor de prova. Se, em minha produção, defendo que o sistema de transporte público no Brasil precisa de planejamento estratégico (longo prazo), posso trazer a voz (realizações, propostas, ideias) de uma autoridade no assunto. No caso do tema proposto (transporte público), posso citar as propostas de Jaime Lerner, arquiteto e urbanista brasileiro que propôs, na década de 70, a abertura de vias exclusivas para os ônibus urbanos na cidade de Curitiba-PR.

MÉTODOS DE RACIOCÍNIO: DEDUTIVO E INDUTIVO

Para além da evidência das provas, as bancas (principalmente FGV e CEBRASPE) avaliam dois métodos de raciocínio: o dedutivo e o indutivo.

Como nos ensina Othon M. Garcia (Comunicação em Prosa Moderna, 2010, p. 308), etimologicamente, a palavra **método** designa “o caminho através do qual se chega a um fim ou objetivo”. Em termos de lógica, há dois tipos básicos de raciocínio:

- **DEDUTIVO:** PARTE DO **GERAL** PARA CHEGAR AO **PARTICULAR**.
- **INDUTIVO:** PARTE DO **PARTICULAR** PARA CHEGAR AO **GERAL**.

Os trechos a seguir foram extraídos de uma prova da banca FGV e ilustram cada um dos raciocínios:

EXEMPLO

Método **indutivo**:

O hospital Getúlio Vargas atendeu ontem um número excessivo de emergências e enfrentou as dificuldades oriundas da falta de pessoal, mas, na verdade, os hospitais públicos, em todas as grandes cidades, estão passando por isso.

[Nesse caso, parte-se de um hospital particular (o Getúlio Vargas) para se chegar à noção mais abrangente (geral) de “hospitais públicos”.]

Método **dedutivo**:

São pagos todos os que compõem o tribunal do júri. O presidente, o procurador da justiça, os advogados, os porteiros, possivelmente as testemunhas; a que título só os jurados, que deixam seus negócios, têm de trabalhar de graça?

[Primeiramente, o autor fala sobre “todos os que compõem o tribunal do júri” (o geral) para, em seguida, abordar especificamente cada um desses membros (o particular)]

Por fim, precisamos abordar brevemente as chamadas **falácia argumentativas** (defeitos de argumentação).

FALÁCIAS ARGUMENTATIVAS

Tecnicamente, **falácia** é qualquer tipo de raciocínio que é falso, mas que simula algum tipo de veracidade. É uma argumentação que, aparentemente, parece verdadeira, mas que, no fundo, é falsa. Estas são as principais faláncias argumentativas:

FALÁCIA	DEFINIÇÃO	EXEMPLO
Generalização excessiva	Na generalização excessiva, o argumentador chega a uma conclusão a partir de uma evidência insuficiente, a qual não sustenta a conclusão. Tipicamente, ocorre quando a argumentação se sustenta em dados/casos particulares para explicar o todo. Há muitos casos de generalização excessiva em preconceitos e estereótipos.	Todo asiático é bom em matemática. Todo árabe é bom comerciante. Pessoas ricas são cultas.
Simplificação exagerada	Nesse tipo de falácia, aplica-se uma solução muito simples para um problema extremamente complexo, por exemplo.	Se todos os brasileiros fizessem curso técnico, não haveria desemprego em nosso país.
Apelo à autoridade irrelevante	O argumentador, aqui, apoia o argumento em uma opinião ou fala de alguém que não é especialista no tema em discussão. Esse "alguém" pode ser, inclusive, um personagem ficcional.	Os africanos gostavam de ser escravos. Como disse Daenerys Targaryen, de <i>Game of Thrones</i> , "As pessoas aprendem a amar as correntes que as prendem".
Falsa analogia e probabilidade	Quando se comparam situações/casos particulares, pode haver uma indução parcial ou imperfeita sobre a natureza da questão. A partir dessa comparação inexata, estipulam-se probabilidades também inexatas.	Se a Finlândia possui um dos melhores sistemas de educação do mundo por ter adotado um período menor para a educação básica (dos 7 aos 15 anos), poderíamos fazer o mesmo para o Brasil.
Contra a pessoa (<i>ad hominem</i>)	Essa falácia é muito comum em discussões pessoais. Ao invés de atacar o argumento (e o tema), ataca-se o interlocutor (ou o indivíduo, a pessoa).	Você é socialista e usa iPhone, é? Quanto hipocrisia!
Apelo ao absurdo/ridículo (<i>reductio ad absurdum</i>)	No apelo ao absurdo/ridículo, o argumentador assume uma hipótese e, a partir dela, realiza uma derivação com consequência absurda ou ridícula. A partir dessa derivação, postula-se que a proposição inicial esteja correta.	Se aprovarmos o aborto, o valor da vida humana será reduzido a zero. Isso permitirá a criação de campos de concentração para a eliminação de pessoas que não são úteis à economia (exemplo apresentado na obra <i>Lógica Informal</i> , de Douglas N. Walton, 2012).
Petição de princípio	É também denominada "círculo vicioso". Nesse tipo de argumentação, a própria declaração é utilizada como prova dela.	Machado de Assis é o maior escritor brasileiro porque não há escritor com produção literária mais relevante.
Ignorância da questão	Ocorre quando o argumentador "foge" propositalmente dos fatos, dos dados irrefutáveis. Ao invés de adotar um raciocínio objetivo e exato, apela à emoção.	Quando um advogado apela ao "bom coração" do júri, buscando inocentar um réu confesso.

DIRETO DO CONCURSO **006. (FGV/SME-SP/PROFESSOR/2023)**

Como ensinar a ler

Se eu fosse ensinar a uma criança a arte da jardinagem, não começaria com as lições das pás, enxadas e tesouras de podar. Eu a levaria a passear por parques e jardins, mostraria flores e árvores, falaria sobre suas maravilhosas simetrias e perfumes; a levaria a uma livraria para que ela visse, nos livros de arte, jardins de outras partes do mundo. Aí, seduzida pela beleza dos jardins, ela me pediria para ensinar-lhe as lições das pás, enxadas e tesouras de podar.

Se fosse ensinar a uma criança a beleza da música, não começaria com partituras, notas e pautas. Ouviríamos juntos as melodias mais gostosas e lhe falaria sobre os instrumentos que fazem a música. Aí, encantada com a beleza da música, ela mesma me pediria que lhe ensinasse o mistério daquelas bolinhas pretas escritas sobre cinco linhas. Porque as bolinhas pretas e as cinco linhas são apenas ferramentas para a produção da beleza musical. A experiência da beleza tem de vir antes.

Se fosse ensinar a uma criança a arte da leitura, não começaria com as letras e as sílabas. Simplesmente leríamos histórias mais fascinantes que a fariam entrar no mundo encantado da fantasia. Aí então, com inveja dos meus poderes mágicos, ela desejaría que eu lhe ensinasse o segredo que transforma letras e sílabas em histórias.

É muito simples. O mundo de cada pessoa é muito pequeno. Os livros são a porta para um mundo grande. Pela leitura vivemos experiências que não foram nossas e então elas passam a ser nossas. Lemos a história de um grande amor e experimentamos as alegrias e dores de um grande amor. Lemos histórias de batalhas e nos tornamos guerreiros de espada na mão, sem os perigos das batalhas de verdade. Viajamos para o passado e nos tornamos contemporâneos dos dinossauros. Viajamos para o futuro e nos transportamos para mundos que não existem ainda. Lemos as biografias de pessoas extraordinárias que lutaram por causas bonitas e nos tornamos seus companheiros de lutas. Lendo, fazemos turismo sem sair do lugar. E isso é muito bom.

ALVES, Rubem, *Ostra feliz não faz pérola*. Ed. Planeta do Brasil Ltda. São Paulo. 2021.

O texto precedente, considerando-se sua organização discursiva, deve ser incluído entre os textos

- a) descriptivos.
- b) narrativos.
- c) dissertativos expositivos.
- d) dissertativos argumentativos.
- e) injuntivos.



Há, no texto, uma clara defesa de um ponto de vista. Nessa defesa, o autor argumenta no sentido de convencer o leitor de que a forma de educar uma criança (ensinar a ler, a fazer

jardinagem, a apreciar música) defendida por ele é a correta. Por essa razão, o texto é corretamente classificado como argumentativo. Não se trata de descrição (apresentação de propriedades/características de objeto, ser ou espaço), narração (apresentação de eventos praticados/sofridos por personagens em determinado tempo e espaço), injunção (comandos/orientações/instruções dirigidas a um interlocutor) ou exposição (apresentação de fenômenos, fatos e conceitos sobre o mundo).

Letra d.

007. (CEBRASPE/PGE-PE/ANALISTA/2019)

Texto CB2A1-I

1| Raras vezes na história humana, o trabalho, a riqueza,
o poder e o saber mudaram simultaneamente. Quando isso
ocorre, sobrevêm verdadeiras descontinuidades que marcam
4| época, pedras miliares no caminho da humanidade. A invenção
das técnicas para controlar o fogo, o início da agricultura e do
pastoreio na Mesopotâmia, a organização da democracia na
7| Grécia, as grandes descobertas científicas e geográficas entre
os séculos XII e XVI, o advento da sociedade industrial no
século XIX, tudo isso representa saltos de época, que
10| desorientaram gerações inteiras.
Se observarmos bem, essas ondas longas da história,
como as chamava Braudel, tornaram-se cada vez mais curtas.
13| Acabamos de nos recuperar da ultrapassagem da agricultura
pela indústria, ocorrida no século XX, e, em menos de um
século, um novo salto de época nos tomou de surpresa,
16| lançando-nos na confusão. Dessa vez o salto coincidiu com a
rápida passagem de uma sociedade de tipo industrial dominada
pelos proprietários das fábricas manufatureiras para uma
19| sociedade de tipo pós-industrial dominada pelos proprietários
dos meios de informação.
O fórceps com o qual a recém-nascida sociedade
22| pós-industrial foi extraída do ventre da sociedade industrial
anterior é representado pelo progresso científico e tecnológico,
pela globalização, pelas guerras mundiais, pelas revoluções
25| proletárias, pelo ensino universal e pelos meios de
comunicação de massa. Agindo simultaneamente, esses
fenômenos produziram uma avalanche ciclópica — talvez a
28| mais irresistível de toda a história humana — na qual nós,
contemporâneos, temos o privilégio e a desventura de estar

envolvidos em primeira pessoa.

31| Ninguém poderia ficar impassível diante de uma mudança dessa envergadura. Por isso a sensação mais difundida é a desorientação.

34| A nossa desorientação afeta as esferas econômica, familiar, política, sexual, cultural... É um sintoma de crescimento, mas é também um indício de um perigo, porque

37| quem está desorientado sente-se em crise, e quem se sente em crise deixa de projetar o próprio futuro. Se deixarmos de projetar nosso futuro, alguém o projetará para nós, não em

40| função de nossos interesses, mas do seu próprio proveito.

Domenico de Masi. Alfabeto da sociedade desorientada: para entender o nosso tempo. Trad. Silvana Cobucci e Federico Carotti. São Paulo: Objetiva, 2017, p. 93-4 (com adaptações).

O texto caracteriza-se como dissertativo-argumentativo, devido, entre outros aspectos, à presença de evidências e fatos históricos utilizados para validar a argumentação do autor.



Dentre os fatos históricos que trazem ao texto uma feição de dissertativo-argumentativo, temos “a ultrapassagem da agricultura pela indústria” (linha 12) e “invenção das técnicas para controlar o fogo” (linhas 4 e 5). O uso desses fatos históricos tem por finalidade o convencimento do leitor acerca de um ponto de vista.

Certo.

QUESTÃO INÉDITA

008. (INÉDITA/2023) Todos os segmentos textuais abaixo são pertencentes à dinâmica do discurso argumentativo; o segmento em que a argumentação constitui uma **falácia** é:

- a) Restrições que apresentam impactos inegáveis, como afirma o presidente do Sindicato Nacional dos Auditores-Fiscais do Trabalho, Bob Machado: “com a pandemia, há um aumento das desigualdades sociais”.
- b) No fim, e mesmo considerando uma certa margem de erro dadas as diferenças de metodologia, o saldo negativo de 191 mil vagas de 2020 ainda foi um resultado bem menos catastrófico que o de 2015 (perda de 1,54 milhão de postos de trabalho) e 2016 (saldo negativo de 1,32 milhão), quando o Brasil não teve pandemia nem *lockdown*.
- c) Portanto, atitudes legislativas direcionadas à efetivação e reconhecimento de direitos, como férias, 13º salário e FGTS, ainda confrontam a persistência de práticas de raiz

escravocrata. Recentes casos julgados pela Corte Interamericana de Direitos Humanos, como o “Trabalhadores da Fazenda Brasil Verde vs. Brasil”, condenaram o Estado pela ausência de proteção dos trabalhadores contra práticas de trabalho forçado.

- d) Machado de Assis é o maior escritor brasileiro porque nenhum outro foi capaz de produzir uma obra que atingisse a mesma magnitude da criação literária do Bruxo do Cosme Velho.
e) Em relação ao perfil social das pessoas resgatadas de escravidão contemporânea até o momento em 2021, dados do Seguro-Desemprego do trabalhador resgatado mostram que 89% são homens; 49% têm entre 18 e 39 anos; e 35% residem no Nordeste. Quanto ao grau de instrução, 21% declararam só ter cursado até o 5º ano, 20% haviam estudado do 6º ao 9º ano e outros 18% tinham ensino médio completo.



Há uma falácia em “d”: a petição de princípio (ou círculo vicioso), em que o autor apresenta a própria declaração como prova dela (Machado é o maior escritor brasileiro porque ele é o maior escritor brasileiro). Nas demais alternativas, as estratégias argumentativas não são falácias: “a” citação de autoridade; “b” apresentação de dados e cotejamento; “c” adoção de método dedutivo (do geral para o particular); “e” apresentação de dados (estatísticos).

Letra d.

009. (INÉDITA/2023) Das faláncias argumentativas abaixo, aquela que exemplifica uma **simplificação exagerada** é:

- a) “Se se defende a restrição à venda de armas de fogo para se evitar assassinatos, devemos também restringir a venda de motosserras. Basta lembrar o caso de Paraipaba, em que um homem tentou assassinar com uma motosserra um desafeto”.
b) “As jornalistas Aline Valek e Clara Averbuck lançaram um blog chamado “Escritório Feminista” na Carta Capital. Certamente vão falar mal dos homens, pois é isso o que toda feminista faz”.
c) Os africanos gostavam de ser escravos. Como disse Daenerys Targaryen, de *Game of Thrones*, “As pessoas aprendem a amar as correntes que as prendem”.
d) Se no Brasil os jovens da geração “nem-nem” passarem a trabalhar e a estudar, erradicaremos a fome em nosso país!
e) “Quem lê jornais deve ser considerado um bom cidadão por seu alto nível de informação”.



Há simplificação exagerada em “d”: primeiramente, a erradicação da fome em nosso país não ocorrerá se no Brasil os jovens da geração “nem-nem” passarem a trabalhar e a estudar, pois há muitos outros fatores envolvidos (como distribuição de renda, abertura de vagas no mercado de trabalho etc.). Em segundo lugar, a solução é simplista: como se pode

empregar, de uma hora para outra, *todos* os jovens da geração “nem-nem”? Em “a”, “b”, “c” e “e”, as faláciais são estas, respectivamente: falsa analogia; generalização excessiva; apelo à autoridade irrelevante; generalização excessiva.

Letra d.

Muito bem, fechamos a análise do tipo textual **dissertação argumentativa**. Agora podemos falar brevemente do tipo textual **instrucional** ou **injuntivo** e do tipo **dialogal**.

A TIPOLOGIA INJUNTIVA

O tipo textual **INSTRUCIONAL** ou **INJUNTIVO** é muito comum em nosso dia a dia. Se você já assistiu a algum programa de culinária, certamente teve contato com o tipo textual instrucional (ou injuntivo): o(a) apresentador(a) listou os ingredientes e deu orientações sobre como o preparo do prato deve ser feito. Ao dar orientações, o(a) apresentador(a) ensinou o espectador a realizar uma tarefa. Essa é a propriedade básica desse tipo textual: ensinar/orientar/instruir o leitor/ouvinte/espectador a realizar uma tarefa.

As tarefas podem ser várias: usar um aparelho, jogar, cozinhar, tomar um remédio, consertar um objeto, conduzir um veículo etc. Os principais gêneros que se organizam no tipo textual instrucional (ou injuntivo) são os seguintes: receita culinária, manual de instruções, bula de remédio, regras de jogo, roteiro de viagem, mapas.

Linguisticamente, o tipo textual instrucional (ou injuntivo) organiza-se da seguinte forma:

- **Primeira parte:** lista que denomina as partes que compõem o objeto, o aparelho, os ingredientes de um prato etc.
- **Segunda parte:** instruções a serem seguidas; essas instruções são apresentadas em verbos no imperativo ou no infinitivo.

Atualmente, os gêneros que compõem o tipo textual instrucional (ou injuntivo) procuram utilizar uma linguagem objetiva, clara e didática. Isso porque, antigamente, muitos não conseguiam compreender o conteúdo do texto, não seguindo corretamente as orientações.

Observe o exemplo a seguir, extraído de uma questão recente da banca Quadrix (CREF 3, Jornalista, 2023):

- 1 Vôlei Saci
Faixa etária: a partir dos oitos anos
Local: área de jogo de voleibol (quadra)
- 4 Número de participantes: de seis a dez jogadores em cada equipe
Material: uma bola de plástico gigante, quadra e rede de voleibol
Objetivo: desenvolver habilidades motoras coordenativas de deslocamento
- 10 Desenvolvimento: o jogo tem início com os educandos na quadra, com a rede ao centro, e com uma bola de plástico. A rede deve estar em uma altura compatível com a idade dos alunos e o grau de dificuldade proposto pelo professor. Os alunos, em suas quadras, devem ficar apoiados apenas em uma das pernas, podendo se movimentar somente com pulo. Cada aluno poderá dar quantos toques forem necessários na bola para não deixá-la cair no chão, não havendo um máximo de toques para cada 13 equipe. O objetivo do jogo é passar a bola sobre a rede, fazendo-a cair do outro lado, usando a quadra toda, com as mesmas regras básicas do voleibol.
- 16 Caso algum educando em seu deslocamento toque o solo, a equipe perderá a posse de bola.
Variação: o mesmo jogo pode ser realizado com 19 duas ou mais bolas, dependendo do nível do grupo.

Júlio Nasário et al. *Jogos lúdicos: o relato de uma vivência.*
2.ª edição. Editora Unidavi, 2014 (com adaptações).

Trata-se de um texto injuntivo, pois apresentam-se as regras para praticar um jogo lúdico (o Vôlei Saci), orientando a ação dos participantes.

Já em uma questão da banca IBFC (MGS, Psicólogo, 2022), observamos uma receita culinária (também um texto injuntivo, pois orienta o modo de preparo de um alimento (pão de queijo).

Pão de queijo mineiro

(Texto adaptado de
<https://comidinhasdochef.com/pao-de-queijo-mineiro/>)

O pão de queijo é um alimento típico na casa de muita gente, congelado ou feito na hora, possui um sabor irresistível que agrada _____ (os – aos) mais diversos paladares. No entanto, não _____ (a – à – há) nada melhor do que saborear um pão de queijo mineiro, digno do estado que criou a receita! Com preparos que levam queijo minas, canastrão ou, até mesmo, parmesão, é possível encontrar a receita ideal para o seu paladar. Viaje a Minas Gerais sem sair da cozinha com esta deliciosa receita de pão de queijo mineiro!

Passo 1 - Em uma panela, coloque o óleo, o leite e a água e leve ao fogo médio;

Passo 2 - Quando começar a levantar fervura e subir, desligue o fogo;

Passo 3 - Em uma tigela grande, coloque o polvilho, o sal e misture bem, em seguida adicione à mistura que estava fervendo;

Passo 4 - Vá adicionando aos poucos e vá misturando bem com uma colher, para escaldar o polvilho;

Passo 5 - Vá misturando a massa com as mãos até formar uma farofa;

Passo 6 - Em seguida adicione os ovos, um a um e vá mexendo a massa, amassando e misturando;

Passo 7 - Amasse a massa até que ela fique bem lisa e homogênea...

Passo 18 - Leve para assar em forno preaquecido, 200°C, por cerca de 35 minutos ou até dourar".

ATENÇÃO 

Em questões de múltipla escolha, muitas vezes a alternativa que apresenta a opção "(X) Texto Injuntivo" está lá apenas para preencher espaço, pois o texto em análise é tipicamente narrativo ou argumentativo (essas são as tipologias mais avaliadas em provas de concurso público). Se o texto não apresenta comandos dirigidos ao interlocutor (leitor) sobre como proceder em relação a alguma tarefa, deve-se descartar a alternativa "(X) Texto Injuntivo".

QUESTÃO INÉDITA 

010. (INÉDITA/2023) O segmento abaixo que exemplifica o tipo de texto denominado **instrucional** é:

- a) Os pronomes de tratamento apresentam certas peculiaridades quanto às concordâncias verbal, nominal e pronominal. Embora se refiram à segunda pessoa gramatical (à pessoa com quem se fala), levam a concordância para a terceira pessoa.
- b) Há uma correlação bem documentada em todo o mundo entre a pobreza e as altas taxas de natalidade. Em países pequenos e grandes, capitalistas e comunistas, católicos e muçulmanos, ocidentais e orientais — em quase todos esses casos, o crescimento exponencial da população diminui ou cessa quando desaparece a pobreza esmagadora. A isso se dá o nome de transição demográfica.
- c) Nos últimos tempos, vem se disseminando a tese da proposição de um suposto gênero neutro na língua portuguesa. O tema é complexo, ainda mais quando se ignoram questões caras para a ciência linguística, como a distinção entre gênero social e gênero gramatical, a função da escrita enquanto sistema representacional que se relaciona com a fala e, mais do que tudo isso, a dinamicidade em se tratando de línguas naturais.
- d) Era uma vez um galho que acordava bem cedo todas as manhãs e dizia para a bicharada do galinheiro:

- Vou cantar para fazer o sol nascer...

Ato contínuo, subia até o alto do telhado, estufava o peito, olhava para o nascente e ordenava, definitivo:

- Có-có-ri-có-có... E ficava esperando.

e) Inspeção de segurança antes do uso: I – a inspeção de segurança deve ser realizada antes das atividades a serem exercidas por cada usuário. Para cada novo exercício, os dispositivos e acessórios a serem utilizados devem ser conferidos quanto a sua segurança, limpeza e adequação; II – certifique-se de que todos os componentes do equipamento estejam devidamente fixados e posicionados antes de realizar os exercícios.



O texto instrucional (ou injuntivo) é caracterizado pelo predomínio da função conativa, na qual se busca influenciar/dirigir o comportamento do interlocutor. Isso ocorre apenas em “e”, pois o texto realiza instruções em relação a como deve ocorrer a inspeção de segurança. Em “a”, temos um texto expositivo/metalinguístico; em “b”, um texto expositivo; em “c”, o texto é argumentativo; em “d”, por fim, temos um texto narrativo.

Letra e.

Agora vamos encerrar essa parte da nossa aula abordando o tipo textual **dialogal**.

Você já leu ou assistiu a uma entrevista, certo? Pois então, a entrevista é um gênero pertencente ao tipo textual **dialogal**, pois dois ou mais interlocutores (participantes do evento de comunicação) discutem algum assunto.

A estrutura de um diálogo é relativamente simples: o interlocutor 1 interage verbalmente e, em seguida, o interlocutor 2 também interage. A interação do interlocutor 2 pode ser espontânea ou induzida. Na interação espontânea, o interlocutor concorda, complementa ou discorda em relação ao que é dito pelo interlocutor 1. Na interação induzida, o interlocutor 2 responde a uma pergunta realizada pelo interlocutor 1.

Nós realizamos diálogos constantemente em nosso dia a dia. A maioria deles é espontânea e informal. Os diálogos induzidos, por sua vez, são mais comuns em entrevistas (de emprego, jornalística etc.) e têm caráter mais formal. Vamos ver um exemplo de entrevista (diálogo induzido, formal):

América Rebelde – Uma entrevista com Noam Chomsky

EDIÇÃO – 1 *LE MONDE DIPLOMATIQUE*

Por **Daniel Mermet**

Agosto 8, 2007

Tão respeitado nos pequenos seminários acadêmicos quanto nas grandes reuniões do Fórum Social Mundial, Noam Chomsky é um dos mais importantes intelectuais da atualidade. Com 78 anos, esse professor do renomado MIT (o Instituto de Tecnologia de Massachusetts) tornou-se uma referência mundial, seja no domínio da linguística, sua área de especialização científica, seja nas fileiras da esquerda, seu campo de atuação política. Como linguista, Chomsky teve o nome internacionalmente projetado por sua teoria acerca dos princípios estruturais inatos da linguagem. Como político, tem-se destacado na crítica à globalização neoliberal e aos mecanismos de controle dos regimes totalitários e das sociedades ditas democráticas.

De origem judaica (seu pai, professor em escola religiosa, foi um dos grandes eruditos da língua hebraica), não poupa críticas a Israel, pelo tratamento dado aos palestinos e pela prática do que qualifica como “terrorismo de Estado”. Nascido em Filadélfia (o berço da identidade nacional norte-americana), é um dos principais opositores da política imperialista dos Estados Unidos, em geral, e do governo George W. Bush, em particular. Intelectual engajado (que se define como “socialista libertário”), vem sendo tão radical na condenação do stalinismo quanto do nazismo. Sua independência intelectual tem-lhe valido pesados ataques, vindos de várias direções. Mas também lhe tem granjeado amplas simpatias e apoios.

Nesta entrevista exclusiva a *Le Monde Diplomatique*, ele discorre extensamente sobre alguns dos temas mais relevantes do mundo contemporâneo (nota da edição brasileira).

Diplomatique

Comecemos pela questão da mídia. Na França, em maio de 2005, por ocasião do referendo sobre o Tratado da Constituição Europeia, a maioria dos meios de comunicação de massa era partidária do “sim”. No entanto, 55% dos franceses votaram “não”. O poder de manipulação da mídia não parece, portanto, absoluto. Esse voto dos cidadãos representaria um “não” também aos meios de comunicação?

Chomsky

O trabalho sobre a manipulação midiática ou a fábrica do consentimento, feito por mim e Edward Herman, não aborda a questão dos efeitos das mídias sobre o público¹. É um assunto

complicado, mas as poucas pesquisas detalhadas sugerem que a influência das mídias é mais expressiva na parcela da população com maior escolaridade. A massa da opinião pública parece menos dependente do discurso dos meios de comunicação.

Tomemos como exemplo a eventualidade de uma guerra contra o Irã: 75% dos norte-americanos acham que os Estados Unidos deveriam pôr fim às ameaças militares e privilegiar a busca de um acordo pela via diplomática. Pesquisas conduzidas por institutos ocidentais mostram que a opinião pública dos Estados Unidos e a do Irã convergem também sobre certos aspectos da questão nuclear: a esmagadora maioria das populações dos dois países acha que a zona que se estende de Israel ao Irã deveria estar totalmente livre de artefatos nucleares, inclusive os que hoje estão nas mãos das tropas norte-americanas na região. Ora, para se encontrar esse tipo de opinião na mídia, é preciso procurar muito.

Quanto aos principais partidos políticos norte-americanos, nenhum defende este ponto-de-vista. Se o Irã e os Estados Unidos fossem autênticas democracias, no seio das quais a maioria realmente determinasse as políticas públicas, o impasse atual sobre a questão nuclear estaria sem dúvida resolvido.

Há outros casos parecidos. No que se refere, por exemplo, ao orçamento federal dos Estados Unidos, a maioria dos norte-americanos deseja uma redução das despesas militares e um aumento correspondente das despesas sociais, dos créditos depositados para as Nações Unidas, da ajuda humanitária e econômica internacional. Deseja também a anulação da redução de impostos que beneficia os mais ricos, decidida por Bush.

Em todos esses aspectos, a política da Casa Branca é contrária aos anseios da opinião pública. Mas as pesquisas de opinião que revelam essa persistente oposição pública raramente são publicadas pelas mídias. Resulta que não somente os cidadãos são descartados dos centros de decisão política, como também são mantidos na ignorância sobre o real estado da opinião pública.

Existe uma preocupação internacional com o abissal déficit duplo dos Estados Unidos: o déficit comercial e o déficit orçamentário. Estes somente existem em estreita relação com um terceiro: o déficit democrático, que aumentar sem cessar, não somente nos Estados Unidos, mas em todo o mundo ocidental.

Como você percebeu, há dois interlocutores no diálogo (entrevista) acima: o representante da revista *Le Monde Diplomatique* (Daniel Mermet) é o interlocutor 1 e o intelectual Noam Chomsky é o interlocutor 2.

Os diálogos estão muito presentes em narrativas e em textos teatrais. A marcação do diálogo, nesses casos, é feita pelo travessão (—).

E em concursos, professor, como esse conteúdo é avaliado? Não há muitas complicações, mas é preciso ficar atento ao seguinte fato:

ATENÇÃO!

Os textos são **predominantemente** de um tipo textual. Isso porque pode haver, em um mesmo texto, uma narração, uma descrição e uma argumentação. O que determina a **predominância** é a **função** do texto: se a função é argumentar (defender um ponto de vista) e, para isso, faz-se uso de uma narração, o texto será predominantemente argumentativo.

DEFINIÇÃO DOS PRINCIPAIS GÊNEROS TEXTUAIS

Se você concluiu o Ensino Médio após o ano 2000, certamente ouviu falar de **gêneros textuais** nas aulas de Língua Portuguesa. A proposta de ensinar o nosso idioma pela abordagem dos gêneros textuais é relativamente nova, mas a teoria que caracteriza os gêneros é mais antiga (início do século XX).

Os gêneros textuais não são semelhantes aos tipos textuais. Os tipos textuais são estruturas linguísticas protótipicas, as quais possuem estabilidade interna. Os gêneros textuais partem das tipologias e estão mais ligados a situações concretas de comunicação. Por exemplo: um relato de viagem é um gênero textual que parte da tipologia narrativa (e descritiva). O relato de viagem é um gênero porque está vinculado a uma situação concreta de comunicação, o relato de uma viagem. Outro gênero narrativo é a crônica.

Cada gênero textual é identificado (e classificado) a partir de aspectos básicos, como assunto, finalidade, perfil dos participantes, estrutura, suporte e estilo (formal, informal, técnico etc.). Veja na lista a seguir alguns gêneros textuais:

- biografia;
- bula de remédio;
- carta;
- carta do/ao leitor;
- conto; diário;
- editorial;
- e-mail;
- fábula;
- homilia;
- notícia;
- petição;
- propaganda;
- receita culinária;
- recurso;
- reportagem.

Em concursos públicos, os gêneros textuais mais recorrentes são os de grande circulação, como editoriais, artigos de opinião, notícias, reportagens, crônicas e contos. Veja as definições de cada um destes gêneros (os mais relevantes para concursos públicos):

- **Editorial:** nesse gênero, discute-se uma questão, apresentando o ponto de vista do jornal, da empresa jornalística ou do redator-chefe. É um gênero pertencente ao tipo textual dissertativo-argumentativo.
- **Artigo de opinião:** neste gênero, busca-se convencer o leitor em relação a uma determinada ideia. O autor do artigo de opinião não representa o ponto de vista

do veículo que publica o texto. Esse também é um gênero pertencente ao tipo textual dissertativo-argumentativo. É frequente o uso da primeira pessoa do singular, marcando o posicionamento individual do articulista (aquele que escreve o artigo de opinião).

- **Notícia:** nesse gênero, relata-se concisamente e objetivamente os fatos da realidade. Na notícia, encontramos as seguintes informações: o que, quem, quando, onde, como e por quê.
- **Reportagem:** os livros didáticos de Língua Portuguesa caracterizam o gênero reportagem como um texto jornalístico que trata de fatos de interesse público. A abordagem desses fatos é mais aprofundada (e didática) em relação à abordagem observada no gênero notícia.
- **Crônica:** a crônica é um texto literário breve, com trama quase sempre pouco definida e motivos geralmente extraídos do cotidiano imediato. É um texto de natureza tipicamente narrativa.
- **Conto:** narrativa breve e concisa. No conto, há um só conflito, uma única ação (com espaço geralmente limitado a um ambiente). Além disso, há unidade de tempo e número restrito de personagens. O conflito é quase sempre resolvido após o clímax.

Veja bem, essas definições obviamente não contemplam todas as possibilidades de realização de cada um dos gêneros. Eu optei pelas definições simples e objetivas para facilitar o seu aprendizado, ok?

ATENÇÃO !

Ao longo da resolução das questões e dos comentários do gabarito, você vai ter contato com muitos exemplares de tipos e gêneros textuais.

DIRETO DO CONCURSO

011. (IBGP/MUNICÍPIO DE ITABIRA/ENGENHEIRO CIVIL/2020)

Educação financeira chega ao ensino infantil e fundamental em 2020

Oferta está prevista na Base Nacional Comum Curricular (BNCC)

Antonia, auxiliar de escritório, todos os dias compra uma balinha ou um chocolate, no ponto de ônibus, na volta do trabalho, que custa R\$ 0,50. "Eu não dava importância para aquele gasto. Imagina, R\$ 0,50 não é nada! Mas eu nunca consegui economizar um centavo". Fazendo as contas, esses centavos viram R\$ 11 em um mês e R\$ 132 em um ano.

São situações como essa, retirada de livro didático disponível *online*, que ensinam estudantes de escolas em várias partes do país a terem consciência dos próprios gastos e a ajudar a família a lidar com as finanças. A chamada educação financeira, cuja oferta hoje depende da estrutura de cada rede de ensino passa a ser direito de todos os brasileiros, previsto na chamada Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

“É uma grande oportunidade, uma grande conquista para a comunidade escolar do país”, diz a superintendente da Associação de Educação Financeira do Brasil (AEF-Brasil), Claudia Forte. “A educação financeira busca a modificação do comportamento das pessoas, desde pequeninas, quando ensina a escovar os dentes e fechar a torneira para poupar água e economizar. Isso é preceito de educação financeira”.

A BNCC é um documento que prevê o mínimo que deve ser ensinado nas escolas, desde a educação infantil até o ensino médio. Educação financeira deve, pela BNCC, ser abordada de forma transversal pelas escolas, ou seja, nas várias aulas e projetos. Parecer do Conselho Nacional de Educação (CNE), homologado pelo Ministério da Educação (MEC), prevê que as redes de ensino adequem os currículos da educação infantil e fundamental, incluindo esta e outras competências no ensino, até 2020.

A educação financeira nas escolas traz resultados, de acordo com a AEF-Brasil. Pesquisa feita em parceria com Serasa Consumidor e Serasa Experian, este ano, mostra que um a cada três estudantes afirmou ter aprendido a importância de poupar dinheiro depois de participar de projetos de educação financeira. Outros 24% passaram a conversar com os pais sobre educação financeira e 21% aprenderam mais sobre como usar melhor o dinheiro.

Desafios

Levar a educação financeira para todas as escolas envolve, no entanto, uma série de desafios, que vão desde a formação de professores, a oferta de material didático adequado e mesmo a garantia de tempo para que os professores se dediquem ao preparo das aulas.

De acordo com o presidente da União dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime), Luiz Miguel Garcia, os municípios, que são os responsáveis pela maior parte das matrículas públicas no ensino infantil e fundamental, focarão, em 2020, na formação dos docentes, para que eles possam levar para as salas de aula não apenas educação financeira, mas outras competências previstas na BNCC.

“Tivemos um grande foco na construção dos currículos e, agora, neste ano, [em 2020], entramos no processo de formação. Educação financeira, inclusão, educação socioemocional, todos esses elementos vão chegar de fato na sala de aula a partir da discussão que fizermos agora”, diz. Segundo ele, a implementação será concomitante à formação, já em 2020.

De acordo com Garcia, não há um levantamento de quantos municípios já contam com esse ensino. “Não existe uma orientação geral com relação a isso. São iniciativas locais. Não tenho como quantificar, mas não é algo absolutamente novo”, diz.

Ensinar a escolher

A educação financeira é pauta no Brasil antes mesmo da BNCC. Em 2010 foi instituída, por exemplo, a Estratégia Nacional de Educação Financeira (Enef), com o objetivo de promover ações de educação financeira no Brasil. Na página Vida e Dinheiro, da entidade, estão disponíveis livros didáticos que podem ser baixados gratuitamente e outros materiais informativos para jovens e para adultos.

As ações da Enef são coordenadas pela AEF-Brasil. Claudia explica que a AEF-Brasil foi convocada pelo Ministério da Educação (MEC) para disponibilizar materiais e cursos para preparar os professores e, com isso, viabilizar a implementação da educação financeira nas escolas.

As avaliações mostram que o Brasil ainda precisa avançar. No Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa) 2015, o Brasil ficou em último lugar em um ranking de 15 países em competência financeira. O Pisa oferece 4 avaliações em competência financeira de forma optativa aos países integrantes do programa. O resultado da última avaliação dessa competência, aplicada em 2018, ainda não foi divulgado.

Os resultados disponíveis mostram que a maioria dos estudantes brasileiros obteve desempenho abaixo do adequado e não conseguem, por exemplo, tomar decisões em contextos que são relevantes para eles, reconhecer o valor de uma simples despesa ou interpretar documentos financeiros cotidianos.

É CORRETO afirmar que esse texto pertence ao domínio discursivo:

- a) Escolar.
- b) Jornalístico.
- c) Acadêmico.
- d) Publicitário.



A questão exige conhecimentos sobre o conteúdo de Tipologias e Gêneros Textuais. O texto é claramente uma **notícia**, e por isso ele se enquadra no domínio discursivo **jornalístico**. Não se trata de uma obra didática (domínio discursivo escolar), um texto acadêmico (como um artigo científico) ou publicitário (uma propaganda, por exemplo). Por isso, temos a alternativa "b" como correta.

Letra b.

012. (SELECON/CRA-RR/ASSISTENTE/2021)

Os desafios da conservação da água no Brasil

Um dos países com maior disponibilidade de recursos hídricos do mundo, o Brasil tem problemas com seus indicadores de água. O acesso à água tratada e à coleta e tratamento de esgoto no país é desigual. As áreas urbanas tendem a ter índices melhores, enquanto áreas irregulares e afastadas são mais prejudicadas. Além de políticas públicas que assegurem o atendimento, que é dificultado pela distribuição desequilibrada da água e da população no território brasileiro, outro imbróglio é a conservação do próprio recurso, que enfrenta desafios.

Falta de saneamento

Um dos maiores vilões da qualidade da água no Brasil é a oferta de saneamento básico. Pouco mais da metade da população brasileira, 52,4%, tinha coleta de esgoto em 2017, e apenas 46% do esgoto total é tratado, de acordo com o Sistema Nacional de Informação sobre Saneamento.

Dessa forma, um grande volume de esgoto não coletado ou não tratado é despejado em corpos d'água, provocando problemas ambientais e de saúde. "Essa falta de infraestrutura de saneamento básico tem um impacto brutal na qualidade das águas de todo o país", diz o especialista Carlos.

Não só a carência de coleta e de tratamento de esgoto é problemática, mas também a poluição causada por indústrias e pela agricultura, como o lançamento de agrotóxicos.

Desmatamento, em especial no Cerrado

O desmatamento de matas ciliares, que acontece em todas as bacias hidrográficas do Brasil, altera a quantidade e a qualidade dos corpos hídricos. Essa vegetação protege o solo, ajuda na infiltração da água da chuva e na alimentação do lençol freático e permite a recarga dos aquíferos.

Sua retirada aumenta o assoreamento, a perda do solo, a erosão e a taxa de evaporação da água. Segundo José Francisco Gonçalves Júnior, professor do Departamento de Ecologia da Universidade de Brasília (UnB), todos esses impactos reunidos podem levar a uma indisponibilidade natural de recursos hídricos.

Em outra frente, o desmatamento do Cerrado, considerado a "caixa d'água do Brasil" por causa de sua posição estratégica na formação de bacias hidrográficas, vem sendo devastado pela expansão da fronteira agrícola. "Qualquer alteração no Cerrado pode levar a uma degradação de inúmeras bacias hidrográficas de extrema relevância para obtenção de recursos hídricos brasileiros", afirma Gonçalves.

Para o professor, o uso do solo do bioma teve um efeito positivo na produtividade agrícola, mas a falta de uma regulação mais firme tem levado a uma superexploração, com vários danos. "Perda de território, de recarga de aquíferos, uma perda muito grande de nascentes e uma degradação e diminuição da disponibilidade de água", enumera.

(Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/os-desafios-da-conservacao%C3%A9r%C3%A3o-da-%C3%A11>)

A presença de falas de especialistas é uma das características que revela o pertencimento do texto ao tipo:

- a) jornalístico.
- b) filosófico.
- c) literário.
- d) jurídico.



O texto jornalístico (especialmente as reportagens) é caracterizado pela presença de falas de especialistas. A presença de falas de especialistas também ocorre em textos jurídicos e filosóficos, mas não é uma característica inerente ao gênero.

Letra a.

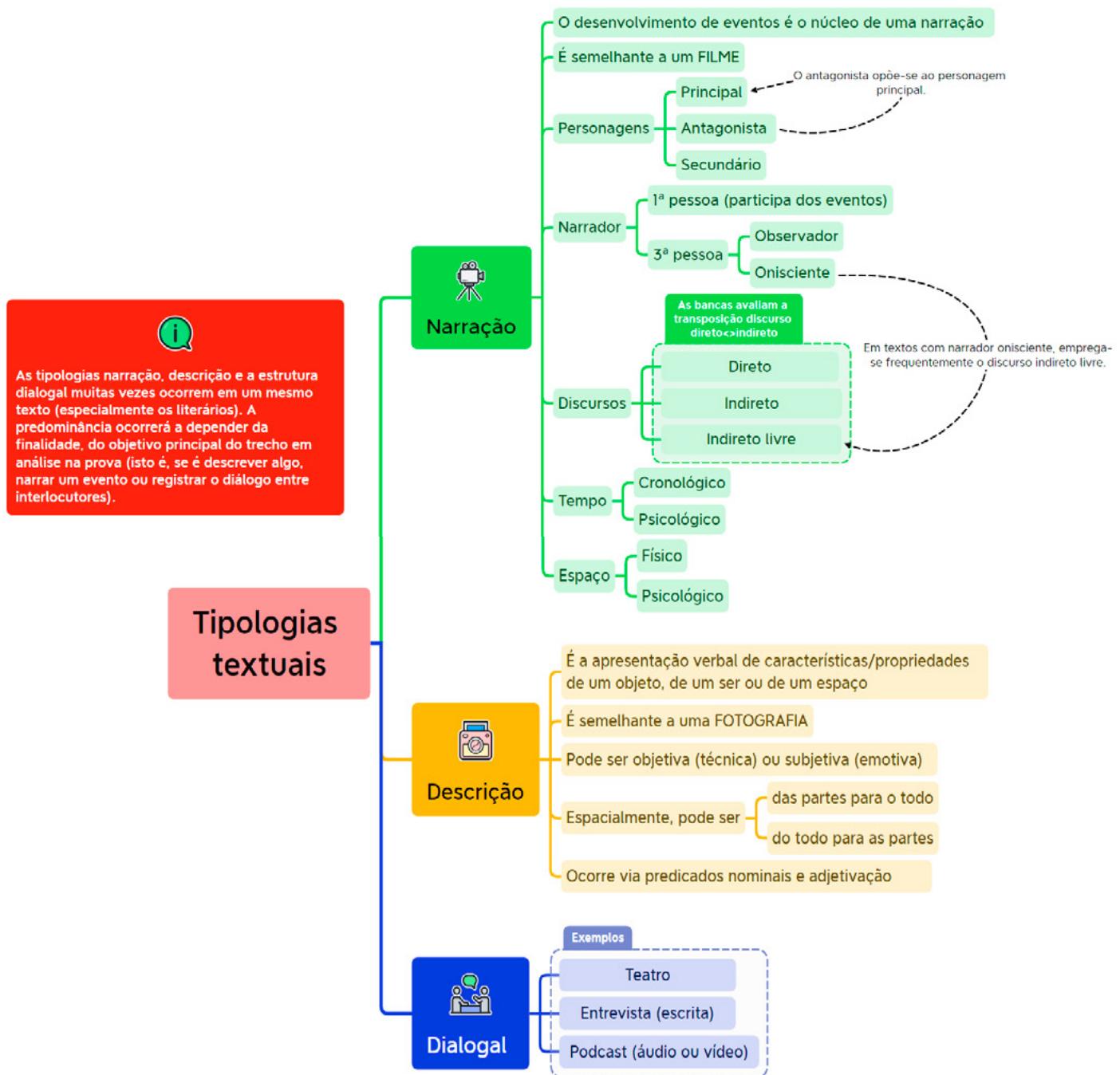
RESUMO

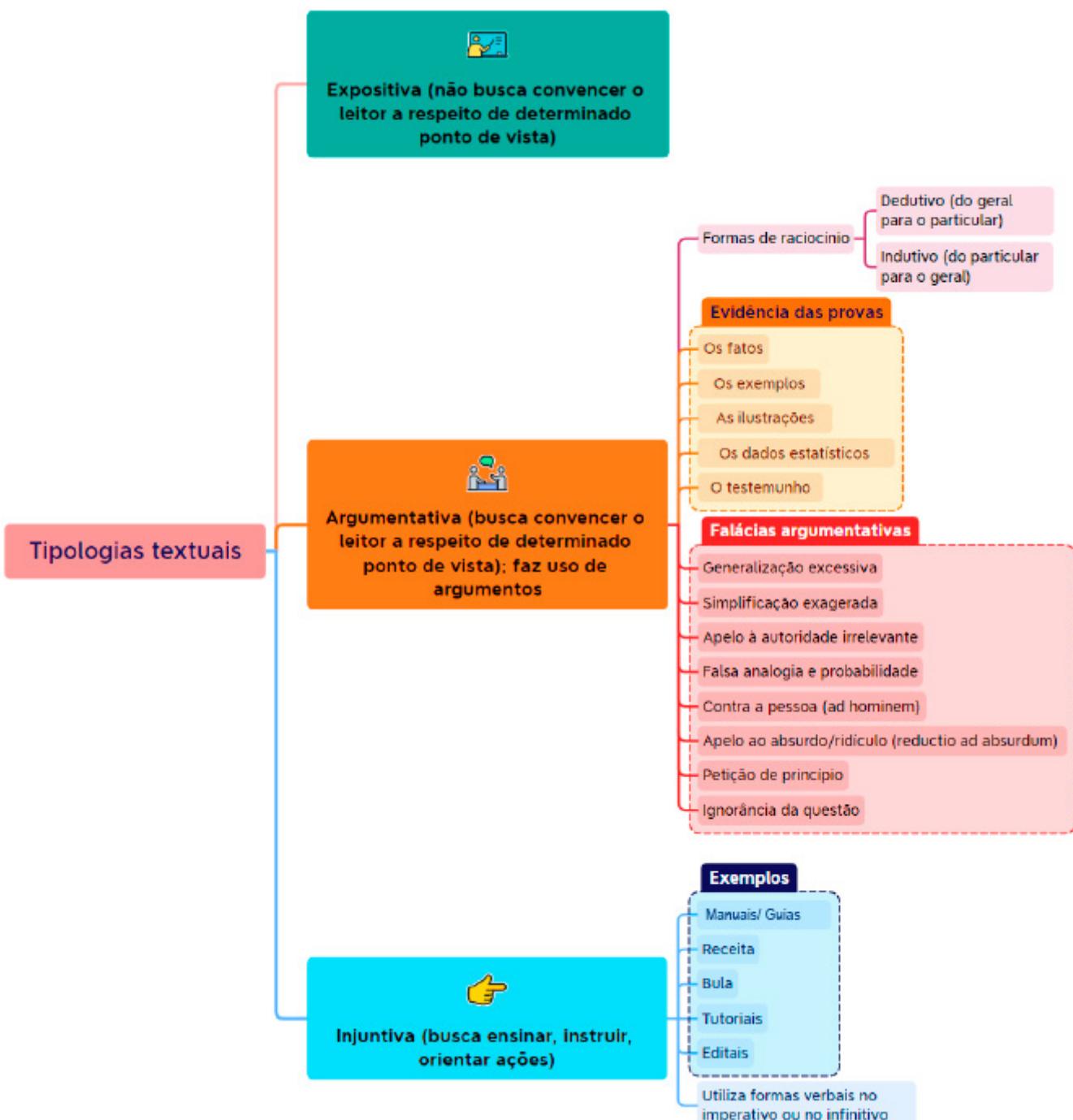
TIPOLOGIA	PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS
NARRATIVA	Na narração, há seres que participam de eventos em determinado tempo e espaço. Os participantes desses eventos são os personagens, os quais podem ser reais ou fictícios. O evento (uma espécie de ação) é denotado por verbos nacionais, como <i>cantar, correr, beijar, nadar, ouvir</i> etc. O tempo da narrativa é tipicamente o passado, mas pode ser o presente (a narração de um jogo de futebol) ou o futuro (obras proféticas, por exemplo). Em uma narrativa, o espaço pode ser físico (uma cidade, uma casa, uma escola) ou psicológico (mente do personagem ou do narrador).
DESCRITIVA	Em uma descrição, apresentamos uma série de características de determinado ser/objeto/espaço, formando na mente do leitor/ouvinte a imagem do que está sendo descrito. Na descrição, essa apresentação de características é verbal (oral ou escrita). Linguisticamente, a descrição é tipicamente formada por predicações nominais (Sujeito + Verbo de ligação + Predicativo) ou por adjetivação (Substantivo + adjetivo (atributivo)).
DISSERTATIVA-EXPOSITIVA (EXPOSITIVA)	No tipo textual dissertativo expositivo, o autor do texto expõe/apresenta ideias, fatos, fenômenos. Por ser de caráter expositivo, não se busca convencer o leitor em relação ao ponto de vista – pressupõe-se, assim, que a dissertação expositiva apenas apresenta a ideia, o fato ou o fenômeno.
DISSERTATIVA-ARGUMENTATIVA (ARGUMENTATIVA)	No tipo textual dissertação argumentativa, diferentemente da dissertação expositiva, procura-se formar a opinião do leitor ou ouvinte, objetivando convencê-lo de que a razão (o discernimento, o bom senso, o juízo) está com o enunciador, de que quem enuncia é que está de posse da verdade.
INJUNTIVA	A propriedade básica do tipo textual injuntivo é: ensinar/orientar/instruir o leitor/ouvinte/espectador a realizar uma tarefa. Os textos injuntivos são tipicamente estruturados por formas verbais no infinitivo ou no modo imperativo.

PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DAS TIPOLOGIAS TEXTUAIS

Grande destaque deve ser dado à tipologia argumentativa. Nela, as bancas cobram recorrentemente **o ponto de vista do enunciador** (qual é a tese defendida e os argumentos utilizados). Na fundamentação dos argumentos, utilizam-se a evidência das provas (os fatos; os exemplos; as ilustrações; os dados estatísticos; o testemunho) ou métodos de raciocínio (**dedutivo**, em que se parte do geral para chegar ao particular; **indutivo**, em que se parte do particular para chegar ao geral). Por fim, destacam-se as **faláncias argumentativas** (generalização excessiva, simplificação exagerada, apelo à autoridade irrelevante, falsa analogia e probabilidade, contra a pessoa, apelo ao absurdo/ridículo, petição de princípio, ignorância da questão), as quais configuraram erros na construção de argumentos.

MAPA MENTAL





EXERCÍCIOS

001. (CEBRASPE/MPE-AP/ANALISTA/2021)

Texto CG1A1-II

À área da linguística que se ocupa em contribuir para a solução de problemas judiciais e que auxilia também na compreensão de discursos e interações produzidos em ambiente jurídico chamamos de linguística forense. Pouco ainda se fala e se conhece sobre a aplicação da linguística à esfera forense, apesar de muitos crimes serem cometidos unicamente ou parcialmente por meio da língua, como a calúnia, a injúria, a difamação, a ameaça, o estelionato e a extorsão.

Ao produzir um texto, oral ou escrito, o sujeito lança mão de um vasto repertório lexical e regras de ordenação sintática pertencentes à gramática de seu idioma. Entretanto, esse arranjo não é feito da mesma forma por diferentes pessoas. Ao falarmos ou ao escrevermos, organizamos o material linguístico que está disponível em nosso acervo mental de uma forma única, afinal cada indivíduo constituiu seu vocabulário a partir de experiências também únicas. Isso significa que imprimimos nosso estilo em nossos textos, deixando nele nossa “assinatura”. Esse uso individual do idioma é chamado de idioleto, ou seja, é como se fosse um dialeto pessoal, uma marca identitária daquele indivíduo. Embasada nisso, a linguística forense procura desenvolver metodologias que auxiliem no processo de atribuição de autoria de um determinado texto.

Welton Pereira e Silva. Linguística forense: como o linguista pode contribuir em uma demanda judicial? In: Roseta, v. 2, n. 2, 2019 (com adaptações).

O texto CG1A1-II apresenta, predominantemente, a tipologia textual

- a) argumentativa.
- b) descritiva.
- c) expositiva.
- d) injuntiva.
- e) narrativa.

002. (CEBRASPE/APEX BRASIL/ASSISTENTE/2021)

Texto CB2A1-I

A rapidez da difusão do comércio eletrônico tem trazido novas oportunidades para o pequeno negócio, o varejo e as micro e pequenas empresas (MPE), que se veem na contingência de mudança na gestão do comércio, visando um aumento de lucratividade e novas oportunidades, com uma fatia maior do comércio eletrônico.

Com a utilização do sistema B2C, sistema de comércio eletrônico, várias vantagens podem ser apresentadas, como a facilidade de estabelecer compras *online* 24 horas por dia, sete dias da semana. Verifica-se, ainda, a otimização dos fatores da atividade empresarial, como quadro pessoal, loja física e mobilidade urbana, a diminuição de tempo gasto com as operações e a sustentabilidade com a teoria de utilização racional de papéis (em inglês, *less paper*).

Este guia é direcionado aos pequenos empresários, aos varejistas e a todo tipo de comerciante que vise ampliar suas atividades pelo uso de novas tecnologias. Os produtos englobados por este guia resumem-se em mercadorias, *software*, *hardware* e serviço. Os consumidores protegidos pela norma conceituam-se como membro individual do público geral, que compra ou usa produtos para fins pessoais ou finalidades domésticas.

Todavia, para que esse sistema de transações de comércio eletrônico seja eficaz, o comerciante deve planejar, implantar e desenvolver o sistema de comércio eletrônico e mantê-lo atualizado e transparente, de modo a auxiliar os consumidores na efetivação da credibilidade desse tipo de negociação *online*.

Para tanto, a capacidade, a adequação, a conformidade, a pluralidade e a diversidade na rede devem gerar um maior suporte ao consumidor, em relação às suas reclamações e dúvidas na transação eletrônica.

Utilize o passo a passo sugerido neste guia e seja bem-sucedido em seu comércio eletrônico!

ABNT/SEBRAE. Guia de implementação ABNT NBR ISO 10008: gestão da qualidade –satisfação do cliente – diretrizes para transações de comércio eletrônico de negócio a consumidor. Rio de Janeiro: 2014, p. 31 (com adaptações).

Quanto à tipologia textual, o último parágrafo do texto CB2A1-I é predominantemente

- a) descriptivo.
- b) injuntivo.
- c) expositivo.
- d) dissertativo.

003. (CEBRASPE/IBGE/AGENTE/2021)

Texto 1A2-I

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura.

A literatura aparece como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado.

Ora, se ninguém pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura concebida no sentido amplo a que me referi parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito.

A literatura é o sonho acordado das civilizações. Portanto, assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura. Desse modo, ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade. Humanização é o processo que confirma no homem aqueles traços

que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor.

A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade, na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos à natureza, à sociedade e ao semelhante. A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob a pena de mutilar a personalidade, porque, pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo, ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza. A fruição da arte e da literatura, em todas as modalidades e em todos os níveis, é um direito inalienável.

Antonio Cândido. O direito à literatura. In: Vários escritos. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre o azul, 2011 (com adaptações).

No primeiro parágrafo do texto 1A2-I, no trecho “Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura”, o autor apresenta uma

- a) argumentação.
- b) concepção.
- c) explicação.
- d) delimitação.
- e) explanação.

004. (CEBRASPE/IBGE/AGENTE/2021)

Texto 1A1-I

Estou escrevendo um livro sobre a guerra...

Eu, que nunca gostei de ler livros de guerra, ainda que, durante minha infância e juventude, essa fosse a leitura preferida de todo mundo. De todo mundo da minha idade. E isso não surpreende — éramos filhos da Vitória. Filhos dos vencedores.

Em nossa família, meu avô, pai da minha mãe, morreu no front; minha avó, mãe do meu pai, morreu de tifo; de seus três filhos, dois serviram no Exército e desapareceram nos primeiros meses da guerra, só um voltou. Meu pai.

Não sabíamos como era o mundo sem guerra, o mundo da guerra era o único que conhecíamos, e as pessoas da guerra eram as únicas que conhecíamos. Até agora não conheço outro mundo, outras pessoas. Por acaso existiram em algum momento?

A vila de minha infância depois da guerra era feminina. Das mulheres. Não me lembro de vozes masculinas. Tanto que isso ficou comigo: quem conta a guerra são as mulheres. Choram. Cantam enquanto choram.

Na biblioteca da escola, metade dos livros era sobre a guerra. Tanto na biblioteca rural quanto na do distrito, onde meu pai sempre ia pegar livros. Agora, tenho uma resposta, um porquê. Como ia ser por acaso? Estábamos o tempo todo em guerra ou nos preparando para ela. E rememorando como combatímos. Nunca tínhamos vivido de outra forma, talvez nem

saímos como fazer isso. Não imaginamos outro modo de viver, teremos que passar um tempo aprendendo.

Por muito tempo fui uma pessoa dos livros: a realidade me assustava e atraía. Desse desconhecimento da vida surgiu uma coragem. Agora penso: se eu fosse uma pessoa mais ligada à realidade, teria sido capaz de me lançar nesse abismo? De onde veio tudo isso: do desconhecimento? Ou foi uma intuição do caminho? Pois a intuição do caminho existe...

Passei muito tempo procurando... Com que palavras seria possível transmitir o que escuto? Procurava um gênero que respondesse à forma como vejo o mundo, como se estruturam meus olhos, meus ouvidos.

Uma vez, veio parar em minhas mãos o livro *Eu venho de uma vila em chamas*. Tinha uma forma incomum: um romance constituído a partir de vozes da própria vida, do que eu escutara na infância, do que agora se escuta na rua, em casa, no café. É isso! O círculo se fechou. Achei o que estava procurando. O que estava pressentindo.

Svetlana Aleksiévitch. A guerra não tem rosto de mulher. Companhia das Letras, 2016, p. 9-11 (com adaptações).

O texto 1A1-I é predominantemente

- a) narrativo.
- b) desritivo.
- c) dissertativo.
- d) argumentativo.
- e) expositivo.

005. (CEBRASPE/IBGE/SUPERVISOR/2021)

Texto 1A2-I

Este artigo questiona a informação histórica de que o Brasil se insere na modernidade-mundo, o chamado “mundo moderno”, através da realização da Semana de Arte Moderna de 1922. Tal inserção se daria, na verdade, pela construção do samba moderno a partir da ótica artística de Pixinguinha (1897-1973), em especial pela sua excursão com os Oito Batutas pela França, em 1921, patrocinada pelo multimilionário Arnaldo Guinle (1884-1963), apesar das críticas negativas de cunho racista dos cadernos culturais da época.

O samba de Pixinguinha é resultante do amálgama das expressões culturais e religiosas afro-brasileiras e das trocas de experiências culturais entre diferentes expressões culturais que começavam a circular pelo mundo, de maneira mais ampla e rápida, graças às ondas sonoras de rádio, às gravações de discos e às partituras que chegavam ao Rio de Janeiro. Existia toda uma vida cultural que se desenvolvia em torno da vida portuária carioca, que funcionava como acesso das populações pobres e marginalizadas da cidade ao que de mais moderno ocorria no mundo, de maneiras inimaginadas pelas elites da época, com impactos ainda não devidamente situados e valorizados em suas importâncias e significados para a cultura brasileira. Há ainda a influência da música europeia como a polca ou a música de Bach, retrabalhadas e contextualizadas pelos

músicos negros e mestiços que deram origem ao choro e ao maxixe, os quais seriam presenças seminais no artesanato musical de Pixinguinha.

Pixinguinha e seus oito Batutas subvertem a ordem racista da elite brasileira da época conquistando — literalmente — a cidade luz, estabelecendo novos parâmetros culturais e de modernidade para os próprios europeus. No entanto, mesmo que seu impacto no exterior tenha se dado de maneira espaçada e pontual, a Semana de Arte Moderna de 1922 ficou conhecida como símbolo de nossa inserção na modernidade-mundo vigente, em detrimento do impacto imediato causado pela arte revolucionária de Pixinguinha e sua trupe musical entre os círculos culturais europeus. Cada apresentação era uma demonstração ao mundo de uma nova forma de música urbana, articulada e desenvolvida, com estrutura rítmica e harmoniosa de alta sofisticação. Não é por acaso que as gravações e partituras desse período em Paris tornaram-se referenciais para o cenário musical francês e para o mundo do jazz norte-americano, como ficaria comprovado pela admiração confessa de Louis Armstrong (1901-1971) por Pixinguinha ou pela regravação de Tico-Tico no fubá por Charlie Parker (1920-1955), no álbum La Paloma, em 1954. Christian Ribeiro. Pixinguinha, o samba e a construção do Brasil moderno.

Internet: (com adaptações).

O texto 1A2-I é um exemplo do gênero textual denominado artigo de opinião. A partir dessa informação e das características do texto 1A2-I, é correto afirmar que ele é predominantemente

- a) narrativo-expositivo.
- b) descriptivo-narrativo.
- c) expositivo-descriptivo.
- d) dissertativo-argumentativo.
- e) injuntivo-argumentativo.

006. (CEBRASPE/IBGE/SUPERVISOR/2021)

O termo “dado de pesquisa” tem uma amplitude de significados que vão se transformando de acordo com domínios científicos específicos, objetos de pesquisas, metodologias de geração e coleta de dados e muitas outras variáveis. Pode ser o resultado de um experimento realizado em um ambiente controlado de laboratório, um estudo empírico na área de ciências sociais ou a observação de um fenômeno cultural ou da erupção de um vulcão em um determinado momento e lugar. Dados digitais de pesquisa ocorrem na forma de diferentes tipos de dados, como números, figuras, vídeos, softwares; com diferentes níveis de agregação e de processamento, como dados crus ou primários, dados intermediários e dados processados e integrados; e em diferentes formatos de arquivos e mídias. Essa diversidade, que vai sendo delineada pelas especificidades de cada disciplina, suas condicionantes metodológicas, protocolos, workflows e seus objetivos, se torna um desafio — pelo alto grau de contextualização necessário — para o pesquisador na sua tarefa de definir precisamente o que é dado de pesquisa de uma forma transversal aos diversos domínios disciplinares.

As definições encontradas nos dicionários e encyclopédias falham em capturar a riqueza e a variedade dos dados no mundo da ciência ou falham em revelar as premissas epistemológicas e ontológicas sobre as quais eles são baseados. Na esfera acadêmica, grande parte das definições são uma enumeração de exemplos: dados são fatos, números, letras e símbolos. Listas de exemplos não são verdadeiramente definições, visto que não estabelecem uma clara fronteira entre o que inclui e o que não inclui o conceito.

Luis Fernando Sayão; Luana Farias Sales. Afinal, o que é dado de pesquisa? In: Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Rio Grande. v. 34, n. 02, jul.-dez./2020, p.32-33. Internet:. (com adaptações).

No primeiro parágrafo do texto, predomina a tipologia textual

- a) argumentativa.
- b) descritiva.
- c) expositiva.
- d) instrucional.
- e) narrativa.

007. (CEBRASPE/BARRA DOS COQUEIROS-SE/AJUDANTE/2020)

Texto CG3A1-I

No século 21, eu acredito que a missão da Organização das Nações Unidas (ONU) será definida por uma consciência nova e mais profunda da santidade e da dignidade de cada vida humana, independentemente de raça ou religião. Isso irá requerer que levemos o nosso olhar para além da estrutura dos Estados, ou da simples superfície de nações ou comunidades. Devemos enfocar, como nunca, a melhoria das condições de vida de homens e mulheres, individualmente, que dão ao Estado ou à nação a sua riqueza e o seu caráter.

Neste novo século, devemos começar pela compreensão de que a paz pertence não somente aos Estados ou povos, mas também a cada um e a todos os membros dessas comunidades. A soberania dos Estados não mais deverá ser utilizada como um escudo contra grandes violações aos direitos humanos. A paz deve ser real e tangível no dia a dia de cada indivíduo que dela necessite. Devemos buscá-la, acima de tudo, pelo fato de ser a condição para que cada membro da família humana possa levar uma vida de dignidade e segurança.

A lição do século passado nos fez entender que ameaçar ou atropelar a dignidade do indivíduo — como naqueles países onde o cidadão não desfruta do direito básico de escolher o seu governo, ou do direito de o escolher regularmente — resultou em conflitos, perdas de civis inocentes, vidas abreviadas e comunidades destruídas.

Com efeito, os obstáculos à democracia têm muito pouco a ver com cultura ou religião, e muito mais com o desejo daqueles que se encontram no poder e querem manter sua posição a qualquer custo. Não se trata de um fenômeno novo nem restrito a uma parte específica do mundo. As pessoas de todas as culturas prezam por sua liberdade de escolha e sentem a necessidade de ter direito de voz nas decisões que afetam suas vidas. Kofi Annan [secretário-geral das Nações Unidas], 10 dez. 2001.

In: Jerzy Szeremeta. Participação genuína na era da tecnologia de informação e comunicação (TIC). Fundação Luís Eduardo Magalhães. Gestão pública e participação. Cadernos da FLEM. 20.ª ed. Salvador: FLEM, 2005, cap. III, p. 105-6 (com adaptações).

Acerca dos tipos textuais, é correto afirmar que, no texto CG3A1-I, predomina a

- a) argumentação.
- b) descrição.
- c) instrução.
- d) narração.
- e) prescrição.

008. (CEBRASPE/CGE-CE/AUDITOR/2019)**Texto CB1A1-II**

Ainda hoje, em muitos rincões do nosso país, são encontrados administradores públicos cujas ações em muito se assemelham às de Nabucodonosor, rei do império babilônico, que, buscando satisfazer sua rainha Meda, saudosa das colinas e florestas de sua pátria, providenciou a construção de estupendos jardins suspensos. Essa excentricidade, que consumiu anos de labor e gastos incalculáveis, culminou em uma das sete maravilhas do mundo antigo.

Tal “maravilha”, que originou mais ônus do que propriamente benefícios, apresenta grande similitude com devaneios atuais em que se constata o gasto de dinheiro público com atos de motivação fútil e imoral, finalidade dissociada do interesse público e em total afronta à razoabilidade administrativa, com flagrante desproporção entre o numerário despendido e o benefício auferido pela coletividade.

Além da insensatez detectada em alguns atos de administração, constata-se a existência de situação mais grave e preocupante, a degeneração de caráter em muitos entre os que ascendem à gestão do interesse público. Essa degeneração, em alguns casos, precede a investidura; em outros, tem causas endêmicas, sendo o resultado inevitável da interação com um meio viciado.

Emerson Garcia e Rogério Pacheco Alves. Improbidade administrativa. 8.ª ed. São Paulo: Saraiva, 2014, p. 47 (com adaptações).

No texto CB1A1-II, predomina a tipologia

- a) injuntiva.
- b) narrativa.
- c) descriptiva.
- d) expositiva.
- e) argumentativa.

009. (CEBRASPE/SEFAZ-RS/TÉCNICO/2018)**Texto 1A1-II**

O imposto sobre a propriedade de veículos automotores (IPVA) é um tributo que deve ser pago todo ano pelos donos de qualquer tipo de veículo. O valor do IPVA é calculado com base no valor do veículo comprado, e sua quitação é um requisito para o licenciamento.

Do total arrecadado com cada veículo, 50% vão para o governo estadual e os outros 50%, para o município no qual o veículo tiver sido emplacado. Essa arrecadação, recolhida pela União, pelos estados ou pelos municípios, não é exclusivamente destinada a asfaltamento de ruas e colocação de sinais, isto é, a manutenção de rodovias, mas pode abranger despesas com educação, saúde, segurança, saneamento, entre outros.

Para pagar o IPVA, o proprietário de veículo recebe em sua casa um aviso de vencimento do imposto, com informações sobre o veículo, valores, datas, parcelas, formas de pagamento. Com esse documento é possível quitar o IPVA, juntamente com o seguro obrigatório, e até fazer o licenciamento antecipado. O não pagamento do IPVA implica multa e impede a realização do licenciamento.

Internet: (com adaptações).

Com relação à tipologia textual, é correto afirmar que o texto 1A1-II é predominantemente

- a) descriptivo.
- b) informativo.
- c) argumentativo.
- d) narrativo.
- e) prescritivo.

010. (FGV/TJ-RO/TÉCNICO JUDICIÁRIO/2021)

A Polícia Militar foi informada que o criminoso, usando um alicate grande, teria cortado o cadeado do portão da residência, porém, o cachorro da casa começou a latir e o homem fugiu.

Populares seguiram o criminoso, acionaram a Polícia Militar, ele recebeu voz de prisão e foi encaminhado para a Central de Flagrantes.

(Rondoniagora, 17/09/2021)

Esse segmento de texto é predominantemente narrativo; as duas formas verbais que mostram sequência cronológica são:

- a) foi informada/usando.
- b) usando/teria cortado.
- c) teria cortado/começou a latir.
- d) seguiram/acionaram.
- e) recebeu/foi encaminhado.

011. (FGV/TJ-RO/TÉCNICO JUDICIÁRIO/2021)

Em um passeio numa praia do Havaí (EUA), a menina Abbie Graham, 9 anos, encontrou uma garrafa lançada ao mar há 37 anos por alunos de uma escola do Japão, como parte de um projeto de estudo das correntes marítimas.

(Tudo Bem, 17/09/2021)

Nessa pequena notícia, o segmento “como parte de um projeto de estudo das correntes marítimas” tem a função de:

- a) explicar o porquê de a garrafa ter sido atirada ao mar.
- b) dar seriedade a uma ação que pode ser vista como diversão.
- c) mostrar o avanço do Japão em educação.
- d) indicar o momento em que a ação foi praticada.
- e) demonstrar interesse pelo resultado do estudo.

012. (FGV/TJ-RO/TÉCNICO JUDICIÁRIO/2021)

Para pessoas como Jorge Mateus – um homem de 56 anos que decidiu experimentar o protocolo de aumento de energia do r. Rafael depois de tentar completar um projeto de reparo residencial o efeito foi quase imediato.

Comecei este regime, e já percebi que tenho muita energia para executar o meu trabalho. Trabalho e viajo muito, minha rotina é dura até para um jovem de 30 anos, quem dirá pra minha idade. Eu estou animado porque me sinto muito melhor, com mais foco e mais disposição, escreveu ele.

O método utilizado para fazer a publicidade do regime é:

- a) dar um testemunho de autoridade no setor.
- b) citar um exemplo de adoção do regime.
- c) trazer uma estatística sobre o emprego do regime.
- d) indicar a quantidade de usuários do regime.
- e) informar uma opinião do próprio autor do regime.

013. (FGV/TJ-RO/TÉCNICO JUDICIÁRIO/2021) A afirmativa abaixo que mostra uma contradição interna é:

- a) O casal tem dois filhos, mas a menina é mais inteligente que o menino.
- b) Eu adoro passear sozinho; meu amigo João também, por isso podemos passear juntos.
- c) Para passar o tempo, os guardas penitenciários jogam cartas durante o expediente.
- d) O jornaleiro não estava vendendo jornais ontem porque o distribuidor não os entregou em sua banca.
- e) Os alunos reclamaram das notas de comportamento que lhes foram atribuídas, sem qualquer explicação.

014. (FGV/TJ-RO/TÉCNICO JUDICIÁRIO/2021)

Muitas vezes, as alegações presentes num raciocínio apresentam deficiências argumentativas. Numa redação escolar, havia o seguinte segmento: “Napoleão só podia mesmo perder a batalha em Waterloo, pois estava gripado, febril, como pude ver num filme de produção americana”.

O problema dessa alegação é que ela:

- a) não estabelece uma relação lógica entre os fatos.
- b) contraria as informações históricas.
- c) se apoia em fato de pouca credibilidade: um filme.
- d) mostra uma afirmação sem referências.
- e) se apoia exclusivamente em opiniões pessoais.

015. (FGV/PREF. MUN. PAULÍNIA-SP/AUXILIAR/2021) O pacote de um produto de supermercado trazia impressa a seguinte informação:

FAB: 28/04/2020

VAL: 10/05/2020

Essa informação significa que

- a) o produto deve ser consumido até 10/05/2020.
- b) 28/04/2020 indica a data em que o produto foi entregue ao supermercado.
- c) 28/04/2020 indica o dia em que o produto começou a ser fabricado.
- d) o produto só tem validade após 10/05/2020.
- e) o preço do produto continua o mesmo até 10/05/2020.

016. (FGV/PREF. MUN. PAULÍNIA-SP/AUXILIAR/2021) Assinale a opção que apresenta a frase em que se identifica o autor da ação.

- a) O banco foi roubado ontem à noite.
- b) Uma vigem repentina deve ser feita.
- c) Precisa-se de um ajudante de pedreiro.
- d) Uma mala foi encontrada no aeroporto.
- e) Os hóspedes estrangeiros chegaram ao hotel.

017. (FGV/PREF. MUN. PAULÍNIA-SP/AUXILIAR/2021) Acima de um assento de ônibus urbano havia um cartaz que dizia:

"Assento reservado para idosos, deficientes físicos, grávidas e senhoras com crianças de colo."

Assinale a opção que indica o que todas as pessoas indicadas no cartaz têm em comum.

- a) A idade avançada.
- b) O grande peso corporal.
- c) Uma enfermidade grave.
- d) A dificuldade de locomoção.
- e) O transporte difícil de algo pesado.

018. (FGV/PREF. MUN. PAULÍNIA-SP/AUXILIAR/2021) Um pequeno aviso colocado atrás do assento do motorista de um ônibus dizia:

“Não fale com o motorista.”

A preocupação de quem fez o cartaz, era

- a) a segurança da viagem.
- b) o preço da passagem.
- c) o incômodo do barulho.
- d) a distração dos passageiros.
- e) a possibilidade de uma discussão.

019. (FGV/PREF. MUN. PAULÍNIA-SP/AUXILIAR/2021) Leia o fragmento de uma notícia a seguir.

“Está chovendo desde o início da madrugada desta segunda-feira (27), em toda a Região Metropolitana de São Paulo/O resultado são muitas ruas e avenidas alagadas, além de lerdeza no trânsito”.

O fragmento está estruturado em dois períodos, separados por uma barra inclinada. Os assuntos abordados nesses dois períodos são, respectivamente,

- a) causa das chuvas/notícia de um fato.
- b) consequências da chuva/início das chuvas.
- c) localização dos temporais/causa das chuvas.
- d) início das chuvas/localização dos temporais.
- e) notícia de um fato/consequências da chuva.

020. (FGV/PREF. MUN. PAULÍNIA-SP/AUXILIAR/2021) A loja de roupas

“O Príncipe” tinha o seguinte slogan: “O Príncipe veste hoje o homem de amanhã!”

Por essa frase deduz-se que essa loja vendia roupas destinadas a

- a) famílias de maior renda.
- b) crianças do sexo masculino.
- c) crianças de ambos os sexos.
- d) homens praticantes de esportes.
- e) adolescentes de ambos os性os.

021. (FGV/PREF. MUN. PAULÍNIA-SP/AUXILIAR/2021) Uma grande placa no meio de uma rodovia dizia: “Desculpe o transtorno: estamos em obras de asfaltamento para poder atendê-lo melhor.”

Essa frase se dirige

- a) a todos os motoristas que passam pelo local.

- b) a todos os motoristas e pedestres.
- c) exclusivamente a motoristas de transporte público.
- d) exclusivamente a motoristas particulares.
- e) exclusivamente a pedestres.

022. (FGV/PREF. MUN. PAULÍNIA-SP/AUXILIAR/2021) Uma loja mostrava o seguinte cartaz em sua entrada:

“Sorria, você está sendo filmado!”

Essa frase se dirige especialmente, aos

- a) homens vaidosos.
- b) indivíduos desonestos.
- c) clientes muito educados.
- d) fregueses jovens.
- e) compradores compulsivos.

023. (FGV/PREF. MUN. PAULÍNIA-SP/PROFESSOR/2021)

Uma noite destas, vindo da cidade para o Engenho Novo, encontrei no trem da Central um rapaz aqui do bairro, que eu conheço de vista e de chapéu. Cumprimentou-me, sentou-se ao pé de mim, falou da Lua e dos ministros, e acabou recitando-me versos. A viagem era curta, e os versos pode ser que não fossem inteiramente maus. Sucedeu, porém, que, como eu estava cansado, fechei os olhos três ou quatro vezes; tanto bastou para que ele interrompesse a leitura e metesse os versos no bolso.

Esse é o início do romance Dom Casmurro; é correto afirmar, sobre esse texto, que se trata de texto

- a) narrativo com sequências descritivas e argumentativas.
- b) narrativo com sequências descritivas.
- c) descritivo, com sequências narrativas e argumentativas.
- d) narrativo com sequências expositivas.
- e) descritivo com sequências descritivas e expositivas.

024. (FGV/PREF. MUN. PAULÍNIA-SP/PROFESSOR/2021) Assinale a opção que indica o segmento que deve ser colocado como texto narrativo.

- a) Acho esse filme melhor que o outro.
- b) A Branca de Neve é um conto excelente.
- c) Entrei, sentei-me e levantei-me a seguir.
- d) João era pequeno e não tinha esperança de crescer.
- e) Tenho opiniões próprias, mas nem sempre concordo com elas.

025. (FGV/PREF. MUN. PAULÍNIA-SP/PROFESSOR/2021) Leia a frase a seguir.

"Só posso desejar que esse livro alcance o sucesso que ele certamente merece."

Nela há a apresentação de

- a) uma opinião pessoal.
- b) um lugar-comum.
- c) uma opinião alheia.
- d) uma afirmação duvidosa.
- e) uma citação de outro autor.

026. (FGV/TJ-RO/TÉCNICO JUDICIÁRIO/2021) Um artigo sobre a vida eclesiástica trazia em seu texto três afirmações em sequência:

- Os religiosos levam uma vida sóbria e isenta de preocupações com a família;
- A vida sóbria e isenta de preocupações com a família a torna apta para trabalhos intelectuais;
- A aptidão para trabalhos intelectuais torna essa vida própria ao ensino.

A conclusão lógica que o artigo deve tirar dessas premissas é:

- a) todos deviam levar uma vida como a dos religiosos.
- b) os trabalhos intelectuais só devem ser feitos por religiosos.
- c) a educação deve levar os alunos a uma vida sóbria.
- d) a vida isenta de preocupações é própria para a educação.
- e) os religiosos devem dedicar-se ao ensino.

027. (FGV/MP-RJ/ANALISTA/2019) Observe o raciocínio a seguir.

"O médico recomendou-me este xarope. Vou ficar bom logo."

Sempre que passamos de uma premissa diretamente a uma conclusão, assumimos como verdadeira uma ideia intermediária.

A ideia intermediária desse raciocínio é:

- a) o médico é bastante competente.
- b) o xarope é um medicamento tradicional.
- c) o xarope vai ser tomado na dosagem certa.
- d) o exame foi demorado e meticoloso.
- e) o remédio é de criação recente.

028. (FGV/AL-RO/ANALISTA/2018)

"O policial guardou as anotações e a arma na gaveta da sala. Parou os olhos no cartão de ponto... [Falaria ou não com o delegado sobre o caso daquele furto?] Enfiou a caneta no bolso da camisa e dirigiu-se ao estacionamento."

Esse segmento narrativo mostra uma interrupção marcada por colchetes; esse tipo de interrupção é caracterizado por um(a):

- a) descrição de um ambiente externo.
- b) descrição de uma cena imaginária.
- c) *flashback*.
- d) reflexão sobre a própria trama.
- e) reflexão sobre a estrutura narrativa.

029. (FGV/AL-RO/ANALISTA/2018)

“A mulher aproximou-se da beira do cais e olhou em volta. O cenário da baía era lindíssimo, com suas pequenas ilhas cercadas de água azulada. Voltou para dentro do restaurante e chamou o marido”.

Sobre a estruturação narrativa desse segmento a afirmativa adequada é:

- a) o primeiro período do texto não apresenta continuidade.
- b) o segundo período do texto mostra uma interrupção na narrativa.
- c) o segundo período do texto constitui o que se chama de *flashback*.
- d) o último período está cronologicamente situado antes do primeiro.
- e) O segundo período do texto é classificado como argumentativo.

030. (FGV/AL-RO/ANALISTA/2018) O texto abaixo em que o argumentador, na tentativa de convencer o leitor, apela para a intimidação por constrangimento é:

- a) Não deixe para amanhã o que pode fazer depois de amanhã.
- b) Não passe vergonha em público: use Corega em sua dentadura.
- c) Compre dois vidros de remédio e receba um de graça!
- d) Não urine na rua, pois isso pode levá-lo à prisão.
- e) Fique mais atraente usando perfumes Dior.

031. (FGV/AL-RO/ANALISTA/2018)

“De Roma, o correspondente da Folha de São Paulo informa que o Papa vai condenar publicamente os atentados terroristas da Espanha”.

Essa é uma notícia de jornal; o elemento argumentativo que dá mais credibilidade à informação dada é:

- a) a proximidade do correspondente em relação à fonte da informação.
- b) o fato de a informação ter sido dada por um jornal de grande circulação.
- c) a circunstância de o jornal informante estar localizado na cidade de São Paulo.
- d) a condenação anunciada ter sido proferida pelo Papa.
- e) o tema da informação ser uma atividade amplamente condenada pela opinião pública.

032. (FGV/AL-RO/ANALISTA/2018) O fragmento textual abaixo que não apresenta humanização do personagem animal é:

- a) Não chovia há muitos e muitos meses, de modo que os animais ficaram inquietos. Não se sabia se ia chover logo, ou se ainda ia demorar.
- b) Morreu a colibri. Morreu rápido, fácil, sem dores ou aflições. Morreu como um passarinho. Sua única tristeza, ao partir, parecia a certeza de que, como todos os colibris, o esposo morreria assim que ela abandonasse o mundo
- c) Em certo dia de data incerta, um galo velho e uma galinha nova encontraram-se no fundo de um quintal e, entre uma bicada e outra, trocaram impressões sobre como o mundo estava mudado
- d) O leão fugido do circo vinha correndo pela rua quando viu um senhor à sua frente. Aí caminhou pé ante pé, bateu delicadamente nas costas do senhor e disse, disfarçando a voz leonina o mais possível: “Cavalheiro, tenha cuidado e muita calma: acabei de ouvir dizer que um macaco fugiu do circo agora mesmo”.
- e) Saiu o leão a fazer sua pesquisa estatística para verificar se ainda era o Rei das Selvas.

033. (FGV/TJ-SC/TÉCNICO/2018)

O discurso da separação amorosa

Flávio Gikovate em 16/03/2015

Um dos sentimentos mais comuns depois de uma separação amorosa é a enorme curiosidade em relação ao destino do outro. Mesmo o parceiro que tomou a iniciativa fará de tudo para saber como o abandonado está passando. Esse interesse raras vezes resulta de uma genuína solidariedade. Decorre, na maioria dos casos, de uma situação ambivalente que lembra o mecanismo da gangorra. Por um lado, ver o sofrimento de uma pessoa tão íntima nos deixa tristes; por outro, satisfaz a vaidade. Num certo sentido, é gratificante saber que o ex-companheiro vive mal longe de nós e teve prejuízos com a separação. Esse aspecto menos nobre da personalidade humana, infelizmente, costuma predominar.

O texto deve ser visto como argumentativo. Os argumentos apresentados pelo autor se fundamentam nos(na):

- a) opinião pessoal do autor.
- b) testemunhos de autoridade.
- c) experiência profissional de psicólogos.
- d) observação científica da natureza humana.
- e) depoimentos pessoais de pessoas separadas.

034. (FGV/MPE-AL/ANALISTA/2018)**Oportunismo à direita e à esquerda**

Numa democracia, é livre a expressão, estão garantidos o direito de reunião e de greve, entre outros, obedecidas leis e regras, lastreadas na Constituição. Em um regime de liberdades, há sempre o risco de excessos, a serem devidamente contidos e seus responsáveis, punidos, conforme estabelecido na legislação.

É o que precisa acontecer no rescaldo da greve dos caminhoneiros, concluídas as investigações, por exemplo, da ajuda ilegal de patrões ao movimento, interessados em se beneficiar do barateamento do combustível.

Sempre há, também, o oportunismo político-ideológico para se aproveitar da crise. Inclusive, neste ano de eleição, com o objetivo de obter apoio a candidatos. Não faltam, também, os arautos do quanto pior, melhor, para desgastar governantes e reforçar seus projetos de poder, por mais delirantes que sejam. Também aqui vale o que está delimitado pelo estado democrático de direito, defendido pelos diversos instrumentos institucionais de que conta o Estado – Polícia, Justiça, Ministério Público, Forças Armadas etc.

A greve atravessou vários sinais ao estrangular as vias de suprimento que mantêm o sistema produtivo funcionando, do qual depende a sobrevivência física da população. Isso não pode ser esquecido e serve de alerta para que as autoridades desenvolvam planos de contingência.

O Globo, 31/05/2018.

O texto, em sua organização, deve ser caracterizado como:

- a) narrativo, já que expõe uma série de fatos.
- b) argumentativo, pois defende uma tese.
- c) expositivo, já que informa fatos recentemente ocorridos.
- d) descritivo, porque fornece características e qualidades.
- e) poético, pois expõe uma realidade de forma sentimental.

035. (FGV/MPE-AL/TÉCNICO/2018)**Não faltou só espinafre**

A crise não trouxe apenas danos sociais e econômicos. Mostrou também danos morais.

Aconteceu num mercadinho de bairro em São Paulo. A dona, diligente, havia conseguido algumas verduras e avisou à clientela. Formaram-se uma pequena fila e uma grande discussão. Uma senhora havia arrematado todos os dez maços de espinafre. No caixa, outras freguesas perguntaram se ela tinha restaurante. Não tinha. Observaram que a verdura acabaria estragada. Ela explicou que ia cozinhar e congelar. Então, foram ao ponto: caramba, havia outras pessoas na fila, ela não poderia levar só o que consumiria de imediato?

“Não, estou pagando e cheguei primeiro”, foi a resposta.

Compras exageradas nos supermercados, estoques domésticos, filas nervosas nos postos de combustível – teve muito comportamento na base de cada um por si.

Cabem nessa categoria as greves e manifestações oportunistas. Governo, cedendo, também vou buscar o meu – tal foi o comportamento de muita gente.

Carlos A. Sardenberg, in O Globo, 31/05/2018.

No segmento a seguir, a pergunta é feita em discurso indireto.

“No caixa, outras freguesas perguntaram se ela tinha restaurante.”

Assinale a opção que apresenta a forma dessa pergunta em discurso direto.

- a) A senhora tinha restaurante?
- b) A senhora tinha tido restaurante?
- c) A senhora teria restaurante?
- d) A senhora teve restaurante?
- e) A senhora tem restaurante?

036. (FCC/TRT 6ª/TÉCNICO/2018)

– Você pode entrar no ramo, disse-lhe.

A frase acima está corretamente transposta para o discurso indireto em:

- a) Disse-lhe “você pudera entrar no ramo”.
- b) Disse-lhe que você pode entrar no ramo.
- c) Disse-lhe que ele podia entrar no ramo.
- d) Disse-lhe: “ele pôde entrar no ramo”.
- e) Disse-lhe: você poderá entrar no ramo.

037. (FCC/DPE-RS/DEFENSOR/2018)

eu disse: sou um nômada
tu disseste: tens a febre do deserto
eu disse: tenho uma vontade de ir
tu disseste: do deserto conheces as miragens
eu disse: e a lonjura que dentro de mim vai
tu disseste: em ti quero viajar

Os dois primeiros versos do poema encontram-se transpostos para o discurso indireto, com clareza e correção, em:

- a) Dizendo que sou um nômada, respondeu-lhe que tinha a febre do deserto.
- b) Eu lhe disse que era um nômada, ao que respondeu-me que tenho a febre do deserto.
- c) Ao dizer-te que sou um nômada, respondes-me que tens a febre do deserto.
- d) Quando te digo que sou um nômada, me respondeste que tenho a febre do deserto.
- e) Disse-lhe que era um nômada, e sua resposta foi que tinhas a febre do deserto.

038. (FCC/DPE-AM/ASSISTENTE/2018)**Limites da ciência**

Os deuses parecem ter um prazer especial em desmoralizar quem faz profecias sobre os limites da ciência. Auguste Comte afirmou, em 1835, que nunca surgiria um meio para estudarmos a composição química das estrelas. Bem, o método existe e hoje sabemos do que elas são feitas. Sabemos até que nós somos feitos de poeira estelar.

É verdade que Comte não era cientista, mas filósofo. Só que cientistas não se saem muito melhor. Um dos maiores físicos de seu tempo, lorde Kelvin, escreveu em 1900: "Não há mais nada novo a ser descoberto na física; só o que resta fazer são medidas cada vez mais precisas". Vieram depois disso relatividade, mecânica quântica, modelo padrão etc.

Marcus du Sautoy conta essas histórias em *The Great Unknown* (O Grande Desconhecido). Ele sabe, portanto, que caminha em terreno perigoso quando se propõe a discutir os limites do conhecimento humano. Mas Du Sautoy, que é professor de matemática em Oxford e autor de vários livros de divulgação, tenta jogar em território razoavelmente seguro. Ele vai às fronteiras da ciência em que já temos informações suficientes para saber que há barreiras formidáveis a um conhecimento total.

A teoria do caos, por exemplo, assegura que nunca conseguiremos fazer previsões de longo prazo acerca de fenômenos como a meteorologia e engarrafamentos de trânsito. O problema é que alterações mínimas nas condições iniciais podem produzir alterações dramáticas depois de um tempo – e nós nunca temos conhecimento completo do presente.

Analogamente, ele mostra como o princípio da incerteza, a extensão do cosmo e a provável inexistência do tempo também limitam a possibilidade de conhecimento. Ao final, Du Sautoy retorna à sua especialidade e mergulha nas implicações dos teoremas da incompletude de Gödel, que criam embarracos para a própria matemática. É diversão certa para quem gosta de grandes questões.

Entre os objetivos do texto, estão:

- a) questionar a existência do tempo e censurar a teoria do caos.
- b) apresentar o livro de Du Sautoy e recomendar a sua leitura.
- c) conferir à filosofia status de ciência e opor-se à tese de Du Sautoy.
- d) reprovar o obscurantismo dos filósofos e elogiar a clareza dos cientistas.
- e) detalhar as correntes científicas atuais e anunciar seus limites.

039. (INSTITUTO AOCP/TRT 1ª REGIÃO/TÉCNICO/2018)**A indústria do espírito**

Jordi Soler – 23 DEZ 2017 – 21:00

O filósofo Daniel Dennett propõe uma fórmula para alcançar a felicidade: "Procure algo mais importante que você e dedique sua vida a isso".

Essa fórmula vai na contracorrente do que propõe a indústria do espírito no século XXI, que nos diz que não há felicidade maior do que essa que sai de dentro de si mesmo, o que pode ser verdade no caso de um monge tibetano, mas não para quem é o objeto da indústria do espírito, o atribulado cidadão comum do Ocidente que costuma encontrar a felicidade do lado de fora, em outra pessoa, no seu entorno familiar e social, em seu trabalho, em um passatempo, etc. [...]

A indústria do espírito, uma das operações mercantis mais bem-sucedidas de nosso tempo, cresceu exponencialmente nos últimos anos, é só ver a quantidade de instrutores e pupilos de *mindfulness* e de ioga que existem ao nosso redor. *Mindfulness* e ioga em sua versão pop para o Ocidente, não precisamente as antigas disciplinas praticadas pelos mestres orientais, mas um produto prático e de rápida aprendizagem que conserva sua estética, seu *merchandising* e suas toxinas culturais. [...]

Frente ao argumento de que a humanidade, finalmente, tomou consciência de sua vida interior, por que demoramos tanto em alcançar esse degrau evolutivo?, proporia que, mais exatamente, a burguesia ocidental é o objetivo de uma grande operação mercantil que tem mais a ver com a economia do que com o espírito, a saúde e a felicidade da espécie humana. [...]

A indústria do espírito é um produto das sociedades industrializadas em que as pessoas já têm muito bem resolvidas as necessidades básicas, da moradia à comida até o Netflix e o Spotify. Uma vez instalada no angustiante vazio produzido pelas necessidades resolvidas, a pessoa se movimenta para participar de um grupo que lhe procure outra necessidade.

Esse crescente coletivo de pessoas que cavam em si mesmas buscando a felicidade já conseguiu instalar um novo narcisismo, um egocentrismo *new age*, um egoísmo raivosamente autorreferencial que, pelo caminho, veio alterar o famoso equilíbrio latino de *mens sana in corpore sano*, desviando-o descaradamente para o corpo. [...]

Esse inovador egocentrismo *new age* encaixa divinamente nessa compulsão contemporânea de cultivar o físico, não importa a idade, de se antepor o *corpore à mens*. Ao longo da história da humanidade o objetivo havia sido tornar-se mais inteligente à medida que se envelhecia; os idosos eram sábios, esse era seu valor, mas agora vemos sua claudicação: os idosos já não querem ser sábios, preferem estar robustos e musculosos, e deixam a sabedoria nas mãos do primeiro iluminado que se preste a dar cursos. [...]

Parece que o requisito para se salvar no século XXI é inscrever-se em um curso, pagar a alguém que nos diga o que fazer com nós mesmos e os passos que se deve seguir para viver cada instante com plena consciência. Seria saudável não perder de vista que o objetivo principal dessas sessões pagas não é tanto salvar a si mesmo, mas manter estável a economia do espírito que, sem seus milhões de subscriptores, regressaria ao nível que tinha no século XX, aquela época dourada do hedonismo suicida, em que o *mindfulness* era patrimônio dos monges, a ioga era praticada por quatro gatos pingados e o espírito era cultivado lendo livros em gratificante solidão.

Sobre tipologia e gêneros textuais, assinale a alternativa correta.

- a) O texto “A indústria do espírito” apresenta, majoritariamente, a tipologia narrativa, a qual tipicamente emprega verbos no pretérito, como é possível notar neste excerto: “A indústria do espírito, uma das operações mercantis mais bem-sucedidas de nosso tempo, cresceu exponencialmente nos últimos anos [...]”.

- b) Não há um número definido de tipologias textuais, uma vez que elas surgem e desaparecem conforme as necessidades sociodiscursivas de determinada comunidade.
- c) O segundo parágrafo do texto “A indústria do espírito” é composto por períodos simples, típicos da tipologia injuntiva.
- d) A maneira com que o texto “A indústria do espírito” se inicia, utilizando uma citação, é comum no gênero textual carta aberta.
- e) O texto “A indústria do espírito” é um exemplar do gênero textual artigo de opinião.

040. (INSTITUTO AOCP/TRT 1ª REGIÃO/ANALISTA/2018)

[...] Saiu da casa da cartomante aos tropeços e parou no beco escurecido pelo crepúsculo — crepúsculo que é hora de ninguém. Mas ela de olhos ofuscados como se o último final da tarde fosse mancha de sangue e ouro quase negro. Tanta riqueza de atmosfera a recebeu e o primeiro esgar da noite que, sim, sim, era funda e faustosa. Macabéa ficou um pouco aturdida sem saber se atravessaria a rua pois sua vida já estava mudada. E mudada por palavras — desde Moisés se sabe que a palavra é divina. Até para atravessar a rua ela já era outra pessoa. Uma pessoa grávida de futuro. Sentia em si uma esperança tão violenta como jamais sentira tamanho desespero. Se ela não era mais ela mesma, isso significava uma perda que valia por um ganho. Assim como havia sentença de morte, a cartomante lhe decretara sentença de vida. Tudo de repente era muito e muito e tão amplo que ela sentiu vontade de chorar. Mas não chorou: seus olhos fiscavam como o sol que morria. Então ao dar o passo de descida da calçada para atravessar a rua, o Destino (explosão) sussurrou veloz e guloso: é agora é já, chegou a minha vez! E enorme como um transatlântico o Mercedes amarelo pegou-a — e neste mesmo instante em algum único lugar do mundo um cavalo como resposta empinou-se em gargalhada de relincho.

Macabéa ao cair ainda teve tempo de ver, antes que o carro fugisse, que já começavam a ser cumpridas as predições de madama Carlota, pois o carro era de alto luxo. Sua queda não era nada, pensou ela, apenas um empurrão. Batera com a cabeça na quina da calçada e ficara caída, a cara mansamente voltada para a sarjeta. E da cabeça um fio de sangue inesperadamente vermelho e rico. O que queria dizer que apesar de tudo ela pertencia a uma resistente raça não teimosa que um dia vai talvez reivindicar o direito ao grito. [...]

A Hora da Estrela. Clarice Lispector.

De acordo com o texto, assinale a alternativa correta.

- a) O narrador, em primeira pessoa, descreve o momento em que a personagem vai à casa de uma vidente e descobre estar grávida.
- b) Trata-se de um texto predominantemente dissertativo, em que se expõe o relato de uma tragédia ocorrida com Macabéa.
- c) A mudança na vida de Macabéa, citada em “[...] pois sua vida já estava mudada.”, refere-se à viagem empreendida por ela, que se realizara após encontrar o carro que estava à sua espera.

- d) O excerto demonstra a fragilidade social da personagem que, ironicamente, teve um momento de esperança antes de ser atropelada.
- e) A narrativa descreve uma cena trivial de final de tarde, em que Macabéa presencia o atropelamento e a morte de um cavalo.

041. (INSTITUTO AOCP/TRT 1ª REGIÃO/ANALISTA/2018)

Os medos que o poder transforma em mercadoria política e comercial

Zygmunt Bauman

O medo faz parte da condição humana. Poderíamos até conseguir eliminar uma por uma a maioria das ameaças que geram medo (era justamente para isto que servia, segundo Freud, a civilização como uma organização das coisas humanas: para limitar ou para eliminar totalmente as ameaças devidas à casualidade da Natureza, à fraqueza física e à inimizade do próximo): mas, pelo menos até agora, as nossas capacidades estão bem longe de apagar a “mãe de todos os medos”, o “medo dos medos”, aquele medo ancestral que decorre da consciência da nossa mortalidade e da impossibilidade de fugir da morte.

Embora hoje vivamos imersos em uma “cultura do medo”, a nossa consciência de que a morte é inevitável é o principal motivo pelo qual existe a cultura, primeira fonte e motor de cada e toda cultura. Pode-se até conceber a cultura como esforço constante, perenemente incompleto e, em princípio, interminável para tornar vivível uma vida mortal. Ou pode-se dar mais um passo: é a nossa consciência de ser mortais e, portanto, o nosso perene medo de morrer que nos tornam humanos e que tornam humano o nosso modo de ser-no-mundo.

A cultura é o sedimento da tentativa incessante de tornar possível viver com a consciência da mortalidade. E se, por puro acaso, nos tornássemos imortais, como às vezes (estupidamente) sonhamos, a cultura pararia de repente [...].

Foi precisamente a consciência de ter que morrer, da inevitável brevidade do tempo, da possibilidade de que os projetos fiquem incompletos que impulsionou os homens a agir e a imaginação humana a alçar voo. Foi essa consciência que tornou necessária a criação cultural e que transformou os seres humanos em criaturas culturais. Desde o seu início e ao longo de toda a sua longa história, o motor da cultura foi a necessidade de preencher o abismo que separa o transitório do eterno, o finito do infinito, a vida mortal da imortal; o impulso para construir uma ponte para passar de um lado para outro do precipício; o instinto de permitir que nós, mortais, tenhamos incidência sobre a eternidade, deixando nela um sinal imortal da nossa passagem, embora fugaz.

Tudo isso, naturalmente, não significa que as fontes do medo, o lugar que ele ocupa na existência e o ponto focal das reações que ele evoca sejam imutáveis. Ao contrário, todo tipo de sociedade e toda época histórica têm os seus próprios medos, específicos desse tempo e dessa sociedade. Se é incauto divertir-se com a possibilidade de um mundo alternativo “sem medo”, em vez disso, descrever com precisão os traços distintivos do medo na nossa época e na nossa sociedade é condição indispensável para a clareza dos fins e para o realismo das propostas. [...]

<http://www.ihu.unisinos.br/563878-os-medos-que-o-poder-transforma-em-mercadoria-politica-e-comercial-artigo-dezygmunt-bauman>

Em relação ao texto, assinale a alternativa correta.

- a) Uma das propriedades linguísticas que caracterizam o texto como argumentativo é a predominância de formas verbais no pretérito.
- b) Os verbos e pronomes em primeira pessoa do plural, presentes em “Poderíamos até conseguir eliminar uma por uma a maioria das ameaças que geram medo [...]” e “[...] é a nossa consciência de ser mortais e, portanto, o nosso perene medo [...]” são fortes marcas do tipo textual injuntivo, predominante no texto.
- c) O tipo argumentativo é o eixo da construção do texto, tendo em vista que o autor defende uma tese por meio de relações lógicas de argumentação. Uma dessas relações é a de condição, presente no excerto “E se, por puro acaso, nos tornássemos imortais, como às vezes (estupidamente) sonhamos, a cultura pararia de repente [...]”.
- d) Não é possível classificar o tipo textual predominante no texto, uma vez que os tipos textuais constituem uma lista irrestrita na cultura linguística. Ao contrário disso, os gêneros textuais compõem uma lista restrita, o que possibilita que se classifique o texto como um artigo de opinião.
- e) O amplo uso de figuras de linguagem, especialmente de metáforas, no texto, é uma pista de que o tipo narrativo é o eixo da construção textual, enriquecendo as formas de expressão do autor a partir do uso de uma linguagem denotativa.

042. (IADES/CAU-MS/ANALISTA DE COMUNICAÇÃO/2021)

Iphan restaura o Forte de Coimbra

Iniciou-se, em Mato Grosso do Sul (MS), a recuperação do histórico Forte de Coimbra, localizado no distrito de Coimbra, município de Corumbá/MS. A edificação é tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), desde 1974, nos Livros do Tombo Histórico e Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico.

A ocupação de seu sítio, às margens do rio Paraguai e próximo às fronteiras paraguaia e boliviana, data do último quarto do século 18 e, assim como seu contemporâneo Forte Real Príncipe da Beira, surge no contexto da fixação de limites entre Portugal e Espanha, que culminou em tratados como o de Madrid e o de Santo Ildefonso.

Sucessivamente atacado por guaicurus no final do século 18, por espanhóis em 1801 e por paraguaios em 1864, o Forte de Coimbra passou por diversas recomposições e adaptações, até uma última reforma pelo Exército Brasileiro em 1908; hoje, em terras oficialmente brasileiras e mantido pelos militares, suas muralhas são um testemunho daquele período da história brasileira. Fundamentalmente estão previstos no Forte a execução de serviços de drenagem, iluminação, tratamento de esgoto, pintura e recuperação de soteia e do respectivo madeiramento; além disso, em um âmbito de adaptação para novos usos, também se incluem a instalação de peças para cozinha e sanitários e preparo de espaço para reserva técnica de museu que o Exército Brasileiro mantém nas dependências do Forte. Contemplaram também os critérios de acessibilidade universal, na medida do possível, em se tratando da natureza da edificação.

Com relação à estrutura, à organização e à tipologia textual, assinale a alternativa correta.

- a) Segundo o parágrafo introdutório do texto, a posse do histórico Forte de Coimbra e do Forte Real Príncipe da Beira por portugueses e espanhóis é concomitante e ocorre em meados do século 18.
- b) O primeiro parágrafo estrutura-se por meio de linguagem injuntiva, pois pretende convencer o leitor de que a restauração do Forte de Coimbra é imprescindível para a memória da arquitetura de Mato Grosso do Sul.
- c) A seleção vocabular do título e dos três parágrafos compõe organização textual, com introdução, desenvolvimento e conclusão, que apresenta opinião acerca da relevância entre patrimônio, cultura e arquitetura.
- d) Os três parágrafos são informativos e compõem um texto cujo título sintetiza a intenção de instruir de forma simples e objetiva.
- e) O segundo parágrafo do texto é narrativo e apresenta a história do Forte de Coimbra.

043. (IADES/BRB/ESCRITURÁRIO/2019)**A emergência do ciberespaço**

Os primeiros computadores surgiram em 1945. Por muito tempo reservado aos militares, seu uso civil disseminou-se durante os anos 1960. Já nessa época era previsível que o desempenho do hardware aumentaria constantemente, mas que haveria um movimento geral de virtualização da informação e da comunicação, afetando os dados elementares da vida social; ninguém, com a exceção de alguns visionários, poderia prever. Os computadores ainda eram grandes máquinas de calcular, isoladas em salas refrigeradas. A virada fundamental data, talvez, dos anos 1970. O desenvolvimento e a comercialização do microprocessador dispararam diversos processos econômicos e sociais. Eles abriram uma nova fase na automação da produção industrial: robótica, linhas de produção flexíveis, máquinas industriais com controles digitais etc. Presenciaram também o princípio da automação de alguns setores, como bancos e seguradoras. Essa tendência continua em nossos dias.

LÉVY, Pierre. *A infraestrutura técnica do virtual*. In: *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999, p. 31, com adaptações.

Com relação à tipologia do texto precedente, assinale a alternativa correta.

- a) Os dois primeiros períodos do texto correspondem ao tópico-frasal de um parágrafo argumentativo, em que se apresenta um ponto de vista acerca dos primeiros computadores.
- b) O parágrafo apresenta características de texto injuntivo, visto que pretende convencer o leitor da importância do uso de computadores em bancos e seguradoras.
- c) O parágrafo corresponde à introdução de um texto narrativo, em que se apresenta a história da evolução dos computadores.

- d) O texto é predominantemente informativo, já que pretende apenas apresentar fatos que compõem uma breve história dos computadores e a importância deles.
- e) O texto é predominantemente descritivo, uma vez que objetiva pormenorizar o funcionamento dos computadores do respectivo surgimento aos dias de hoje.

044. (IADES/SEASTER-PA/ENFERMEIRO/2019)



Disponível em: <<https://www.facebook.com/seasterPA>>. Acesso em: 2 jul. 2018.

Com base na leitura comprehensiva do texto, assinale a alternativa correta:

- a) O propósito principal do texto é informar o leitor acerca da existência do trabalho infantil.
- b) A informação mais importante do texto é introduzida pela construção “Segundo IBGE”.
- c) A mensagem “Disque 100 e denuncie!” revela a intenção principal do texto.
- d) O texto pretende principalmente comunicar à população que o trabalho infantil é crime.
- e) A construção “#SomosSeaster” expressa uma mensagem indispensável para que o leitor compreenda o objetivo principal do texto.

045. (IADES/APEX BRASIL/ASSISTENTE/2018)

Há vários países que possuem economias dinâmicas e diversificadas, que apresentam uma participação percentual significativa na corrente mundial de comércio e que desenvolveram parques industriais e um universo empresarial diversificado e pujante. No entanto, muitos não sabem que vários desses países não possuem grandes mercados internos e que, para crescer e ampliar os negócios, suas empresas buscaram o caminho do comércio exterior.

O Brasil possui um grande mercado interno, o que, sem dúvida, representou uma oportunidade e uma situação cômoda para muitas empresas, que preferiram priorizar o mercado

doméstico e não chegaram a se interessar seriamente pelas exportações. Entretanto, mesmo nesse cenário, cada vez mais, os empresários brasileiros começam a considerar as exportações como uma decisão estratégica importante para as respectivas empresas e para o desenvolvimento dos próprios negócios.

Perceberam que, ao exportar, a empresa adquire um diferencial de qualidade e competência, pois precisa adequar seus produtos aos padrões do mercado externo, precisa gerenciar condições que não ocorriam anteriormente e obtém ganhos de competitividade. A empresa que passa a exportar de forma sustentável, geralmente, obtém melhoria da sua imagem com fornecedores, bancos e clientes, e isso se reflete, também, em suas operações no mercado interno. Outra vantagem bastante perceptível é a melhoria da qualidade do produto. Esta também tende a aumentar, pois a empresa tem de adaptá-lo às exigências do mercado ao qual se destina, o que a obriga a aperfeiçoá-lo.

Com relação à tipologia textual, assinale a alternativa correta.

- a) O texto é predominantemente argumentativo, visto que defende uma ideia acerca do comércio exterior de alguns países.
- b) O texto é predominantemente narrativo, pois narra fatos ocorridos em alguns países do mundo, quanto ao comércio destes.
- c) O texto é predominantemente informativo, uma vez que busca transmitir informações a respeito do comércio exterior e da respectiva relevância para a economia mundial.
- d) O texto é predominantemente descritivo, o que se verifica pelo emprego de um número expressivo de substantivos e adjetivos, cuja função no texto é caracterizar o comércio exterior.
- e) O texto apresenta características de mais de um tipo textual, com trechos argumentativos (como o primeiro parágrafo) e trechos descritivos (como o segundo parágrafo).

046. (IADES/APEX BRASIL/ANALISTA/2018)

Apesar do pessimismo generalizado em relação à guerra comercial entre os Estados Unidos da América (EUA) e a China, as barreiras impostas de um lado a outro contribuíram para aumentar as exportações brasileiras para os dois países em alguns setores.

Um levantamento feito pelo Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC) mostra que, de janeiro a julho deste ano, aumentaram as vendas para esses países de produtos como siderúrgicos, proteína animal e soja. Os setores atribuem o crescimento das exportações, em parte, à imposição de barreiras comerciais entre americanos e chineses.

Em retaliação às sobretaxas impostas pelos americanos, a China também aumentou as tarifas de importação de produtos dos EUA, o que trouxe um efeito colateral positivo para a venda de produtos brasileiros para aquele mercado. Com isso, de janeiro a julho, houve alta de 18% na venda de soja para a China, o que já é visto como um sinal de que o Brasil pode ocupar o espaço dos EUA no fornecimento do grão ao país asiático. A venda de carne de porco aumentou em 199% para a China nesse período.

Já a exportação de siderúrgicos subiu 38% no período para os EUA, passando de US\$ 1,3 bilhão para US\$ 1,8 bilhão. Em volume, as vendas crescem 14,2% no ano, acima do patamar de alta permitido pelos americanos para este ano. Em maio, os EUA estabeleceram tarifas de 25% para a importação de aço de países como a China e os da União Europeia. O Brasil ficou fora da sobretaxa, mas foi estabelecida uma cota anual com base na média das vendas do produto brasileiro nos últimos três anos, o que, na prática, permite uma alta de cerca de 7% sobre 2017.

Com relação à tipologia textual, assinale a alternativa certa.

- a) O primeiro parágrafo do texto poderia ser considerado como a introdução de um texto argumentativo, em que se apresenta uma ideia que será defendida: o aumento das exportações brasileiras para os Estados Unidos da América (EUA) e a China.
- b) O terceiro parágrafo do texto é predominantemente narrativo, visto que narra fatos que se sucederam ao longo do tempo nos EUA e na China.
- c) O quarto parágrafo do texto descreve objetivamente a exportação de siderúrgicos, pelo que pode ser considerado como essencialmente descritivo.
- d) O texto mescla características de texto argumentativo e de texto descritivo.
- e) O texto é predominantemente informativo.

047. (IADES/CAU-MS/ANALISTA DE COMUNICAÇÃO/2021)

Iphan restaura o Forte de Coimbra

1 Iniciou-se, em Mato Grosso do Sul (MS), a recuperação do histórico Forte de Coimbra, localizado no distrito de Coimbra, município de Corumbá/MS. A **4** edificação é tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), desde 1974, nos Livros do Tombo Histórico e Arqueológico, Etnográfico e **7** Paisagístico.

A ocupação de seu sítio, às margens do rio Paraguai e próximo às fronteiras paraguaia e boliviana, data do último **10** quarto do século 18 e, assim como seu contemporâneo Forte Real Príncipe da Beira, surge no contexto da fixação de limites entre Portugal e Espanha, que culminou em **13** tratados como o de Madrid e o de Santo Ildefonso.

Sucessivamente atacado por guaicurus no final do século 18, por espanhóis em 1801 e por paraguaios em **16** 1864, o Forte de Coimbra passou por diversas recomposições e adaptações, até uma última reforma pelo Exército Brasileiro em 1908; hoje, em terras oficialmente **19** brasileiras e mantido pelos militares, suas muralhas são um testemunho daquele período da história brasileira.

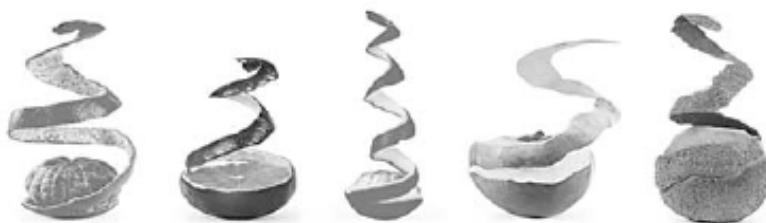
Fundamentalmente estão previstos no Forte a **22** execução de serviços de drenagem, iluminação, tratamento de esgoto, pintura e recuperação de soteia e do respectivo madeiramento; além disso, em um âmbito de adaptação **25** para novos usos, também se incluem a instalação de peças para cozinha e sanitários e preparo de espaço para reserva técnica de museu que o Exército Brasileiro mantém nas **28** dependências do Forte. Contemplaram também os critérios de acessibilidade universal, na medida do possível, em se **30** tratando da natureza da edificação.

Com relação à estrutura, à organização e à tipologia textual, assinale a alternativa correta.

- a) Segundo o parágrafo introdutório do texto, a posse do histórico Forte de Coimbra e do Forte Real Príncipe da Beira por portugueses e espanhóis é concomitante e ocorre em meados do século 18.
- b) O primeiro parágrafo estrutura-se por meio de linguagem injuntiva, pois pretende convencer o leitor de que a restauração do Forte de Coimbra é imprescindível para a memória da arquitetura de Mato Grosso do Sul.
- c) A seleção vocabular do título e dos três parágrafos compõe organização textual, com introdução, desenvolvimento e conclusão, que apresenta opinião acerca da relevância entre patrimônio, cultura e arquitetura.
- d) Os três parágrafos são informativos e compõem um texto cujo título sintetiza a intenção de instruir de forma simples e objetiva.
- e) O segundo parágrafo do texto é narrativo e apresenta a história do Forte de Coimbra.

048. (IDECAN/CRN 3^a/ASSISTENTE/2019)

**SABIA QUE A CASCA
DAS FRUTAS TAMBÉM
TEM NUTRIENTES?**



Incentive receitas que aproveitem os alimentos integralmente!

#DigaNãoAoDesperdício



O texto, que pertence ao gênero campanha, tem como finalidade principal

- a) apresentar os benefícios da casca das frutas à saúde.
- b) persuadir o destinatário a incentivar o consumo integral dos alimentos.
- c) sugerir que a casca é mais nutritiva do que a própria fruta.
- d) combater o desperdício de alimentos oferecendo receitas de pratos feitos apenas com a casca das frutas.
- e) alertar a população acerca da importância das frutas para a saúde.

049. (IDECAN/CRN 3^a/ASSISTENTE/2019)**Quem vê cara não vê nutriente**

"Me vê uma manga bonita, por favor?", pede um rapaz ao feirante Luiz Souza Silva, de 47 anos. Ao receber o produto já dentro da sacola, o moço paga e vai embora. E Silva se apressa para explicar: "Fruta bonita precisa ser lustrosa por fora, ter brilho e sabor por dentro. As nossas são todas assim. O cliente nem precisa escolher muito".

Mais que papo de vendedor, ele sabe bem que uma das poucas coisas que não mudaram nos 25 anos em que mantém sua barraca na feira livre do Pacaembu, em São Paulo, é a preferência por alimentos de encher os olhos. O que pouca gente imagina é que, nesse campo, as aparências podem, sim, enganar. Nem sempre o vegetal mais bonito é o de melhor qualidade. "Basta ver os orgânicos, que costumam ser menores e mais feios, mas ao mesmo tempo são mais saudáveis porque não levam agrotóxicos", nota a nutricionista Elke Stedefeldt, da Universidade Federal de São Paulo.

BASÍLIO, Andressa (colaboradora). Disponível em: <<https://saude.abril.com.br>>. Acesso em: 6 abr. 2019, com adaptações.

O primeiro parágrafo é constituído por uma estrutura predominantemente

- a) descriptiva, pois enumera as características de um vegetal de boa qualidade.
- b) dissertativa, pois expressa uma opinião contrária ao ato praticado por um feirante ao tentar enganar um cliente.
- c) narrativa, pois relata um acontecimento que serve como exemplo para uma informação declarada no início do segundo parágrafo.
- d) descriptiva, pois registra uma série de características dos tipos humanos que frequentam as feiras populares e dos que trabalham nesse ramo.
- e) dissertativa, pois explica as principais diferenças entre os alimentos bons e os ruins.

050. (VUNESP/PREFEITURA DE GUARULHOS-SP/INSPECTOR/2019)**Roma**

O filme *Roma* está constantemente entre dois caminhos. É pessoal e grandioso, popular e intelectual, tecnológico – rodado em 65 mm digital – e clássico – feito em preto e branco com a mesma ousadia dos movimentos cinematográficos das décadas de 1950 e 1960. O título, uma referência a Colonia Roma, bairro da Cidade do México, também remete a *Roma, Cidade Aberta*, filme-símbolo do neorrealismo italiano assinado por Roberto Rossellini.

Ao revisitlar a própria memória, o cineasta Alfonso Cuarón escolhe olhar para Cleo, a empregada, de origem indígena, de uma família branca de classe média. Resgata, assim, não apenas os seus anos de formação, mas todas as particularidades do passado do país. O México no início dos anos 1970 fervilhava entre revoluções sociais e a influência da cultura estrangeira. Cleo, porém, se mantinha ingênua, centrada nas suas obrigações: lavar o pátio, buscar as crianças na escola, lavar a roupa, colocar os pequenos para dormir.

Até que tudo se transforma. A família perfeita desmorona, com o pai que sai de casa, a mãe que não se conforma com o fim do casamento e os filhos jogados de um lado para o outro na confusão dos adultos. Enquanto isso, Cleo se apaixona, engravidada, é enganada e deixada à própria sorte. Duas mulheres de diferentes origens compartilham a dor do abandono. Juntas, reencontram a resiliência que segura o mundo frente às paixões autocentradas.

O cineasta, que além da direção e do roteiro assina a fotografia e a montagem (ao lado de Adam Gough), retrata sua história, entrelaçada com a de seu país, como se na vida adulta reencontrasse o olhar da infância, cujo fascínio por cada descoberta aumenta o tamanho e a importância de tudo.

O que Cuarón faz em *Roma* é raro. São camadas e camadas sobrepostas para reproduzir a complexidade do seu imaginário afetivo e das relações sociais de um país. Entre muitas inspirações, referências e técnicas, sua assinatura está na sinceridade com que olha para si mesmo e para os seus personagens, encontrando beleza e verdade no que muitos menosprezam. Esse é um filme simples e complicado, como a própria vida.

(Natália Bridi. *Omelete*. 11.01.2019. www.omelete.com.br. Adaptado)

Uma característica do filme *Roma* destacada no texto diz respeito à

- a) utilização da narrativa de cunho jornalístico.
- b) fusão da história pessoal com a coletiva.
- c) imensoalidade com que é realizado o relato.
- d) caracterização da mulher indígena como insubordinada.
- e) denúncia do relacionamento abusivo entre patroa e empregada.

051. (VUNESP/PC-SP/AGENTE/2018)

Frei Caneca e a Virgem Maria

No dia 13 de janeiro de 1825, um condenado caminhava com passos firmes na direção da forca, no centro do Recife. Era o frei Joaquim do Amor Divino Caneca, o lendário Frei Caneca, lutador incansável pela independência do Brasil. Ele tinha participado da revolta da Confederação do Equador, sufocada pelo governo de Pernambuco. Vestia o hábito da Irmandade da Madre de Deus. Sob o olhar curioso da multidão, foi submetido ao degradante ritual da desautorização*, perdendo os direitos eclesiásticos, para que pudesse enfrentar o suplício da forca.

Impassível e altivo, deixou que os monges despissem suas vestes sagradas. Permaneceu firme quando recebeu na tonsura** o golpe simbólico da excomunhão. O carrasco já se preparava para o gesto fatal, quando recuou, com o rosto pálido, dizendo que a Virgem Maria estava junto ao condenado. Veio então o ajudante do carrasco, que também se recusou a executar Frei Caneca, diante da visão da Virgem Maria. Aí foram buscar dois escravos. E esses, mesmo duramente açoitados, negaram-se a participar da execução. O juiz mandou trazer dois presos da cadeia pública e lhes ofereceu a liberdade em troca da execução de Frei Caneca. E eles igualmente se negaram, alegando a visão da Virgem Maria.

Mas era preciso matar Frei Caneca de qualquer jeito, como exemplo para desencorajar futuros conspiradores. O juiz então ordenou que ele fosse fuzilado. Percebendo que os soldados tremiam com as armas na mão, Frei Caneca procurou exortá-los:

– Vamos, meus amigos. Não me façam sofrer muito. Virgem Maria há de compreender os vossos temores. Tenham fé, ela já os perdoou.

E os tiros provocaram um arrepião na multidão silenciosa.

Eloy Terra. 500 anos: Crônicas pitorescas da história do Brasil.

*Desautorização: privação da dignidade do cargo, como medida punitiva.

**Tonsura: corte redondo dos cabelos no topo da cabeça dos clérigos.

Considerando-se as características do texto, é correto afirmar que se trata do tipo:

- a) dissertativo, com discussão de ideias.
- b) dissertativo, com pontos de vista de personagens.
- c) narrativo, com apresentação de uma tese.
- d) desritivo, com caracterização de ambiente.
- e) narrativo, com exposição de fatos.

052. (QUADRIX/CRP-2ª REGIÃO/ASSISTENTE/2018)

Dia nacional da luta antimanicomial é tema de evento de psicologia na Universidade Federal de Roraima (UFRR)

O curso de psicologia da UFRR realizará, no auditório Alexandre Borges, o seminário “Outros manicômios, outras resistências”, em alusão ao Dia nacional da luta antimanicomial, celebrado no dia 18 de maio.

O evento será uma parceria da disciplina com o Departamento de Políticas de Saúde Mental do estado e contará com mesas redondas, capacitações e intervenções culturais.

Os interessados em participar das atividades poderão fazer as inscrições na página do evento. A participação será gratuita, com exceção do minicurso, que custará R\$ 15.

De acordo com a organização, as palestras serão voltadas a estudantes, psicólogos, profissionais envolvidos com o cuidado de pessoas em sofrimento psíquico e interessados.

“A ideia é fomentar o debate acerca das formas manicomiais ainda presentes no cotidiano do estado e ampliar o enfrentamento para além dos serviços de saúde mental”, destaca a comissão organizadora.

Durante o evento, serão debatidas a situação de imigrantes venezuelanos em Roraima e as repercussões 22 psicosociais desse assunto.

Também serão debatidas possibilidades de intervenção clínica dos imigrantes que tenham sido expostos 25 a situações extremas, como guerras, genocídios e tortura, além daqueles que apresentam sintomas severos de estresse psicológico e outros sintomas.

Internet: <gl.globo.com> (com adaptações).

Quanto à organização, à finalidade e ao conteúdo do texto, assinale a alternativa correta.

- a) O texto é dissertativo-argumentativo, apresentando argumentos favoráveis e contrários à presença de instituições manicomiais no Brasil.
- b) É um texto eminentemente instrucional, o que se mostra pela presença de verbos quase que exclusivamente no imperativo.

- c) O texto é majoritariamente literário e, por isso, marcado pelo lirismo e pela sonoridade bem delineada.
- d) O texto é primordialmente informativo, apresentando, por meio de linguagem clara e objetiva, dados relacionados a um evento acadêmico.
- e) O texto é exclusivamente panfletário, já que faz apologia às internações manicomiais.

053. (IBGP/PREF. DE ST. LUZIA/TÉCNICO EM INFORMÁTICA/2018)**"É COMO USAR DROGAS": POR QUE AS PESSOAS ACREDITAM E COMPARTILHAM FAKE NEWS?**

Felipe Souza

BBC News Brasil em São Paulo, 26 outubro 2018

Desde as eleições que elegeram o presidente americano Donald Trump em 2016, a expressão *fake news* se espalhou mundialmente. Com a popularização dos computadores e *smartphones*, boa parte da população brasileira tem acesso a redes sociais, como *Facebook* e *WhatsApp*, diariamente e se tornou alvo de uma avalanche de notícias falsas disparadas a todo momento.

Mas além de receber e acreditar em memes, fotos, vídeos e textos falsos, parte da população também compartilha esses arquivos com amigos, familiares e até mesmo em grupos de pessoas desconhecidas. Afinal, por que tanta gente acredita em *fake news*?

Em entrevista à BBC News Brasil, o psiquiatra e diretor da Associação Brasileira de Psiquiatria, Claudio Martins, afirmou que as pessoas que compartilham notícias falsas experimentam uma sensação de bem-estar semelhante à de usar drogas.

"Quando a pessoa recebe uma notícia que a agrada, são estimulados os mecanismos de recompensa imediata do cérebro e dão uma sensação de prazer instantâneo, assim como as drogas. Ocorre uma descarga emocional e gera uma satisfação imediata. Isso impulsiona a pessoa a transmitir compulsivamente a mesma informação para que seu círculo de amizades sinta o mesmo. Por isso, há os encaminhadores compulsivos", explica o psiquiatra.

Segundo Claudio Martins, essa sensação de euforia causada pelas notícias falsas impede o desenvolvimento de um senso crítico em quem as recebe. É a "infantilização emocional", que faz com que poucas pessoas se preocupem em checar a origem ou a veracidade da informação.

O psiquiatra explica ainda que esse movimento causa uma angústia que leva a pessoa a imaginar que é portadora de uma novidade que deve ser contada com extrema urgência. O sentimento, explica ele, é o mesmo quando alguém ouve uma fofoca.

"Ela, então, transmite informações não checadas, capazes de gerar uma curiosidade ampliada em outras pessoas, além de um alto nível de identificação e propagação de conteúdo. O campo da política é muito propício para esse fenômeno. Uma certeza é que as *fake news* são um fenômeno novo que atrai pessoas com transtornos de personalidade sérios. Ele é muito simplório e vai ser cada vez mais estudado", afirmou.

Futebol, religião e política

Em uma analogia com futebol e religião, o psiquiatra explica que a política é um assunto tratado como uma crença por parte da população.

"O ser humano tem essa tendência a buscar essas crenças, mágicas. Quando ele recebe correntes de pensamento político, incorpora aquilo como uma verdade absoluta, amplia e divulga para reforçar sua satisfação. Ele usa o mecanismo para compartilhar sem pensar. Muitas vezes, acaba repassando até para grupos que nem tratam do assunto", afirma.

Assim como no futebol, o psiquiatra explica que a política funciona no cérebro de parte da população como um sistema de projeção em que o indivíduo se sente como se fosse o próprio candidato. "Se o meu time marca um gol ou ganha um título é como se o gol fosse meu e o título também. É inclusive assim que comento com os amigos", compara o psiquiatra.

Claudio Martins diz que o problema dessa crença é que as pessoas que recebem informações sobre política não querem saber se são verdadeiras. "Ela age com impulsividade. Não pesquisa, não quer saber quem mandou. Só pensa em dar impacto àquela informação que ela recebeu, como se fosse algo exclusivo, e numa impulsão, ela repassa aquilo como se fosse algo que vai alterar a realidade do mundo."

Crença é algo muito difícil de combater, principalmente nos espaços mais radicais. A crença religiosa é tão forte quanto a política, gera uma cegueira. A religiosa não tem evidências científicas, mas para quem crê isso não interessa porque ela não busca evidências que possam comprovar um sentido. A pessoa apenas incorpora aquilo como uma necessidade de ter a idealização de alguém ou grupo político que possa suprir suas carências porque o ser humano é muito carente. Quando a pessoa está necessitada, ela deseja ter um super protetor", afirmou.

O codiretor do Instituto Tecnologia e Equidade, Thiago Rondon, diz que os produtores de notícias falsas sabem disso e têm dois objetivos como estratégia ao criar suas correntes: gerar medo e emergência. Segundo ele, essa situação de alarde é vital para que as pessoas repassem a informação.

"É necessário tomar medidas estruturais para evitar que essa situação se agrave. Uma delas é que nosso sistema educacional discuta esse tipo de assunto nas escolas. É necessário fortalecer as pessoas com consciência e educação desde cedo. A gente precisa se organizar para se adequar a esse mundo digital. A solução não é bloquear o uso de aplicativos de troca de mensagens, pois esses lugares são excelentes para troca de ideias e debates. Ações assim são um erro em relação a liberdades", afirmou.

Ele afirma também que deve haver mecanismos mais eficientes para combater notícias falsas. Um deles é dar ferramentas para que a população as identifique por conta própria.

"É necessário mudar a forma de se comunicar, não apenas negando e desmentindo informações porque elas dificilmente vão ter o mesmo alcance da *fake news*. Por exemplo, no primeiro turno deste ano um boletim de urna (compartilhado no WhatsApp) mostrava um dos candidatos com mais de 9 mil votos registrados. O TSE poderia divulgar como o eleitor pode ter acesso a esses documentos, usar o aplicativo oficial e confirmar se aquela informação é real", afirmou Rondon.

Analfabetismo digital e bolhas ideológicas

O diretor da Associação Brasileira de Psiquiatria diz que a crença em *fake news* é um fenômeno sociocultural que envolve diversos fatores de alta complexidade. Entre os mais relevantes, ele cita o analfabetismo digital da população brasileira, já que a popularização da internet e a chegada do WhatsApp são recursos novos para boa parte dos cidadãos.

"Isso demonstra claramente uma falha na educação digital que precisa ser corrigida com urgência. Prova que há uma ausência de educação digital no Brasil", afirmou.

Os especialistas ouvidos pela reportagem apontam ainda que a formação de bolhas ideológicas nas redes também facilita a propagação de notícias falsas. O psiquiatra faz uma nova analogia com times de futebol para explicar o fenômeno.

"As pessoas procuram estar perto dos pertencentes aos grupos que se identificam. Isso é natural. Se o cara é palmeirense, ele vai tentar andar com o grupo dos palmeirenses. Isso não tem nenhum problema. O problema é quando a gente perde a capacidade de senso crítico, fica cego, e perde a habilidade de saber se os palmeirenses estão mentindo", afirmou.

[...]

Entre as causas destacadas no texto precedente para o sucesso das *fake news* (notícias falsas), são citadas pelo texto:

I – Analfabetismo digital.

II – Bolhas ideológicas.

III – Impulsividade.

IV – Influência do futebol.

Estão **CORRETAS** as afirmativas:

a) I e II apenas.

b) II, III e IV apenas.

c) I, II e III apenas.

d) I, II e IV apenas.

054. (IBGP/PREF. DE ST. LUZIA/TÉCNICO EM INFORMÁTICA/2018) O texto precedente propõe relações de analogia, cuja finalidade é facilitar a compreensão de determinado assunto, por parte do grande público, a partir da comparação com elementos de outro tema que é considerado mais acessível e simples.

São relações de analogia propostas pelo texto precedente, **EXCETO**:

a) *Fake news* e redes sociais.

b) *Fake news* e religião.

c) *Fake news* e futebol.

d) *Fake news* e drogas.

055. (INÉDITA/2023)

Por que George Orwell é um fenômeno permanente no Brasil

Presença inamovível no topo das listas de livros mais vendidos do Brasil, o britânico George Orwell é um fenômeno editorial no país.

O sucesso se explica a partir de seus dois livros mais famosos: "1984" e "A revolução dos bichos". No primeiro, o autor imagina uma sociedade distópica controlada por um partido

autoritário que suprime a liberdade de decisão, a liberdade de expressão e até mesmo a liberdade de pensamento. No segundo, animais de fazenda organizam uma rebelião contra os humanos, mas logo se veem sendo liderados por um porco ditador – uma crítica ao regime comunista soviético a partir da ascensão de Josef Stálin.

No ranking do site Publish News, uma das fontes mais respeitadas no mercado editorial brasileiro, as duas obras ocupavam o pódio da lista na manhã de 23 de dezembro. Na lista parcial de 2020, "1984" e "A revolução dos bichos" ocupam a terceira e a quarta posição dos mais vendidos do ano, perdendo apenas para "Sol da meia-noite", livro de Stephenie Meyer que integra a saga "Crepúsculo", e "A garota no lago", suspense de Charlie Donlea.

No ranking da revista Veja, o cenário se repete: na manhã de 23 de dezembro, "1984" e "A revolução dos bichos" estão no topo da lista, marcando presença nela há 82 e 121 semanas não consecutivas, respectivamente.

De acordo com Emilio Fraia, editor responsável pela obra de Orwell na Companhia das Letras, o momento político do mundo contemporâneo faz com que haja um interesse renovado pelos livros do autor, que trazem temas como liberdade e autoritarismo como eixos centrais.

"É um autor que investigou com muita propriedade questões que se impuseram nas últimas décadas", disse ao Nexo.

"As fake news, o apagamento da verdade, o 'duplipensamento' [conceito apresentado em '1984' em que um indivíduo aceita duas crenças completamente opostas como corretas], a noção de 'mentira institucionalizada' que fundamenta governos com tendências fascistas e totalitárias. Ler Orwell é entrar em contato com reflexões poderosas sobre estes mecanismos", acrescentou.

[https://www.nexojornal.com.br/expresso/2020/12/24/
Por-que-George-Orwell-%C3%A9-um-fen%C3%B4meno-permanente-no-Brasil](https://www.nexojornal.com.br/expresso/2020/12/24/Por-que-George-Orwell-%C3%A9-um-fen%C3%B4meno-permanente-no-Brasil)

No precedente, predomina o discurso

- a) narrativo.
- b) descritivo.
- c) expositivo.
- d) argumentativo.
- e) injuntivo.

056. (INÉDITA/2023)

Com base em Marx e Darwin, romance de Marcelo Rubens Paiva "é aula leve de filosofia"

Um orangotango, enjaulado em um instituto científico, escapa à noite para ler na biblioteca. Ele começa lendo quadrinhos do Batman, mas logo passa aos filósofos gregos, a Hegel, a Darwin e, enfim, a Marx. Torna-se um orangotango darwinista-marxista que, de sua jaula, tece comentários e críticas aos humanos. Ao se ver transferido a um zoológico, depois de muito usado pela ciência, ele se revolta e começa a colocar seus conhecimentos em prática: passa a planejar a revolução dos bichos.

É este o enredo de *O orangotango marxista*, novo romance de Marcelo Rubens Paiva, recém-lançado pelo selo Alfaquara, da Companhia das Letras. Na fábula, em tom científico-satírico, o autor usa a voz do símio protagonista para, em suas palavras, “se distanciar dos seres humanos e, assim, criticar, comentar e satirizar o nosso modo de vida”, como um estrangeiro que observa de fora e toma notas – no estilo de *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1880), de Machado de Assis.

“É uma releitura de Marx desde a origem, com um olhar diferente do que estamos acostumados. Mas, ao mesmo tempo, é uma aula leve de filosofia”, conta à CULT o autor, que escreve seu primeiro livro de ficção em algum tempo: os últimos, muito posteriores ao seu mais famoso, *Feliz ano velho* (1982), foram *Meninos em fúria* (2016), sobre o movimento punk brasileiro, e *Ainda estou aqui* (2015) – que, indicado ao Jabuti, aborda a luta de sua mãe contra a ditadura militar na busca pelo marido, o ex-deputado Rubens Paiva, desaparecido durante o regime.

“Os gêneros [literários] não se aproximam, mas acho que minha forma de olhar para a sociedade, seja na ficção ou na não ficção, continua sempre sendo a mesma”, diz o autor. À CULT, Paiva fala sobre as inspirações, leituras e referências para a criação do orangotango:
De onde veio a ideia de escrever essa “fábula”? Por que narrar a atualidade pelos olhos de um bicho?

Tenho ido muito ao zoológico e, ali, observado como os animais nos olham. É um olhar de quem assiste televisão ou a um espetáculo. Imaginei eles assistindo à transformação da humanidade: da espécie mais evoluída do planeta, temos nos tornado uma humanidade marcada pelo uso do celular, pelo sedentarismo, pela obesidade e pela despreocupação com o mundo ao redor. O mais preocupante é que esquecemos, aos poucos, a curiosidade científica e filosófica. Eu percebi que me identificava com essa visão dos animais, de certa forma.

Logo antes de *O orangotango marxista*, você escreveu livros de não-ficção e históricos, como *Ainda Estou Aqui*. Os dois gêneros se aproximam de alguma forma?

Os gêneros não se aproximam, mas acho que minha forma de olhar para a sociedade, seja na ficção ou na não ficção, continua sendo a mesma. Como cronista e escritor, eu escrevi ficções, como *Blacaute* (1986) e *E aí, comeu?* (2012), mas a ironia está presente em muitas das coisas que eu faço. Sou muito apegado à história brasileira, aos direitos humanos, mas também gosto de satirizar tudo isso, o que permite que, entre piadas, se façam críticas mais agudas. Acho que faz parte da minha personalidade, esse uso da ironia como uma arma. *E aí, comeu?*, por exemplo, é uma crítica ao ambiente machista. O humor é um instrumento para provocar.

Helô D'Angelo, Cult. 2018.

A que gênero textual pertence o precedente?

- a) ensaio.
- b) editorial.
- c) crônica.
- d) entrevista.
- e) reportagem.

057. (INÉDITA/2023) Neste excerto do texto precedente, as aspas são empregadas para “É uma releitura de Marx desde a origem, com um olhar diferente do que estamos acostumados. Mas, ao mesmo tempo, é uma aula leve de filosofia”

- a) identificar o título de uma obra.
- b) destacar uma fala irônica.
- c) identificar uma palavra estrangeira.
- d) identificar imprecisão vocabular.
- e) delimitar uma fala de Marcelo Rubens Paiva.

058. (INÉDITA/2023)

Mais corporativismo que segurança

Nas últimas semanas, a discussão sobre os projetos de lei orgânica das Polícias Civil e Militar ocupou o debate público no país. São propostas estacionadas no Congresso há muitos anos, mas que ganharam certa tração no final do ano passado. Embora as duas leis orgânicas mereçam uma profunda discussão, foi a das Polícias Militares que despertou maior preocupação, por conta do excessivo caráter corporativo e dos riscos aos aspectos democráticos de organização das polícias e da segurança pública no país.

As leis orgânicas cumprem o importante papel de regulamentar a organização geral das polícias, prevendo garantias, direitos e deveres, assim como, no caso das polícias e bombeiros militares, questões sobre efetivo e inatividade. Estabelecem as bases gerais que asseguram às instituições condições estruturais para o adequado cumprimento de suas atribuições e para o aprimoramento e valorização de seus quadros. Os projetos têm sido amplamente debatidos junto às entidades representativas dos profissionais envolvidos; supostamente sintetizam o que há de mais consensual dentre os diversos pontos de vista.

Mas não é possível discutir as leis orgânicas das polícias sem atentar para os aspectos que o corporativismo dessas instituições está privilegiando. Não se verifica a preocupação com a melhoria da segurança pública e nem com o impacto na redução de crimes e violência como pano de fundo nesses projetos.

O projeto de organização das polícias e bombeiros militares, em especial, se destaca pelo reforço de alguns aspectos dessa visão corporativista limitante. A reestruturação do quadro de oficiais favorece privilégios em detrimento da eficiência, com a criação de mais três patentes, em simetria às Forças Armadas, totalizando dezenove níveis hierárquicos na corporação. A aproximação com as carreiras jurídicas de estado, colocada na alteração dos requisitos para ingresso, descharacteriza completamente o papel e a especificidade da instituição policial, ainda que decorrente de uma demanda legítima de valorização profissional e salarial. Por fim, as principais mudanças que impactam a progressão nas carreiras falham em oferecer resposta às demandas de valorização e profissionalização defendidas pelas associações representativas da carreira de praças.

Beatrix Graeff e Carolina Ricardo. Revista Piauí. Fevereiro de 2021.

Considerando o texto precedente, informe se é verdadeiro (V) ou falso (F) o que se afirma a seguir e assinale a alternativa com a sequência correta.

- () No segundo parágrafo, as autoras descrevem as funções das leis orgânicas das polícias.
() No quarto parágrafo, as autoras apresentam a defesa de um ponto de vista, o qual é favorável ao atual projeto de organização das polícias e bombeiros militares.
() No último período do segundo parágrafo, a forma “supostamente” expressa um ponto de vista das autoras em relação ao que se afirma.
- a) V – V – V.
b) F – V – V.
c) V – F – V.
d) V – F – F.
e) F – F – F.

059. (INÉDITA/2023)**Diamantes no deserto**

Vales marcados pela intensa aridez parecem ter se tornado ambientes ideais para o florescimento de frutos típicos do século XXI: os produtos tecnológicos. O maior centro de inovação do planeta se encontra em uma região seca da Califórnia. Todos os anos, o Vale do Silício concentra 50 bilhões de dólares de investimentos de alto risco, usualmente destinados a startups – quase metade do montante movimentado dentro dos Estados Unidos –, além de 15% da produção de patentes desse país.

A mais de 10.000 quilômetros de distância de lá, no Oriente Médio, o Deserto de Nevegue, em Israel, vê crescer, sobre seu solo abrasador, um complexo industrial que põe o território em disputa direta com a cidade chinesa de Shenzhen pelo posto de maior polo de inovação do mundo. No oásis tecnológico proliferam companhias de ponta, que se espalham ainda pela costa litorânea, nos arredores de Tel-Aviv, fazendo dessa pequeníssima nação, com menos de 10% da área do Estado de São Paulo e população pouco maior que a da cidade do Rio de Janeiro, um sinônimo de progresso.

Como Israel transformou um deserto árido em centro de inovação mundial? Responde Ran Natanzon, especialista em vender tal faceta do país: “Trata-se de uma combinação dos seguintes fatores, todos igualmente essenciais: somos uma nação altamente militarizada; mantemos a indústria em ligação com as pesquisas acadêmicas; o governo atua para fomentar o setor; há operação ativa de fundos de investimentos e multinacionais; e existe uma proliferação de startups”. Todo israelense, homem ou mulher, é obrigado a servir no Exército ao completar 18 anos. O que não quer dizer, no entanto, que o contingente completo vá para a linha de frente. Há, por exemplo, uma unidade, a 8.200, integrante do Corpo de Inteligência das Forças de Defesa, cujos membros se dedicam a decifrar códigos de computador. “Essa tropa fornece veteranos hábeis em trabalhar com segurança de dados digitais e em outras áreas do mercado da tecnologia”, explicou o engenheiro israelense Lavy Shtokhamer, que chefia uma divisão que

mescla agentes ligados ao governo e representantes de empresas parceiras, como a IBM, em ações contra ataques de hackers que têm como alvo Israel ou, como vem sendo mais frequente, sistemas de companhias privadas.

(Filipe Vilicic. Veja, 12.02.2020. Adaptado)

Analizando-se a organização do texto precedente, conclui-se que ele é predominantemente:

- a) injuntivo.
- b) argumentativo.
- c) desritivo.
- d) expositivo.
- e) narrativo.

060. (INÉDITA/2023)

O Supremo na baliza política e o Brasil entre o passado e o futuro

No duplo *twist* carpado que se tornou a política brasileira, na segunda-feira, 8 de março de 2021, jornalistas, tuiteiros e o tio do *zap* entram em polvorosa com a posição do ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Edson Fachin, que anulou todas as decisões tomadas pela 13ª Vara Federal de Curitiba em relação aos quatro processos contra o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Na prática, significa que Fachin simplesmente tornou sem efeito as condenações da Operação Lava Jato em relação a Lula, que passa, então, a ser elegível para a disputa presidencial de 2022. Como se a animação fosse pouca, nesta terça o ministro Gilmar Mendes resolveu colocar a questão em pauta na 2ª turma do STF, na qual Fachin é relator dos mencionados processos.

Gilmar Mendes fez do seu voto sobre os processos que envolviam Lula na Lava Jato um verdadeiro memorial das arbitrariedades da Operação. Lá pelas tantas, entre comentários que se referiam até aos métodos “soviéticos” do ex-juiz e comandante da operação, Sérgio Moro, ele lembrou que a suspeição precede a competência. Assim, divergia da posição de Fachin e ia direto em um ponto já levantado por quem cobre o Supremo de perto: o de que Fachin, conhecido por sua defesa pública da Lava Lata, teria feito tal movimento como preço a pagar para salvar Moro. Explica-se: no escopo de sua decisão sobre a falta de competência da 13ª Vara Federal de Curitiba para julgar Lula, o ministro julgou prejudicados os *Habeas Corpus* que questionam a imparcialidade de Moro. Contudo, parece que a manobra não funcionou. O julgamento da 2ª turma foi interrompido pelo pedido de vistas de Nunes Marques (com o placar de 2 a 2 contra Fachin), mas a sensação é de que os processos contra Lula tanto começam a pesar para os ministros como seu andamento pode ser um importante instrumento de sinalização política do Tribunal. Os ministros divergem sobre a Lava Jato, mas com Moro completamente diminuto em poder e influência, as decisões sobre a Operação jogam a última pá de cal nas aspirações da República de Curitiba e levantam o debate sobre as eleições de 2022.

Fato é que poderíamos gastar dias olhando para o xadrez da movimentação dos instrumentos jurídicos. Contudo, aqui levanto o olhar e tento fazer uma análise em um panorama médio. Como circulou em um tuíte, em uma semana Lula será elegível e vacinado. A marotice da

frase é a síntese perfeita de que Lula volta à cena como potencial candidato do PT para disputar as eleições presidenciais, que, diga-se, estão logo ali. A expectativa de ver o ex-presidente de novo no jogo gerou festejos entre seus apoiadores e simpatizantes, mas também ânimo em uma parcela bolsonaristas que pretendem ver o atual ocupante do Planalto disputando a eleição com Lula. Há uma divisão nessa análise, nem todos acreditam nela, mas para um grupo há a aposta na conhecida polarização que reanimaria o antipetismo. Com isso, apesar do caos instalado no país, os insatisfeitos continuariam a insistir na opção Bolsonaro. Essa questão está posta e não pode ser esquecida. A esta altura do campeonato, faltando pouco mais de um ano para as eleições, o movimento é de escolha dos candidatos e também dos seus opositores.

(Grazielle Albuquerque, *Le Monde Diplomatique*. 9-3-2021. Adaptado)

Na frase do primeiro parágrafo – No duplo *twist carpado* que se tornou a política brasileira, na segunda-feira, 8 de março de 2021, jornalistas, tuiteiros e o tio do *zap* entram em polvorosa com a posição do ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Edson Fachin –, a autora:

- a) adota uma linguagem formal e objetiva.
- b) apresenta-se em primeira pessoa, narrando eventos nos quais participa ativamente.
- c) não contextualiza temporalmente os fatos apresentados.
- d) o termo “duplo twist carpado” faz referência aos movimentos de ginástica executados por Edson Fachin.
- e) adota uma linguagem informal e subjetiva.

061. (INÉDITA/2023) Analisando-se a organização do texto precedente, conclui-se que ele é predominantemente:

- a) argumentativo.
- b) injuntivo.
- c) desritivo.
- d) narrativo.
- e) dialogal.

062. (INÉDITA/2023) Há marcas de pessoalidade em:

- a) “ele [Gilmar Mendes] lembrou que a suspeição precede a competência” (2º parágrafo).
- b) “na qual Fachin é relator dos mencionados processos” (2º parágrafo).
- c) “aqui levanto o olhar e tento fazer uma análise em um panorama médio” (3º parágrafo).
- d) “O julgamento da 2ª turma foi interrompido pelo pedido de vistas de Nunes Marques” (2º parágrafo).
- e) “no escopo de sua decisão sobre a falta de competência da 13ª Vara Federal de Curitiba para julgar Lula, o ministro julgou prejudicados os Habeas Corpus que questionam a imparcialidade de Moro” (2º parágrafo).

063. (INÉDITA/2023) Abaixo estão apontados cinco diferentes gêneros textuais; o gênero que mostra seu principal domínio discursivo de forma adequada é:

- a) reportagem: comercial.
- b) bula de remédio: saúde.
- c) mandado de busca: industrial.
- d) crônica: publicitário.
- e) monografia: jornalístico.

064. (INÉDITA/2023) Observe o seguinte diálogo

- Márcio, o uso de máscara e o isolamento social são medidas eficientes para reduzir os casos de contágio, por isso devem ser adotadas.
- Mas ontem eu vi você sem máscara conversando com a sua filha, Antônio!

Sendo esse um texto argumentativo, o segundo argumentador apela para a seguinte estratégia:

- a) apelo ao bom senso.
- b) crítica ao argumentador, não ao argumento.
- c) apelo à autoridade.
- d) adoção de tergiversação.
- e) construção de um círculo vicioso.

065. (INÉDITA/2023) A opção em que a passagem do discurso direto para o indireto é feita de forma **inadequada** é:

- a) O filho pergunta: “Mãe, como é possível a senhora ser tão bonita, tão magrinha e ter cabelos com tanto brilho?”/O filho perguntou à mãe como era possível ela ser tão bonita, tão magrinha e ter os cabelos com tanto brilho.
- b) O paciente diz: “O meu problema, doutor, é que eu não consigo encontrar uma mulher à minha altura”/O paciente disse ao doutor que o problema dele era que não conseguia encontrar uma mulher à altura dele.
- c) O peixe afirma: “Logo, essa minhoca está aí por um motivo”/O peixe afirmou que alguém havia colocado aquela minhoca lá e que ela estava lá por algum motivo.
- d) “A planta leu a mente dele?”, indagam os autores. Backster teve vontade de sair pelas ruas gritando: “As plantas pensam!”/Indagam os autores que a planta lera a mente dele. Backster teria tido vontade de sair pelas ruas gritando que as plantas pensavam.
- e) Dona Benta, indiscreta, perguntou ao forasteiro: “É o senhor o hóspede que se fantasiou de fantasma durante a festa?”/Dona Benta, indiscreta, perguntou ao forasteiro se era ele o hóspede que se fantasiara de fantasma durante a festa.

066. (INÉDITA/2023) Observe o texto a seguir.

Meu ritual nos fins de tarde era sempre o mesmo: descia da perua escolar, corria pra casa, largava a mochila embaixo da escada, tomava banho, vestia uma roupa confortável, me aboletava no sofá e, enquanto a Vanda preparava o jantar, assistia a *Spectreman*.

Naquela tarde, contudo, quando desci da perua, dei com a mãe do Henrique me esperando na calçada: Vanda tivera que sair às pressas para visitar a prima no hospital, e eu deveria ficar na vizinha até minha mãe voltar do trabalho. Tudo certo, eu convivia com aquela família desde que me conhecia por gente e, apesar do leve incômodo que a quebra da rotina sempre traz, não me importei.

(Antonio Prata. *Nu, de botas*. Companhia das Letras, 2013)

A **finalidade** essencial desse texto é:

- a) descrever o ambiente em que os eventos ocorrem.
- b) apresentar uma reflexão sobre a necessidade de os jovens serem resilientes.
- c) divulgar um programa televisivo.
- d) apresentar um relato sobre eventos cotidianos do narrador.
- e) ilustrar o modo como a desigualdade social se manifesta no dia a dia dos jovens.

Caros membros da Secretaria de Redação e do Conselho Editorial da Folha,

Nós, jornalistas da Folha aqui subscritos, vimos por meio desta carta expressar nossa preocupação com a publicação recorrente de conteúdos racistas nas páginas do jornal. Sabemos ser incomum que jornalistas se manifestem sobre decisões editoriais da chefia, mas, se o fazemos neste momento, é por entender que o tema tenha repercussões importantes para funcionários e leitores do jornal e no intuito de contribuir para uma Folha mais plural. O episódio a motivar esta carta foi a publicação de artigo de opinião intitulado “Racismo de negros contra brancos ganha força com identitarismo” (Ilustrada Ilustríssima, 16/1), em que Antonio Risério identifica supostos excessos das lutas identitárias, que estariam levando a racismo reverso.

[...]

Reconhecemos o pluralismo que está na base dos princípios editoriais da Folha e a defesa que nela se faz da liberdade de expressão. No entanto estes não se dissociam de outros valores que o jornalismo deve defender, como a verdade e o respeito à dignidade humana. A Folha não costuma publicar conteúdos que relativizam o Holocausto, nem dá voz a apologistas da ditadura, terraplanistas e representantes do movimento antivacina.

Por que, então, a prática seria outra quando o tema é o racismo no Brasil? Se textos como o de Antonio Risério atraem audiência no curto prazo, sua consequência seguinte é minar a credibilidade, que é, e deve ser, o pilar máximo de um jornal como a Folha. Por esses motivos, convidamos a uma reflexão e uma reavaliação sobre a forma como o racismo tem sido abordado na Folha. Acreditamos que buscar audiência às expensas da população negra seja incompatível com estar a serviço da democracia.

(Carta aberta de jornalistas da Folha à direção do jornal, 19 de janeiro de 2022)

067. (INÉDITA/2023) O texto 1 pertence ao gênero **carta argumentativa**. Levando em consideração o texto lido, assinale a característica menos adequada a esse gênero.

- a) Explicitação do destinatário da carta por meio do vocativo.
- b) Adoção de expressões coloquiais e de linguagem figurada.
- c) Estruturação textual coesa, clara e objetiva.
- d) Apresentação de argumentação que sustenta o ponto de vista de quem subscreve a carta.
- e) Emprego de formas verbais e pronominais em primeira pessoa.

068. (INÉDITA/2023) O texto a seguir foi retirado de uma Carta do Leitor do jornal Folha de S. Paulo, de 17 de fevereiro de 2022.

Chegar bem aos 100

Excelente o artigo de Karla Giacomin na coluna Como Chegar Bem aos 100 (“Desconstrução de políticas de Estado precisa ser denunciada, Corrida, 17/2). Precisamos denunciar essa desconstrução política, especialmente aquelas que contemplam as necessidades da população idosa.

Marília Berzins (São Paulo, SP)

A marca que NÃO está presente nesse gênero textual é:

- a) a presença da assinatura do emissor.
- b) a utilização de linguagem próxima à do jornal.
- c) o emissor busca posiciona-se em relação a determinada publicação ou acontecimento recente.
- d) o emprego de intertextualidade.
- e) uma solicitação de resposta do jornal acerca do questionamento realizado.

069. (INÉDITA/2023) Assinale a opção que apresenta uma falácia argumentativa caracterizada adequadamente.

- a) O Pelé foi o maior jogador de futebol de todos os tempos, pois não houve alguém melhor que ele./generalização excessiva.
- b) Doe para a nossa instituição de caridade. Quando você deixa de doar, muitas crianças passam fome e podem até morrer./apelo à emoção
- c) Quem lê livros deve ser considerado um bom cidadão por seu alto nível intelectual./ simplificação exagerada.
- d) Existe apenas um bem, o saber, e apenas um mal, a ignorância./argumento em círculo vicioso.
- e) A carreira de um artista é muito exigente. É por isso que todos fazem uso de drogas./ apelo ao absurdo.

070. (INÉDITA/2023) O ato de descrever corresponde a atribuir ao objeto da descrição informações, qualificações, estados, caracterizações ou relações.

A opção abaixo em que o adjetivo indica uma caracterização objetiva é:

- a) mulher refinada.
- b) carro velho.
- c) porão soturno.
- d) restaurante chique.
- e) sapato preto.

071. (INÉDITA/2023) Assinale a frase a seguir que se apoia em um raciocínio indutivo.

- a) Os jogos da *Champions League* já deveriam ser abertos ao público, pois, assim, haveria mais emoção e incentivo; no jogo Real Madrid x Celtic, por exemplo, o Real Madrid poderia ter obtido melhor resultado ontem, se a torcida estivesse na arquibancada.
- b) Diversos Institutos Federais estão apresentando mais sucesso nos exames vestibulares, daí que os processos seletivos do Instituto Federal de Goiás sejam tão disputados.
- c) Durante a pandemia, o Hospital de Base, em Brasília, atendeu a um número excessivo de casos de COVID-19 e enfrentou as dificuldades oriundas da falta de profissionais, mas, na verdade, os hospitais públicos, em todas as grandes cidades, estão passando por isso.
- d) Observando alguns turistas estrangeiros, deduzimos que os norte-americanos são mais ricos que os sul-americanos, pois aqueles gastam mais.
- e) São pagos todos os que compõem o tribunal do júri. O presidente, o procurador da justiça, os advogados, os porteiros, possivelmente as testemunhas; a que título só os jurados, que deixam seus negócios, hão de trabalhar de graça?

072. (INÉDITA/2023) Nos enunciados abaixo, pode-se observar a presença de diferentes tipologias textuais como base dos gêneros materializados nas sequências enunciativas. Numere os parênteses conforme o código de cada tipologia.

- () Observe os itens apresentados pelo Guia **do desafio: turismo sustentável:** I – Pesquise o destino: conheça a história, cultura e problemas locais; II – Cumpra as regras de visitação: não abra novas trilhas, não acenda fogueiras e não deixe marcas em grutas; III – Escolha os serviços: pousada e agência regularizados pagam impostos que ajudam a manter o local; e IV – respeite a natureza: não imponha som alto à fauna. Não deixe lixo na área, nem mate animais peçonhentos.
- () Antes de ser o pintor de algumas das obras mais famosas do mundo, como a "Mona Lisa" e "A Última Ceia", Leonardo da Vinci também era engenheiro, arquiteto e inventor; e, em 1482, o gênio renascentista estava em busca de um emprego.
- () Esvaziei a mala, dependurei a blusa amarrrotada num cabide que enfiei num vâo da veneziana, preendi na parede, com durex, uma gravura de Grassmann e sentei meu urso de pelúcia em cima do travesseiro. Fiquei vendo minha prima subir na cadeira, desatarraxar a lâmpada fraquíssima que pendia de um fio solitário no meio do teto

e no lugar atarraxar uma lâmpada de duzentas velas que tirou da sacola. O quarto ficou mais alegre.

- () Outro dado da pesquisa revela que 75% dos entrevistados nunca leem jornais e 85% nunca leem qualquer revista. Apenas 6% dos brasileiros entrevistados disseram ler jornais diariamente. Mesmo em baixa, o jornal impresso é o veículo apontado como de maior credibilidade: 53% das pessoas consultadas responderam que confiam sempre, ou muitas vezes, nos jornais.

- (1) narrativa.
(2) descritiva.
(3) expositiva.
(4) injuntiva.

Está correta a sequência:

- a) 1, 2, 3, 4.
b) 1, 3, 4, 2.
c) 4, 2, 1, 3.
d) 3, 4, 1, 2.

073. (CEBRASPE/SEDUC-AL/PROFESSOR/2018)

Neste final de semana, esta Folha publicou editorial criticando a proposta de ampliar a pena daqueles que assassinam mulheres por “razões de gênero”. O Texto alega que tal “populismo” jurídico seria uma extravagância, já que todas as circunstâncias agravantes que poderiam particularizar o homicídio contra mulheres (motivo fútil, crueldade, dificuldade de defesa) estariam contempladas pela legislação vigente. Neste sentido, criar a categoria jurídica “razões de gênero” de nada serviria, a não ser para quebrar o quadro universalista que deveria ser o fundamento da lei.

Vladimir Safatle. Feminicídio. In: Folha de S. Paulo. mar./2015, p. A 2.

Trata-se de um Texto publicado no jornal para o qual o próprio autor escreve, havendo indícios de que ele apresentará a tal Texto uma crítica.

(CEBRASPE/SEDUC-AL/PROFESSOR/2018)

- 1 O índice de leitura no Brasil continua baixo. Uma pesquisa realizada pelo Instituto Pró-Livro revelou que, após sair da escola, o brasileiro lê em média 1,3 livro por ano.
4 Quando se inclui a leitura de didáticos e paradidáticos — aqueles títulos lidos por obrigação, como parte do programa de alguma disciplina —, o número sobe para 4,7. Ainda assim, 7 trata-se de uma média baixíssima se comparada à de países

desenvolvidos. Cada francês, por exemplo, lê, em média, anualmente, sete livros; na Finlândia, são mais de 25. O levantamento apontou também que 45% dos entrevistados não havia lido nenhuma obra sequer nos três meses anteriores à enquete. O estudo, feito entre novembro e dezembro de 2007, também mostrou que, para os brasileiros, a leitura é apenas a quinta opção de entretenimento. Em primeiro lugar, está a televisão. Alguma surpresa?

Leitura em baixa. In: Welcome Congonhas. Camarinha Editora & Comunicação, jul./2008, p. 9 (com adaptações).

No que se refere ao **Texto** precedente e às ideias nele veiculadas, julgue os itens subsequentes.

074. (CEBRASPE/PROFESSOR/SEDUC-AL/2018) Conforme as pesquisas citadas no **Texto**, o brasileiro não sabe ler.

075. (CEBRASPE/SEDUC-AL/PROFESSOR/2018) O **Texto** é um artigo de opinião no qual o autor discute o baixo envolvimento do brasileiro com a leitura em oposição ao que ocorre na França e na Finlândia.

076. (CEBRASPE/ABIN/AGENTE/2018)

Texto CB3A1AAA

1 A atividade de inteligência é o exercício de ações especializadas para a obtenção e análise de dados, produção de conhecimentos e proteção de conhecimentos para o país.
4 Inteligência e contrainteligência são os dois ramos dessa atividade. A inteligência compreende ações de obtenção de dados associadas à análise para a compreensão desses dados.
7 A análise transforma os dados em cenário comprehensível para o entendimento do passado, do presente e para a perspectiva de como tende a se configurar o futuro. Cabe à inteligência tratar fundamentalmente da produção de conhecimentos com o objetivo específico de auxiliar o usuário a tomar decisões de maneira mais fundamentada. A contrainteligência tem como atribuições a produção de conhecimentos e a realização de ações voltadas à proteção de dados, conhecimentos, infraestruturas críticas — comunicações, transportes, tecnologias de informação — e outros ativos sensíveis e sigilosos de interesse do Estado e da sociedade. O trabalho desenvolvido pela contrainteligência tem foco na defesa contra ameaças como a espionagem, a sabotagem, o vazamento de informações e o terrorismo, patrocinadas por instituições, grupos ou governos estrangeiros.

Internet: <www.abin.gov.br> (com adaptações).

No **Texto**, predomina a tipologia textual expositiva, dado o seu objetivo comunicativo de transmitir ao leitor um conjunto de informações relativas às atividades desenvolvidas sob o rótulo de inteligência.

Texto 1A9BBB

1 Sérgio Buarque de Holanda afirma que o processo de integração efetiva dos paulistas no mundo da língua portuguesa ocorreu, provavelmente, na primeira metade 4 do século XVIII. Até então, a gente paulista, fossem índios, brancos ou mamelucos, não se comunicava em português, mas em uma língua de origem indígena, 7 derivada do tupi e chamada língua brasílica, brasiliiana ou, mais comumente, geral.

No Brasil colônia, coexistiam duas versões de 10 língua geral: a amazônica, ou nheengatu, ainda hoje empregada por cerca de oito mil pessoas, e a paulista, que desapareceu, não sem que deixasse marcas na toponímia 13 do país e na língua portuguesa. São elas que nos possibilitam olhar um caipira jururu à beira de um igarapé socando milho para preparar mingau — sem os termos 16 que migraram para o português, só veríamos um habitante da área rural, melancólico, preparando comida às margens de um riacho. Sem caipira, sem jururu, sem igarapé, 19 sem socar e sem mingau, a cena poderia descrever uma bucólica paisagem inglesa.

O idioma da gente paulista formou-se como 22 resultado de duas práticas: a miscigenação de portugueses e índias e a escravização dos índios. Os primeiros europeus que aqui aportaram, sem mulheres, uniram-se às nativas 25 e criaram os filhos juntos e misturados — as crianças usavam o tupi da mãe e o português do pai. Aos poucos, essas famílias mestiças se afastavam da cultura indígena 28 e casavam entre si, não mais em suas aldeias de origem. Formava-se assim uma cultura mameluca, nem europeia nem indígena, com uma língua que já não era o tupi, tampouco 31 era o português. Era o que falavam os primeiros paulistas, os bandeirantes, que a difundiram nas bandeiras até as terras que hoje constituem o Mato Grosso e o Paraná.

Branca Vianna. *O contrário da memória*. In: Piauí, ed. 116, maio/2016 (com adaptações).

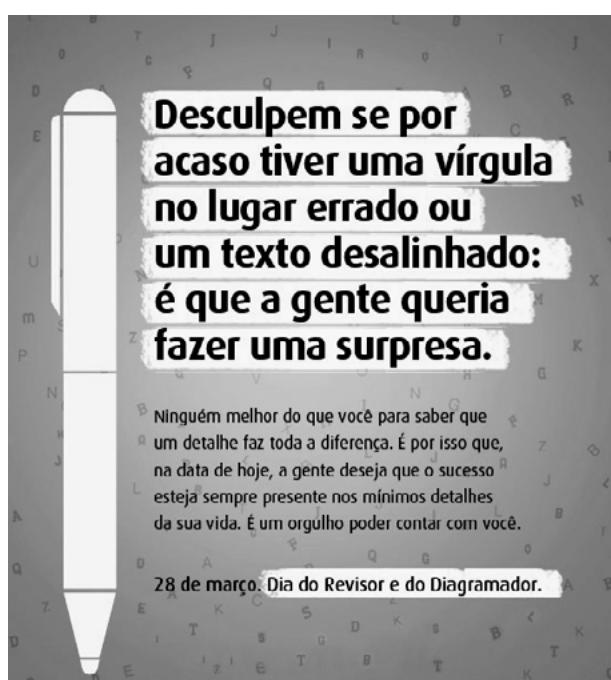
077. (CEBRASPE/SEFAZ-RS/AUDITOR/2018) No **Texto 1A9BBB**, é verificado o emprego de discurso indireto no trecho “Sérgio Buarque de Holanda afirma que o processo (...) metade do século XVIII” (l. 1 a 4).

078. (CEBRASPE/SEFAZ-RS/AUDITOR/2018) O vocábulo “toponímia” (l. 12) refere-se, no **Texto 1A9BBB**, ao conjunto de nomes próprios de lugares.

“Marcas na topónímia do país” = “marcas na origem de nomes geográficos do país”.

079. (CEBRASPE/STM/SUPERIOR/2018)

Texto 6A4CCC



O público a quem a mensagem do **Texto 6A4CCC** se destina é específico: trata-se de revisores e diagramadores.

080. (CEBRASPE/STM/MÉDIO/2018)

Texto CB4A1AAA

- 1 Narração é diferente de narrativa, uma vez que mantém algo da ideia de acompanhar os fatos à medida que eles acontecem. A narrativa é uma totalidade de 4 acontecimentos encadeados, uma espécie de soma final, e está presente em tudo: na sequência de entrada, prato principal e sobremesa de um jantar; em mitos, romances, contos, novelas, 7 peças, poemas; no Curriculum vitae; na história dos nossos corpos; nas notícias; em relatórios médicos; em conversas,

desenhos, sonhos, filmes, fábulas, fotografias. Está nas óperas, 10 nos videoclipes, videogames e jogos de tabuleiro. A narração, por sua vez, é basicamente aquilo que um narrador enuncia. Uma contagem de palavras na base de dados do 13 Google mostra uma mudança nos usos de narrativa. A palavra vem sendo cada vez mais empregada nas últimas décadas, mas seu sentido vem mudando. 16 A expressão disputa de narrativas, que teve um boom dos anos 80 do século XX para cá, não costuma dizer respeito à acepção mais literária do termo, como narrativa de um 19 romance. Fala antes sobre trazer a público diferentes formas de narrar o mundo, para que narrativas plurais possam ser elaboradas e disputadas. É um uso do termo que talvez 22 aproxime narrativa de narração, porque sugere que toda narrativa histórica e cultural carrega em si um processo e um movimento e que dentro dela há sempre sinais deixados pelas 25 escolhas de um narrador.

Sofia Nestrovski. Narrativa. Internet: <www.nexojornal.com.br> (com adaptações).

Dadas a temática apresentada e a presença de referências temporais, como as expressões “nas últimas décadas” (l. 14) e “dos anos 80 do século XX para cá” (l. 17), o **Texto** classifica-se como narrativo.

081. (CEBRASPE/TCE-PB/AGENTE/2018)

Texto 1A1AAA

1 O medo do esquecimento obcecou as sociedades europeias da primeira fase da modernidade. Para dominar sua inquietação, elas fixaram, por meio da escrita, os traços do 4 passado, a lembrança dos mortos ou a glória dos vivos e todos os textos que não deveriam desaparecer. A pedra, a madeira, o tecido, o pergaminho e o papel forneceram os suportes nos 7 quais podia ser inscrita a memória dos tempos e dos homens. No espaço aberto da cidade, no refúgio da biblioteca, na magnitude do livro e na humildade dos objetos mais 10 simples, a escrita teve como missão conjurar contra a fatalidade da perda. Em um mundo no qual as escritas podiam ser apagadas, os manuscritos podiam ser perdidos e os livros 13 estavam sempre ameaçados de destruição, a tarefa não era fácil. Paradoxalmente, seu sucesso poderia criar, talvez, outro perigo: o de uma incontrolável proliferação textual de um 16 discurso sem ordem nem limites. O excesso de escrita, que multiplica os textos inúteis e abafa o pensamento sob o acúmulo de discursos, foi 19 considerado um perigo tão grande quanto seu contrário. Embora fosse temido, o apagamento era necessário, assim

como o esquecimento também o é para a memória. Nem todos
 22 os escritos foram destinados a se tornar arquivos cuja proteção
 os defenderia da imprevisibilidade da história. Alguns foram
 traçados sobre suportes que permitiam escrever, apagar e
 25 depois escrever de novo.

Roger Chartier. Inscrever e apagar: cultura escrita e literatura (séculos XI-XVIII). Trad.: Luzmara Curcino Ferreira. São Paulo: UNESP, 2007, p. 9-10 (com adaptações).

Predomina no **Texto** 1A1AAA a tipologia narrativa.

082. (CEBRASPE/CGM-PB/TÉCNICO/2018)



O **Texto** apresentado combina elementos das tipologias expositiva e injuntiva.

083. (CEBRASPE/STM/SUPERIOR/2018)**Texto 6A1AAA**

1 Está demonstrado, portanto, que o revisor errou, que se não errou confundiu, que se não confundiu imaginou, mas venha atirar-lhe a primeira pedra aquele que não tenha errado,
4 confundido ou imaginado nunca. Errar, disse-o quem sabia, é próprio do homem, o que significa, se não é erro tomar as palavras à letra, que não seria verdadeiro homem aquele que
7 não errasse. Porém, esta suprema máxima não pode ser utilizada como desculpa universal que a todos nos absolveria de juízos coxos e opiniões mancas. Quem não sabe deve
10 perguntar, ter essa humildade, e uma precaução tão elementar deveria tê-la sempre presente o revisor, tanto mais que nem sequer precisaria sair de sua casa, do escritório onde agora está
13 trabalhando, pois não faltam aqui os livros que o elucidariam se tivesse tido a sageza e prudência de não acreditar cegamente naquilo que supõe saber, que daí é que vêm os enganos piores,
16 não da ignorância. Nestas ajoujadas estantes, milhares e milhares de páginas esperam a cintilação duma curiosidade inicial ou a firme luz que é sempre a dúvida que busca o seu
19 próprio esclarecimento. Lancemos, enfim, a crédito do revisor ter reunido, ao longo duma vida, tantas e tão diversas fontes de informação, embora um simples olhar nos revele que estão
22 faltando no seu tombo as tecnologias da informática, mas o dinheiro, desgraçadamente, não chega a tudo, e este ofício, é altura de dizê-lo, inclui-se entre os mais mal pagos do orbe.
25 Um dia, mas Alá é maior, qualquer corrector de livros terá ao seu dispor um terminal de computador que o manterá ligado, noite e dia, umbilicalmente, ao banco central de dados, não
28 tendo ele, e nós, mais que desejar que entre esses dados do saber total não se tenha insinuado, como o diabo no convento, o erro tentador.
31 Seja como for, enquanto não chega esse dia, os livros estão aqui, como uma galáxia pulsante, e as palavras, dentro deles, são outra poeira cósmica flutuando, à espera do olhar
34 que as irá fixar num sentido ou nelas procurará o sentido novo, porque assim como vão variando as explicações do universo, também a sentença que antes parecera imutável para todo o
37 sempre oferece subitamente outra interpretação, a possibilidade duma contradição latente, a evidência do seu erro próprio.
Aqui, neste escritório onde a verdade não pode ser mais do que

40 uma cara sobreposta às infinitas máscaras variantes, estão os costumados dicionários da língua e vocabulários, os Morais e Aurélios, os Morenos e Torrinhas, algumas gramáticas, o 43 Manual do Perfeito Revisor, vademeco de ofício [...].

José Saramago. *História do cerco de Lisboa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 25-6.

Na construção do **Texto**, o autor, além de narrar fato que aconteceu com “o revisor”, explora, repetidas vezes e de diferentes modos, a ideia de que a dúvida pode ser algo positivo.

Texto CB4A1BBB

1 O Zoológico de Sapucaia do Sul abrigou um dia um macaco chamado Alemão. Em um domingo de Sol, Alemão conseguiu abrir o cadeado de sua jaula e escapou. O largo 4 horizonte do mundo estava à sua espera. As árvores do bosque estavam ao alcance de seus dedos. Ele passara a vida tentando abrir aquele cadeado. Quando conseguiu, em vez de mergulhar 7 na liberdade, desconhecida e sem garantias, Alemão caminhou até o restaurante lotado de visitantes. Pegou uma cerveja e ficou bebericando no balcão.
10 Um zoológico serve para muitas coisas, algumas delas edificantes. Mas um zoológico serve, principalmente, para que o homem tenha a chance de, diante da jaula do outro, 13 certificar-se de sua liberdade e da superioridade de sua espécie. Ele pode então voltar para o apartamento financiado em quinze anos satisfeito com sua vida. Pode abrir as grades da porta 16 contente com seu molho de chaves e se aboletar no sofá em frente à TV; acordar na segunda-feira feliz para o batente. Há duas maneiras de se visitar um zoológico: com ou 19 sem inocência. A primeira é a mais fácil e a única com satisfação garantida. A outra pode ser uma jornada sombria para dentro do espelho, sem glamour e também sem volta.
22 Os tigres-de-bengala são reis de fantasia. Têm voz, possuem músculos, são magníficos. Mas, nascidos em cativeiro, já chegaram ao mundo sem essência. São um desejo 25 que nunca se tornará realidade. Adivinham as selvas úmidas da Ásia, mas nem sequer reconhecem as estrelas. Quando o Sol escorrega sobre a região metropolitana, são trancafios em 28 furnas de pedra, claustrofóbicas. De nada servem as presas a caçadores que comem carne de cavalo abatido em frigorífico. De nada serve a sanha a quem dorme enrodilhado, exilado não 31 do que foi, mas do que poderia ter sido.

Eliane Brum. *O cativeiro*. In: *A vida que ninguém vê*. Porto Alegre: Arquipélago, 2006, p. 53-4 (com adaptações).

Com relação aos sentidos e aos aspectos gramaticais do **Texto** CB4A1BBB, julgue os itens que se seguem.

084. (CEBRASPE/MÉDIO/STM/2018) Ao narrar a história do macaco Alemão e ao comentar a vida dos tigres-de-bengala nascidos em cativeiro, a autora remete à perspectiva de visitar zoológicos que ela classifica como “sem inocência” (l. 19).

085. (CEBRASPE/STM/MÉDIO/2018) A forma verbal “passara” (l. 5) denota um fato ocorrido antes de duas outras ações também já concluídas, as quais são descritas nos dois períodos imediatamente anteriores ao período em que ela se insere.

086. (CEBRASPE/PC-MA/DELEGADO/2018)

Texto CG1A1AAA

1 A paz não pode ser garantida apenas pelos acordos políticos, econômicos ou militares. Cada um de nós, independentemente de idade, sexo, estrato social, crença religiosa etc. é chamado à criação de um mundo pacificado, um mundo sob a égide de uma cultura da paz.

Mas, o que significa “cultura da paz”?

7 Construir uma cultura da paz envolve dotar as crianças e os adultos da compreensão de princípios como liberdade, justiça, democracia, direitos humanos, tolerância, igualdade e solidariedade. Implica uma rejeição, individual e coletiva, da violência que tem sido percebida na sociedade, em seus mais variados contextos. A cultura da paz tem de procurar soluções que advenham de dentro da(s) sociedade(s), que não sejam impostas do exterior.

Cabe ressaltar que o conceito de paz pode ser abordado em sentido negativo, quando se traduz em um estado de não guerra, em ausência de conflito, em passividade e permissividade, sem dinamismo próprio; em síntese, condenada a um vazio, a uma não existência palpável, difícil de se concretizar e de se precisar. Em sua concepção positiva, a paz não é o contrário da guerra, mas a prática da não violência para resolver conflitos, a prática do diálogo na relação entre pessoas, a postura democrática frente à vida, que pressupõe a dinâmica da cooperação planejada e o movimento constante da instalação de justiça.

Uma cultura de paz exige esforço para modificar o pensamento e a ação das pessoas para que se promova a paz.

28 Falar de violência e de como ela nos assola deixa de ser, então, a temática principal. Não que ela vá ser esquecida ou abafada; ela pertence ao nosso dia a dia e temos consciência disso.

31 Porém, o sentido do discurso, a ideologia que o alimenta, precisa impregná-lo de palavras e conceitos que anunciem os valores humanos que decantam a paz, que lhe proclaimam e 34 promovem. A violência já é bastante denunciada, e quanto mais falamos dela, mais lembramos de sua existência em nosso meio social. É hora de começarmos a convocar a presença da paz em 37 nós, entre nós, entre nações, entre povos.

Um dos primeiros passos nesse sentido refere-se à gestão de conflitos. Ou seja, prevenir os conflitos 40 potencialmente violentos e reconstruir a paz e a confiança entre pessoas originárias de situação de guerra é um dos exemplos mais comuns a serem considerados. Tal missão estende-se às 43 escolas, instituições públicas e outros locais de trabalho por todo o mundo, bem como aos parlamentos e centros de comunicação e associações.

46 Outro passo é tentar erradicar a pobreza e reduzir as desigualdades, lutando para atingir um desenvolvimento sustentado e o respeito pelos direitos humanos, reforçando as 49 instituições democráticas, promovendo a liberdade de expressão, preservando a diversidade cultural e o ambiente.

É, então, no entrelaçamento “paz — desenvolvimento 52 — direitos humanos — democracia” que podemos vislumbrar a educação para a paz.

Leila Dupret. Cultura de paz e ações socioeducativas: desafios para a escola contemporânea. In: Psicol. Esc. Educ. (Impr.) v. 6, n. 1. Campinas, jun./2002 (com adaptações).

O **Texto** CG1A1AAA, essencialmente expositivo-argumentativo, estrutura-se a partir da definição de conceitos e do uso de recursos retóricos.

087. (CEBRASPE/EMAP/MÉDIO/2018)

1 É curioso notar que a ideia de porto está presente nas sociedades humanas desde o aparecimento das cidades. Isso porque uma das características das primeiras estruturas 4 urbanas existentes na região do Oriente Próximo foi a

presença do porto.

As primeiras cidades, no sentido moderno, 7 surgiram no período compreendido entre 3.100 e 2.900 a.C., na Mesopotâmia, civilização situada às margens dos rios

Tigre e Eufrates. A estrutura desses primeiros agrupamentos urbanos era tripartite: a cidade propriamente dita, cercada por muralhas, onde ficavam os principais locais de culto e as células dos futuros palácios reais; uma espécie de subúrbio, extramuros, local que agrupava residências e instalações para criação de animais e plantio; e o porto fluvial, espaço destinado à prática do comércio e que era utilizado como local de instalação dos estrangeiros, cuja admissão, em regra, era vedada nos muros da cidade. Não se trata, portanto, de uma criação aleatória apenas vinculada à atividade comercial. O porto aparece como mais um elemento de uma forte mudança civilizacional que marcou o contexto do surgimento das cidades e da escrita. O comportamento fundamental dessa mudança localiza-se no aumento das possibilidades do agir humano, na diversificação dos papéis sociais e na abertura para o futuro. Houve, em resumo, uma ampliação no grau de complexidade da sociedade.

Cristiano Paixão e Ronaldo C Fleury Trabalho portuário — a modernização dos portos e as relações de trabalho no Brasil São Paulo: Método, 2008, p 17-8 (com adaptações)

O **Texto** é predominantemente descritivo, na medida em que apresenta detalhadamente as características dos portos na Antiguidade.

088. (CEBRASPE/TJ-AM/ASSISTENTE/2019)

Texto CB3A1-I

1| O maior desafio do Poder Judiciário no Brasil é tornar-se cada vez mais acessível às pessoas, até mesmo a quem não pode arcar com o custo financeiro de um processo.
4| De um modo amplo, o acesso à justiça significa a garantia de amparo aos direitos do cidadão por meio de uma ordem jurídica justa e, caso tais direitos sejam violados, a 7| possibilidade de ele buscar a devida reparação. Para tornar efetivo esse direito fundamental e popularizá-lo, foram feitas várias mudanças na lei ao longo dos anos. Esse movimento de 10| inclusão é conhecido como ondas renovatórias. Atualmente, já se fala no surgimento da quarta onda, que está relacionada aos avanços da tecnologia.
13| Na primeira onda renovatória, buscou-se superar as barreiras econômicas do acesso à justiça. No Brasil, as medidas para garantir a assistência judiciária a quem não pode arcar

16| com as custas de um processo ou ser assistido por um advogado particular foram efetivadas principalmente pela Lei n.º 1.060, de 1950, e pela criação da Defensoria Pública da União, em 1994, que atende muitos segurados do INSS que têm de recorrer ao Poder Judiciário para conseguir um benefício.

A segunda onda renovatória enfrentou os desafios de tornar o processo judicial acessível a interesses coletivos, de grupos indeterminados, e não apenas limitado a ser um instrumento de demandas individuais. Para assegurar a tutela dos direitos difusos, que dizem respeito à sociedade em geral, foram criados instrumentos para estimular a democracia participativa. Os principais avanços ocorreram com a entrada em vigor da Lei da Ação Civil Pública, em 1985, e do Código de Defesa do Consumidor, em 1990, que, conjuntamente, formaram o microssistema processual para assegurar os interesses da população.

A terceira onda encorajou uma ampla variedade de reformas na estrutura e na organização dos tribunais, o que possibilitou a simplificação de procedimentos e, consequentemente, do processo. Entendeu-se que cada tipo de conflito tem uma forma adequada de solução: a decisão final para uma controvérsia pode ser tomada por um juiz, árbitro ou pelas próprias partes, com ou sem o auxílio de terceiros neutros, como mediadores e conciliadores.

Hoje, na quarta onda renovatória, a chamada revolução digital e suas mudanças rápidas aceleraram a engrenagem judicial. Esse processo de transição do analógico para o digital não se resume apenas à virtualização dos tribunais com a chegada do processo eletrônico. As tecnologias da informação e comunicação oferecem infinitas possibilidades para redesenhar o que se entende por justiça.

As plataformas digitais de solução de conflitos popularizaram serviços antes tidos como caros e pouco acessíveis. Hoje existe até a oferta de experiências de cortes online, nas quais as pessoas têm acesso aos tribunais com um clique, sem sair de casa.

Mariana Faria. O que tecnologia tem a ver com acesso à justiça? 13/6/2018. Internet: <www.dacordo.com.br> (com adaptações).

Como o texto elenca fatos ocorridos ao longo da história da justiça brasileira, é correto classificá-lo como predominantemente narrativo.

089. (CEBRASPE/TJ-AM/ANALISTA/2019)

Texto CB1A1-I

1| Em 1996, no artigo Contratos inteligentes, o criptógrafo Nick Szabo predizia que a Internet mudaria para sempre a natureza dos sistemas legais. A justiça do futuro, 4| dizia, estaria baseada em uma tecnologia chamada contratos inteligentes. Os contratos legais com que habitualmente trabalham os advogados estão escritos em linguagem frequentemente 7| ambígua e sujeita a interpretações diversas. Um contrato inteligente é um acordo escrito em código de software, que, como linguagem de programação, é claro e objetivo.

10| O contrato se executa de maneira automática quando se cumprem as condições acordadas. Ambas as partes podem ter certeza quase total de que o acordo se cumprirá tal como foi 13| combinado. E tudo ocorre em uma rede descentralizada de computadores. Não há nada que as partes possam fazer para evitar o cumprimento do contrato.

16| Imaginemos que Alice compre um automóvel com um crédito bancário, mas deixe de pagar suas prestações. Uma manhã, introduz sua chave digital no veículo, e a porta não 19| abre. Foi bloqueada por falta de cumprimento do contrato. Minutos depois, chega o funcionário do banco com outra chave digital. Abre a porta, liga o motor e parte com o veículo.

22| O contrato inteligente bloqueou, de maneira automática, o uso do dispositivo digital por Alice, porque ela não cumpriu o contrato. O banco recupera o veículo, sem perder tempo com 25| advogados.

Szabo propôs os contratos inteligentes nos anos 90 do século passado. Mas, durante muito tempo, a proposta ficou só 28| na ideia. Até que, em 2014, um jovem russo-canadense de 19 anos de idade, Vitalik Buterin, lançou a Ethereum, uma legaltech que mantém registro compartilhado com a rede 31| bitcoin, mas tem linguagem de programação mais sofisticada que permite a gravação de contratos inteligentes. Os contratos inteligentes prometem automatizar muitas das ações que 34| historicamente se fizeram por meio de sistemas legais, com redução de seus custos e aumento de sua velocidade e segurança.

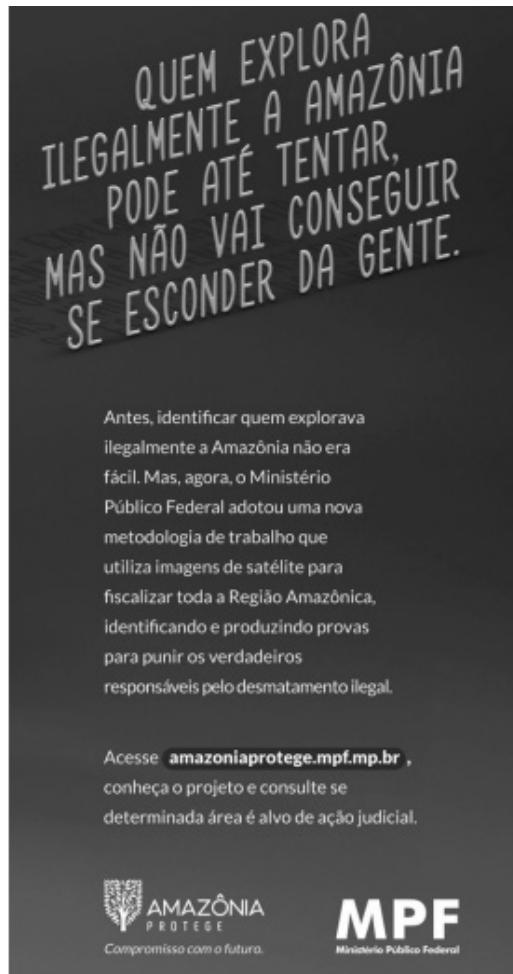
Ainda que o segmento esteja em fase inicial, aos 37| poucos vão surgindo mais legaltechs para aplicar contratos inteligentes em diferentes setores da economia. Um dos principais desafios está no ambiente regulatório — em 40| particular, no reconhecimento legal desses contratos. "Hoje contamos com projetos de implementação de contratos inteligentes com validade legal, como OpenLaw, da ConsenSys

43| (Estados Unidos da América – EUA), Accord Project (EUA e Reino Unido), Agrello (Estônia) e dezenas de pequenos empreendimentos pelo mundo”, afirma o advogado 46| especializado em novas tecnologias Albi Rodriguez Jaramillo, cofundador da comunidade LegalBlock.

Um segundo desafio é desenvolver a infraestrutura 49| necessária para que os contratos inteligentes possam ser executados. Isso inclui a criação de fechaduras inteligentes que respondam às ordens desses contratos. Elas farão a hipotética 52| devedora Alice não conseguir abrir o carro por ter deixado de pagar as prestações. A empresa Slock.it desenvolve uma rede universal de compartilhamento (universal sharing network) na 55| qual, espera-se, vão interagir carros, casas e outros ativos da economia compartilhada. Será uma peça fundamental para o desenvolvimento dos contratos inteligentes na nova economia.

Federico Ast. Como faremos justiça? – A chegada dos contratos inteligentes. In: ÉPOCA negócios. 9/12/2018. Internet: <<https://epocanegocios.globo.com>> (com adaptações).

A respeito das propriedades linguísticas e dos sentidos do texto CB1A1-I, julgue o item seguinte. Embora o texto seja predominantemente dissertativo, seu terceiro parágrafo é essencialmente narrativo.

090. (CEBRASPE/PREFEITURA DE BOAVISTA-PR/PROCURADOR/2019)

Internet: <www.amazoniaprotege.mpf.mp.br> (com adaptações).

Julgue o seguinte item, considerando os aspectos textuais e gramaticais do cartaz precedente veiculado pelo Ministério PÚblico Federal, no âmbito do projeto Amazônia Protege. No texto, observam-se trechos expositivo e injuntivo.

091. (CEBRASPE/PGE-PE/ASSISTENTE/2019)

- 1| Passávamos férias na fazenda da Jureia, que ficava na região de lindas propriedades cafeeiras. Íamos de automóvel até Barra do Piraí, onde pegávamos um carro de boi.
- 4| Lembro-me do aboio do condutor, a pé, ao lado dos animais, com uma vara: "Xô, Marinheiro! Vâmu, Teimoso!". Tenho ótimas recordações de lá e uma foto da qual gosto muito, da
- 7| minha infância, às gargalhadas, vestindo um macacão que minha própria mãe costurava, com bastante capricho. Ela fazia um para cada dia da semana, assim, eu podia me esbaldar e me
- 10| sujar à vontade, porque sempre teria um macacão limpo para usar no dia seguinte.

Jô Soares. *O livro de Jô: uma autobiografia desautorizada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

O texto é essencialmente descritivo, pois detalha lembranças acerca das viagens de férias que a personagem e sua família faziam com frequência durante a sua infância.

092. (CEBRASPE/PGE-PE/ASSISTENTE/2019)

1| A modernidade é um contrato. Todos nós aderimos a ele no dia em que nascemos, e ele regula nossa vida até o dia em que morremos. Pouquíssimos entre nós são capazes de 4| rescindi-lo ou transcendê-lo. Esse contrato configura nossa comida, nossos empregos e nossos sonhos; ele decide onde moramos, quem amamos e como morremos.
7| À primeira vista, a modernidade parece ser um contrato extremamente complicado, por isso poucos tentam compreender no que exatamente se inscreveram. É como se 10| você tivesse baixado algum software e ele te solicitasse assinar um contrato com dezenas de páginas em “juridiquês”; você dá uma olhada nele, passa imediatamente para a última página, 13| tica em “concordo” e esquece o assunto. Mas a modernidade, de fato, é um contrato surpreendentemente simples. O contrato interno pode ser resumido em uma única frase: humanos 16| concordam em abrir mão de significado em troca de poder

Yuval Noah Harari. Homo Deus: uma breve história do amanhã. São Paulo: Companhia das Letras, 2016 (com adaptações).

O texto apresenta estratégia argumentativa que visa aproximar o leitor das ideias desenvolvidas pelo autor.

093. (CEBRASPE/IPHAN/TÉCNICO/2018)

Texto CB3A1-I

1| As consequências da extinção de línguas são diversas e irreparáveis. O desaparecimento de línguas tem impacto imediato na perda de diversidade cultural.
4| O desconhecimento da diversidade linguística por grande parte da população brasileira é sustentado pela representação de uma suposta unidade da língua
7| portuguesa, ou seja, pela ideia de que a língua portuguesa é a única língua falada no país. Essa falta de conhecimento e de valorização leva, por conseguinte, à marginalização e à 10| discriminação de grupos falantes de outras línguas.
A construção de uma política específica para a diversidade linguística constitui uma iniciativa que busca a 13| valorização da diversidade linguística do país. Atuar para a

sustentabilidade da diversidade linguística, entretanto, exige a articulação de produção de conhecimento sobre as 16| línguas existentes no território nacional e de valorização e promoção dessas línguas.

As línguas faladas por grupos sociais minoritários 19| requerem atenção especial de uma política de salvaguarda da diversidade linguística, pois elas se encontram em posição de maior vulnerabilidade linguística. Tal situação 22| decorre não só do fato de essas línguas serem faladas por grupos sociais pouco numerosos, mas também da falta de conhecimento sobre elas. Colocar no mapa as centenas de 25| línguas ainda ocultadas pela representação majoritária de um país com uma única língua talvez seja o caminho mais significativo para o reconhecimento das línguas como 28| patrimônio cultural.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Guia de pesquisa e documentação para o INDL: patrimônio cultural e diversidade linguística. Brasília: IPHAN, 2016, p. 23-4 (com adaptações).

O texto foi construído com o uso de elementos que caracterizam a tipologia argumentativa.

094. (CEBRASPE/IPHAN/TÉCNICO/2018)



Internet: <www.meu-cantinho2014.blogspot.com> (com adaptações).

No texto, predomina a tipologia instrucional, uma vez que seu propósito comunicativo é conscientizar o leitor acerca do que são pichação e *grafitagem*, a fim de convencê-lo a não cometer crimes.

095. (CEBRASPE/FUB/NÍVEL MÉDIO/2018)

1| O ensino superior no Brasil é oferecido por universidades, centros universitários, faculdades, institutos superiores e centros de educação tecnológica. O cidadão pode 4| optar por três tipos de graduação: bacharelado, licenciatura e formação tecnológica. Os cursos de pós-graduação são divididos entre *lato sensu* (especializações e MBAs) e *strictu sensu* (mestrados e doutorados). Além da forma presencial, em que o aluno deve ter frequência em pelo menos 75% das aulas e avaliações, 10| ainda é possível formar-se por meio do ensino a distância. Nessa modalidade, não é necessária a presença do aluno dentro de sala de aula, e ele recebe livros e apostilas e conta com a ajuda da Internet. Há também cursos semipresenciais, 13| com aulas em sala e também a distância.
A Secretaria de Regulação e Supervisão 16| da Educação Superior, órgão do Ministério da Educação, é a unidade responsável por afiançar que a legislação educacional seja cumprida para garantir a qualidade 19| dos cursos superiores do país.
Para medir a qualidade dos cursos de graduação no país, o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas 22| Educacionais Anísio Teixeira (INEP) e o Ministério da Educação utilizam o índice geral de cursos (IGC), divulgado uma vez por ano, logo após a publicação dos resultados 25| do ENADE. A base de cálculo do IGC é uma média dos conceitos dos cursos de graduação de uma instituição, ponderada a partir do número de matrículas mais as notas 28| de pós-graduação de cada instituição de ensino superior.

Internet: <www.brasil.gov.br> (com adaptações)

O texto, tipicamente argumentativo, apresenta informações acerca do ensino superior com o propósito de convencer o leitor da importância desse nível de ensino na formação educacional do cidadão brasileiro.

096. (CEBRASPE/FUB/NÍVEL SUPERIOR/2018)

1| Em um momento no qual a presença da inteligência artificial na vida cotidiana frequentemente gera medo e paranoia na mesma proporção em que fascina, pode ser 4| mesmo assustador descobrir que 99% de todas as traduções são feitas, atualmente, com o auxílio de máquinas.

A informação consta do mais recente relatório de uma 7| organização dedicada a fazer avançar o uso do computador nessa atividade, que, particularmente em sua vertente literária, pleiteia para si o status de arte — ou, no mínimo, 10| de processo criativo.

“A cada dia do ano de 2016, mais de 250 bilhões de palavras foram traduzidas por máquinas”, contabiliza 13| o estudo. É um cenário devastador para os tradutores profissionais. E, de fato, muitos foram dispensados ao longo das últimas décadas, exceto um punhado de privilegiados, 16| pois aquilo de que ainda não se tem notícia é que algum romance, conto ou poema tenha sido traduzido inteira e, sobretudo, satisfatoriamente por algoritmos.

19| Uma primeira e boa razão para isso é que até a menos sofisticada das recriações de uma língua a outra não se faz palavra por palavra. É curioso que o tal relatório 22| venha nos contar hiperbolicamente as vantagens do computador com base nessa falsa medida de eficiência.

O espantoso avanço das máquinas sobre o engenho 25| humano nessa área só começou, precisamente, quando seus desenvolvedores perceberam que a linguagem humana transcende o nível lexical: ela é sempre texto — uma interação 28| verbal com um fim específico — e, principalmente, contexto. Christian Schwartz. Avanço da tradução por máquinas gera debate *Christian Schwartz. Avanço da tradução por máquinas gera debate sobre papel de humanos na tarefa. Internet: <www1.folha.uol.com.br/ilustríssima>* (com adaptações)

O texto apresenta elementos textuais característicos das tipologias expositiva e argumentativa.

097. (CEBRASPE/BNB/ANALISTA/2018)

1| O avião demorou a decolar, havia nevascas pela Europa, fui parar em Copenhague, perdi a conexão em Paris, me mandaram para Buenos Aires, mas gostei de chegar em 4| casa quase à meia-noite. O menino já estaria dormindo, e mesmo a Vanda logo iria para a cama. Estaria bicando um

vinho, ou fechando as cortinas, ou tomando um banho, ou em
7| frente ao espelho, catando fios de cabelo branco, para mim era
importante pegá-la desprevenida, queria ver com que gênero de
surpresa me receberia. Girei a chave, na sala havia uma árvore
10| de Natal, a Vanda estava no quarto, do corredor ouvi sua voz.
Devo ter aberto a porta com muito ímpeto, pois a babá, que
estava sentada na ponta da cama, se levantou num pulo. Mas o
13| menino não se mexeu, continuou recostado na cabeceira com
os olhos fitos na televisão.

Chico Buarque. Budapest. São Paulo: Companhia das Letras, 2003 (com adaptações)

O texto é predominantemente narrativo, haja vista, entre outras características, o emprego de verbos no passado.

098. (CEBRASPE/BNB/ANALISTA/2018)

Texto 2A1-I

1| O carrinho de compras do sítio eletrônico está lotado,
e o preço total agrada. Animado, você digita todas as
informações referentes ao cartão de crédito e, sem entender,
4| observa a transação ser negada. Mais tarde, descobre que o
banco tinha considerado suspeito aquele seu procedimento
virtual, uma vez que tinha características semelhantes às de
7| uma fraude. Deceptionante, não? É muito comum.
A fim de melhorar a experiência dos consumidores em
compras pela Internet, cientistas do Instituto de Tecnologia de
10| Massachusetts, nos Estados Unidos da América,
desenvolveram um sistema baseado em princípios de
aprendizagem de máquina.
13| A aprendizagem de máquina para a detecção de fraude
é baseada em equações matemáticas e algoritmos e funciona
em duas etapas. Na primeira, o sistema recebe exemplificações
16| de compras legítimas e ilegítimas. Em seguida, a máquina
avalia compras reais, levando em consideração os padrões
observados. O sistema funciona mais ou menos como nossos
19| neurônios. A partir de números e fórmulas, une ponto a ponto
informações sobre características de transações já feitas pelo
usuário — como valores médios gastos, horários de compra,
22| uso de celular, pontos usados, principais estabelecimentos —,
até chegar a uma probabilidade de fraude final. Com cada
constatação, o programa consegue melhorar os padrões
25| aprendidos.

Segundo um arquiteto de software de uma empresa não participante do estudo, o modo como a máquina aprende 28| os padrões antes de começar a analisar compras interfere diretamente no registro de falsos positivos e fraudes reais. "Se a preparamos apenas para detectar casos de não fraude, 31| podemos aumentar os riscos de fraudes que passam. Sendo assim, precisamos aumentar ao máximo o balanço de situações apresentadas à máquina para não pesar um lado mais do que o 34| outro", detalha.

Correio Braziliense, 1º/10/2018, p. 14 (com adaptações)

No primeiro parágrafo do texto, predomina o tipo textual narrativo.

099. (CEBRASPE/PC-SE/DELEGADO/2018)

1| O Departamento de Atendimento a Grupos Vulneráveis (DAGV) da Polícia Civil de Sergipe atende a um público específico, que frequentemente se torna vítima 4| de diversos tipos de violência. Idosos, homossexuais, mulheres, crianças e adolescentes têm recebido atenção constante no DAGV, onde o atendimento ganha força e se 7| especializa diariamente.
A unidade surgiu como delegacia especializada em setembro de 2004. Agentes e delegados de atendimento a 10| grupos vulneráveis realizam atendimento às vítimas, centralizam procedimentos relativos a crimes contra o público vulnerável registrados em outras delegacias, abrem 13| inquéritos e termos circunstanciados e fazem investigações de queixas.

Internet: <www.ssp.se.gov.br> (com adaptações).

Predomina no texto a tipologia narrativa, a qual é adequada ao propósito comunicativo de apresentar ao leitor um relato linear e objetivo da história do DAGV desde o seu surgimento até os dias atuais.

100. (CEBRASPE/MPE-PI/TÉCNICO/2018)

1| Saiu a mais nova lista de coisas que devem ou não ser feitas, moda que parece ter contagiado o planeta. Desta vez, Arthur Frommer e Holly Hugues elencam os 500 locais que 4| precisamos visitar antes que desapareçam (**500 places to see before they disappear**). O livro traz lugares naturais e históricos, de antigos centros de culto a paisagens em vias de 7| extinção, assim como tesouros culturais únicos, como o

Fenway Park, de Boston, inaugurado em 1912: um dos últimos estádios norte-americanos que mantêm sua construção original, 10| diz o Atlanta Journal Constitution.

Revista da Semana, dez./2008 (com adaptações)

O texto é essencialmente informativo.

101. (CEBRASPE/MPE-PI/TÉCNICO/2018)

1| Eis que se inicia então uma das fases mais intensas na vida de Geraldo Viramundo: sua troca de correspondência com os estudantes, julgando estar a se corresponder com sua amada. 4| E eis que passo pela rama nesta fase de meu relato, já que me é impossível dar a exata medida do grau de maluquice que inspiraram tais cartas: infelizmente se perderam e de nenhuma 7| encontrei paradeiro, por maiores que tenham sido os meus esforços em rebuscar coleções, arquivos e alfarrábios em minha terra. Sou forçado, pois, a limitar-me aos elementos de que 10| disponho, encerrando em desventuras as aventuras de Viramundo em Ouro Preto, e dando viço às suas peregrinações.

Fernando Sabino. O grande mentecapto. 62ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

A presença de um narrador é um dos elementos textuais que permitem classificar o texto como narrativo.

(CEBRASPE/PF/AGENTE/2018)

Texto 12A1AAA

1| — A polícia parisiense — disse ele — é extremamente hábil à sua maneira. Seus agentes são perseverantes, engenhosos, astutos e perfeitamente versados nos 4| conhecimentos que seus deveres parecem exigir de modo especial. Assim, quando o delegado G... nos contou, pormenorizadamente, a maneira pela qual realizou suas 7| pesquisas no Hotel D..., não tive dúvida de que efetuara uma investigação satisfatória (...) até o ponto a que chegou o seu trabalho.
10| — Até o ponto a que chegou o seu trabalho? — perguntei.
— Sim — respondeu Dupin. — As medidas adotadas 13| não foram apenas as melhores que poderiam ser tomadas, mas realizadas com absoluta perfeição. Se a carta estivesse depositada dentro do raio de suas investigações, esses rapazes,

16| sem dúvida, a teriam encontrado.
Ri, simplesmente — mas ele parecia haver dito tudo
aquilo com a máxima seriedade.

19| — As medidas, pois — prosseguiu —, eram boas em
seu gênero, e foram bem executadas: seu defeito residia em
serem inaplicáveis ao caso e ao homem em questão. Um certo
22| conjunto de recursos altamente engenhosos é, para o delegado,
uma espécie de leito de Procusto, ao qual procura adaptar à
força todos os seus planos. Mas, no caso em apreço, cometeu
25| uma série de erros, por ser demasiado profundo ou demasiado
superficial. (...) E, se o delegado e toda a sua corte têm
cometido tantos enganos, isso se deve (...) a uma apreciação
28| inexata, ou melhor, a uma não apreciação da inteligência
daqueles com quem se metem. Consideraram engenhosas apenas
as suas próprias ideias e, ao procurar alguma coisa que se ache
31| escondida, não pensam senão nos meios que eles próprios
teriam empregado para escondê-la. Estão certos apenas num
ponto: naquele em que sua engenhosidade representa fielmente
34| a da massa; mas, quando a astúcia do malfeitor é diferente da
deles, o malfeitor, naturalmente, os engana. Isso sempre
acontece quando a astúcia deste último está acima da deles e,
37| muito frequentemente, quando está abaixo. Não variam seu
sistema de investigação; na melhor das hipóteses, quando são
instigados por algum caso insólito, ou por alguma recompensa
40| extraordinária, ampliam ou exageram os seus modos de agir
habituais, sem que se afastem, no entanto, de seus princípios.
(...) Você compreenderá, agora, o que eu queria dizer ao
43| afirmar que, se a carta roubada tivesse sido escondida dentro
do raio de investigação do nosso delegado — ou, em outras
palavras, se o princípio inspirador estivesse compreendido nos
46| princípios do delegado —, sua descoberta seria uma questão
inteiramente fora de dúvida. Este funcionário, porém, se
enganou por completo, e a fonte remota de seu fracasso reside
49| na suposição de que o ministro é um idiota, pois adquiriu
renome de poeta. Segundo o delegado, todos os poetas são
idiotas — e, neste caso, ele é apenas culpado de uma non
52| distributio medii, ao inferir que todos os poetas são idiotas.
— Mas ele é realmente poeta? — perguntei. — Sei
que são dois irmãos, e que ambos adquiriram renome nas
55| letras. O ministro, creio eu, escreveu eruditamente sobre o
cálculo diferencial. É um matemático, e não um poeta.
— Você está enganado. Conheço-o bem. E ambas as
58| coisas. Como poeta e matemático, raciocinaria bem; como

mero matemático, não raciocinaria de modo algum, e ficaria, assim, à mercê do delegado.

61| — Você me surpreende — respondi — com essas opiniões, que têm sido desmentidas pela voz do mundo. Naturalmente, não quererá destruir, de um golpe, ideias 64| amadurecidas durante tantos séculos. A razão matemática é há muito considerada como a razão par excellence.

Edgar Allan Poe. A carta roubada. In: Histórias extraordinárias. VictorCivita, 1981. Tradução de Brenno Silveira e outros.

102. (CEBRASPE/AGENTE/PF/2018) Infere-se das falas de Dupin que a opinião do delegado a respeito dos poetas foi determinante para que ele não encontrasse “a carta roubada”.

103. (CEBRASPE/PF/AGENTE/2018) O primeiro parágrafo do texto é predominantemente descritivo, pois apresenta as características da “polícia parisiense”.

104. (CEBRASPE/IPHAN/NÍVEL SUPERIOR/2018)

1| Uma das grandes cousas que se veem hoje no mundo, e nós pelo costume de cada dia não admiramos, é a transmigração imensa de gentes e nações etíopes, que da 4| África continuamente estão passando a esta América. Entra uma nau de Angola, e desova no mesmo dia quinhentos, seiscentos e talvez mil escravos. Os israelitas atravessaram 7| o Mar Vermelho, e passaram da África à Ásia, fugindo do cativeiro; estes atravessam o mar oceano na sua maior largura, e passam da mesma África à América e para viver 10| e morrer cativos. Os outros nascem para viver, estes para servir. Nas outras terras do que aram os homens, e do que fiam e tecem as mulheres, se fazem os comércios: naquela 13| o que geram os pais e o que criam a seus peitos as mães, é o que se vende, e se compra. Oh trato desumano, em que a mercancia são homens! Oh mercancia diabólica, em que os 16| interesses se tiram das almas alheias, e os riscos das próprias!

Já se depois de chegados olharmos para estes 19| miseráveis, e para os que se chamam seus senhores: o que se viu nos dous estados de Jó, é o que aqui representa a fortuna, pondo juntas a felicidade e a miséria no mesmo 22|teatro. Os senhores poucos, e os escravos muitos; os senhores rompendo galas, os escravos despidos e nus; os senhores banqueteando, os escravos perecendo à fome; os

25|senhores nadando em ouro e prata, os escravos carregados de ferros; os senhores tratando-os como brutos, os escravos adorando-os e temendo-os como deuses; os senhores em pé 28| apontando para o açoute, como estátuas da soberba e da tirania, os escravos prostrados com as mãos atadas atrás como imagens vilíssimas da servidão, e espetáculos da 31| extrema miséria.

Antônio Vieira. Sermão vigésimo sétimo do rosário. In: Essencial padre Antônio Vieira. Organização e introdução de Alfredo Bosi. São Paulo: Penguin Classics, Companhia das Letras, 2011, p. 532-3 (com adaptações).

Apesar de conter marcas de primeira pessoa do plural – como “nós” (l.2), “admiramos” (l.2) e “olharmos” (l.18) –, o texto caracteriza-se como uma descrição objetiva do tráfico de escravos da África para o Brasil.

105. (CEBRASPE/IPHAN/NÍVEL MÉDIO/2018)

Texto CB2A1BBB

1| Uma das principais características da sociedade contemporânea é a velocidade de suas transformações. Esse novo cenário traz um desafio para as cidades: a 4| necessidade de conciliar os novos hábitos de sua população, em constante mutação, com a ocupação territorial, ou seja, com as soluções de habitação, de 7| localização de equipamentos públicos, de mobilidade. Essas mudanças são um reflexo da inserção das cidades na economia global, o que aumentou o número de 10| atores (empresas, instituições públicas, associações) envolvidos na condução das políticas públicas. Com a multiplicação das demandas sociais, no lugar 13| de soluções únicas para a cidade, passou-se a considerar a segmentação ainda maior de interesses. É cada vez mais difícil imaginar que uma ação pública vá atingir a 16| aspiração de todos em um único objetivo comum. Há de se pensar em sistemas mais ágeis de governança urbana, em que os cidadãos sejam chamados a 19| participar das decisões para ações de pequena ou grande escala. Além de todos os desafios impostos pela 22| inconstância e pela fragmentação das demandas sociais, vivemos um divórcio entre política e poder. Para fazer frente a essas transformações, é

25| necessário um novo tipo de planejamento urbano.
Conceitos rígidos dão lugar à flexibilidade, à análise de
cenários alternativos e à inclusão da sociedade na
28| formulação das políticas.
Nesse contexto novo, o patrimônio histórico tem de
ser integrado ao planejamento da cidade, sob pena de ficar
31| à deriva em um mar de interesses puramente econômicos.

Vanessa Fernandes Correa e Mauro Sérgio Procópio Calliari. As transformações da cidade contemporânea. In: Preservando o patrimônio histórico –um manual para gestores municipais. São Paulo (com adaptações).

O texto apresenta características da tipologia textual dissertativo-argumentativa.

106. (CEBRASPE/IPHAN/NÍVEL MÉDIO/2018)

Texto CB2A1AAA

1| Se os historiadores produzem o passado e é o
passado que faz uma nação, os historiadores do patrimônio
fazem política, inventando o patrimônio nacional,
4| atribuindo valor e significados a bens e práticas culturais
que circunscrevem os limites da nação.
Sabemos bem que o trabalho do historiador, ao
7| fabricar um patrimônio no seu próprio ofício da escrita da
história, está integrado a um projeto de nacionalização, de
construção do Estado e, portanto, de poder.
10| Certa produção historiográfica e sociológica, em
debate pelo menos desde os anos 70 do século passado e já
clássica na atualidade, trouxe novos ingredientes para a
13| reflexão sobre essa ambiguidade do papel do historiador e
do intelectual de um modo geral. Essa literatura aponta os
numerosos constrangimentos a que estavam submetidos, na
16| sua produção intelectual, em função de um processo de
formação, enquadramento e disciplinarização que
delineava um lugar de fala, limitado por regras de diversas
19| naturezas. Dentre elas, podem ser destacadas as de
financiamento de estudos, postos a julgamentos sobre suas
finalidades e objetivos por comissões de alto nível, bem
22| como as regras que regem a oferta de trabalho. O perfil e a
política das instituições em que estão inseridos, entre
outros aspectos, impõem a agenda dos estudos do momento.
Alguns desses autores, em confronto com
interpretações totalizantes acerca dos fenômenos sociais,
28| verificavam, também, que, diante de estratégias
de dominação — identificadas em microescalas e em
diferentes tipos e níveis de relações —, havia a

31| possibilidade de pequenas subversões ou da adoção de sutis táticas de resistência; noutra vertente, pode-se falar nas brechas que se verificam em todo sistema e que arejam 34| e alimentam esperanças de transformação.
Ainda que circunscritas a determinados limites, essas ações de resistência, aparentemente insignificantes, 37| colocam em movimento as relações e podem alterar a realidade de uma ordem imposta ou dominante, em um jogo vivido cotidiana e mais ou menos silenciosamente.
40| É evidente, nessa perspectiva, que, diante do exercício de violência simbólica ao qual somos submetidos, na qualidade de sujeitos históricos, 43| verificam-se nossas capacidades inventivas nos limites de possibilidades de ação de que dispomos. Essa estranha "margem de manobra", ou, em melhores palavras, essa 46| interseção entre um profundo pessimismo e a utopia de se construir um mundo melhor, é que mobiliza os homens para a ação.

Márcia Chuva. História e patrimônio. In: Revista do patrimônio histórico e artístico nacional, n. 34, 2012, p. 11 (com adaptações)

Por expor as ideias da autora, o texto é predominantemente descritivo.

107. (QUADRIX/CRM-DF/ASSISTENTE/2018/ADAPTADA)

Com incontáveis linhas de cosméticos, academias, centros de estética, salões de beleza, clínicas de cirurgia plástica, revistas sobre beleza e boa forma, o mercado da aparência física é um dos que mais crescem atualmente. Negócios nesse ramo proliferam, atendendo enorme demanda da sociedade, mas o culto à beleza física não é uma novidade do nosso tempo.

Há registros bem antigos sobre a preocupação social com o corpo humano, não apenas por seus aspectos funcionais, mas muito fortemente por sua estética também. Os gregos antigos, na busca pela perfeição, valorizavam a beleza física, juntamente com um intelecto desenvolvido. Em Esparta, onde se chegava ao extremo da eugenia, os recém-nascidos eram examinados e podiam ser eliminados caso apresentassem alguma deficiência física ou mental, ou, ainda, se fossem considerados fracos. Apesar de essa prática ter motivações militares, guardava relação com o ideal do padrão físico vigente.

Ao longo dos séculos, houve variações significativas quanto à importância que se dava à forma física. Na Idade Média, com a supremacia da Igreja, predominou um dualismo entre corpo como fonte de pecado e alma como objeto de salvação. O culto à estética corporal foi proibido, assim como a exposição do corpo humano, mesmo nas artes. Somente no período renascentista, foram retomados padrões artísticos da Antiguidade, de celebração do corpo e da beleza física.

Entre os séculos XIX e XX, começaram a se disseminar popularmente programas de treinamento físico com um ideal de pessoas fisicamente mais eficientes e saudáveis. Apesar de haver uma proposta inicial de saúde e eficiência física, com o desenvolvimento das indústrias da beleza (moda, cosméticos etc.), a ênfase nos cuidados com o corpo foi recaindo sobre a estética.

Hoje, para cada parte coisificada da pessoa, há uma grande variedade de soluções oferecidas: produtos para “embelezar” os olhos, o rosto, o pescoço, o cabelo, as unhas, além de equipamentos de ginástica que prometem modelar especificamente cada grupo muscular, normalmente sem nenhum esforço.

Além disso, a medicina também acena com soluções cada vez mais seguras e acessíveis para os “problemas” estéticos: mude o nariz, aumente os seios e estique a barriga, pagando em tranquilas prestações.

A coisificação e a comercialização do corpo como objeto de adoração estão profundamente impregnadas no capitalismo. Somos bombardeados regularmente com propagandas sobre nossas “imperfeições” e limitações. Nossas singularidades são convertidas em inadequações, enquanto a publicidade nos mostra soluções milagrosas para nos libertar da grande infelicidade de sermos como somos.

A crueldade do mercado de estética reside no seu modo de operação: a mesma propaganda que anuncia a oferta cria a demanda, o que não é, por certo, exclusividade desse mercado, pois a base fundamental da publicidade comercial é gerar atitude de consumo pela crença de uma necessidade, exista ela ou não. Entretanto, quando se trata do corpo-mercadoria, a autorreferência afeta seriamente a autoestima, cada vez mais sensível a esses estímulos. A mensagem geral é que somos inadequados para os padrões estabelecidos e não conseguiremos ser felizes sem consumir as soluções oferecidas. O bem-estar subjetivo é comprometido quando se interfere na capacidade individual de autoavaliação.

Tudo isso traz consequências sérias à saúde. Por não corresponderem à imagem do corpo perfeito que aparece o tempo todo na TV, no cinema, nas revistas e, claro, nos anúncios comerciais, cada vez mais pessoas mergulham em quadros de depressão, perda de libido, transtornos alimentares (anorexia e bulimia) e obsessões diversas.

Enquadrar-se em padrões de grupo é uma necessidade humana, mas quanto mais autonomia pudermos desenvolver em relação à aprovação dos outros para aprovarmos a nós mesmos, melhor será nossa qualidade de vida.

Edwin Carrer. A escravidão do culto ao corpo perfeito: como a propaganda regula o seu espelho. Internet: <www.sobrepsicologia.com.br> (com adaptações).

O texto configura-se como uma narrativa de fatos históricos que comprovam os efeitos negativos da propaganda sobre o comportamento humano.

108. (CEBRASPE/STJ/ANALISTA/2018)

- 1 O conceito de direitos humanos assenta em um bem conhecido conjunto de pressupostos, todos eles tipicamente ocidentais: existe uma natureza humana universal que pode ser conhecida racionalmente; a natureza humana é essencialmente diferente e superior à restante realidade; o indivíduo possui uma dignidade absoluta e irredutível que tem de ser defendida
- 4 da sociedade ou do Estado; a autonomia do indivíduo exige que
- 7

a sociedade esteja organizada de forma não hierárquica, como soma de indivíduos livres. Uma vez que todos esses 10 pressupostos são claramente ocidentais e facilmente distinguíveis de outras concepções de dignidade humana em outras culturas, teremos de perguntar por que motivo a questão 13 da universalidade dos direitos humanos se tornou tão acesamente debatida.

Internet: <www.dhnet.org.br> (com adaptações).

O **Texto** é essencialmente dissertativo-argumentativo e nele o autor expressa sua opinião a respeito do assunto tratado.

109. (INÉDITA/2023) O narrador mostra-se capaz de ir além da percepção de ações concretas realizadas pelos personagens, chegando a apreender pensamentos, desejos e planos de Fabiano e Sinha Vitória.

Lei de Acesso

Esta seção reúne e divulga, de forma espontânea, dados da Controladoria Geral de Alagoas (CGE) que são de interesse coletivo ou geral com o objetivo de facilitar o acesso à informação pública, conforme determina a Lei de Acesso à Informação (Lei 12.527, de 18/11/2011).



Sobre a Lei de Acesso à Informação
www.acessoainformacao.gov.br

<http://www.pm.al.gov.br/informacoes-publicas>.

110. (INÉDITA/2023) A forma verbal empregada em “Saiba como solicitar acesso” expressa a intenção do autor do texto de levar os leitores a realizarem determinada ação ou a desenvolverem determinado comportamento.

Texto NB35-HQ

- 1 Em menos de 30 dias, a lata de refrigerante que você descartou hoje voltará para as suas mãos. É isso mesmo. O ciclo de reutilização da latinha de alumínio — que vai do 4 descarte, passa pela coleta seletiva e pela fundição, até chegar ao fabricante de bebidas, que a recoloca no mercado

consumidor — não dura mais que um mês no Brasil. A rapidez 7 do processo é um dos sinais da maturidade da reciclagem do alumínio no país. Outro marco é o volume reciclado. Em 2008, 91,5% de todas as latinhas consumidas pelos brasileiros 10 voltaram para a indústria.

Apesar de menor que em anos anteriores — quando chegou a 96,5% —, o percentual mantém o país como o maior 13 reciclador do mundo, à frente de nações desenvolvidas como o Japão e os Estados Unidos da América. Mais: o Brasil é o maior reciclador de latinhas de alumínio há oito anos 16 consecutivos. Ainda não há previsões para o resultado de 2009, quando a indústria recicladora começou a se recuperar da crise econômica, tampouco estimativas para este ano. Henio De 19 Nicola, da Associação Brasileira do Alumínio (ABAL), afirma estar curioso sobre o desempenho deste ano. Como a estatística é feita a partir da compra de latinhas pelas empresas 22 recicadoras — e não pelo total de unidades consumidas ou coletadas pelos sucateiros e cooperativas —, é provável que o volume reciclado em 2010 supere o número de latas produzidas 25 no país. “2010 será um ano interessante. A tendência é que a reciclagem ultrapasse os 100%”, afirma De Nicola, coordenador do Comitê de Reciclagem da ABAL.

28 Os números mostram que o setor conseguiu resolver uma equação muito complicada, que é fazer o lixo voltar ao mercado como matéria-prima nobre. Qualquer empresa que usa 31 sucata em suas linhas de produção enfrenta o grande desafio de encontrar fornecedores que garantam três condições contratuais: qualidade do reciclado, prazo de entrega e volume.

Karla Spotorno. Latinhas de alumínio são campeãs em reciclagem. Internet: <<http://epocanegocios.globo.com>> (com adaptações).

Com relação às ideias e a aspectos linguísticos do texto NB35-HQ, julgue os itens subsequentes.

111. (INÉDITA/2023) O texto, predominantemente expositivo, apresenta dados objetivos em relação ao processo de reciclagem do alumínio no Brasil.

112. (INÉDITA/2023) No primeiro período do texto, a autora dirige-se ao leitor como estratégia para engajá-lo em relação à temática desenvolvida.

Texto 3HR-III

“O Dinheiro como Símbolo da Identidade Norte-Americana na Literatura e no Cinema dos EUA” é o tema da conferência que Sina Vatanpour, professor de civilização e cultura norte-americana na Universidade de Lille III-Charles de Gaulle, França, faz no dia 24 de agosto, às 14h30, no IEA. A conferência será em inglês, sem tradução.

“Em geral, o dinheiro representa valores e significados que ultrapassam suas funções comerciais e financeiras”, comenta o pesquisador. “Sua mágica, tilintar, cor e cheiro tem excitado a imaginação humana e criado fábulas, estórias e personagens como o Shylock de Shakespeare ou o Harpagon de Molière.”

Nos Estados Unidos, entretanto, o dinheiro evoca significados particulares ao espaço cultural do país, na opinião de Vatanpour: “Ele se torna intimamente conectado com o centro da identidade masculina norte-americana encontrada em aspectos históricos e religiosos específicos. Assim, ele produz temas, símbolos e significados que organizam o espaço ficcional e se associa a aspectos étnicos e de gênero nos romances e filmes norte-americanos”.

Além disso, Vatanpour destaca que, na escrita mítica norte-americana, o dinheiro guia o leitor iniciado “às profundezas do texto de maneira a questionar os valores históricos e tradicionais do país, como o sonho americano, o mito do sucesso e a busca do poder”.

As pesquisas atuais de Vatanpour estão ligadas aos romances e filmes de Paul Auster e sobre o dinheiro na literatura e nos filmes norte-americanos. Entre seus artigos mais recentes, há estudos sobre “Os Nus e os Mortos” de Norman Mailer, “Dogville” de Lars von Trier e “Cidade de Vidro” e “Fantasmas” de Paul Auster.

O dinheiro como símbolo no cinema e na literatura dos EUA. Flávia Dourado, Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, 2009.

Com relação às ideias e aos aspectos linguísticos do Texto 3HR-III, julgue os itens a seguir.

113. (INÉDITA, 2023) O texto, predominantemente argumentativo, é uma sinopse que apresenta a temática da conferência “O Dinheiro como Símbolo da Identidade Norte-Americana na Literatura e no Cinema dos EUA”.

114. (INÉDITA/2023) O emprego das aspas, no segundo parágrafo, indica a voz de Sina Vatanpour.

115. 115. (INÉDITA, 2023)

Eu deveria cantar.

Rolar de rir ou chorar, eu deveria, mas tinha desaprendido essas coisas. Talvez então pudesse acender uma vela, correr até a igreja da Consolação, rezar um Pai Nosso, uma Ave Maria e uma Glória ao Pai, tudo que eu lembrava, depois enfiar algum trocado, se tivesse, e nos últimos meses nunca, na caixa de metal “Para as Almas do Purgatório”. Agradecer, pedir luz, como nos tempos em que tinha fé.

Bons tempos aqueles, pensei. Acendi um cigarro. E não tomei nenhuma dessas atitudes, dramáticas como se em algum canto houvesse sempre uma câmera cinematográfica à minha espreita. Ou Deus. Sem juiz nem plateia, sem close nem zoom, fiquei ali parado no começo da

tarde escaldante de fevereiro, olhando o telefone que acabara de desligar. Nem sequer fiz o sinal da cruz ou levantei os olhos para o céu. O mínimo, suponho, que um sujeito tem a obrigação de fazer nesses casos, mesmo sem nenhuma fé, como se reagisse a uma espécie de reflexo condicionado místico.

Aconteceria um milagre. Um milagre à toa, mas básico para quem, como eu, não tinha pais ricos, dinheiro aplicado, imóveis, nem herança e apenas tentava viver sozinho numa cidade infernal como aquela que trepidava lá fora, além da janela ainda fechada do apartamento. Nada muito sensacional, tipo recuperar de súbito a visão ou erguer-se da cadeira de rodas com o semblante beatificado e a leveza de quem pisa sobre as águas. Embora a miopia ficasse cada vez mais aguda e os joelhos tremessem com frequência, não sabia se fome crônica ou pura tristeza, meus olhos e pernas ainda funcionavam razoavelmente. Outros órgãos, verdade, bem menos.

Toquei o pescoço. E o cérebro, por exemplo.

Já chega, disse para mim mesmo, parado nu no meio da penumbra gosmenta do meio-dia. Pense nesse milagre, homem. Singelo, quase insignificante na sua simplicidade, o pequeno milagre capaz de trazer alguma paz àquela série de solavancos sem rumo nem ritmo que eu, com certa complacência e nenhuma originalidade, estava habituado a chamar de minha vida, tinha um nome. Chamava-se – um emprego.

(ABREU, Caio Fernando. *Onde andará Dulce Veiga?* São Paulo: Planeta De Agostini, 2003, p. 11-12).

Em relação ao texto precedente e aos sentidos nele expressos, julgue os itens a seguir. O texto poderia ser classificado corretamente como descriptivo ou narrativo, não sendo possível afirmar qual desses tipos textuais nele predomina.

Os que o acusavam de se comportar, em relação ao seu país, como “o pássaro que suja o próprio ninho”, Karl Kraus respondeu que é perfeitamente possível, dentro de certas circunstâncias, sentir-se sujo pelo próprio ninho, e daí a necessidade legítima de torná-lo, na medida do possível, um pouco mais limpo. A consequência disso foi que ele “atraiu contra si o ódio das pessoas sujas, de uma intensidade tamanha que poderia não ter equivalente na história da vida intelectual”.

Sob muitos aspectos, é numa situação bastante similar que Noam Chomsky se encontra atualmente. Aos olhos de boa parte do mundo intelectual que, no fim das contas, se acomoda sem grandes problemas com a sujeira que denuncia, Chomsky também é um pássaro cuja atividade principal consiste em sujar os ninhos dos quais ele é material ou espiritualmente ocupante – ou deveria considerar-se como tal. Em primeiro lugar, é claro, critica os Estados Unidos, mas também a Europa, as democracias ocidentais em geral, o Estado de Israel, as elites intelectuais, o mundo científico, a universidade etc.

Esse já era o caso de Kraus, que pensa e age com a ideia de que um intelectual deve antes faxinar seu próprio país, com a esperança de que os outros farão o mesmo. Essa atitude esbarrará nos protestos violentos de quem reage como se isso equivalesse, automaticamente, a afirmar que a verdade, o bom direito e a justiça se encontram integralmente do lado do inimigo.

Chomsky denuncia os abusos de poder, as injustiças, os atos de violência e crimes cometidos por seu próprio país. No entender de seus adversários, isso significa que ele acha

normais ações dessa natureza quando perpetradas por seus inimigos. Quando qualifica de “terrorismo internacional de Estado” ou de “terrorismo de atacado” tudo aquilo que os Estados Unidos e seus aliados se consideram autorizados a fazer, com toda a impunidade, em certos países, isso implica, segundo afirmam, que Chomsky nega a realidade, apesar de esta ser pouco contestável.

Deplorando aquilo que chama de “uma tendência da esquerda à autodestruição”, da qual a conversão de boa parte de seus representantes às ideias pós-modernas é sintoma característico, ele constatava que “existe uma base popular para enfrentar os problemas humanos que há muito tempo faz parte do ‘projeto das Luzes’. Ela carece é da participação dos intelectuais de esquerda. (...) O fato de eles terem abandonado esse projeto é o sinal (...) de uma nova vitória da cultura do poder e dos privilégios, e sua atitude contribuiu para isso”.

As reações ocorrem da mesma forma quando Chomsky recorre à expressão “modelo de propaganda” para descrever o funcionamento dos meios de comunicação numa democracia como os Estados Unidos, onde a imprensa é reputada como sendo inteiramente livre e independente. Acusar os meios de comunicação, como faz Chomsky, de não representar a realidade tal como ela é e de deformar ou omitir regularmente fatos importantes, segundo seus adversários só pode ser uma calúnia e um insulto.

Assim como George Orwell, Chomsky acha incompreensível e preocupante o reduzido empenho com que os intelectuais de esquerda defendem noções como as de “verdade” e “objetividade” – isso quando não propõem abertamente considerá-las, daqui para a frente, reacionárias e obsoletas.

O anúncio feito pelos teóricos da revolução pós-moderna de que não existem verdadeiramente “fatos” – nem, consequentemente, um “mundo dos fatos” em relação ao qual poderíamos ter de nos preocupar – veio na hora certa. E não poderia ser recebido senão como uma justificativa filosófica e um incentivo a prosseguir no mesmo caminho.

Após ser testemunha, no decorrer da guerra civil espanhola e nos anos que se seguiram, da eficiência avassaladora e dificilmente imaginável da propaganda franquista, Orwell manifestou seu temor de ver o próprio conceito de verdade objetiva ser ameaçado de desaparição. “Esse tipo de coisas me assusta”, escreveu, “porque isso, não raro, provoca em mim o sentimento de que a própria noção de verdade objetiva está desaparecendo do nosso mundo. No final das contas, existe um risco importante de que essas mentiras, ou mentiras semelhantes, acabem sendo tidas como verdades históricas. Como será escrita a história da guerra da Espanha?”

Era de esperar que a experiência de como as ditaduras do século XX foram capazes de substituir as verdades objetivas por verdades inteiramente forjadas para seus próprios fins, com as consequências monstruosas que isso engendrou, reforçasse a convicção dos intelectuais de que a verdade, precisamente, não pode ser ela mesma o resultado de uma criação ou de uma invenção.

Mas é uma conclusão bastante diferente daquela a que eles parecem ter chegado: de que os próprios fatos e a verdade são efetivamente fabricados de uma maneira ou de outra, e em todos os casos. Portanto, além de uma “fabricação do consentimento”, pode-se falar daqui para a frente em uma “fabricação da verdade”. A menos que a produção da verdade deva ser considerada como impossível de distinguir da produção do consenso, daquilo que deve ser reconhecido como verdade.

(Jacques Bouveresse. Chomsky e a produção da verdade. *Le Monde Diplomatique*, 4 de maio de 2010).

Com relação às ideias e aos aspectos linguísticos do texto anterior, julgue os itens que se seguem

116. (INÉDITA, 2023) O autor organiza a estrutura expositiva-argumentativa a partir do contraste entre ideias, como as divergências entre Karl Kraus e Chomsky e Chomsky e George Orwell.

117. (INÉDITA/2023) A exposição de fatos e argumentos que estrutura o texto caracteriza-o como predominantemente dissertativo.

No livro *O Visconde Partido ao Meio*, de Italo Calvino, o jovem Medardo di Terralba se mete em uma batalha pela cristandade, leva um balaço de canhão e sai cortado em duas metades: o lado esquerdo é benigno, o direito é insidioso. Se fosse possível dividir o padre Júlio Renato Lancellotti em dois, a banda boa seria de uma simpatia comovente. O religioso tem fraqueza por doces retrôs, como marzipã e marrom-glacé, especialmente o espanhol. Reserva os sábados para regar plantas. Vive rodeado por uma coleção de imagens de seus santos preferidos, a maioria deles com histórias de vida dificílimas. Gosta de citações. Em momentos graves das conversas, encaixa uma da escritora existencialista Simone de Beauvoir: “O opressor não seria tão forte se não tivesse cúmplices entre os próprios oprimidos.” Em horas mais descontraídas, lembra da frase atribuída ao bovino Homer, o pai na animação *Os Simpsons*: “Se a culpa é minha, eu coloco em quem eu quiser.” Orgulha-se de nunca ter tirado férias e só ter ido ao exterior rapidamente e a trabalho, em rasantes pela Itália, Colômbia, Nicarágua, Panamá e El Salvador. Parece muito feliz com sua opção de não ter carro, roupas de marca, sapatos caros ou títulos imponentes demais dentro da Igreja Católica. Transita, embevecido, entre pilhas de livros espalhadas pela casa onde mora com três sobrinhos no bairro do Belém, na Zona Leste de São Paulo – só na sala, são três, escoradas umas nas outras; no corredor, quatro, que sobem do chão até o teto como cobras. Às vezes, fica pensando quem é que cuidará desse acervo quando morrer.

A metade atroz do padre partido ao meio seria casca-grossa. Ele tem iracúndias sagradas – e não raro estoura alguma gritaria fenomenal na sacristia da Paróquia São Miguel Arcanjo, uma pequena igreja, bem no limite entre os bairros do Belenzinho e da Mooca, que comanda há 36 anos. Personalista, tende a narrar os feitos de sua comunidade na primeira pessoa, o que às vezes irrita e espana alguns colaboradores. Como, ao longo da vida, já visitou vários círculos do Inferno de Dante, é desconfiado e solta frases que parecem delírios persecutórios como “o próximo ataque, eu nunca sei de onde virá...”. Exige, sempre, soluções imediatas para o que quer e arma circos homéricos quando não consegue – como sabem todos os últimos prefeitos de São Paulo. E, por causa desse conjunto, pode provocar decepções nos que esperam virtude total dos líderes espirituais, mais ou menos como aquele desapontamento planetário de 2019, quando o papa Francisco, num arrobo de irritação extrema, tascou uma palmada nas mãos de uma peregrina que o puxou pelo braço.

Na vida pública, o padre Júlio Lancellotti é há décadas realmente cortado ao meio, em duas fatias irreconciliáveis. Por um lado, é beatificado em vida por seu destemido trabalho de assistência aos excluídos dos excluídos: os sem-teto, a população carcerária, os menores

infratores, as crianças órfãs portadoras de HIV, os jovens LGBTQIA+ que são marginalizados. Por outro, é demonizado como aproveitador da população carente, um “esquerdopadre” viciado em mídia. Lancellotti reage suspendendo os ombros, num misto de indiferença e desânimo, sempre que fala desse pêndulo frequente sobre sua cabeça. “Na verdade, eu acho é que muita gente me vê como um enigma”, diz, ajeitando o longo crucifixo que usa no pescoço.

Mesmo dentro da Igreja Católica, o padre Júlio ocupa um lugar próprio, sujeito a rapapés e pedradas. No Brasil, a instituição é formada por uma tropa de 268 bispos, 48 cardeais na ativa e 19 428 padres distribuídos por 12,2 mil paróquias. Para se manter dentro dos preceitos, todos precisam andar na linha hierárquica e fechar questão em temas fundamentais de fé e moral, o que não é pouco. De resto, a Igreja é um cintilante regime democrático. Qualquer integrante do clero tem o direito de ser um conservador, um moderado ou um progressista. Nesse aquário colorido, a maioria esmagadora dos sacerdotes com influência que vai além de seus altares integra a categoria dos cantores e/ou youtubers ligados à Renovação Carismática, corrente de orientação conservadora. Dono de um magnetismo envolvente, o padre Marcelo Rossi é o expoente dessa ala.

Aos 72 anos, vigário episcopal para a Pastoral do Povo da Rua da Arquidiocese de São Paulo, o padre Júlio Lancellotti é também um nome famoso, mas acomoda-se numa gaveta mais solitária. Ele é, hoje, o padre mais político do Brasil.

(Angélica Santa Cruz. *O Padre que morde*. Revista Piauí, 18 de julho de 2021).

Com relação às ideias e aos aspectos linguísticos do texto anterior, julgue os itens que se seguem

118. (INÉDITA, 2023) A menção à obra *O Visconde Partido ao Meio* é recurso utilizado para caracterizar o personagem central do perfil, o padre Júlio Renato Lancellotti.

119. (INÉDITA/2023) No texto, as descrições são realizadas de maneira impessoal, pois o autor não expressa seu ponto de vista acerca do personagem descrito.

Texto LP44-XY

1 Os meninos deitaram-se e pegaram no sono. Sinha
Vitória pediu o binga ao companheiro e acendeu o cachimbo.
Fabiano preparou um cigarro. Por enquanto estavam
4 sossegados. Voltaram a cochichar projetos, as fumaças do
cigarro e do cachimbo misturaram-se. Fabiano insistiu nos seus
conhecimentos topográficos, falou no cavalo de fábrica.
7 ia morrer na certa, um animal tão bom. Se tivesse vindo com
eles, transportaria a bagagem. ia morrer o amigo, num canto de
cerca, vendo os urubus chegarem banzeiros, saltando, os bicos
10 ameaçando-lhe os olhos. A lembrança das aves medonhas, que
ameaçavam com os bicos pontudos os olhos de criaturas vivas,

horrorizou Fabiano. Sinha Vitória percebeu-lhe a inquietação
13 na cara torturada e levantou-se, acordou os filhos, arrumou os
picuás. Fabiano retomou o carregão. Pouco a pouco uma vida
nova, ainda confusa, se foi esboçando. Fabiano estava contente
16 e acreditava nessa terra, porque não sabia como ela era nem
onde era. E andavam para o sul, metidos naquele sonho.
Uma cidade grande, cheia de pessoas fortes. Os meninos em
19 escolas, aprendendo coisas difíceis e necessárias. Chegariam a
uma terra desconhecida e civilizada, ficariam presos nela.
E o sertão continuaria a mandar gente para lá. O sertão
22 mandaria para a cidade homens fortes, brutos, como Fabiano,
Sinha Vitória e os dois meninos.

Graciliano Ramos. Vidas Secas.

A respeito dos sentidos e dos aspectos linguísticos do texto LP44-XY, julgue os próximos itens.

120. (INÉDITA, 2023) O texto, predominantemente narrativo, é perspectivado em primeira pessoa.

GABARITO

- | | | |
|--------------|--------------|---------------|
| 1. c | 35. e | 69. b |
| 2. b | 36. c | 70. e |
| 3. b | 37. b | 71. c |
| 4. a | 38. b | 72. c |
| 5. d | 39. e | 73. C |
| 6. c | 40. d | 74. E |
| 7. a | 41. c | 75. E |
| 8. e | 42. d | 76. C |
| 9. b | 43. d | 77. C |
| 10. e | 44. c | 78. C |
| 11. b | 45. c | 79. C |
| 12. b | 46. a | 80. E |
| 13. b | 47. d | 81. E |
| 14. c | 48. b | 82. C |
| 15. a | 49. c | 83. C |
| 16. e | 50. b | 84. C |
| 17. d | 51. e | 85. E |
| 18. a | 52. d | 86. C |
| 19. e | 53. c | 87. E |
| 20. b | 54. a | 88. E |
| 21. a | 55. c | 89. C |
| 22. b | 56. d | 90. C |
| 23. b | 57. e | 91. E |
| 24. c | 58. c | 92. C |
| 25. a | 59. d | 93. C |
| 26. e | 60. e | 94. E |
| 27. a | 61. a | 95. E |
| 28. d | 62. c | 96. C |
| 29. b | 63. b | 97. C |
| 30. b | 64. b | 98. C |
| 31. a | 65. b | 99. E |
| 32. a | 66. d | 100. C |
| 33. a | 67. b | 101. C |
| 34. b | 68. e | 102. C |

103. E

104. E

105. C

106. E

107. E

108. C

109. C

110. C

111. C

112. C

113. E

114. C

115. E

116. E

117. C

118. C

119. E

120. E

GABARITO COMENTADO

001. (CEBRASPE/MPE-AP/ANALISTA/2021)

Texto CG1A1-II

À área da linguística que se ocupa em contribuir para a solução de problemas judiciais e que auxilia também na compreensão de discursos e interações produzidos em ambiente jurídico chamamos de linguística forense. Pouco ainda se fala e se conhece sobre a aplicação da linguística à esfera forense, apesar de muitos crimes serem cometidos unicamente ou parcialmente por meio da língua, como a calúnia, a injúria, a difamação, a ameaça, o estelionato e a extorsão.

Ao produzir um texto, oral ou escrito, o sujeito lança mão de um vasto repertório lexical e regras de ordenação sintática pertencentes à gramática de seu idioma. Entretanto, esse arranjo não é feito da mesma forma por diferentes pessoas. Ao falarmos ou ao escrevermos, organizamos o material linguístico que está disponível em nosso acervo mental de uma forma única, afinal cada indivíduo constituiu seu vocabulário a partir de experiências também únicas. Isso significa que imprimimos nosso estilo em nossos textos, deixando nele nossa “assinatura”. Esse uso individual do idioma é chamado de idioleto, ou seja, é como se fosse um dialeto pessoal, uma marca identitária daquele indivíduo. Embasada nisso, a linguística forense procura desenvolver metodologias que auxiliem no processo de atribuição de autoria de um determinado texto.

Welton Pereira e Silva. Linguística forense: como o linguista pode contribuir em uma demanda judicial? In: Roseta, v. 2, n. 2, 2019 (com adaptações).

O texto CG1A1-II apresenta, predominantemente, a tipologia textual

- a) argumentativa.
- b) descritiva.
- c) expositiva.
- d) injuntiva.
- e) narrativa.



O texto é predominantemente expositivo: o autor busca apenas apresentar o conteúdo, predominando a função referencial e a linguagem denotativa. Não há defesa de uma tese por meio da adoção de argumentos (utilizados para convencer o leitor). Também não há predominância de elementos narrativos, descriptivos ou injuntivos.

Letra c.

002. (CEBRASPE/APEX BRASIL/ASSISTENTE/2021)

Texto CB2A1-I

A rapidez da difusão do comércio eletrônico tem trazido novas oportunidades para o pequeno negócio, o varejo e as micro e pequenas empresas (MPE), que se veem na contingência

de mudança na gestão do comércio, visando um aumento de lucratividade e novas oportunidades, com uma fatia maior do comércio eletrônico.

Com a utilização do sistema B2C, sistema de comércio eletrônico, várias vantagens podem ser apresentadas, como a facilidade de estabelecer compras *online* 24 horas por dia, sete dias da semana. Verifica-se, ainda, a otimização dos fatores da atividade empresarial, como quadro pessoal, loja física e mobilidade urbana, a diminuição de tempo gasto com as operações e a sustentabilidade com a teoria de utilização racional de papéis (em inglês, *less paper*).

Este guia é direcionado aos pequenos empresários, aos varejistas e a todo tipo de comerciante que vise ampliar suas atividades pelo uso de novas tecnologias. Os produtos englobados por este guia resumem-se em mercadorias, *software*, *hardware* e serviço. Os consumidores protegidos pela norma conceituam-se como membro individual do público geral, que compra ou usa produtos para fins pessoais ou finalidades domésticas.

Todavia, para que esse sistema de transações de comércio eletrônico seja eficaz, o comerciante deve planejar, implantar e desenvolver o sistema de comércio eletrônico e mantê-lo atualizado e transparente, de modo a auxiliar os consumidores na efetivação da credibilidade desse tipo de negociação *online*.

Para tanto, a capacidade, a adequação, a conformidade, a pluralidade e a diversidade na rede devem gerar um maior suporte ao consumidor, em relação às suas reclamações e dúvidas na transação eletrônica.

Utilize o passo a passo sugerido neste guia e seja bem-sucedido em seu comércio eletrônico!

ABNT/SEBRAE. Guia de implementação ABNT NBR ISO 10008: gestão da qualidade –satisfação do cliente – diretrizes para transações de comércio eletrônico de negócio a consumidor. Rio de Janeiro: 2014, p. 31 (com adaptações).

Quanto à tipologia textual, o último parágrafo do texto CB2A1-I é predominantemente

- a) descriptivo.
- b) injuntivo.
- c) expositivo.
- d) dissertativo.



O objetivo central do texto é guiar o leitor em relação à realização de algo (de determinada maneira). Isso é comprovado por este trecho: “**Utilize** o passo a passo sugerido neste guia e seja bem-sucedido em seu comércio eletrônico!”, como o verbo no modo imperativo. Pela leitura do texto e do título, podemos afirmar com segurança que estamos diante de um “Guia”, o qual norteia a prática adequada para o comércio eletrônico. Tendo em vista todos esses elementos, estamos diante de um texto predominantemente **injuntivo**.

Letra b.

003. (CEBRASPE/IBGE/AGENTE/2021)**Texto 1A2-I**

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura.

A literatura aparece como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado.

Ora, se ninguém pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura concebida no sentido amplo a que me referi parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito.

A literatura é o sonho acordado das civilizações. Portanto, assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura. Desse modo, ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade. Humanização é o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor.

A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade, na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos à natureza, à sociedade e ao semelhante. A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob a pena de mutilar a personalidade, porque, pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo, ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza. A fruição da arte e da literatura, em todas as modalidades e em todos os níveis, é um direito inalienável.

Antonio Cândido. O direito à literatura. In: Vários escritos. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre o azul, 2011 (com adaptações).

No primeiro parágrafo do texto 1A2-I, no trecho “Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura”, o autor apresenta uma

- a) argumentação.
- b) concepção.
- c) explicação.
- d) delimitação.
- e) explanação.



O autor (o grande crítico literário Antonio Cândido) apresenta a sua concepção (eu também diria “definição”) do que seja a literatura. Como o item exige apenas a caracterização do trecho destacado, não precisamos recorrer a outras partes do texto. Alternativa “b”, portanto.

Letra b.

004. (CEBRASPE/IBGE/AGENTE/2021)**Texto 1A1-I**

Estou escrevendo um livro sobre a guerra...

Eu, que nunca gostei de ler livros de guerra, ainda que, durante minha infância e juventude, essa fosse a leitura preferida de todo mundo. De todo mundo da minha idade. E isso não surpreende — éramos filhos da Vitória. Filhos dos vencedores.

Em nossa família, meu avô, pai da minha mãe, morreu no front; minha avó, mãe do meu pai, morreu de tifo; de seus três filhos, dois serviram no Exército e desapareceram nos primeiros meses da guerra, só um voltou. Meu pai.

Não sabíamos como era o mundo sem guerra, o mundo da guerra era o único que conhecíamos, e as pessoas da guerra eram as únicas que conhecíamos. Até agora não conheço outro mundo, outras pessoas. Por acaso existiram em algum momento?

A vila de minha infância depois da guerra era feminina. Das mulheres. Não me lembro de vozes masculinas. Tanto que isso ficou comigo: quem conta a guerra são as mulheres. Choram. Cantam enquanto choram.

Na biblioteca da escola, metade dos livros era sobre a guerra. Tanto na biblioteca rural quanto na do distrito, onde meu pai sempre ia pegar livros. Agora, tenho uma resposta, um porquê. Como ia ser por acaso? Estábamos o tempo todo em guerra ou nos preparando para ela. E rememorando como combatímos. Nunca tínhamos vivido de outra forma, talvez nem saibamos como fazer isso. Não imaginamos outro modo de viver, teremos que passar um tempo aprendendo.

Por muito tempo fui uma pessoa dos livros: a realidade me assustava e atraía. Desse desconhecimento da vida surgiu uma coragem. Agora penso: se eu fosse uma pessoa mais ligada à realidade, teria sido capaz de me lançar nesse abismo? De onde veio tudo isso: do desconhecimento? Ou foi uma intuição do caminho? Pois a intuição do caminho existe...

Passei muito tempo procurando... Com que palavras seria possível transmitir o que escuto? Procurava um gênero que respondesse à forma como vejo o mundo, como se estruturam meus olhos, meus ouvidos.

Uma vez, veio parar em minhas mãos o livro *Eu venho de uma vila em chamas*. Tinha uma forma incomum: um romance constituído a partir de vozes da própria vida, do que eu escutara na infância, do que agora se escuta na rua, em casa, no café. É isso! O círculo se fechou. Achei o que estava procurando. O que estava pressentindo.

Svetlana Aleksiévitch. A guerra não tem rosto de mulher. Companhia das Letras, 2016, p. 9-11 (com adaptações).

O texto 1A1-I é predominantemente

- a) narrativo.
- b) descritivo.
- c) dissertativo.
- d) argumentativo.
- e) expositivo.



O texto é predominantemente narrativo. Nele, a autora (Svetlana Aleksiévitch, ganhadora do Nobel de Literatura) narra em primeira pessoa suas memórias. Nessa narração, a autora apresenta percepções subjetivas (emoções, pensamentos etc.) acerca do que se narra.

Letra a.**005. (CEBRASPE/IBGE/SUPERVISOR/2021)****Texto 1A2-I**

Este artigo questiona a informação histórica de que o Brasil se insere na modernidade-mundo, o chamado “mundo moderno”, através da realização da Semana de Arte Moderna de 1922. Tal inserção se daria, na verdade, pela construção do samba moderno a partir da ótica artística de Pixinguinha (1897-1973), em especial pela sua excursão com os Oito Batutas pela França, em 1921, patrocinada pelo multimilionário Arnaldo Guinle (1884-1963), apesar das críticas negativas de cunho racista dos cadernos culturais da época.

O samba de Pixinguinha é resultante do amálgama das expressões culturais e religiosas afro-brasileiras e das trocas de experiências culturais entre diferentes expressões culturais que começavam a circular pelo mundo, de maneira mais ampla e rápida, graças às ondas sonoras de rádio, às gravações de discos e às partituras que chegavam ao Rio de Janeiro. Existia toda uma vida cultural que se desenvolvia em torno da vida portuária carioca, que funcionava como acesso das populações pobres e marginalizadas da cidade ao que de mais moderno ocorria no mundo, de maneiras inimaginadas pelas elites da época, com impactos ainda não devidamente situados e valorizados em suas importâncias e significados para a cultura brasileira. Há ainda a influência da música europeia como a polca ou a música de Bach, retrabalhadas e contextualizadas pelos músicos negros e mestiços que deram origem ao choro e ao maxixe, os quais seriam presenças seminais no artesanato musical de Pixinguinha.

Pixinguinha e seus oito Batutas subvertem a ordem racista da elite brasileira da época conquistando — literalmente — a cidade luz, estabelecendo novos parâmetros culturais e de modernidade para os próprios europeus. No entanto, mesmo que seu impacto no exterior tenha se dado de maneira espaçada e pontual, a Semana de Arte Moderna de 1922 ficou conhecida como símbolo de nossa inserção na modernidade-mundo vigente, em detrimento do impacto imediato causado pela arte revolucionária de Pixinguinha e sua trupe musical entre os círculos culturais europeus. Cada apresentação era uma demonstração ao mundo de uma nova forma de música urbana, articulada e desenvolvida, com estrutura rítmica e harmoniosa de alta sofisticação. Não é por acaso que as gravações e partituras desse período em Paris tornaram-se referenciais para o cenário musical francês e para o mundo do jazz norte-americano, como ficaria comprovado pela admiração confessa de Louis Armstrong (1901-1971) por Pixinguinha ou pela regravação de Tico-Tico no fubá por Charlie Parker (1920-1955), no álbum La Paloma, em 1954. Christian Ribeiro. Pixinguinha, o samba e a construção do Brasil moderno.

Internet: (com adaptações).

O texto 1A2-I é um exemplo do gênero textual denominado artigo de opinião. A partir dessa informação e das características do texto 1A2-I, é correto afirmar que ele é predominantemente

- a) narrativo-expositivo.
- b) descritivo-narrativo.
- c) expositivo-descritivo.
- d) dissertativo-argumentativo.
- e) injuntivo-argumentativo.



Já no início da leitura, temos fortes indícios de que o texto é de natureza argumentativa: “Este artigo questiona a informação histórica de que o Brasil se insere na modernidade-mundo”. Ao longo do texto, o autor apresenta informações relativas à história cultural do Brasil de forma impessoal, em linguagem denotativa e com predomínio da função referencial (e por isso o texto é dissertativo). Além disso, há clara defesa de um ponto de vista: a tese está apresentada na introdução e os argumentos são desenvolvidos na sequência do texto.

Letra d.

006. (CEBRASPE/IBGE/SUPERVISOR/2021)

O termo “dado de pesquisa” tem uma amplitude de significados que vão se transformando de acordo com domínios científicos específicos, objetos de pesquisas, metodologias de geração e coleta de dados e muitas outras variáveis. Pode ser o resultado de um experimento realizado em um ambiente controlado de laboratório, um estudo empírico na área de ciências sociais ou a observação de um fenômeno cultural ou da erupção de um vulcão em um determinado momento e lugar. Dados digitais de pesquisa ocorrem na forma de diferentes tipos de dados, como números, figuras, vídeos, softwares; com diferentes níveis de agregação e de processamento, como dados crus ou primários, dados intermediários e dados processados e integrados; e em diferentes formatos de arquivos e mídias. Essa diversidade, que vai sendo delineada pelas especificidades de cada disciplina, suas condicionantes metodológicas, protocolos, workflows e seus objetivos, se torna um desafio — pelo alto grau de contextualização necessário — para o pesquisador na sua tarefa de definir precisamente o que é dado de pesquisa de uma forma transversal aos diversos domínios disciplinares.

As definições encontradas nos dicionários e encyclopédias falham em capturar a riqueza e a variedade dos dados no mundo da ciência ou falham em revelar as premissas epistemológicas e ontológicas sobre as quais eles são baseados. Na esfera acadêmica, grande parte das definições são uma enumeração de exemplos: dados são fatos, números, letras e símbolos. Listas de exemplos não são verdadeiramente definições, visto que não estabelecem uma clara fronteira entre o que inclui e o que não inclui o conceito.

Luis Fernando Sayão; Luana Farias Sales. Afinal, o que é dado de pesquisa? In: Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Rio Grande. v. 34, n. 02, jul.-dez./2020, p.32-33. Internet: (com adaptações).

No primeiro parágrafo do texto, predomina a tipologia textual

- a) argumentativa.
- b) descritiva.
- c) expositiva.
- d) instrucional.
- e) narrativa.



No primeiro parágrafo do texto (e só estamos falando dele, porque é o que o item exige), observamos a predominância da tipologia expositiva: o autor busca apenas apresentar o conteúdo, predominando a função referencial e a linguagem denotativa. Não há defesa de uma tese por meio da adoção de argumentos utilizados para convencer o leitor. Também não há, neste primeiro parágrafo, predominância de elementos descritivos, instrucionais (injuntivos) ou narrativos.

Letra c.

007. (CEBRASPE/BARRA DOS COQUEIROS-SE/AJUDANTE/2020)

Texto CG3A1-I

No século 21, eu acredito que a missão da Organização das Nações Unidas (ONU) será definida por uma consciência nova e mais profunda da santidade e da dignidade de cada vida humana, independentemente de raça ou religião. Isso irá requerer que levemos o nosso olhar para além da estrutura dos Estados, ou da simples superfície de nações ou comunidades. Devemos enfocar, como nunca, a melhoria das condições de vida de homens e mulheres, individualmente, que dão ao Estado ou à nação a sua riqueza e o seu caráter.

Neste novo século, devemos começar pela compreensão de que a paz pertence não somente aos Estados ou povos, mas também a cada um e a todos os membros dessas comunidades. A soberania dos Estados não mais deverá ser utilizada como um escudo contra grandes violações aos direitos humanos. A paz deve ser real e tangível no dia a dia de cada indivíduo que dela necessite. Devemos buscá-la, acima de tudo, pelo fato de ser a condição para que cada membro da família humana possa levar uma vida de dignidade e segurança.

A lição do século passado nos fez entender que ameaçar ou atropelar a dignidade do indivíduo — como naqueles países onde o cidadão não desfruta do direito básico de escolher o seu governo, ou do direito de escolher regularmente — resultou em conflitos, perdas de civis inocentes, vidas abreviadas e comunidades destruídas.

Com efeito, os obstáculos à democracia têm muito pouco a ver com cultura ou religião, e muito mais com o desejo daqueles que se encontram no poder e querem manter sua posição a qualquer custo. Não se trata de um fenômeno novo nem restrito a uma parte específica do mundo. As pessoas de todas as culturas prezam por sua liberdade de escolha e sentem a necessidade de

ter direito de voz nas decisões que afetam suas vidas. Kofi Annan [secretário-geral das Nações Unidas], 10 dez. 2001.

In: Jerzy Szeremeta. Participação genuína na era da tecnologia de informação e comunicação (TIC). Fundação Luís Eduardo Magalhães. Gestão pública e participação. Cadernos da FLEM. 20.ª ed. Salvador: FLEM, 2005, cap. III, p. 105-6 (com adaptações).

Acerca dos tipos textuais, é correto afirmar que, no texto CG3A1-I, predomina a

- a) argumentação.
- b) descrição.
- c) instrução.
- d) narração.
- e) prescrição.



O texto é predominantemente argumentativo: o autor (Jerzy Szeremeta) apresenta argumentos para defender uma tese (e, com isso, convencer o leitor acerca de seu ponto de vista). Há diversas marcas linguísticas, a começar pela adoção da primeira pessoa (“eu acredito”; “devemos começar”), frases assertivas (A soberania dos Estados não mais deverá ser utilizada como um escudo contra grandes violações aos direitos humanos.) e estruturas com articulação lógica (de causa e consequência, em “[A lição do século passado nos fez entender que ameaçar ou atropelar a dignidade do indivíduo]_{causa} [resultou em conflitos, perdas de civis inocentes, vidas abreviadas e comunidades destruídas.]_{consequência}”).

Letra a.

008. (CEBRASPE/CGE-CE/AUDITOR/2019)

Texto CB1A1-II

Ainda hoje, em muitos rincões do nosso país, são encontrados administradores públicos cujas ações em muito se assemelham às de Nabucodonosor, rei do império babilônico, que, buscando satisfazer sua rainha Meda, saudosa das colinas e florestas de sua pátria, providenciou a construção de estupendos jardins suspensos. Essa excentricidade, que consumiu anos de labor e gastos incalculáveis, culminou em uma das sete maravilhas do mundo antigo.

Tal “maravilha”, que originou mais ônus do que propriamente benefícios, apresenta grande similitude com devaneios atuais em que se constata o gasto de dinheiro público com atos de motivação fútil e imoral, finalidade dissociada do interesse público e em total afronta à razoabilidade administrativa, com flagrante desproporção entre o numerário despendido e o benefício auferido pela coletividade.

Além da insensatez detectada em alguns atos de administração, constata-se a existência de situação mais grave e preocupante, a degeneração de caráter em muitos entre os que ascendem à gestão do interesse público. Essa degeneração, em alguns casos, precede a investidura; em outros, tem causas endêmicas, sendo o resultado inevitável da interação com um meio viciado.

Emerson Garcia e Rogério Pacheco Alves. Improbidade administrativa. 8.ª ed. São Paulo: Saraiva, 2014, p. 47 (com adaptações).

No texto CB1A1-II, predomina a tipologia

- a) injuntiva.
- b) narrativa.
- c) descritiva.
- d) expositiva.
- e) argumentativa.



O texto é predominantemente argumentativo: os autores apresentam argumentos para defender uma tese (relativa à noção de improbidade administrativa). Nessa defesa, o autor utiliza, secundariamente, elementos narrativos, os quais são adotados como estratégia argumentativa (via ilustração). Note, também, que o texto possui traços de primeira pessoa (do plural, em "do nosso país") e de impessoalização (como a passiva em "constata-se a existência de situação mais grave").

Letra e.

009. (CEBRASPE/SEFAZ-RS/TÉCNICO/2018)

Texto 1A1-II

O imposto sobre a propriedade de veículos automotores (IPVA) é um tributo que deve ser pago todo ano pelos donos de qualquer tipo de veículo. O valor do IPVA é calculado com base no valor do veículo comprado, e sua quitação é um requisito para o licenciamento.

Do total arrecadado com cada veículo, 50% vão para o governo estadual e os outros 50%, para o município no qual o veículo tiver sido emplacado. Essa arrecadação, recolhida pela União, pelos estados ou pelos municípios, não é exclusivamente destinada a asfaltamento de ruas e colocação de sinais, isto é, a manutenção de rodovias, mas pode abranger despesas com educação, saúde, segurança, saneamento, entre outros.

Para pagar o IPVA, o proprietário de veículo recebe em sua casa um aviso de vencimento do imposto, com informações sobre o veículo, valores, datas, parcelas, formas de pagamento. Com esse documento é possível quitar o IPVA, juntamente com o seguro obrigatório, e até fazer o licenciamento antecipado. O não pagamento do IPVA implica multa e impede a realização do licenciamento.

Internet: (com adaptações).

Com relação à tipologia textual, é correto afirmar que o texto 1A1-II é predominantemente

- a) descritivo.
- b) informativo.
- c) argumentativo.
- d) narrativo.
- e) prescritivo.



O texto é predominantemente informativo (expositivo): o autor busca apenas apresentar o conteúdo, predominando a função referencial e a linguagem denotativa. Não há defesa de uma tese por meio da adoção de argumentos utilizados para convencer o leitor. Também não há predominância de elementos narrativos, descritivos ou prescritivo.

Letra b.**010. (FGV/TJ-RO/TÉCNICO JUDICIÁRIO/2021)**

A Polícia Militar foi informada que o criminoso, usando um alicate grande, teria cortado o cadeado do portão da residência, porém, o cachorro da casa começou a latir e o homem fugiu.

Populares seguiram o criminoso, acionaram a Polícia Militar, ele recebeu voz de prisão e foi encaminhado para a Central de Flagrantes.

(Rondoniagora, 17/09/2021)

Esse segmento de texto é predominantemente narrativo; as duas formas verbais que mostram sequência cronológica são:

- a) foi informada/usando.
- b) usando/teria cortado.
- c) teria cortado/começou a latir.
- d) seguiram/acionaram.
- e) recebeu/foi encaminhado.



A questão solicita as duas formas verbais que mostram sequência cronológica (um evento ocorrer após o outro na linha do tempo). Isso ocorre em “recebeu” e “foi encaminhado” (alternativa “e”): **EVENTO 1** = receber voz de prisão – **EVENTO 2** = ser encaminhado. Essa sequência ocorre uma após a outra na linha do tempo. Em “d”, os eventos “seguiram” e “acionaram” poderiam ocorrer simultaneamente (uma parte dos populares “seguiram” o criminoso enquanto (ao mesmo tempo em que) outra parte dos populares “acionaram” a PM).

Letra e.**011. (FGV/TJ-RO/TÉCNICO JUDICIÁRIO/2021)**

Em um passeio numa praia do Havaí (EUA), a menina Abbie Graham, 9 anos, encontrou uma garrafa lançada ao mar há 37 anos por alunos de uma escola do Japão, como parte de um projeto de estudo das correntes marítimas.

(Tudo Bem, 17/09/2021)

Nessa pequena notícia, o segmento “como parte de um projeto de estudo das correntes marítimas” tem a função de:

- a) explicar o porquê de a garrafa ter sido atirada ao mar.
- b) dar seriedade a uma ação que pode ser vista como diversão.
- c) mostrar o avanço do Japão em educação.
- d) indicar o momento em que a ação foi praticada.
- e) demonstrar interesse pelo resultado do estudo.



Pelo critério de especificidade, a alternativa “b” é a correta. Nela, observamos que a função precípua do segmento é explicar, de modo detalhado (no sentido de “dar seriedade a uma ação que pode ser vista como diversão”), o contexto em que a garrafa foi lançada ao mar há 37 anos por alunos de uma escola do Japão.

Letra b.

012. (FGV/TJ-RO/TÉCNICO JUDICIÁRIO/2021)

Para pessoas como Jorge Mateus – um homem de 56 anos que decidiu experimentar o protocolo de aumento de energia do r. Rafael depois de tentar completar um projeto de reparo residencial o efeito foi quase imediato.

Comecei este regime, e já percebi que tenho muita energia para executar o meu trabalho. Trabalho e viajo muito, minha rotina é dura até para um jovem de 30 anos, quem dirá pra minha idade. Eu estou animado porque me sinto muito melhor, com mais foco e mais disposição, escreveu ele.

O método utilizado para fazer a publicidade do regime é:

- a) dar um testemunho de autoridade no setor.
- b) citar um exemplo de adoção do regime.
- c) trazer uma estatística sobre o emprego do regime.
- d) indicar a quantidade de usuários do regime.
- e) informar uma opinião do próprio autor do regime.



A publicidade é realizada por meio da citação de um exemplo de adoção do regime (por Jorge Mateus). Como esse indivíduo não possui credenciais para validá-lo como uma autoridade (por exemplo, ser nutrólogo, nutricionista, endocrinologista etc.), descartamos a alternativa “a”.

Letra b.

013. (FGV/TJ-RO/TÉCNICO JUDICIÁRIO/2021) A afirmativa abaixo que mostra uma contradição interna é:

- a) O casal tem dois filhos, mas a menina é mais inteligente que o menino.
- b) Eu adoro passear sozinho; meu amigo João também, por isso podemos passear juntos.
- c) Para passar o tempo, os guardas penitenciários jogam cartas durante o expediente.
- d) O jornaleiro não estava vendendo jornais ontem porque o distribuidor não os entregou em sua banca.
- e) Os alunos reclamaram das notas de comportamento que lhes foram atribuídas, sem qualquer explicação.



A contradição interna em "b" é a seguinte: eles não "podem" passear **juntos**, tendo em vista adorarem passear **sozinhos**.

Letra b.

014. (FGV/TJ-RO/TÉCNICO JUDICIÁRIO/2021)

Muitas vezes, as alegações presentes num raciocínio apresentam deficiências argumentativas. Numa redação escolar, havia o seguinte segmento: "Napoleão só podia mesmo perder a batalha em Waterloo, pois estava gripado, febril, como pude ver num filme de produção americana".

O problema dessa alegação é que ela:

- a) não estabelece uma relação lógica entre os fatos.
- b) contraria as informações históricas.
- c) se apoia em fato de pouca credibilidade: um filme.
- d) mostra uma afirmação sem referências.
- e) se apoia exclusivamente em opiniões pessoais.



A alegação é frágil porque se baseia/apoia/fundamenta em um fato de pouca credibilidade: um filme (uma obra muitas vezes de natureza ficcional, a qual está comprometida com fins estéticos, não necessariamente documentais).

Letra c.

015. (FGV/PREF. MUN. PAULÍNIA-SP/AUXILIAR/2021) O pacote de um produto de supermercado trazia impressa a seguinte informação:

FAB: 28/04/2020

VAL: 10/05/2020

Essa informação significa que

- a) o produto deve ser consumido até 10/05/2020.
- b) 28/04/2020 indica a data em que o produto foi entregue ao supermercado.
- c) 28/04/2020 indica o dia em que o produto começou a ser fabricado.
- d) o produto só tem validade após 10/05/2020.
- e) o preço do produto continua o mesmo até 10/05/2020.



A questão analisa a informação presente em um pacote de um produto de supermercado. Trata-se das datas de fabricação e de validade. Em “a”, temos a correta análise sobre a data de validade: o produto deve ser consumido até a data estipulada. Nas demais alternativas, há inadequações: a data de fabricação indica a data final de produção (não a entrega ao supermercado ou o dia em que o produto começou a ser fabricado); o produto não tem validade “após” 10/05/2020, mas “até” essa data; por fim, a informação não diz respeito ao preço do produto.

Letra a.

016. (FGV/PREF. MUN. PAULÍNIA-SP/AUXILIAR/2021) Assinale a opção que apresenta a frase em que se identifica o autor da ação.

- a) O banco foi roubado ontem à noite.
- b) Uma vigem repentina deve ser feita.
- c) Precisa-se de um ajudante de pedreiro.
- d) Uma mala foi encontrada no aeroporto.
- e) Os hóspedes estrangeiros chegaram ao hotel.



Por “autor da ação”, a questão quer identificar a entidade que realiza o evento. Em “Os hóspedes estrangeiros chegaram ao hotel”, o termo “hóspedes estrangeiros” denota os indivíduos que chegaram ao hotel (isto é, os autores dessa ação). Em “a”, “b”, “c” e “d”, temos estruturas de impessoalização (seja pela passiva verbal, seja pela utilização do “se” índice de indeterminação do sujeito).

Letra e.

017. (FGV/PREF. MUN. PAULÍNIA-SP/AUXILIAR/2021) Acima de um assento de ônibus urbano havia um cartaz que dizia:

“Assento reservado para idosos, deficientes físicos, grávidas e senhoras com crianças de colo.”

Assinale a opção que indica o que todas as pessoas indicadas no cartaz têm em comum.

- a) A idade avançada.
- b) O grande peso corporal.
- c) Uma enfermidade grave.
- d) A dificuldade de locomoção.
- e) O transporte difícil de algo pesado.



Todas as pessoas indicadas no cartaz (idosos, deficientes físicos, grávidas e senhoras com crianças de colo) possuem dificuldade de locomoção. Em “a”, “b”, “c” e “e”, as características indicadas não são partilhadas por todas as pessoas que compõem o grupo indicado no cartaz.

Letra d.

018. (FGV/PREF. MUN. PAULÍNIA-SP/AUXILIAR/2021) Um pequeno aviso colocado atrás do assento do motorista de um ônibus dizia:

“Não fale com o motorista.”

A preocupação de quem fez o cartaz, era

- a) a segurança da viagem.
- b) o preço da passagem.
- c) o incômodo do barulho.
- d) a distração dos passageiros.
- e) a possibilidade de uma discussão.



Quando alguém fala com o motorista, abre-se a possibilidade de o motorista se distrair. Quando o motorista se distrai, há uma possibilidade de ocorrer um acidente (na condução do veículo). Assim, não falar com o motorista evita acidentes (isto é, traz segurança à viagem). Logo, a alternativa correta é a “a”. Na cadeia lógica vinculada ao enunciado e à situação comunicativa, não é possível inferir “b”, “c”, “d” ou “e”.

Letra a.

019. (FGV/PREF. MUN. PAULÍNIA-SP/AUXILIAR/2021) Leia o fragmento de uma notícia a seguir.

“Está chovendo desde o início da madrugada desta segunda-feira (27), em toda a Região Metropolitana de São Paulo/O resultado são muitas ruas e avenidas alagadas, além de lerdeza no trânsito”.

O fragmento está estruturado em dois períodos, separados por uma barra inclinada. Os assuntos abordados nesses dois períodos são, respectivamente,

- a) causa das chuvas/notícia de um fato.
- b) consequências da chuva/início das chuvas.
- c) localização dos temporais/causa das chuvas.
- d) início das chuvas/localização dos temporais.
- e) notícia de um fato/consequências da chuva.



No primeiro período, temos a apresentação de um fato. Não se fala, nesse primeiro período, sobre a causa, as consequências ou o início das chuvas. No segundo período, fala-se sobre as consequências da chuva (resultado do fato apresentado no primeiro período). No segundo período, não se fala sobre o início/a causa/a localização das chuvas, muito menos se noticia um fato (o qual, na verdade, é apresentado no período anterior).

Letra e.

020. (FGV/PREF. MUN. PAULÍNIA-SP/AUXILIAR/2021) A loja de roupas

“O Príncipe” tinha o seguinte slogan: “O Príncipe veste hoje o homem de amanhã!”

Por essa frase deduz-se que essa loja vendia roupas destinadas a

- a) famílias de maior renda.
- b) crianças do sexo masculino.
- c) crianças de ambos os sexos.
- d) homens praticantes de esportes.
- e) adolescentes de ambos os sexos.



Para marcar a alternativa adequada, é preciso identificar as marcas de gênero gramatical. No “slogan”, lemos “O Príncipe veste o homem de amanhã”. O artigo definido masculino singular “o” (nas duas ocorrências) e o termo “homem” designam, aqui, crianças do sexo masculino. Assim, deve-se marcar a alternativa “b” e desconsiderar as demais alternativas, pois do “slogan” não podemos inferir informações sobre renda ou prática realizada (como esportes).

Letra b.

021. (FGV/PREF. MUN. PAULÍNIA-SP/AUXILIAR/2021) Uma grande placa no meio de uma rodovia dizia: “Desculpe o transtorno: estamos em obras de asfaltamento para poder atendê-lo melhor.”

Essa frase se dirige

- a) a todos os motoristas que passam pelo local.
- b) a todos os motoristas e pedestres.
- c) exclusivamente a motoristas de transporte público.
- d) exclusivamente a motoristas particulares.
- e) exclusivamente a pedestres.



Alguns elementos devem ser considerados para marcarmos a alternativa “a”. Primeiramente, a frase está no meio de uma rodovia. Em segundo lugar, a placa indica a realização de obras de asfaltamento. Ora, em rodovias e em asfalto transitam tipicamente veículos motorizados. Esses veículos são conduzidos por motoristas. Se a frase fosse dirigida a pedestres, haveria a indicação de locais destinados a pedestres (calçadas, faixas de pedestres, passarelas etc.). Por fim, não há elementos que nos permitam inferir que a frase é destinada especificamente a motoristas de transporte público ou a motoristas particulares.

Letra a.

022. (FGV/PREF. MUN. PAULÍNIA-SP/AUXILIAR/2021) Uma loja mostrava o seguinte cartaz em sua entrada:

“Sorria, você está sendo filmado!”

Essa frase se dirige especialmente, aos

- a) homens vaidosos.
- b) indivíduos desonestos.
- c) clientes muito educados.
- d) fregueses jovens.
- e) compradores compulsivos.



A frase “Sorria, você está sendo filmado” é utilizada como alerta (eufemístico e irônico, pode-se dizer) dirigido especialmente a indivíduos desonestos, os quais creem que seus atos ilícitos (como o roubo) não serão vistos. Com a frase, busca-se eliminar essa crença de impunidade ao se destacar que os atos estão sendo filmados (e, por consequência, evitar os atos ilícitos). Por isso, a frase não se dirige a homens vaidosos, clientes educados, fregueses jovens ou compradores compulsivos.

Letra b.

023. (FGV/PREF. MUN. PAULÍNIA-SP/PROFESSOR/2021)

Uma noite destas, vindo da cidade para o Engenho Novo, encontrei no trem da Central um rapaz aqui do bairro, que eu conheço de vista e de chapéu. Cumprimentou-me, sentou-se ao pé de mim, falou da Lua e dos ministros, e acabou recitando-me versos. A viagem era curta, e os versos pode ser que não fossem inteiramente maus. Sucedeu, porém, que, como eu estava cansado, fechei os olhos três ou quatro vezes; tanto bastou para que ele interrompesse a leitura e metesse os versos no bolso.

Esse é o início do romance Dom Casmurro; é correto afirmar, sobre esse texto, que se trata de texto

- a) narrativo com sequências descritivas e argumentativas.
- b) narrativo com sequências descritivas.
- c) descritivo, com sequências narrativas e argumentativas.
- d) narrativo com sequências expositivas.
- e) descritivo com sequências descritivas e expositivas.



O texto é predominantemente narrativo. Além da narração de eventos praticados por personagens em determinado tempo/espaço, há a descrição. A forma descritiva do texto se expressa da seguinte forma: Machado de Assis formula uma descrição mais subjetiva (a partir do olhar do narrador-personagem), a qual constrói a cena em que os eventos ocorrem. Assim, a simples apresentação de informações (ficionais) não é capaz de tornar as sequências expositivas.

Letra b.

024. (FGV/PREF. MUN. PAULÍNIA-SP/PROFESSOR/2021) Assinale a opção que indica o segmento que deve ser colocado como texto narrativo.

- a) Acho esse filme melhor que o outro.
- b) A Branca de Neve é um conto excelente.
- c) Entrei, sentei-me e levantei-me a seguir.
- d) João era pequeno e não tinha esperança de crescer.
- e) Tenho opiniões próprias, mas nem sempre concordo com elas.



Em "c", predomina uma sequenciação de eventos realizados pelo enunciador (primeira pessoa). Assim, nesse segmento predomina a narração. Em "d", predomina a descrição. Em "a", "b" e "e", predominam formas opinativas.

Letra c.

025. (FGV/PREF. MUN. PAULÍNIA-SP/PROFESSOR/2021) Leia a frase a seguir.

"Só posso desejar que esse livro alcance o sucesso que ele certamente merece."

Nela há a apresentação de

- a) uma opinião pessoal.
- b) um lugar-comum.
- c) uma opinião alheia.
- d) uma afirmação duvidosa.
- e) uma citação de outro autor.



O trecho é uma opinião pessoal. Nela, o autor fala em primeira pessoa, apresentando um ponto de vista sobre um livro.

Letra a.

026. (FGV/TJ-RO/TÉCNICO JUDICIÁRIO/2021) Um artigo sobre a vida eclesiástica trazia em seu texto três afirmações em sequência:

- Os religiosos levam uma vida sóbria e isenta de preocupações com a família;
- A vida sóbria e isenta de preocupações com a família a torna apta para trabalhos intelectuais;
- A aptidão para trabalhos intelectuais torna essa vida própria ao ensino.

A conclusão lógica que o artigo deve tirar dessas premissas é:

- a) todos deviam levar uma vida como a dos religiosos.
- b) os trabalhos intelectuais só devem ser feitos por religiosos.
- c) a educação deve levar os alunos a uma vida sóbria.
- d) a vida isenta de preocupações é própria para a educação.
- e) os religiosos devem dedicar-se ao ensino.



A conclusão lógica é a que vincula o primeiro termo (da primeira premissa) ao último termo da última premissa. Há quatro termos e três premissas: a > b; b > c; c > d. Em "e", temos a conclusão envolvendo "a" e "d".

Letra e.

027. (FGV/MP-RJ/ANALISTA/2019) Observe o raciocínio a seguir.

"O médico recomendou-me este xarope. Vou ficar bom logo."

Sempre que passamos de uma premissa diretamente a uma conclusão, assumimos como verdadeira uma ideia intermediária.

A ideia intermediária desse raciocínio é:

- a) o médico é bastante competente.
- b) o xarope é um medicamento tradicional.
- c) o xarope vai ser tomado na dosagem certa.
- d) o exame foi demorado e meticoloso.
- e) o remédio é de criação recente.



Na sequência “O médico recomendou-me este xarope. Vou ficar bom logo.”, a ideia intermediária pode ser expressa pela fórmula “como [ideia intermediária], logo...”. Assim, temos:

“O médico recomendou-me este xarope. **Como** o médico é bastante competente, **logo** vou ficar bom logo”. Essa ideia intermediária é derivada da relação entre as duas partes:

I – o médico recomendou-me este xarope

II – vou ficar bom logo

Se assumo II – como verdade, a recomendação do médico é eficiente. Se a recomendação é eficiente, pode-se depreender que quem recomenda é competente.

As demais alternativas abordam uma ideia intermediária que pouco tem a ver com a verdade em II – o remédio ser tradicional; a dosagem da medicação; a condução do exame; o período de criação do remédio.

Letra a.

028. (FGV/AL-RO/ANALISTA/2018)

“O policial guardou as anotações e a arma na gaveta da sala. Parou os olhos no cartão de ponto...
[Falaria ou não com o delegado sobre o caso daquele furto?] Enfiou a caneta no bolso da camisa e dirigiu-se ao estacionamento.”

Esse segmento narrativo mostra uma interrupção marcada por colchetes; esse tipo de interrupção é caracterizado por um(a):

- a) descrição de um ambiente externo.
- b) descrição de uma cena imaginária.
- c) *flashback*.
- d) reflexão sobre a própria trama.
- e) reflexão sobre a estrutura narrativa.



A interrupção é um exemplar de discurso indireto livre. Nele, faz-se uma reflexão sobre a própria trama, não sendo clara a identificação do autor do pensamento (se o narrador ou se o policial).

Letra d.

029. (FGV/AL-RO/ANALISTA/2018)

"A mulher aproximou-se da beira do cais e olhou em volta. O cenário da baía era lindíssimo, com suas pequenas ilhas cercadas de água azulada. Voltou para dentro do restaurante e chamou o marido".

Sobre a estruturação narrativa desse segmento a afirmativa adequada é:

- a) o primeiro período do texto não apresenta continuidade.
- b) o segundo período do texto mostra uma interrupção na narrativa.
- c) o segundo período do texto constitui o que se chama de *flashback*.
- d) o último período está cronologicamente situado antes do primeiro.
- e) O segundo período do texto é classificado como argumentativo.



Vamos à divisão dos períodos:

[1º] A mulher aproximou-se da beira do cais e olhou em volta.

[2º] O cenário da baía era lindíssimo, com suas pequenas ilhas cercadas de água azulada.

[3º] Voltou para dentro do restaurante e chamou o marido".

O terceiro período é uma descrição do ambiente em que a narrativa se passa. Sendo uma descrição, torna-se uma interrupção à sequência narrativa.

Letra b.

030. (FGV/AL-RO/ANALISTA/2018) O texto abaixo em que o argumentador, na tentativa de convencer o leitor, apela para a intimidação por constrangimento é:

- a) Não deixe para amanhã o que pode fazer depois de amanhã.
- b) Não passe vergonha em público: use Corega em sua dentadura.
- c) Compre dois vidros de remédio e receba um de graça!
- d) Não urine na rua, pois isso pode levá-lo à prisão.
- e) Fique mais atraente usando perfumes Dior.



A intimidação por constrangimento está presente na alternativa "b". Isso porque há a "ameaça" a uma possível situação de vergonha (constrangimento): a queda da dentadura.

Letra b.

031. (FGV/AL-RO/ANALISTA/2018)

"De Roma, o correspondente da Folha de São Paulo informa que o Papa vai condenar publicamente os atentados terroristas da Espanha".

Essa é uma notícia de jornal; o elemento argumentativo que dá mais credibilidade à informação dada é:

- a) a proximidade do correspondente em relação à fonte da informação.
- b) o fato de a informação ter sido dada por um jornal de grande circulação.
- c) a circunstância de o jornal informante estar localizado na cidade de São Paulo.
- d) a condenação anunciada ter sido proferida pelo Papa.
- e) o tema da informação ser uma atividade amplamente condenada pela opinião pública.



A ordem das palavras no trecho revela que o deslocamento do adjunto “De Roma” para a posição inicial se deve à valorização dessa informação (o correspondente estar próximo à fonte de informação, na cidade de Roma).

Letra a.

032. (FGV/AL-RO/ANALISTA/2018) O fragmento textual abaixo que não apresenta humanização do personagem animal é:

- a) Não chovia há muitos e muitos meses, de modo que os animais ficaram inquietos. Não se sabia se ia chover logo, ou se ainda ia demorar.
- b) Morreu a colibri. Morreu rápido, fácil, sem dores ou aflições. Morreu como um passarinho. Sua única tristeza, ao partir, parecia a certeza de que, como todos os colibris, o esposo morreria assim que ela abandonasse o mundo
- c) Em certo dia de data incerta, um galo velho e uma galinha nova encontraram-se no fundo de um quintal e, entre uma bicada e outra, trocaram impressões sobre como o mundo estava mudado
- d) O leão fugido do circo vinha correndo pela rua quando viu um senhor à sua frente. Aí caminhou pé ante pé, bateu delicadamente nas costas do senhor e disse, disfarçando a voz leonina o mais possível: “Cavalheiro, tenha cuidado e muita calma: acabei de ouvir dizer que um macaco fugiu do circo agora mesmo”.
- e) Saiu o leão a fazer sua pesquisa estatística para verificar se ainda era o Rei das Selvas.



a) Certa. A humanização está presente na inserção de psicologia, de emoções ou de atitudes não presentes na cognição/no comportamento animal. Isso está presente em “b”, “c”, “d” e “e”:

- b) Errada. Sua única tristeza.
- c) Errada. Trocaram impressões.
- d) Errada. Bateu delicadamente nas costas do senhor e disse.
- e) Errada. Fazer sua pesquisa estatística.

Letra a.

033. (FGV/TJ-SC/TÉCNICO/2018)

O discurso da separação amorosa

Flávio Gikovate em 16/03/2015

Um dos sentimentos mais comuns depois de uma separação amorosa é a enorme curiosidade em relação ao destino do outro. Mesmo o parceiro que tomou a iniciativa fará de tudo para saber como o abandonado está passando. Esse interesse raras vezes resulta de uma genuína solidariedade. Decorre, na maioria dos casos, de uma situação ambivalente que lembra o mecanismo da gangorra. Por um lado, ver o sofrimento de uma pessoa tão íntima nos deixa tristes; por outro, satisfaz a vaidade. Num certo sentido, é gratificante saber que o ex-companheiro vive mal longe de nós e teve prejuízos com a separação. Esse aspecto menos nobre da personalidade humana, infelizmente, costuma predominar.

O texto deve ser visto como argumentativo. Os argumentos apresentados pelo autor se fundamentam nos(na):

- a) opinião pessoal do autor.
- b) testemunhos de autoridade.
- c) experiência profissional de psicólogos.
- d) observação científica da natureza humana.
- e) depoimentos pessoais de pessoas separadas.



Toda a estrutura argumentativa baseia-se na opinião pessoal do autor. Trata-se, assim, de uma sequência de posicionamentos pessoais (subjetivos) acerta de um tema (separação amorosa). Essa sequência de posicionamentos pessoais é destinada ao convencimento do leitor.

Letra a.

034. (FGV/MPE-AL/ANALISTA/2018)

Oportunismo à direita e à esquerda

Numa democracia, é livre a expressão, estão garantidos o direito de reunião e de greve, entre outros, obedecidas leis e regras, lastreadas na Constituição. Em um regime de liberdades, há sempre o risco de excessos, a serem devidamente contidos e seus responsáveis, punidos, conforme estabelecido na legislação.

É o que precisa acontecer no rescaldo da greve dos caminhoneiros, concluídas as investigações, por exemplo, da ajuda ilegal de patrões ao movimento, interessados em se beneficiar do barateamento do combustível.

Sempre há, também, o oportunismo político-ideológico para se aproveitar da crise. Inclusive, neste ano de eleição, com o objetivo de obter apoio a candidatos. Não faltam, também, os arautos do quanto pior, melhor, para desgastar governantes e reforçar seus projetos de poder,

por mais delirantes que sejam. Também aqui vale o que está delimitado pelo estado democrático de direito, defendido pelos diversos instrumentos institucionais de que conta o Estado – Polícia, Justiça, Ministério Público, Forças Armadas etc.

A greve atravessou vários sinais ao estrangular as vias de suprimento que mantêm o sistema produtivo funcionando, do qual depende a sobrevivência física da população. Isso não pode ser esquecido e serve de alerta para que as autoridades desenvolvam planos de contingência.

O Globo, 31/05/2018.

O texto, em sua organização, deve ser caracterizado como:

- a) narrativo, já que expõe uma série de fatos.
- b) argumentativo, pois defende uma tese.
- c) expositivo, já que informa fatos recentemente ocorridos.
- d) descritivo, porque fornece características e qualidades.
- e) poético, pois expõe uma realidade de forma sentimental.



No texto, o autor posiciona-se sobre um tema (greve dos caminhoneiros) e faz uso de argumentos de modo a convencer o leitor. A sequenciação dos argumentos, por sua vez, é feita via encadeamento lógico – e esse encadeamento lógico visa a defesa de uma tese.

Letra b.

035. (FGV/MPE-AL/TÉCNICO/2018)

Não faltou só espinafre

A crise não trouxe apenas danos sociais e econômicos. Mostrou também danos morais.

Aconteceu num mercadinho de bairro em São Paulo. A dona, diligente, havia conseguido algumas verduras e avisou à clientela. Formaram-se uma pequena fila e uma grande discussão. Uma senhora havia arrematado todos os dez maços de espinafre. No caixa, outras freguesas perguntaram se ela tinha restaurante. Não tinha. Observaram que a verdura acabaria estragada. Ela explicou que ia cozinhar e congelar. Então, foram ao ponto: caramba, havia outras pessoas na fila, ela não poderia levar só o que consumiria de imediato?

“Não, estou pagando e cheguei primeiro”, foi a resposta.

Compras exageradas nos supermercados, estoques domésticos, filas nervosas nos postos de combustível – teve muito comportamento na base de cada um por si.

Cabem nessa categoria as greves e manifestações oportunistas. Governo, cedendo, também vou buscar o meu – tal foi o comportamento de muita gente.

Carlos A. Sardenberg, in O Globo, 31/05/2018.

No segmento a seguir, a pergunta é feita em discurso indireto.

“No caixa, outras freguesas perguntaram se ela tinha restaurante.”

Assinale a opção que apresenta a forma dessa pergunta em discurso direto.

- a) A senhora tinha restaurante?
- b) A senhora tinha tido restaurante?
- c) A senhora teria restaurante?
- d) A senhora teve restaurante?
- e) A senhora tem restaurante?



No discurso indireto, a forma verbal está no pretérito imperfeito do indicativo. No discurso direto, a forma verbal deve estar no presente do indicativo.

Letra e.

036. (FCC/TRT 6ª/TÉCNICO/2018)

– Você pode entrar no ramo, disse-lhe.

A frase acima está corretamente transposta para o discurso indireto em:

- a) Disse-lhe “você pudera entrar no ramo”.
- b) Disse-lhe que você pode entrar no ramo.
- c) Disse-lhe que ele podia entrar no ramo.
- d) Disse-lhe: “ele pôde entrar no ramo”.
- e) Disse-lhe: você poderá entrar no ramo.



Lembre-se: no discurso indireto, a fala da personagem é mediada pelo “narrador”. Nesse caso, como eu disse em nossa aula, há uma alteração na perspectiva temporal: a forma verbal “pode” passa a figurar no passado: “podia”. Além disso, o discurso indireto é marcado pela subordinação. Assim, a forma adequada na transposição do discurso indireto será: “Disse-lhe que ele podia entrar no ramo.”

Letra c.

037. (FCC/DPE-RS/DEFENSOR/2018)

eu disse: sou um nômada
tu disseste: tens a febre do deserto
eu disse: tenho uma vontade de ir
tu disseste: do deserto conheces as miragens
eu disse: e a lonjura que dentro de mim vai
tu disseste: em ti quero viajar

Os dois primeiros versos do poema encontram-se transpostos para o discurso indireto, com clareza e correção, em:

- a) Dizendo que sou um nômada, respondeu-lhe que tinha a febre do deserto.
- b) Eu lhe disse que era um nômada, ao que respondeu-me que tenho a febre do deserto.
- c) Ao dizer-te que sou um nômada, respondes-me que tens a febre do deserto.
- d) Quando te digo que sou um nômada, me respondeste que tenho a febre do deserto.
- e) Disse-lhe que era um nômada, e sua resposta foi que tinhas a febre do deserto.



Para transpor o trecho para o discurso indireto, as formas devem ser “mediadas” pelo enunciador. Nessa transposição, também é preciso verificar a equivalência de sentido. Cada uma das alternativas incorretas (“a”, “c”, “d” e “e” possui alguma falha, restando apenas a alternativa “b”.

Letra b.

038. (FCC/DPE-AM/ASSISTENTE/2018)

Limites da ciência

Os deuses parecem ter um prazer especial em desmoralizar quem faz profecias sobre os limites da ciência. Auguste Comte afirmou, em 1835, que nunca surgiria um meio para estudarmos a composição química das estrelas. Bem, o método existe e hoje sabemos do que elas são feitas. Sabemos até que nós somos feitos de poeira estelar.

É verdade que Comte não era cientista, mas filósofo. Só que cientistas não se saem muito melhor. Um dos maiores físicos de seu tempo, lorde Kelvin, escreveu em 1900: “Não há mais nada novo a ser descoberto na física; só o que resta fazer são medidas cada vez mais precisas”. Vieram depois disso relatividade, mecânica quântica, modelo padrão etc.

Marcus du Sautoy conta essas histórias em *The Great Unknown* (O Grande Desconhecido). Ele sabe, portanto, que caminha em terreno perigoso quando se propõe a discutir os limites do conhecimento humano. Mas Du Sautoy, que é professor de matemática em Oxford e autor de vários livros de divulgação, tenta jogar em território razoavelmente seguro. Ele vai às fronteiras da ciência em que já temos informações suficientes para saber que há barreiras formidáveis a um conhecimento total.

A teoria do caos, por exemplo, assegura que nunca conseguiremos fazer previsões de longo prazo acerca de fenômenos como a meteorologia e engarrafamentos de trânsito. O problema é que alterações mínimas nas condições iniciais podem produzir alterações dramáticas depois de um tempo – e nós nunca temos conhecimento completo do presente.

Analogamente, ele mostra como o princípio da incerteza, a extensão do cosmo e a provável inexistência do tempo também limitam a possibilidade de conhecimento. Ao final, Du Sautoy retorna à sua especialidade e mergulha nas implicações dos teoremas da incompletude de Gödel, que criam embarracos para a própria matemática. É diversão certa para quem gosta de grandes questões.

Entre os objetivos do texto, estão:

- a) questionar a existência do tempo e censurar a teoria do caos.
- b) apresentar o livro de Du Sautoy e recomendar a sua leitura.
- c) conferir à filosofia status de ciência e opor-se à tese de Du Sautoy.
- d) reprovar o obscurantismo dos filósofos e elogiar a clareza dos cientistas.
- e) detalhar as correntes científicas atuais e anunciar seus limites.



O texto funciona como uma resenha crítica, a qual busca apresentar o livro “O Grande Desconhecido” e recomendá-lo ao leitor (como se diz ao final: “É diversão certa para quem gosta de grandes questões.”).

Letra b.

039. (INSTITUTO AOCP/TRT 1ª REGIÃO/TÉCNICO/2018)

A indústria do espírito

Jordi Soler – 23 DEZ 2017 – 21:00

O filósofo Daniel Dennett propõe uma fórmula para alcançar a felicidade: “Procure algo mais importante que você e dedique sua vida a isso”.

Essa fórmula vai na contracorrente do que propõe a indústria do espírito no século XXI, que nos diz que não há felicidade maior do que essa que sai de dentro de si mesmo, o que pode ser verdade no caso de um monge tibetano, mas não para quem é o objeto da indústria do espírito, o atribulado cidadão comum do Ocidente que costuma encontrar a felicidade do lado de fora, em outra pessoa, no seu entorno familiar e social, em seu trabalho, em um passatempo, etc. [...]

A indústria do espírito, uma das operações mercantis mais bem-sucedidas de nosso tempo, cresceu exponencialmente nos últimos anos, é só ver a quantidade de instrutores e pupilos de *mindfulness* e de ioga que existem ao nosso redor. *Mindfulness* e ioga em sua versão pop para o Ocidente, não precisamente as antigas disciplinas praticadas pelos mestres orientais, mas um produto prático e de rápida aprendizagem que conserva sua estética, seu *merchandising* e suas toxinas culturais. [...]

Frente ao argumento de que a humanidade, finalmente, tomou consciência de sua vida interior, por que demoramos tanto em alcançar esse degrau evolutivo?, proporia que, mais exatamente, a burguesia ocidental é o objetivo de uma grande operação mercantil que tem mais a ver com a economia do que com o espírito, a saúde e a felicidade da espécie humana. [...]

A indústria do espírito é um produto das sociedades industrializadas em que as pessoas já têm muito bem resolvidas as necessidades básicas, da moradia à comida até o Netflix e o Spotify. Uma vez instalada no angustiante vazio produzido pelas necessidades resolvidas, a pessoa se movimenta para participar de um grupo que lhe procure outra necessidade.

Esse crescente coletivo de pessoas que cavam em si mesmas buscando a felicidade já conseguiu instalar um novo narcisismo, um egocentrismo *new age*, um egoísmo raivosamente autorreferencial que, pelo caminho, veio alterar o famoso equilíbrio latino de *mens sana in corpore sano*, desviando-o descaradamente para o corpo. [...]

Esse inovador egocentrismo *new age* encaixa divinamente nessa compulsão contemporânea de cultivar o físico, não importa a idade, de se antepor o *corpore à mens*. Ao longo da história da humanidade o objetivo havia sido tornar-se mais inteligente à medida que se envelhecia; os idosos eram sábios, esse era seu valor, mas agora vemos sua claudicação: os idosos já não querem ser sábios, preferem estar robustos e musculosos, e deixam a sabedoria nas mãos do primeiro iluminado que se preste a dar cursos. [...]

Parece que o requisito para se salvar no século XXI é inscrever-se em um curso, pagar a alguém que nos diga o que fazer com nós mesmos e os passos que se deve seguir para viver cada instante com plena consciência. Seria saudável não perder de vista que o objetivo principal dessas sessões pagas não é tanto salvar a si mesmo, mas manter estável a economia do espírito que, sem seus milhões de subscriptores, regressaria ao nível que tinha no século XX, aquela época dourada do hedonismo suicida, em que o *mindfulness* era patrimônio dos monges, a ioga era praticada por quatro gatos pingados e o espírito era cultivado lendo livros em gratificante solidão.

Sobre tipologia e gêneros textuais, assinale a alternativa correta.

- a) O texto “A indústria do espírito” apresenta, majoritariamente, a tipologia narrativa, a qual tipicamente emprega verbos no pretérito, como é possível notar neste excerto: “A indústria do espírito, uma das operações mercantis mais bem-sucedidas de nosso tempo, cresceu exponencialmente nos últimos anos [...]”.
- b) Não há um número definido de tipologias textuais, uma vez que elas surgem e desaparecem conforme as necessidades sociodiscursivas de determinada comunidade.
- c) O segundo parágrafo do texto “A indústria do espírito” é composto por períodos simples, típicos da tipologia injuntiva.
- d) A maneira com que o texto “A indústria do espírito” se inicia, utilizando uma citação, é comum no gênero textual carta aberta.
- e) O texto “A indústria do espírito” é um exemplar do gênero textual artigo de opinião.



Ao longo do texto, percebemos claramente um posicionamento crítico do autor em relação ao tema abordado – havendo uso de argumentos para tornar seu posicionamento crítico válido. Não há predominância narrativa (não há relatos de eventos realizados/sofridos por personagens em um tempo e um espaço). Também não há traços de tipologia injuntiva (em que o autor apresenta orientações/comandos ao leitor) no segundo parágrafo. Por fim, o gênero carta aberta não está condicionado à utilização de citação.

Letra e.

040. (INSTITUTO AOCP/TRT 1ª REGIÃO/ANALISTA/2018)

[...] Saiu da casa da cartomante aos tropeços e parou no beco escurecido pelo crepúsculo — crepúsculo que é hora de ninguém. Mas ela de olhos ofuscados como se o último final da tarde fosse mancha de sangue e ouro quase negro. Tanta riqueza de atmosfera a recebeu e o primeiro esgar da noite que, sim, sim, era funda e faustosa. Macabéa ficou um pouco aturdida sem saber se atravessaria a rua pois sua vida já estava mudada. E mudada por palavras — desde Moisés se sabe que a palavra é divina. Até para atravessar a rua ela já era outra pessoa. Uma pessoa grávida de futuro. Sentia em si uma esperança tão violenta como jamais sentira tamanho desespero. Se ela não era mais ela mesma, isso significava uma perda que valia por um ganho. Assim como havia sentença de morte, a cartomante lhe decretara sentença de vida. Tudo de repente era muito e muito e tão amplo que ela sentiu vontade de chorar. Mas não chorou: seus olhos fiscavam como o sol que morria. Então ao dar o passo de descida da calçada para atravessar a rua, o Destino (explosão) sussurrou veloz e guloso: é agora é já, chegou a minha vez! E enorme como um transatlântico o Mercedes amarelo pegou-a — e neste mesmo instante em algum único lugar do mundo um cavalo como resposta empinou-se em gargalhada de relincho.

Macabéa ao cair ainda teve tempo de ver, antes que o carro fugisse, que já começavam a ser cumpridas as predições de madama Carlota, pois o carro era de alto luxo. Sua queda não era nada, pensou ela, apenas um empurrão. Batera com a cabeça na quina da calçada e ficara caída, a cara mansamente voltada para a sarjeta. E da cabeça um fio de sangue inesperadamente vermelho e rico. O que queria dizer que apesar de tudo ela pertencia a uma resistente raça não teimosa que um dia vai talvez reivindicar o direito ao grito. [...]

A Hora da Estrela. Clarice Lispector.

De acordo com o texto, assinale a alternativa correta.

- a) O narrador, em primeira pessoa, descreve o momento em que a personagem vai à casa de uma vidente e descobre estar grávida.
- b) Trata-se de um texto predominantemente dissertativo, em que se expõe o relato de uma tragédia ocorrida com Macabéa.
- c) A mudança na vida de Macabéa, citada em “[...] pois sua vida já estava mudada.”, refere-se à viagem empreendida por ela, que se realizara após encontrar o carro que estava à sua espera.
- d) O excerto demonstra a fragilidade social da personagem que, ironicamente, teve um momento de esperança antes de ser atropelada.
- e) A narrativa descreve uma cena trivial de final de tarde, em que Macabéa presencia o atropelamento e a morte de um cavalo.



a) Errada. A alternativa está incorreta porque:

- I – o texto é narrado em **terceira** pessoa.
- II – narra-se a **saída** da personagem da casa da cartomante.

III – a gravidez é “de futuro” (sentido não literal).

- b) Errada. O texto é predominantemente narrativo, por isso a alternativa está incorreta.
- c) Errada. A personagem não empreende uma viagem. Na verdade, a viagem é interna (consciência).
- d) Certa. A alternativa analisa corretamente os eventos apresentados no texto.
- e) Errada. A alternativa está incorreta porque Macabéa não presenciou o atropelamento – ela mesma foi atropelada.

Letra d.

041. (INSTITUTO AOCP/TRT 1ª REGIÃO/ANALISTA/2018)

Os medos que o poder transforma em mercadoria política e comercial

Zygmunt Bauman

O medo faz parte da condição humana. Poderíamos até conseguir eliminar uma por uma a maioria das ameaças que geram medo (era justamente para isto que servia, segundo Freud, a civilização como uma organização das coisas humanas: para limitar ou para eliminar totalmente as ameaças devidas à casualidade da Natureza, à fraqueza física e à inimizade do próximo); mas, pelo menos até agora, as nossas capacidades estão bem longe de apagar a “mãe de todos os medos”, o “medo dos medos”, aquele medo ancestral que decorre da consciência da nossa mortalidade e da impossibilidade de fugir da morte.

Embora hoje vivamos imersos em uma “cultura do medo”, a nossa consciência de que a morte é inevitável é o principal motivo pelo qual existe a cultura, primeira fonte e motor de cada e toda cultura. Pode-se até conceber a cultura como esforço constante, perenemente incompleto e, em princípio, interminável para tornar vivível uma vida mortal. Ou pode-se dar mais um passo: é a nossa consciência de ser mortais e, portanto, o nosso perene medo de morrer que nos tornam humanos e que tornam humano o nosso modo de ser-no-mundo.

A cultura é o sedimento da tentativa incessante de tornar possível viver com a consciência da mortalidade. E se, por puro acaso, nos tornássemos imortais, como às vezes (estupidamente) sonhamos, a cultura pararia de repente [...].

Foi precisamente a consciência de ter que morrer, da inevitável brevidade do tempo, da possibilidade de que os projetos fiquem incompletos que impulsionou os homens a agir e a imaginação humana a alçar voo. Foi essa consciência que tornou necessária a criação cultural e que transformou os seres humanos em criaturas culturais. Desde o seu início e ao longo de toda a sua longa história, o motor da cultura foi a necessidade de preencher o abismo que separa o transitório do eterno, o finito do infinito, a vida mortal da imortal; o impulso para construir uma ponte para passar de um lado para outro do precipício; o instinto de permitir que nós, mortais, tenhamos incidência sobre a eternidade, deixando nela um sinal imortal da nossa passagem, embora fugaz.

Tudo isso, naturalmente, não significa que as fontes do medo, o lugar que ele ocupa na existência e o ponto focal das reações que ele evoca sejam imutáveis. Ao contrário, todo tipo de sociedade e toda época histórica têm os seus próprios medos, específicos desse tempo e dessa sociedade. Se é incauto divertir-se com a possibilidade de um mundo alternativo “sem medo”, em vez disso, descrever com precisão os traços distintivos do medo na nossa época e na nossa sociedade é condição indispensável para a clareza dos fins e para o realismo das propostas. [...]

<http://www.ihu.unisinos.br/563878-os-medos-que-o-poder-transforma-em-mercadoria-politica-e-commercial-artigo-dezygmunt-bauman>

Em relação ao texto, assinale a alternativa correta.

- a) Uma das propriedades linguísticas que caracterizam o texto como argumentativo é a predominância de formas verbais no pretérito.
- b) Os verbos e pronomes em primeira pessoa do plural, presentes em “Poderíamos até conseguir eliminar uma por uma a maioria das ameaças que geram medo [...]” e “[...] é a nossa consciência de ser mortais e, portanto, o nosso perene medo [...]” são fortes marcas do tipo textual injuntivo, predominante no texto.
- c) O tipo argumentativo é o eixo da construção do texto, tendo em vista que o autor defende uma tese por meio de relações lógicas de argumentação. Uma dessas relações é a de condição, presente no excerto “E se, por puro acaso, nos tornássemos imortais, como às vezes (estupidamente) sonhamos, a cultura pararia de repente [...]”.
- d) Não é possível classificar o tipo textual predominante no texto, uma vez que os tipos textuais constituem uma lista irrestrita na cultura linguística. Ao contrário disso, os gêneros textuais compõem uma lista restrita, o que possibilita que se classifique o texto como um artigo de opinião.
- e) O amplo uso de figuras de linguagem, especialmente de metáforas, no texto, é uma pista de que o tipo narrativo é o eixo da construção textual, enriquecendo as formas de expressão do autor a partir do uso de uma linguagem denotativa.



- a) Errada. Diferentemente do que afirma a alternativa, o texto argumentativo é caracterizado por formas verbais no **presente**.
- b) Errada. Está incorreta a afirmativa de que o texto injuntivo é marcado pelo uso de primeira pessoa do plural (verbos e nomes). Na verdade, no texto injuntivo faz-se uso de formas no modo imperativo e/ou na forma nominal infinitiva.
- c) Certa. A alternativa analisa corretamente as propriedades linguísticas do texto.
- d) Errada. Há uma **inversão** dos conceitos de **tipo textual** e de **gênero textual**. A definição correta é a seguinte:
 - **TIPOS:** compõem uma lista restrita (linguisticamente estáveis).

- **GÊNEROS:** constituem uma lista irrestrita na cultura linguística (mais ou menos estáveis).

e) Errada. Como já observamos, o texto não pertence à tipologia **narrativa**.

Letra c.

042. (IADES/CAU-MS/ANALISTA DE COMUNICAÇÃO/2021)

Iphan restaura o Forte de Coimbra

Iniciou-se, em Mato Grosso do Sul (MS), a recuperação do histórico Forte de Coimbra, localizado no distrito de Coimbra, município de Corumbá/MS. A edificação é tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), desde 1974, nos Livros do Tombo Histórico e Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico.

A ocupação de seu sítio, às margens do rio Paraguai e próximo às fronteiras paraguaia e boliviana, data do último quarto do século 18 e, assim como seu contemporâneo Forte Real Príncipe da Beira, surge no contexto da fixação de limites entre Portugal e Espanha, que culminou em tratados como o de Madrid e o de Santo Ildefonso.

Sucessivamente atacado por guaicurus no final do século 18, por espanhóis em 1801 e por paraguaios em 1864, o Forte de Coimbra passou por diversas recomposições e adaptações, até uma última reforma pelo Exército Brasileiro em 1908; hoje, em terras oficialmente brasileiras e mantido pelos militares, suas muralhas são um testemunho daquele período da história brasileira.

Fundamentalmente estão previstos no Forte a execução de serviços de drenagem, iluminação, tratamento de esgoto, pintura e recuperação de sotelia e do respectivo madeiramento; além disso, em um âmbito de adaptação para novos usos, também se incluem a instalação de peças para cozinha e sanitários e preparo de espaço para reserva técnica de museu que o Exército Brasileiro mantém nas dependências do Forte. Contemplaram também os critérios de acessibilidade universal, na medida do possível, em se tratando da natureza da edificação.

Com relação à estrutura, à organização e à tipologia textual, assinale a alternativa correta.

- a) Segundo o parágrafo introdutório do texto, a posse do histórico Forte de Coimbra e do Forte Real Príncipe da Beira por portugueses e espanhóis é concomitante e ocorre em meados do século 18.
- b) O primeiro parágrafo estrutura-se por meio de linguagem injuntiva, pois pretende convencer o leitor de que a restauração do Forte de Coimbra é imprescindível para a memória da arquitetura de Mato Grosso do Sul.
- c) A seleção vocabular do título e dos três parágrafos compõe organização textual, com introdução, desenvolvimento e conclusão, que apresenta opinião acerca da relevância entre patrimônio, cultura e arquitetura.
- d) Os três parágrafos são informativos e compõem um texto cujo título sintetiza a intenção de instruir de forma simples e objetiva.
- e) O segundo parágrafo do texto é narrativo e apresenta a história do Forte de Coimbra.



O texto é informativo (expositivo), como corretamente afirmado pela alternativa “d”. Nele, o autor apresenta informações sobre a restauração do Forte de Coimbra pelo Iphan (e o título sintetiza esse conteúdo). Em “a”, “b”, “c” e “e”, temos as seguintes inadequações: “a” a informação indicada não está presente no parágrafo introdutório; “b” não há linguagem injuntiva (como verbos no modo imperativo ou na forma nominal infinitiva); “c” não se apresenta opinião; “e” não há predominância narrativa no segundo parágrafo.

Letra d.**043. (IADES/BRB/ESCRITURÁRIO/2019)****A emergência do ciberespaço**

Os primeiros computadores surgiram em 1945. Por muito tempo reservado aos militares, seu uso civil disseminou-se durante os anos 1960. Já nessa época era previsível que o desempenho do hardware aumentaria constantemente, mas que haveria um movimento geral de virtualização da informação e da comunicação, afetando os dados elementares da vida social; ninguém, com a exceção de alguns visionários, poderia prever. Os computadores ainda eram grandes máquinas de calcular, isoladas em salas refrigeradas. A virada fundamental data, talvez, dos anos 1970. O desenvolvimento e a comercialização do microprocessador dispararam diversos processos econômicos e sociais. Eles abriram uma nova fase na automação da produção industrial: robótica, linhas de produção flexíveis, máquinas industriais com controles digitais etc. Presenciamos também o princípio da automação de alguns setores, como bancos e seguradoras. Essa tendência continua em nossos dias.

LÉVY, Pierre. *A infraestrutura técnica do virtual*. In: *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999, p. 31, com adaptações.

Com relação à tipologia do texto precedente, assinale a alternativa correta.

- a) Os dois primeiros períodos do texto correspondem ao tópico-frasal de um parágrafo argumentativo, em que se apresenta um ponto de vista acerca dos primeiros computadores.
- b) O parágrafo apresenta características de texto injuntivo, visto que pretende convencer o leitor da importância do uso de computadores em bancos e seguradoras.
- c) O parágrafo corresponde à introdução de um texto narrativo, em que se apresenta a história da evolução dos computadores.
- d) O texto é predominantemente informativo, já que pretende apenas apresentar fatos que compõem uma breve história dos computadores e a importância deles.
- e) O texto é predominantemente descritivo, uma vez que objetiva pormenorizar o funcionamento dos computadores do respectivo surgimento aos dias de hoje.



A tipologia predominante é a dissertativa-expositiva. Não há traços de injunção, por isso a alternativa “b” está incorreta. No primeiro período, não há qualquer marca de argumentação, por isso a alternativa “a” está incorreta. Há traços de narração, mas essa tipologia não é predominante (por isso a alternativa “c” está incorreta). Por fim, o objetivo central do texto não é descrever, mas informar sobre a história de computadores.

Letra d.

044. (IADES/SEASTER-PA/ENFERMEIRO/2019)



Disponível em: <<https://www.facebook.com/seasterPA>>. Acesso em: 2 jul. 2018.

Com base na leitura comprehensiva do texto, assinale a alternativa correta:

- a) O propósito principal do texto é informar o leitor acerca da existência do trabalho infantil.
- b) A informação mais importante do texto é introduzida pela construção “Segundo IBGE”.
- c) A mensagem “Disque 100 e denuncie!” revela a intenção principal do texto.
- d) O texto pretende principalmente comunicar à população que o trabalho infantil é crime.
- e) A construção “#SomosSeaster” expressa uma mensagem indispensável para que o leitor compreenda o objetivo principal do texto.



Bom, fica claro que o texto é uma campanha **contra** o trabalho infantil. Assim, excluímos as alternativas “a” e “b” (porque o objetivo central não é apenas informar). A construção “#SomosSeaster” também não é uma mensagem indispensável, por isso a alternativa “e”

está incorreta. A informação introduzida por “Segundo o IBGE” não é a mais importante, porque o dado em si não é capaz de transmitir a informação global do anúncio (a de que é preciso combater esse tipo de atividade). Assim, a alternativa “c” é a correta, pois de fato a mensagem “Disque 100 e denuncie!” é a mais importante (e traduz o objetivo central do texto).

Letra c.

045. (IADES/APEX BRASIL/ASSISTENTE/2018)

Há vários países que possuem economias dinâmicas e diversificadas, que apresentam uma participação percentual significativa na corrente mundial de comércio e que desenvolveram parques industriais e um universo empresarial diversificado e pujante. No entanto, muitos não sabem que vários desses países não possuem grandes mercados internos e que, para crescer e ampliar os negócios, suas empresas buscaram o caminho do comércio exterior.

O Brasil possui um grande mercado interno, o que, sem dúvida, representou uma oportunidade e uma situação cômoda para muitas empresas, que preferiram priorizar o mercado doméstico e não chegaram a se interessar seriamente pelas exportações. Entretanto, mesmo nesse cenário, cada vez mais, os empresários brasileiros começam a considerar as exportações como uma decisão estratégica importante para as respectivas empresas e para o desenvolvimento dos próprios negócios.

Perceberam que, ao exportar, a empresa adquire um diferencial de qualidade e competência, pois precisa adequar seus produtos aos padrões do mercado externo, precisa gerenciar condições que não ocorriam anteriormente e obtém ganhos de competitividade. A empresa que passa a exportar de forma sustentável, geralmente, obtém melhoria da sua imagem com fornecedores, bancos e clientes, e isso se reflete, também, em suas operações no mercado interno. Outra vantagem bastante perceptível é a melhoria da qualidade do produto. Esta também tende a aumentar, pois a empresa tem de adaptá-lo às exigências do mercado ao qual se destina, o que a obriga a aperfeiçoá-lo.

Com relação à tipologia textual, assinale a alternativa correta.

- a) O texto é predominantemente argumentativo, visto que defende uma ideia acerca do comércio exterior de alguns países.
- b) O texto é predominantemente narrativo, pois narra fatos ocorridos em alguns países do mundo, quanto ao comércio destes.
- c) O texto é predominantemente informativo, uma vez que busca transmitir informações a respeito do comércio exterior e da respectiva relevância para a economia mundial.
- d) O texto é predominantemente descritivo, o que se verifica pelo emprego de um número expressivo de substantivos e adjetivos, cuja função no texto é caracterizar o comércio exterior.
- e) O texto apresenta características de mais de um tipo textual, com trechos argumentativos (como o primeiro parágrafo) e trechos descritivos (como o segundo parágrafo).



De início, podemos descartar a classificação do texto como **narrativo** ou **descritivo** (total ou parcial). Isso porque não há a apresentação de ações praticadas e/ou sofridas por personagens (reais ou fictícios) e não há a enumeração de características de determinada entidade. Com isso, eliminamos as alternativas “b”, “d” e “e”. Resta-nos identificar se o texto é expositivo ou argumentativo. O ponto central para realizar a classificação é a percepção de que o autor não faz uso de argumentos com o intuito de convencer o leitor; há, diferentemente, apenas a apresentação de fatos acerca do comércio exterior e da respectiva relevância para a economia mundial.

Letra c.

046. (IADES/APEX BRASIL/ANALISTA/2018)

Apesar do pessimismo generalizado em relação à guerra comercial entre os Estados Unidos da América (EUA) e a China, as barreiras impostas de um lado a outro contribuíram para aumentar as exportações brasileiras para os dois países em alguns setores.

Um levantamento feito pelo Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC) mostra que, de janeiro a julho deste ano, aumentaram as vendas para esses países de produtos como siderúrgicos, proteína animal e soja. Os setores atribuem o crescimento das exportações, em parte, à imposição de barreiras comerciais entre americanos e chineses.

Em retaliação às sobretaxas impostas pelos americanos, a China também aumentou as tarifas de importação de produtos dos EUA, o que trouxe um efeito colateral positivo para a venda de produtos brasileiros para aquele mercado. Com isso, de janeiro a julho, houve alta de 18% na venda de soja para a China, o que já é visto como um sinal de que o Brasil pode ocupar o espaço dos EUA no fornecimento do grão ao país asiático. A venda de carne de porco aumentou em 199% para a China nesse período.

Já a exportação de siderúrgicos subiu 38% no período para os EUA, passando de US\$ 1,3 bilhão para US\$ 1,8 bilhão. Em volume, as vendas crescem 14,2% no ano, acima do patamar de alta permitido pelos americanos para este ano. Em maio, os EUA estabeleceram tarifas de 25% para a importação de aço de países como a China e os da União Europeia. O Brasil ficou fora da sobretaxa, mas foi estabelecida uma cota anual com base na média das vendas do produto brasileiro nos últimos três anos, o que, na prática, permite uma alta de cerca de 7% sobre 2017.

Com relação à tipologia textual, assinale a alternativa certa.

- a) O primeiro parágrafo do texto poderia ser considerado como a introdução de um texto argumentativo, em que se apresenta uma ideia que será defendida: o aumento das exportações brasileiras para os Estados Unidos da América (EUA) e a China.
- b) O terceiro parágrafo do texto é predominantemente narrativo, visto que narra fatos que se sucederam ao longo do tempo nos EUA e na China.

- c) O quarto parágrafo do texto descreve objetivamente a exportação de siderúrgicos, pelo que pode ser considerado como essencialmente descritivo.
- d) O texto mescla características de texto argumentativo e de texto descritivo.
- e) O texto é predominantemente informativo.



- a) Certa. Na alternativa, a banca examinadora apresenta uma análise correta para o texto. Para a defesa da tese, faz-se uso de argumentos e fatos (dados concretos).
- b) Errada. Contrariamente ao afirmado na alternativa, não se observam traços da tipologia narrativa, pois o que se percebe é a exposição de fatos (os quais envolvem atividades relacionadas ao mercado internacional).
- c) Errada. Também não se pode afirmar que o quarto parágrafo seja descritivo, uma vez não haver a caracterização (enumeração detalhada) das propriedades definidoras de uma entidade (ser, objeto ou local). Essa análise também se aplica aos demais parágrafos, pelo que excluímos as alternativas "c" e "d".
- d) Errada.
- e) Errada. A alternativa é contrária à análise apresentada em "a", estando por isso errada.

Letra a.

047. (IADES/CAU-MS/ANALISTA DE COMUNICAÇÃO/2021)

Iphan restaura o Forte de Coimbra

1 Iniciou-se, em Mato Grosso do Sul (MS), a recuperação do histórico Forte de Coimbra, localizado no distrito de Coimbra, município de Corumbá/MS. A **4** edificação é tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), desde 1974, nos Livros do Tombo Histórico e Arqueológico, Etnográfico e **7** Paisagístico.

A ocupação de seu sítio, às margens do rio Paraguai e próximo às fronteiras paraguaia e boliviana, data do último **10** quarto do século 18 e, assim como seu contemporâneo Forte Real Príncipe da Beira, surge no contexto da fixação de limites entre Portugal e Espanha, que culminou em **13** tratados como o de Madrid e o de Santo Ildefonso.

Sucessivamente atacado por guaicurus no final do século 18, por espanhóis em 1801 e por paraguaios em **16** 1864, o Forte de Coimbra passou por diversas recomposições e adaptações, até uma última reforma pelo Exército Brasileiro em 1908; hoje, em terras oficialmente **19** brasileiras e mantido pelos militares, suas muralhas são um testemunho daquele período da história brasileira.

Fundamentalmente estão previstos no Forte a **22** execução de serviços de drenagem, iluminação, tratamento de esgoto, pintura e recuperação de soteia e do respectivo madeiramento; além disso, em um âmbito de adaptação **25** para novos usos, também se incluem a instalação de peças para cozinha e sanitários e preparo de espaço para reserva técnica de museu que o Exército Brasileiro mantém nas **28** dependências do Forte. Contemplaram também os critérios de acessibilidade universal, na medida do possível, em se **30** tratando da natureza da edificação.

Com relação à estrutura, à organização e à tipologia textual, assinale a alternativa correta.

- a) Segundo o parágrafo introdutório do texto, a posse do histórico Forte de Coimbra e do Forte Real Príncipe da Beira por portugueses e espanhóis é concomitante e ocorre em meados do século 18.
- b) O primeiro parágrafo estrutura-se por meio de linguagem injuntiva, pois pretende convencer o leitor de que a restauração do Forte de Coimbra é imprescindível para a memória da arquitetura de Mato Grosso do Sul.
- c) A seleção vocabular do título e dos três parágrafos compõe organização textual, com introdução, desenvolvimento e conclusão, que apresenta opinião acerca da relevância entre patrimônio, cultura e arquitetura.
- d) Os três parágrafos são informativos e compõem um texto cujo título sintetiza a intenção de instruir de forma simples e objetiva.
- e) O segundo parágrafo do texto é narrativo e apresenta a história do Forte de Coimbra.



O texto é informativo (expositivo), como corretamente afirmado pela alternativa “d”. Nele, o autor apresenta informações sobre a restauração do Forte de Coimbra pelo Iphan (e o título sintetiza esse conteúdo). Em “a”, “b”, “c” e “e”, temos as seguintes inadequações: “a” a informação indicada não está presente no parágrafo introdutório; “b” não há linguagem injuntiva (como verbos no modo imperativo ou na forma nominal infinitiva); “c” não se apresenta opinião; “e” não há predominância narrativa no segundo parágrafo.

Letra d.

048. (IDECAN/CRN 3^a/ASSISTENTE/2019)

SABIA QUE A CASCA DAS FRUTAS TAMBÉM TEM NUTRIENTES?



***Incentive receitas que aproveitem
os alimentos integralmente!***

#DigaNãoAoDesperdício



O texto, que pertence ao gênero campanha, tem como finalidade principal

- a) apresentar os benefícios da casca das frutas à saúde.
- b) persuadir o destinatário a incentivar o consumo integral dos alimentos.
- c) sugerir que a casca é mais nutritiva do que a própria fruta.
- d) combater o desperdício de alimentos oferecendo receitas de pratos feitos apenas com a casca das frutas.
- e) alertar a população acerca da importância das frutas para a saúde.



E então, conseguiu resolver corretamente essa questão? É relativamente simples: a função do texto é tentar convencer o receptor da mensagem (destinatário, o leitor) a aproveitar (consumir) o alimento integralmente. Para comprovar isso, basta ler o conteúdo da campanha.

Letra b.**049. (IDECAN/CRN 3^a/ASSISTENTE/2019)**

Quem vê cara não vê nutriente

"Me vê uma manga bonita, por favor?", pede um rapaz ao feirante Luiz Souza Silva, de 47 anos. Ao receber o produto já dentro da sacola, o moço paga e vai embora. E Silva se apressa para explicar: "Fruta bonita precisa ser lustrosa por fora, ter brilho e sabor por dentro. As nossas são todas assim. O cliente nem precisa escolher muito".

Mais que papo de vendedor, ele sabe bem que uma das poucas coisas que não mudaram nos 25 anos em que mantém sua barraca na feira livre do Pacaembu, em São Paulo, é a preferência por alimentos de encher os olhos. O que pouca gente imagina é que, nesse campo, as aparências podem, sim, enganar. Nem sempre o vegetal mais bonito é o de melhor qualidade. "Basta ver os orgânicos, que costumam ser menores e mais feios, mas ao mesmo tempo são mais saudáveis porque não levam agrotóxicos", nota a nutricionista Elke Stedefeldt, da Universidade Federal de São Paulo.

BASÍLIO, Andressa (colaboradora). Disponível em: <<https://saude.abril.com.br>>. Acesso em: 6 abr. 2019, com adaptações.

O primeiro parágrafo é constituído por uma estrutura predominantemente

- a) descritiva, pois enumera as características de um vegetal de boa qualidade.
- b) dissertativa, pois expressa uma opinião contrária ao ato praticado por um feirante ao tentar enganar um cliente.
- c) narrativa, pois relata um acontecimento que serve como exemplo para uma informação declarada no início do segundo parágrafo.
- d) descritiva, pois registra uma série de características dos tipos humanos que frequentam as feiras populares e dos que trabalham nesse ramo.
- e) dissertativa, pois explica as principais diferenças entre os alimentos bons e os ruins.



O primeiro parágrafo é claramente narrativo: há relatos de eventos em um tempo e um espaço. Os personagens dialogam e há inserção de discursos. Como corretamente afirmado na alternativa “c”, a apresentação do relato serve como exemplo (ilustração) para o que se declara na sequência do texto. Questão tranquila, não é?

Letra c.

050. (VUNESP/PREFEITURA DE GUARULHOS-SP/INSPETOR/2019)**Roma**

O filme *Roma* está constantemente entre dois caminhos. É pessoal e grandioso, popular e intelectual, tecnológico – rodado em 65 mm digital – e clássico – feito em preto e branco com a mesma ousadia dos movimentos cinematográficos das décadas de 1950 e 1960. O título, uma referência a Colonia Roma, bairro da Cidade do México, também remete a *Roma, Cidade Aberta*, filme-símbolo do neorealismo italiano assinado por Roberto Rossellini.

Ao revisitlar a própria memória, o cineasta Alfonso Cuarón escolhe olhar para Cleo, a empregada, de origem indígena, de uma família branca de classe média. Resgata, assim, não apenas os seus anos de formação, mas todas as particularidades do passado do país. O México no início dos anos 1970 fervilhava entre revoluções sociais e a influência da cultura estrangeira. Cleo, porém, se mantinha ingênua, centrada nas suas obrigações: lavar o pátio, buscar as crianças na escola, lavar a roupa, colocar os pequenos para dormir.

Até que tudo se transforma. A família perfeita desmorona, com o pai que sai de casa, a mãe que não se conforma com o fim do casamento e os filhos jogados de um lado para o outro na confusão dos adultos. Enquanto isso, Cleo se apaixona, engravidada, é enganada e deixada à própria sorte. Duas mulheres de diferentes origens compartilham a dor do abandono. Juntas, reencontram a resiliência que segura o mundo frente às paixões autocentradas.

O cineasta, que além da direção e do roteiro assina a fotografia e a montagem (ao lado de Adam Gough), retrata sua história, entrelaçada com a de seu país, como se na vida adulta reencontrasse o olhar da infância, cujo fascínio por cada descoberta aumenta o tamanho e a importância de tudo.

O que Cuarón faz em *Roma* é raro. São camadas e camadas sobrepostas para reproduzir a complexidade do seu imaginário afetivo e das relações sociais de um país. Entre muitas inspirações, referências e técnicas, sua assinatura está na sinceridade com que olha para si mesmo e para os seus personagens, encontrando beleza e verdade no que muitos menosprezam. Esse é um filme simples e complicado, como a própria vida.

(Natália Bridi. Omelete. 11.01.2019. www.omelete.com.br. Adaptado)

Uma característica do filme *Roma* destacada no texto diz respeito à

- a) utilização da narrativa de cunho jornalístico.
- b) fusão da história pessoal com a coletiva.

- c) imprecisão com que é realizado o relato.
- d) caracterização da mulher indígena como insubordinada.
- e) denúncia do relacionamento abusivo entre patroa e empregada.



Você conseguiu observar que a questão pede uma análise do filme Roma (e não necessariamente do texto que fala sobre o filme)? Pois então: o filme Roma **está constantemente entre dois caminhos** (Caminho 1: história pessoal; Caminho 2: história coletiva).

De maneira geral, a questão é de interpretação e toca no conteúdo de tipologia textual (estruturas narrativas).

Letra b.

051. (VUNESP/PC-SP/AGENTE/2018)

Frei Caneca e a Virgem Maria

No dia 13 de janeiro de 1825, um condenado caminhava com passos firmes na direção da forca, no centro do Recife. Era o frei Joaquim do Amor Divino Caneca, o lendário Frei Caneca, lutador incansável pela independência do Brasil. Ele tinha participado da revolta da Confederação do Equador, sufocada pelo governo de Pernambuco. Vestia o hábito da Irmandade da Madre de Deus. Sob o olhar curioso da multidão, foi submetido ao degradante ritual da desautorização*, perdendo os direitos eclesiásticos, para que pudesse enfrentar o suplício da forca.

Impassível e altivo, deixou que os monges despissem suas vestes sagradas. Permaneceu firme quando recebeu na tonsura** o golpe simbólico da excomunhão. O carrasco já se preparava para o gesto fatal, quando recuou, com o rosto pálido, dizendo que a Virgem Maria estava junto ao condenado. Veio então o ajudante do carrasco, que também se recusou a executar Frei Caneca, diante da visão da Virgem Maria. Aí foram buscar dois escravos. E esses, mesmo duramente açoitados, negaram-se a participar da execução. O juiz mandou trazer dois presos da cadeia pública e lhes ofereceu a liberdade em troca da execução de Frei Caneca. E eles igualmente se negaram, alegando a visão da Virgem Maria.

Mas era preciso matar Frei Caneca de qualquer jeito, como exemplo para desencorajar futuros conspiradores. O juiz então ordenou que ele fosse fuzilado. Percebendo que os soldados tremiam com as armas na mão, Frei Caneca procurou exortá-los:

– Vamos, meus amigos. Não me façam sofrer muito. Virgem Maria há de compreender os vossos temores. Tenham fé, ela já os perdoou.

E os tiros provocaram um arrepiamento na multidão silenciosa.

Eloy Terra. 500 anos: Crônicas pitorescas da história do Brasil.

*Desautorização: privação da dignidade do cargo, como medida punitiva.

**Tonsura: corte redondo dos cabelos no topo da cabeça dos clérigos.

Considerando-se as características do texto, é correto afirmar que se trata do tipo:

- a) dissertativo, com discussão de ideias.

- b) dissertativo, com pontos de vista de personagens.
- c) narrativo, com apresentação de uma tese.
- d) descritivo, com caracterização de ambiente.
- e) narrativo, com exposição de fatos.



A narração é caracterizada pela apresentação de ações que ocorrem no tempo e no espaço. Essas ações são desenvolvidas por personagens (reais ou fictícios). É exatamente esse o caso do texto em análise: apresentam-se ações (fatos históricos) desenvolvidas por personagens (Frei Caneca, por exemplo) em determinado tempo e espaço. Por não haver defesa de tese, exclui-se a opção "c". As demais opções são excluídas por não considerarem o texto (predominantemente) uma dissertação.

Letra e.**052. (QUADRIX/CRP-2ª REGIÃO/ASSISTENTE/2018)**

Dia nacional da luta antimanicomial é tema de evento de psicologia na Universidade Federal de Roraima (UFRR)

O curso de psicologia da UFRR realizará, no auditório Alexandre Borges, o seminário “Outros manicômios, outras resistências”, em alusão ao Dia nacional da luta antimanicomial, celebrado no dia 18 de maio.

O evento será uma parceria da disciplina com o Departamento de Políticas de Saúde Mental do estado e contará com mesas redondas, capacitações e intervenções culturais.

A participação será gratuita, com exceção do minicurso, que custará R\$ 15.

De acordo com a organização, as palestras serão voltadas a estudantes, psicólogos, profissionais envolvidos com o cuidado de pessoas em sofrimento psíquico e interessados.

“A ideia é fomentar o debate acerca das formas manicomiais ainda presentes no cotidiano do estado e ampliar o enfrentamento para além dos serviços de saúde mental”, destaca a comissão organizadora.

Durante o evento, serão debatidas a situação de imigrantes venezuelanos em Roraima e as repercussões 22 psicosociais desse assunto.

Também serão debatidas possibilidades de intervenção clínica dos imigrantes que tenham sido expostos 25 a situações extremas, como guerras, genocídios e tortura, além daqueles que apresentam sintomas severos de estresse psicológico e outros sintomas.

Internet: <gl.globo.com> (com adaptações).

Quanto à organização, à finalidade e ao conteúdo do texto, assinale a alternativa correta.
a) O texto é dissertativo-argumentativo, apresentando argumentos favoráveis e contrários à presença de instituições manicomiais no Brasil.

- b) É um texto eminentemente instrucional, o que se mostra pela presença de verbos quase que exclusivamente no imperativo.
- c) O texto é majoritariamente literário e, por isso, marcado pelo lirismo e pela sonoridade bem delineada.
- d) O texto é primordialmente informativo, apresentando, por meio de linguagem clara e objetiva, dados relacionados a um evento acadêmico.
- e) O texto é exclusivamente panfletário, já que faz apologia às internações manicomiais.



O texto é dissertativo-expositivo, havendo apenas a apresentação de dados relacionados a um evento. A noção de “expositivo” é, em algum grau, semelhante à noção de “informativo”, pois o texto veicula informações ao leitor. Não se trata de um texto argumentativo pelo simples fato de não haver defesa de um ponto de vista (ou busca por convencer o leitor).

Letra d.

053. (IBGP/PREF. DE ST. LUZIA/TÉCNICO EM INFORMÁTICA/2018)

“É COMO USAR DROGAS”: POR QUE AS PESSOAS ACREDITAM E COMPARTILHAM FAKE NEWS?

Felipe Souza

BBC News Brasil em São Paulo, 26 outubro 2018

Desde as eleições que elegeram o presidente americano Donald Trump em 2016, a expressão *fake news* se espalhou mundialmente. Com a popularização dos computadores e smartphones, boa parte da população brasileira tem acesso a redes sociais, como Facebook e WhatsApp, diariamente e se tornou alvo de uma avalanche de notícias falsas disparadas a todo momento.

Mas além de receber e acreditar em memes, fotos, vídeos e textos falsos, parte da população também compartilha esses arquivos com amigos, familiares e até mesmo em grupos de pessoas desconhecidas. Afinal, por que tanta gente acredita em *fake news*?

Em entrevista à BBC News Brasil, o psiquiatra e diretor da Associação Brasileira de Psiquiatria, Claudio Martins, afirmou que as pessoas que compartilham notícias falsas experimentam uma sensação de bem-estar semelhante à de usar drogas.

“Quando a pessoa recebe uma notícia que a agrada, são estimulados os mecanismos de recompensa imediata do cérebro e dão uma sensação de prazer instantâneo, assim como as drogas. Ocorre uma descarga emocional e gera uma satisfação imediata. Isso impulsiona a pessoa a transmitir compulsivamente a mesma informação para que seu círculo de amizades sinta o mesmo. Por isso, há os encaminhadores compulsivos”, explica o psiquiatra.

Segundo Claudio Martins, essa sensação de euforia causada pelas notícias falsas impede o desenvolvimento de um senso crítico em quem as recebe. É a “infantilização emocional”, que faz com que poucas pessoas se preocupem em checar a origem ou a veracidade da informação.

O psiquiatra explica ainda que esse movimento causa uma angústia que leva a pessoa a imaginar que é portadora de uma novidade que deve ser contada com extrema urgência. O sentimento, explica ele, é o mesmo quando alguém ouve uma fofoca.

"Ela, então, transmite informações não checadas, capazes de gerar uma curiosidade ampliada em outras pessoas, além de um alto nível de identificação e propagação de conteúdo. O campo da política é muito propício para esse fenômeno. Uma certeza é que as *fake news* são um fenômeno novo que atrai pessoas com transtornos de personalidade sérios. Ele é muito simplório e vai ser cada vez mais estudado", afirmou.

Futebol, religião e política

Em uma analogia com futebol e religião, o psiquiatra explica que a política é um assunto tratado como uma crença por parte da população.

"O ser humano tem essa tendência a buscar essas crenças, mágicas. Quando ele recebe correntes de pensamento político, incorpora aquilo como uma verdade absoluta, amplia e divulga para reforçar sua satisfação. Ele usa o mecanismo para compartilhar sem pensar. Muitas vezes, acaba repassando até para grupos que nem tratam do assunto", afirma.

Assim como no futebol, o psiquiatra explica que a política funciona no cérebro de parte da população como um sistema de projeção em que o indivíduo se sente como se fosse o próprio candidato. "Se o meu time marca um gol ou ganha um título é como se o gol fosse meu e o título também. É inclusive assim que comento com os amigos", compara o psiquiatra.

Claudio Martins diz que o problema dessa crença é que as pessoas que recebem informações sobre política não querem saber se são verdadeiras. "Ela age com impulsividade. Não pesquisa, não quer saber quem mandou. Só pensa em dar impacto àquela informação que ela recebeu, como se fosse algo exclusivo, e numa impulsão, ela repassa aquilo como se fosse algo que vai alterar a realidade do mundo."

Crença é algo muito difícil de combater, principalmente nos espaços mais radicais. A crença religiosa é tão forte quanto a política, gera uma cegueira. A religiosa não tem evidências científicas, mas para quem crê isso não interessa porque ela não busca evidências que possam comprovar um sentido. A pessoa apenas incorpora aquilo como uma necessidade de ter a idealização de alguém ou grupo político que possa suprir suas carências porque o ser humano é muito carente. Quando a pessoa está necessitada, ela deseja ter um super protetor", afirmou.

O codiretor do Instituto Tecnologia e Equidade, Thiago Rondon, diz que os produtores de notícias falsas sabem disso e têm dois objetivos como estratégia ao criar suas correntes: gerar medo e emergência. Segundo ele, essa situação de alarde é vital para que as pessoas repassem a informação.

"É necessário tomar medidas estruturais para evitar que essa situação se agrave. Uma delas é que nosso sistema educacional discuta esse tipo de assunto nas escolas. É necessário fortalecer as pessoas com consciência e educação desde cedo. A gente precisa se organizar para se adequar a esse mundo digital. A solução não é bloquear o uso de aplicativos de troca de mensagens, pois esses lugares são excelentes para troca de ideias e debates. Ações assim são um erro em relação a liberdades", afirmou.

Ele afirma também que deve haver mecanismos mais eficientes para combater notícias falsas. Um deles é dar ferramentas para que a população as identifique por conta própria.

"É necessário mudar a forma de se comunicar, não apenas negando e desmentindo informações porque elas dificilmente vão ter o mesmo alcance da *fake news*. Por exemplo, no primeiro turno deste ano um boletim de urna (compartilhado no WhatsApp) mostrava um dos candidatos com mais de 9 mil votos registrados. O TSE poderia divulgar como o eleitor pode ter acesso a esses documentos, usar o aplicativo oficial e confirmar se aquela informação é real", afirmou Rondon.

Analfabetismo digital e bolhas ideológicas

O diretor da Associação Brasileira de Psiquiatria diz que a crença em *fake news* é um fenômeno sociocultural que envolve diversos fatores de alta complexidade. Entre os mais relevantes, ele cita o analfabetismo digital da população brasileira, já que a popularização da internet e a chegada do WhatsApp são recursos novos para boa parte dos cidadãos.

"Isso demonstra claramente uma falha na educação digital que precisa ser corrigida com urgência. Prova que há uma ausência de educação digital no Brasil", afirmou.

Os especialistas ouvidos pela reportagem apontam ainda que a formação de bolhas ideológicas nas redes também facilita a propagação de notícias falsas. O psiquiatra faz uma nova analogia com times de futebol para explicar o fenômeno.

"As pessoas procuram estar perto dos pertencentes aos grupos que se identificam. Isso é natural. Se o cara é palmeirense, ele vai tentar andar com o grupo dos palmeirenses. Isso não tem nenhum problema. O problema é quando a gente perde a capacidade de senso crítico, fica cego, e perde a habilidade de saber se os palmeirenses estão mentindo", afirmou.

[...]

Entre as causas destacadas no texto precedente para o sucesso das *fake news* (notícias falsas), são citadas pelo texto:

I – Analfabetismo digital.

II – Bolhas ideológicas.

III – Impulsividade.

IV – Influência do futebol.

Estão **CORRETAS** as afirmativas:

a) I e II apenas.

b) II, III e IV apenas.

c) I, II e III apenas.

d) I, II e IV apenas.



Nessa questão de Interpretação, a banca avalia se o(a) candidato(a) é capaz de identificar as relações de causa e efeito. O efeito é o sucesso das notícias falsas. As causas (expressas no texto) são diversas, dentre elas: o analfabetismo digital (I), as bolhas ideológicas (II) e a impulsividade (III). A influência do futebol não é uma causa, mas um paralelo/comparação/analogia estabelecido/a em relação à natureza do fenômeno – e por isso IV não é uma causa. Assim, temos a alternativa "c" como correta.

Letra c.

054. (IBGP/PREF. DE ST. LUZIA/TÉCNICO EM INFORMÁTICA/2018) O texto precedente propõe relações de analogia, cuja finalidade é facilitar a compreensão de determinado assunto, por parte do grande público, a partir da comparação com elementos de outro tema que é considerado mais acessível e simples.

São relações de analogia propostas pelo texto precedente, **EXCETO**:

- a) *Fake news* e redes sociais.
- b) *Fake news* e religião.
- c) *Fake news* e futebol.
- d) *Fake news* e drogas.



No texto, o autor não estabelece uma relação comparativa entre *fake news* e redes sociais. Na verdade, as redes sociais são o meio/instrumento em que as *fake news* encontram espaço para se propagarem. As analogias são efetivamente feitas em relação à religião, às drogas e ao futebol.

Letra a.

Por que George Orwell é um fenômeno permanente no Brasil

Presença inamovível no topo das listas de livros mais vendidos do Brasil, o britânico George Orwell é um fenômeno editorial no país.

O sucesso se explica a partir de seus dois livros mais famosos: "1984" e "A revolução dos bichos". No primeiro, o autor imagina uma sociedade distópica controlada por um partido autoritário que suprime a liberdade de decisão, a liberdade de expressão e até mesmo a liberdade de pensamento. No segundo, animais de fazenda organizam uma rebelião contra os humanos, mas logo se veem sendo liderados por um porco ditador – uma crítica ao regime comunista soviético a partir da ascensão de Josef Stálin.

No ranking do site Publish News, uma das fontes mais respeitadas no mercado editorial brasileiro, as duas obras ocupavam o pódio da lista na manhã de 23 de dezembro. Na lista parcial de 2020, "1984" e "A revolução dos bichos" ocupam a terceira e a quarta posição dos mais vendidos do ano, perdendo apenas para "Sol da meia-noite", livro de Stephenie Meyer que integra a saga "Crepúsculo", e "A garota no lago", suspense de Charlie Donlea.

No ranking da revista Veja, o cenário se repete: na manhã de 23 de dezembro, "1984" e "A revolução dos bichos" estão no topo da lista, marcando presença nela há 82 e 121 semanas não consecutivas, respectivamente.

De acordo com Emilio Fraia, editor responsável pela obra de Orwell na Companhia das Letras, o momento político do mundo contemporâneo faz com que haja um interesse renovado pelos livros do autor, que trazem temas como liberdade e autoritarismo como eixos centrais.

"É um autor que investigou com muita propriedade questões que se impuseram nas últimas décadas", disse ao Nexo.

"As fake news, o apagamento da verdade, o 'duplipensamento' [conceito apresentado em '1984' em que um indivíduo aceita duas crenças completamente opostas como corretas], a noção de 'mentira institucionalizada' que fundamenta governos com tendências fascistas e totalitárias. Ler Orwell é entrar em contato com reflexões poderosas sobre estes mecanismos", acrescentou.

[https://www.nexojornal.com.br/expresso/2020/12/24/
Por-que-George-Orwell-%C3%A9-um-fen%C3%BDmeno-permanente-no-Brasil](https://www.nexojornal.com.br/expresso/2020/12/24/Por-que-George-Orwell-%C3%A9-um-fen%C3%ADmeno-permanente-no-Brasil)

055. (INÉDITA/2023) No precedente, predomina o discurso

- a) narrativo.
- b) desritivo.
- c) expositivo.
- d) argumentativo.
- e) injuntivo.



Observe que o comando da questão solicita o discurso predominante. Como observamos, o texto EXPÕE as razões pelas quais George Orwell (sua obra) é um fenômeno permanente no Brasil. A apresentação dessas razões não tem como finalidade o convencimento do leitor (mediante uso de argumentos) – há apenas a EXPOSIÇÃO de fatos e de relatos de especialistas. Assim, estamos diante de um texto em que predomina o discurso expositivo. Isso exclui todas as outras alternativas.

Letra c.

Com base em Marx e Darwin, romance de Marcelo Rubens Paiva "é aula leve de filosofia"

Um orangotango, enjaulado em um instituto científico, escapa à noite para ler na biblioteca. Ele começa lendo quadrinhos do Batman, mas logo passa aos filósofos gregos, a Hegel, a Darwin e, enfim, a Marx. Torna-se um orangotango darwinista-marxista que, de sua jaula, tece comentários e críticas aos humanos. Ao se ver transferido a um zoológico, depois de muito usado pela ciência, ele se revolta e começa a colocar seus conhecimentos em prática: passa a planejar a revolução dos bichos.

É este o enredo de O orangotango marxista, novo romance de Marcelo Rubens Paiva, recém-lançado pelo selo Alfaquara, da Companhia das Letras. Na fábula, em tom científico-satírico, o autor usa a voz do símio protagonista para, em suas palavras, "se distanciar dos seres humanos e, assim, criticar, comentar e satirizar o nosso modo de vida", como um estrangeiro que observa de fora e toma notas – no estilo de Memórias póstumas de Brás Cubas (1880), de Machado de Assis.

"É uma releitura de Marx desde a origem, com um olhar diferente do que estamos acostumados. Mas, ao mesmo tempo, é uma aula leve de filosofia", conta à CULT o autor, que escreve seu primeiro livro de ficção em algum tempo: os últimos, muito posteriores ao seu

mais famoso, Feliz ano velho (1982), foram Meninos em fúria (2016), sobre o movimento punk brasileiro, e Ainda estou aqui (2015) – que, indicado ao Jabuti, aborda a luta de sua mãe contra a ditadura militar na busca pelo marido, o ex-deputado Rubens Paiva, desaparecido durante o regime.

"Os gêneros [literários] não se aproximam, mas acho que minha forma de olhar para a sociedade, seja na ficção ou na não ficção, continua sempre sendo a mesma", diz o autor. À CULT, Paiva fala sobre as inspirações, leituras e referências para a criação do orangotango: **De onde veio a ideia de escrever essa "fábula"? Por que narrar a atualidade pelos olhos de um bicho?**

Tenho ido muito ao zoológico e, ali, observado como os animais nos olham. É um olhar de quem assiste televisão ou a um espetáculo. Imaginei eles assistindo à transformação da humanidade: da espécie mais evoluída do planeta, temos nos tornado uma humanidade marcada pelo uso do celular, pelo sedentarismo, pela obesidade e pela despreocupação com o mundo ao redor. O mais preocupante é que esquecemos, aos poucos, a curiosidade científica e filosófica. Eu percebi que me identificava com essa visão dos animais, de certa forma.

Logo antes de O orangotango marxista, você escreveu livros de não-ficção e históricos, como Ainda Estou Aqui. Os dois gêneros se aproximam de alguma forma?

Os gêneros não se aproximam, mas acho que minha forma de olhar para a sociedade, seja na ficção ou na não ficção, continua sendo a mesma. Como cronista e escritor, eu escrevi ficções, como Blacaute (1986) e *E aí, comeu?* (2012), mas a ironia está presente em muitas das coisas que eu faço. Sou muito apegado à história brasileira, aos direitos humanos, mas também gosto de satirizar tudo isso, o que permite que, entre piadas, se façam críticas mais agudas. Acho que faz parte da minha personalidade, esse uso da ironia como uma arma. *E aí, comeu?*, por exemplo, é uma crítica ao ambiente machista. O humor é um instrumento para provocar.

Helô D'Angelo, Cult. 2018.

056. (INÉDITA/2023) A que gênero textual pertence o precedente?

- a) ensaio.
- b) editorial.
- c) crônica.
- d) entrevista.
- e) reportagem.



O Texto III pertence ao gênero textual **entrevista**. Nesse gênero, dois ou mais interlocutores (participantes do evento de comunicação) discutem algum assunto. Há, como observamos no texto, uma breve introdução à temática que será tema do diálogo (entrevista). Por ser uma entrevista, deve-se desconsiderar todas as outras alternativas (por exclusão).

Letra d.

057. (INÉDITA/2023) Neste excerto do texto precedente, as aspas são empregadas para “É uma releitura de Marx desde a origem, com um olhar diferente do que estamos acostumados. Mas, ao mesmo tempo, é uma aula leve de filosofia”

- a) identificar o título de uma obra.
- b) destacar uma fala irônica.
- c) identificar uma palavra estrangeira.
- d) identificar imprecisão vocabular.
- e) delimitar uma fala de Marcelo Rubens Paiva.



No trecho em análise, as aspas são empregadas para delimitar uma fala de Marcelo Rubens Paiva (aspas utilizadas para citação). Com isso, todas as outras alternativas são invalidadas.

Letra e.

Mais corporativismo que segurança

Nas últimas semanas, a discussão sobre os projetos de lei orgânica das Polícias Civil e Militar ocupou o debate público no país. São propostas estacionadas no Congresso há muitos anos, mas que ganharam certa tração no final do ano passado. Embora as duas leis orgânicas mereçam uma profunda discussão, foi a das Polícias Militares que despertou maior preocupação, por conta do excessivo caráter corporativo e dos riscos aos aspectos democráticos de organização das polícias e da segurança pública no país.

As leis orgânicas cumprem o importante papel de regulamentar a organização geral das polícias, prevendo garantias, direitos e deveres, assim como, no caso das polícias e bombeiros militares, questões sobre efetivo e inatividade. Estabelecem as bases gerais que asseguram às instituições condições estruturais para o adequado cumprimento de suas atribuições e para o aprimoramento e valorização de seus quadros. Os projetos têm sido amplamente debatidos junto às entidades representativas dos profissionais envolvidos; supostamente sintetizam o que há de mais consensual dentre os diversos pontos de vista.

Mas não é possível discutir as leis orgânicas das polícias sem atentar para os aspectos que o corporativismo dessas instituições está privilegiando. Não se verifica a preocupação com a melhoria da segurança pública e nem com o impacto na redução de crimes e violência como pano de fundo nesses projetos.

O projeto de organização das polícias e bombeiros militares, em especial, se destaca pelo reforço de alguns aspectos dessa visão corporativista limitante. A reestruturação do quadro de oficiais favorece privilégios em detrimento da eficiência, com a criação de mais três patentes, em simetria às Forças Armadas, totalizando dezenove níveis hierárquicos na corporação. A aproximação com as carreiras jurídicas de estado, colocada na alteração dos requisitos para ingresso, descharacteriza completamente o papel e a especificidade da instituição policial, ainda que decorrente de uma demanda legítima de valorização profissional e salarial. Por fim, as principais mudanças que impactam a progressão nas carreiras falham em oferecer resposta às demandas de valorização e profissionalização defendidas pelas associações representativas da carreira de praças.

Beatrix Graeff e Carolina Ricardo. Revista Piauí. Fevereiro de 2021.

058. (INÉDITA/2023) Considerando o texto precedente, informe se é verdadeiro (V) ou falso (F) o que se afirma a seguir e assinale a alternativa com a sequência correta.

- () No segundo parágrafo, as autoras descrevem as funções das leis orgânicas das polícias.
() No quarto parágrafo, as autoras apresentam a defesa de um ponto de vista, o qual é favorável ao atual projeto de organização das polícias e bombeiros militares.
() No último período do segundo parágrafo, a forma “supostamente” expressa um ponto de vista das autoras em relação ao que se afirma.
- a) V – V – V.
b) F – V – V.
c) V – F – V.
d) V – F – F.
e) F – F – F.



Vamos analisar cada uma das afirmativas:

(V) Todo o segundo parágrafo diz respeito às funções que as leis orgânicas desempenham nas instituições em questão.

(F) No quarto parágrafo, as autoras defendem, sim, um ponto de vista. Esse ponto de vista, no entanto, NÃO é favorável ao atual projeto de organização das polícias e bombeiros militares.

(V) Muita atenção: formas adverbiais muitas vezes expressam o ponto de vista do enunciador. É o caso de “supostamente”, advérbio que, no contexto, qual lança dúvidas/hesitações em relação à afirmação “as leis orgânicas sintetizam o que há de mais consensual dentre os diversos pontos de vista”.

A sequência correta, então, é V – F – V (alternativa (c)).

Letra c.

Diamantes no deserto

Vales marcados pela intensa aridez parecem ter se tornado ambientes ideais para o florescimento de frutos típicos do século XXI: os produtos tecnológicos. O maior centro de inovação do planeta se encontra em uma região seca da Califórnia. Todos os anos, o Vale do Silício concentra 50 bilhões de dólares de investimentos de alto risco, usualmente destinados a startups – quase metade do montante movimentado dentro dos Estados Unidos –, além de 15% da produção de patentes desse país.

A mais de 10.000 quilômetros de distância de lá, no Oriente Médio, o Deserto de Nevegue, em Israel, vê crescer, sobre seu solo abrasador, um complexo industrial que põe o território em disputa direta com a cidade chinesa de Shenzhen pelo posto de maior polo de inovação do mundo. No oásis tecnológico proliferaram companhias de ponta, que se espalham

ainda pela costa litorânea, nos arredores de Tel-Aviv, fazendo dessa pequeníssima nação, com menos de 10% da área do Estado de São Paulo e população pouco maior que a da cidade do Rio de Janeiro, um sinônimo de progresso.

Como Israel transformou um deserto árido em centro de inovação mundial? Responde Ran Natanzon, especialista em vender tal faceta do país: "Trata-se de uma combinação dos seguintes fatores, todos igualmente essenciais: somos uma nação altamente militarizada; mantemos a indústria em ligação com as pesquisas acadêmicas; o governo atua para fomentar o setor; há operação ativa de fundos de investimentos e multinacionais; e existe uma proliferação de startups". Todo israelense, homem ou mulher, é obrigado a servir no Exército ao completar 18 anos. O que não quer dizer, no entanto, que o contingente completo vá para a linha de frente. Há, por exemplo, uma unidade, a 8.200, integrante do Corpo de Inteligência das Forças de Defesa, cujos membros se dedicam a decifrar códigos de computador. "Essa tropa fornece veteranos hábeis em trabalhar com segurança de dados digitais e em outras áreas do mercado da tecnologia", explicou o engenheiro israelense Lavy Shtokhamer, que chefia uma divisão que mescla agentes ligados ao governo e representantes de empresas parceiras, como a IBM, em ações contra ataques de hackers que têm como alvo Israel ou, como vem sendo mais frequente, sistemas de companhias privadas.

(Filipe Vilicic. Veja, 12.02.2020. Adaptado)

059. (INÉDITA/2023) Analisando-se a organização do texto precedente, conclui-se que ele é predominantemente:

- a) injuntivo.
- b) argumentativo.
- c) desritivo.
- d) expositivo.
- e) narrativo.



O texto é predominantemente expositivo (alternativa "d"). Primeiramente, há a exposição de fatos e dados, os quais são apresentados não para convencer o leitor, mas para expor um conteúdo referencial. Os elementos narrativos e desritivos são secundários, servindo à função central de expor o assunto. Por fim, não há comandos a serem seguidos pelo leitor, e por isso o texto não é injuntivo. É por isso que as alternativas "a", "b", "c" e "e" estão erradas.

Letra d.

O Supremo na baliza política e o Brasil entre o passado e o futuro

No duplo twist carpado que se tornou a política brasileira, na segunda-feira, 8 de março de 2021, jornalistas, tuiteiros e o tio do zap entram em polvorosa com a posição do ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Edson Fachin, que anulou todas as decisões tomadas pela 13ª

Vara Federal de Curitiba em relação aos quatro processos contra o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Na prática, significa que Fachin simplesmente tornou sem efeito as condenações da Operação Lava Jato em relação a Lula, que passa, então, a ser elegível para a disputa presidencial de 2022. Como se a animação fosse pouca, nesta terça o ministro Gilmar Mendes resolveu colocar a questão em pauta na 2ª turma do STF, na qual Fachin é relator dos mencionados processos.

Gilmar Mendes fez do seu voto sobre os processos que envolviam Lula na Lava Jato um verdadeiro memorial das arbitrariedades da Operação. Lá pelas tantas, entre comentários que se referiam até aos métodos “soviéticos” do ex-juiz e comandante da operação, Sérgio Moro, ele lembrou que a suspeição precede a competência. Assim, divergia da posição de Fachin e ia direto em um ponto já levantado por quem cobre o Supremo de perto: o de que Fachin, conhecido por sua defesa pública da Lava Lata, teria feito tal movimento como preço a pagar para salvar Moro. Explica-se: no escopo de sua decisão sobre a falta de competência da 13ª Vara Federal de Curitiba para julgar Lula, o ministro julgou prejudicados os Habeas Corpus que questionam a imparcialidade de Moro. Contudo, parece que a manobra não funcionou. O julgamento da 2ª turma foi interrompido pelo pedido de vistas de Nunes Marques (com o placar de 2 a 2 contra Fachin), mas a sensação é de que os processos contra Lula tanto começam a pesar para os ministros como seu andamento pode ser um importante instrumento de sinalização política do Tribunal. Os ministros divergem sobre a Lava Jato, mas com Moro completamente diminuto em poder e influência, as decisões sobre a Operação jogam a última pá de cal nas aspirações da República de Curitiba e levantam o debate sobre as eleições de 2022.

Fato é que poderíamos gastar dias olhando para o xadrez da movimentação dos instrumentos jurídicos. Contudo, aqui levanto o olhar e tento fazer uma análise em um panorama médio. Como circulou em um tuíte, em uma semana Lula será elegível e vacinado. A marotice da frase é a síntese perfeita de que Lula volta à cena como potencial candidato do PT para disputar as eleições presenciais, que, diga-se, estão logo ali. A expectativa de ver o ex-presidente de novo no jogo gerou festejos entre seus apoiadores e simpatizantes, mas também ânimo em uma parcela bolsonaristas que pretendem ver o atual ocupante do Planalto disputando a eleição com Lula. Há uma divisão nessa análise, nem todos acreditam nela, mas para um grupo há a aposta na conhecida polarização que reanimaria o antipetismo. Com isso, apesar do caos instalado no país, os insatisfeitos continuariam a insistir na opção Bolsonaro. Essa questão está posta e não pode ser esquecida. A esta altura do campeonato, faltando pouco mais de um ano para as eleições, o movimento é de escolha dos candidatos e também dos seus opositores.

(Grazielle Albuquerque, *Le Monde Diplomatique*. 9-3-2021. Adaptado)

060. (INÉDITA/2023) Na frase do primeiro parágrafo – No duplo twist carpado que se tornou a política brasileira, na segunda-feira, 8 de março de 2021, jornalistas, tuiteiros e o tio do zap entram em polvorosa com a posição do ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Edson Fachin –, a autora:

- a) adota uma linguagem formal e objetiva.
- b) apresenta-se em primeira pessoa, narrando eventos nos quais participa ativamente.

- c) não contextualiza temporalmente os fatos apresentados.
- d) o termo “duplo twist carpado” faz referência aos movimentos de ginástica executados por Edson Fachin.
- e) adota uma linguagem informal e subjetiva.



O trecho formulado pela autora é informal e traz elementos de subjetividade (isto é, mostra claramente o modo como o enunciador perspectiva o fato), já que emprega comparações coloquiais (especialmente “o tio do zap”). Por isso, a alternativa “e” está correta (e a alternativa “a” está incorreta). Apesar de informal e subjetivo, a forma linguística é de terceira pessoa (por isso a alternativa “b” está incorreta). Diferentemente do que se afirma em “c”, a autora contextualiza temporalmente os fatos apresentados (na segunda-feira, 8 de março de 2021); por fim, é incorreto dizer que o termo “duplo twist carpado” faz referência aos movimentos de ginástica executados por Edson Fachin – essa interpretação é literal e o termo não faz referência específica a Edson Fachin.

Letra e.

061. (INÉDITA/2023) Analisando-se a organização do texto precedente, conclui-se que ele é predominantemente:

- a) argumentativo.
- b) injuntivo.
- c) descriptivo.
- d) narrativo.
- e) dialogal.



Ao longo do texto, a autora apresenta **argumentos** em defesa de determinado(s) ponto(s) de vista (alternativa “a”, correta). Não há predominância (e, em alguns casos, qualquer traço) das tipologias “b” injuntiva, “c” descriptiva, “d” narrativa e “e” dialogal.

Letra a.

062. (INÉDITA/2023) Há marcas de pessoalidade em:

- a) “ele [Gilmar Mendes] lembrou que a suspeição precede a competência” (2º parágrafo).
- b) “na qual Fachin é relator dos mencionados processos” (2º parágrafo).
- c) “aqui levanto o olhar e tento fazer uma análise em um panorama médio” (3º parágrafo).
- d) “O julgamento da 2ª turma foi interrompido pelo pedido de vistas de Nunes Marques” (2º parágrafo).

e) “no escopo de sua decisão sobre a falta de competência da 13ª Vara Federal de Curitiba para julgar Lula, o ministro julgou prejudicados os Habeas Corpus que questionam a imparcialidade de Moro” (2º parágrafo).



A marca de pessoalidade em “c” ocorre principalmente pelas desinências das formas verbais “levanto” e “tento”: ambas são de primeira pessoa do singular (eu). Nas demais alternativas (“a”, “b”, “d” e “e”, a autora apresenta fatos externos, predominando a impessoalidade (terceira pessoa).

Letra c.

063. (INÉDITA/2023) Abaixo estão apontados cinco diferentes gêneros textuais; o gênero que mostra seu principal domínio discursivo de forma adequada é:

- a) reportagem: comercial.
- b) bula de remédio: saúde.
- c) mandado de busca: industrial.
- d) crônica: publicitário.
- e) monografia: jornalístico.



De fato, uma bula de remédio está circunscrita no domínio discursivo da área da saúde, e por isso a alternativa “b” está correta. No entanto, a reportagem, o mandado de busca, a crônica e a monografia pertencem a domínios discursivos diferentes, a saber (e respectivamente): jornalístico, jurídico, ficcional/jornalístico e instrucional (científico, acadêmico e educacional).

Letra b.

064. (INÉDITA/2023) Observe o seguinte diálogo

- Márcio, o uso de máscara e o isolamento social são medidas eficientes para reduzir os casos de contágio, por isso devem ser adotadas.
- Mas ontem eu vi você sem máscara conversando com a sua filha, Antônio!

Sendo esse um texto argumentativo, o segundo argumentador apela para a seguinte estratégia:

- a) apelo ao bom senso.
- b) crítica ao argumentador, não ao argumento.
- c) apelo à autoridade.
- d) adoção de tergiversação.
- e) construção de um círculo vicioso.



O diálogo expressa a estratégia denominada “ad hominem” (relativo à pessoa), na qual há uma crítica ao argumentador, não ao argumento. A atitude pessoal de “Antônio” não invalida o seu argumento. É por isso que a alternativa em “b” está correta. Não se encontra, no diálogo, “a” apelo ao bom senso, “c” apelo à autoridade, “d” adoção de tergiversação ou “e” construção de um círculo vicioso.

Letra b.

065. (INÉDITA/2023) A opção em que a passagem do discurso direto para o indireto é feita de forma **inadequada** é:

- a) O filho pergunta: “Mãe, como é possível a senhora ser tão bonita, tão magrinha e ter cabelos com tanto brilho?”/O filho perguntou à mãe como era possível ela ser tão bonita, tão magrinha e ter os cabelos com tanto brilho.
- b) O paciente diz: “O meu problema, doutor, é que eu não consigo encontrar uma mulher à minha altura”/O paciente disse ao doutor que o problema dele era que não conseguia encontrar uma mulher à altura dele.
- c) O peixe afirma: “Logo, essa minhoca está aí por um motivo”/O peixe afirmou que alguém havia colocado aquela minhoca lá e que ela estava lá por algum motivo.
- d) “A planta leu a mente dele?”, indagam os autores. Backster teve vontade de sair pelas ruas gritando: “As plantas pensam!”/Indagam os autores que a planta lera a mente dele. Backster teria tido vontade de sair pelas ruas gritando que as plantas pensavam.
- e) Dona Benta, indiscreta, perguntou ao forasteiro: “É o senhor o hóspede que se fantasiou de fantasma durante a festa?”/Dona Benta, indiscreta, perguntou ao forasteiro se era ele o hóspede que se fantasiara de fantasma durante a festa.



Em “a”, “c”, “d” e “e”, as transcrições estão corretas: as formas verbais são compatíveis e a referênciação está correta. Em “b”, a forma correta deve ser esta: “O paciente disse ao doutor que o problema dele, paciente, era que não conseguia encontrar uma mulher à altura de si mesmo.” Note a necessidade de se utilizar expressões que definem com mais clareza os referentes do enunciado.

Letra b.

066. (INÉDITA/2023) Observe o texto a seguir.

Meu ritual nos fins de tarde era sempre o mesmo: descia da perua escolar, corria pra casa, largava a mochila embaixo da escada, tomava banho, vestia uma roupa confortável, me aboletava no sofá e, enquanto a Vanda preparava o jantar, assistia a Spectreman.

Naquela tarde, contudo, quando desci da perua, dei com a mãe do Henrique me esperando na calçada: Vanda tivera que sair às pressas para visitar a prima no hospital, e eu deveria ficar na vizinha até minha mãe voltar do trabalho. Tudo certo, eu convivia com aquela família desde que me conhecia por gente e, apesar do leve incômodo que a quebra da rotina sempre traz, não me importei.

(Antonio Prata. *Nu, de botas*. Companhia das Letras, 2013)

A **finalidade** essencial desse texto é:

- a) descrever o ambiente em que os eventos ocorrem.
- b) apresentar uma reflexão sobre a necessidade de os jovens serem resilientes.
- c) divulgar um programa televisivo.
- d) apresentar um relato sobre eventos cotidianos do narrador.
- e) ilustrar o modo como a desigualdade social se manifesta no dia a dia dos jovens.



A finalidade essencial do texto é a de apresentar um relato (pessoal) sobre eventos cotidianos do narrador (em primeira pessoa). Apesar de se poder inferir do texto alguma temática compatível com o que se apresenta em "a", "b", "c" e "e", a finalidade essencial do texto certamente não está apontada nessas alternativas.

Letra d.

Caros membros da Secretaria de Redação e do Conselho Editorial da Folha,

Nós, jornalistas da Folha aqui subscritos, vimos por meio desta carta expressar nossa preocupação com a publicação recorrente de conteúdos racistas nas páginas do jornal. Sabemos ser incomum que jornalistas se manifestem sobre decisões editoriais da chefia, mas, se o fazemos neste momento, é por entender que o tema tenha repercussões importantes para funcionários e leitores do jornal e no intuito de contribuir para uma Folha mais plural. O episódio a motivar esta carta foi a publicação de artigo de opinião intitulado “Racismo de negros contra brancos ganha força com identitarismo” (Ilustrada Ilustríssima, 16/1), em que Antonio Risério identifica supostos excessos das lutas identitárias, que estariam levando a racismo reverso.

[...]

Reconhecemos o pluralismo que está na base dos princípios editoriais da Folha e a defesa que nela se faz da liberdade de expressão. No entanto estes não se dissociam de outros valores que o jornalismo deve defender, como a verdade e o respeito à dignidade humana. A Folha não costuma publicar conteúdos que relativizam o Holocausto, nem dá voz a apologistas da ditadura, terraplanistas e representantes do movimento antivacina.

Por que, então, a prática seria outra quando o tema é o racismo no Brasil? Se textos como o de Antonio Risério atraem audiência no curto prazo, sua consequência seguinte é minar a credibilidade, que é, e deve ser, o pilar máximo de um jornal como a Folha. Por esses motivos, convidamos a uma reflexão e uma reavaliação sobre a forma como o racismo tem sido abordado

na Folha. Acreditamos que buscar audiência às expensas da população negra seja incompatível com estar a serviço da democracia.

(Carta aberta de jornalistas da Folha à direção do jornal, 19 de janeiro de 2022)

067. (INÉDITA/2023) O texto 1 pertence ao gênero **carta argumentativa**. Levando em consideração o texto lido, assinale a característica menos adequada a esse gênero.

- a) Explicitação do destinatário da carta por meio do vocativo.
- b) Adoção de expressões coloquiais e de linguagem figurada.
- c) Estruturação textual coesa, clara e objetiva.
- d) Apresentação de argumentação que sustenta o ponto de vista de quem subscreve a carta.
- e) Emprego de formas verbais e pronominais em primeira pessoa.



Uma carta argumentativa possui tipicamente as seguintes características (expressas em "a", "c", "d" e "e"): explicitação do destinatário da carta por meio do vocativo; estruturação textual coesa, clara e objetiva; apresentação de argumentação que sustenta o ponto de vista de quem subscreve a carta; e emprego de formas verbais e pronominais em primeira pessoa (do singular ou do plural). Em "b", lemos uma característica que não é típica em cartas argumentativas: a adoção de expressões coloquiais e de linguagem figurada.

Letra b.

068. (INÉDITA/2023) O texto a seguir foi retirado de uma Carta do Leitor do jornal Folha de S. Paulo, de 17 de fevereiro de 2022.

Chegar bem aos 100

Excelente o artigo de Karla Giacomin na coluna Como Chegar Bem aos 100 (“Desconstrução de políticas de Estado precisa ser denunciada, Corrida, 17/2). Precisamos denunciar essa desconstrução política, especialmente aquelas que contemplam as necessidades da população idosa.

Marília Berzins (São Paulo, SP)

A marca que NÃO está presente nesse gênero textual é:

- a) a presença da assinatura do emissor.
- b) a utilização de linguagem próxima à do jornal.
- c) o emissor busca posiciona-se em relação a determinada publicação ou acontecimento recente.
- d) o emprego de intertextualidade.
- e) uma solicitação de resposta do jornal acerca do questionamento realizado.



As marcas linguístico-discursivas em “a”, “b”, “c” e “d” estão presentes no gênero textual **carta do leitor** em análise (seja no gênero, seja no exemplo analisado). Em “e”, temos uma marca não recorrente do gênero carta do leitor e inexistente no exemplo analisado: não há solicitação de resposta do jornal acerca do questionamento realizado.

Letra e.

069. (INÉDITA/2023) Assinale a opção que apresenta uma falácia argumentativa caracterizada adequadamente.

- a) O Pelé foi o maior jogador de futebol de todos os tempos, pois não houve alguém melhor que ele./generalização excessiva.
- b) Doe para a nossa instituição de caridade. Quando você deixa de doar, muitas crianças passam fome e podem até morrer./apelo à emoção
- c) Quem lê livros deve ser considerado um bom cidadão por seu alto nível intelectual./ simplificação exagerada.
- d) Existe apenas um bem, o saber, e apenas um mal, a ignorância./argumento em círculo vicioso.
- e) A carreira de um artista é muito exigente. É por isso que todos fazem uso de drogas./ apelo ao absurdo.



Em “b”, observamos um argumento que apela à emoção (em específico, o dó e a culpa) – e por isso a classificação está correta. As classificações adequadas para os argumentos em “a”, “c”, “d” e “e” são estas: “a” círculo vicioso; “d” simplificação exagerada; “c” e “e” generalização excessiva.

Letra b.

070. (INÉDITA/2023) O ato de descrever corresponde a atribuir ao objeto da descrição informações, qualificações, estados, caracterizações ou relações.

A opção abaixo em que o adjetivo indica uma caracterização objetiva é:

- a) mulher refinada.
- b) carro velho.
- c) porão soturno.
- d) restaurante chique.
- e) sapato preto.



Em “a”, “b”, “c” e “d”, temos qualidades subjetivas: refinada, velho, soturno (escuro, sombrio) e chique. Por “subjetiva”, devemos entender o seguinte: há a possibilidade de relativizar a caracterização em “a”, “b”, “c” e “d”: você pode achar a mulher refinada, mas eu não acho. Para mim, o carro é antigo, uma raridade, não “velho”. O porão é apenas sem iluminação, não tem nada de “soturno”. E o restaurante apenas é limpo e novo: não tem nada de “chique”. Em “e”, temos uma característica objetiva: o preto caracteriza a cor do sapato e ninguém pode discordar disso (não é algo “subjetivo”, passível de ser perspectivado a partir de diferentes pontos de vista).

Letra e.

071. (INÉDITA/2023) Assinale a frase a seguir que se apoia em um raciocínio indutivo.

- a) Os jogos da *Champions League* já deveriam ser abertos ao público, pois, assim, haveria mais emoção e incentivo; no jogo Real Madrid x Celtic, por exemplo, o Real Madrid poderia ter obtido melhor resultado ontem, se a torcida estivesse na arquibancada.
- b) Diversos Institutos Federais estão apresentando mais sucesso nos exames vestibulares, daí que os processos seletivos do Instituto Federal de Goiás sejam tão disputados.
- c) Durante a pandemia, o Hospital de Base, em Brasília, atendeu a um número excessivo de casos de COVID-19 e enfrentou as dificuldades oriundas da falta de profissionais, mas, na verdade, os hospitais públicos, em todas as grandes cidades, estão passando por isso.
- d) Observando alguns turistas estrangeiros, deduzimos que os norte-americanos são mais ricos que os sul-americanos, pois aqueles gastam mais.
- e) São pagos todos os que compõem o tribunal do júri. O presidente, o procurador da justiça, os advogados, os porteiros, possivelmente as testemunhas; a que título só os jurados, que deixam seus negócios, hão de trabalhar de graça?



O raciocínio indutivo parte do particular para o geral. Isso ocorre em “c”, tendo em vista abordar um hospital em específico, particular (o Hospital de Base, em Brasília) para, em seguida, falar de todos os hospitais (geral). Em “a”, “b”, “d” e “e”, parte-se do geral (jogos da *Champions League*; Institutos Federais; turistas estrangeiros; tribunal do júri) para se chegar ao particular (Real Madrid x Celtic; Instituto Federal de Goiás; turistas norte-americanos/sul-americanos; presidente/procurador/advogados etc.).

Letra c.

072. (INÉDITA/2023) Nos enunciados abaixo, pode-se observar a presença de diferentes tipologias textuais como base dos gêneros materializados nas sequências enunciativas. Numere os parênteses conforme o código de cada tipologia.

- () Observe os itens apresentados pelo Guia **do desafio: turismo sustentável:** I – Pesquise o destino: conheça a história, cultura e problemas locais; II – Cumpra as regras de visitação: não abra novas trilhas, não acenda fogueiras e não deixe marcas em grutas; III – Escolha os serviços: pousada e agência regularizados pagam impostos que ajudam a manter o local; e IV – respeite a natureza: não imponha som alto à fauna. Não deixe lixo na área, nem mate animais peçonhentos.
- () Antes de ser o pintor de algumas das obras mais famosas do mundo, como a "Mona Lisa" e "A Última Ceia", Leonardo da Vinci também era engenheiro, arquiteto e inventor; e, em 1482, o gênio renascentista estava em busca de um emprego.
- () Esvaziei a mala, dependurei a blusa amarrrotada num cabide que enfiei num vão da veneziana, prendi na parede, com durex, uma gravura de Grassmann e sentei meu urso de pelúcia em cima do travesseiro. Fiquei vendo minha prima subir na cadeira, desatarraxar a lâmpada fraquíssima que pendia de um fio solitário no meio do teto e no lugar atarraxar uma lâmpada de duzentas velas que tirou da sacola. O quarto ficou mais alegre.
- () Outro dado da pesquisa revela que 75% dos entrevistados nunca leem jornais e 85% nunca leem qualquer revista. Apenas 6% dos brasileiros entrevistados disseram ler jornais diariamente. Mesmo em baixa, o jornal impresso é o veículo apontado como de maior credibilidade: 53% das pessoas consultadas responderam que confiam sempre, ou muitas vezes, nos jornais.

- (1) narrativa.
(2) descritiva.
(3) expositiva.
(4) injuntiva.

Está correta a sequência:

- a) 1, 2, 3, 4.
b) 1, 3, 4, 2.
c) 4, 2, 1, 3.
d) 3, 4, 1, 2.



O primeiro texto apresenta características do texto injuntivo, pois há orientações (comandos) e recomendações direcionadas a um interlocutor (segunda pessoa do discurso). O segundo texto apresenta propriedades que caracterizam Leonardo da Vinci, sendo, por isso,

predominantemente descritivo. Note que esse texto é estático (não envolve transcurso do tempo) e há predicações nominais. No terceiro texto, predomina a narração, haja vista haver um personagem (primeira pessoa) que narra eventos realizados em um tempo (passado) e lugar. Por fim, o último texto apresenta dados concretos da realidade, não objetivando convencer o leitor acerca de determinada tese – é, portanto, expositivo. A sequência correta está presente em “c”, o que inviabiliza as demais sequências (“a”, “b” e “d”).

Letra c.

073. (CEBRASPE/SEDUC-AL/PROFESSOR/2018)

Neste final de semana, esta Folha publicou editorial criticando a proposta de ampliar a pena daqueles que assassinam mulheres por “razões de gênero”. O **Texto** alega que tal “populismo” jurídico seria uma extravagância, já que todas as circunstâncias agravantes que poderiam particularizar o homicídio contra mulheres (motivo fútil, crueldade, dificuldade de defesa) estariam contempladas pela legislação vigente. Neste sentido, criar a categoria jurídica “razões de gênero” de nada serviria, a não ser para quebrar o quadro universalista que deveria ser o fundamento da lei.

Vladimir Safatle. Feminicídio. In: Folha de S. Paulo. mar./2015, p. A 2.

Trata-se de um Texto publicado no jornal para o qual o próprio autor escreve, havendo indícios de que ele apresentará a tal Texto uma crítica.



Primeiramente, o editorial é um artigo (gênero da tipologia dissertativo-argumentativa) que expressa a opinião do Jornal (no caso, Folha de São Paulo). Essas informações podem ser observadas no primeiro período do texto e na referência ao final do texto. Notamos que o texto apresentará uma crítica por duas marcas linguísticas: o uso de aspas e a forma verbal no futuro do pretérito.

Certo.

(CEBRASPE/SEDUC-AL/PROFESSOR/2018)

- 1 O índice de leitura no Brasil continua baixo. Uma pesquisa realizada pelo Instituto Pró-Livro revelou que, após sair da escola, o brasileiro lê em média 1,3 livro por ano.
- 4 Quando se inclui a leitura de didáticos e paradidáticos — aqueles títulos lidos por obrigação, como parte do programa de alguma disciplina —, o número sobe para 4,7. Ainda assim, 7 trata-se de uma média baixíssima se comparada à de países desenvolvidos. Cada francês, por exemplo, lê, em média, anualmente, sete livros; na Finlândia, são mais de 25. O

10 levantamento apontou também que 45% dos entrevistados não havia lido nenhuma obra sequer nos três meses anteriores à enquete. O estudo, feito entre novembro e dezembro de 2007, 13 também mostrou que, para os brasileiros, a leitura é apenas a quinta opção de entretenimento. Em primeiro lugar, está a televisão. Alguma surpresa?

Leitura em baixa. In: Welcome Congonhas. Camarinha Editora & Comunicação, jul./2008, p. 9 (com adaptações).

No que se refere ao **Texto** precedente e às ideias nele veiculadas, julgue os itens subsequentes.

074. (CEBRASPE/PROFESSOR/SEDUC-AL/2018) Conforme as pesquisas citadas no **Texto**, o brasileiro não sabe ler.



Não se pode afirmar, a partir do texto, que o brasileiro não sabe ler. Pode-se dizer, a partir do texto, que o brasileiro (alfabetizado) lê pouco.

Errado.

075. (CEBRASPE/SEDUC-AL/PROFESSOR/2018) O **Texto** é um artigo de opinião no qual o autor discute o baixo envolvimento do brasileiro com a leitura em oposição ao que ocorre na França e na Finlândia.



O texto é predominantemente (ou seja, tem a função de ser) expositivo. O autor expõe os fatos tais quais eles se apresentam, não objetivando convencer o leitor sobre determinado ponto de vista. O artigo de opinião, diferentemente, é de natureza argumentativa e o autor objetiva convencer o leitor.

Errado.

076. (CEBRASPE/ABIN/AGENTE/2018)

Texto CB3A1AAA

- 1 A atividade de inteligência é o exercício de ações especializadas para a obtenção e análise de dados, produção de conhecimentos e proteção de conhecimentos para o país.
- 4 Inteligência e constrainteligência são os dois ramos dessa atividade. A inteligência compreende ações de obtenção de dados associadas à análise para a compreensão desses dados.
- 7 A análise transforma os dados em cenário comprehensível para

o entendimento do passado, do presente e para a perspectiva de como tende a se configurar o futuro. Cabe à inteligência tratar fundamentalmente da produção de conhecimentos com o objetivo específico de auxiliar o usuário a tomar decisões de maneira mais fundamentada. A contrainteligência tem como atribuições a produção de conhecimentos e a realização de ações voltadas à proteção de dados, conhecimentos, infraestruturas críticas — comunicações, transportes, tecnologias de informação — e outros ativos sensíveis e sigilosos de interesse do Estado e da sociedade. O trabalho desenvolvido pela contrainteligência tem foco na defesa contra ameaças como a espionagem, a sabotagem, o vazamento de informações e o terrorismo, patrocinadas por instituições, grupos ou governos estrangeiros.

Internet: <www.abin.gov.br> (com adaptações).

No **Texto**, predomina a tipologia textual expositiva, dado o seu objetivo comunicativo de transmitir ao leitor um conjunto de informações relativas às atividades desenvolvidas sob o rótulo de inteligência.



O texto apresentado pela banca é um exemplar típico da tipologia textual dissertativa expositiva. Não há, em qualquer ponto do texto, a tentativa de convencer o leitor sobre determinado ponto de vista.

Certo.

(CEBRASPE/SEFAZ-RS/AUDITOR/2018)

Texto 1A9BBB

1 Sérgio Buarque de Holanda afirma que o processo de integração efetiva dos paulistas no mundo da língua portuguesa ocorreu, provavelmente, na primeira metade 4 do século XVIII. Até então, a gente paulista, fossem índios, brancos ou mamelucos, não se comunicava em português, mas em uma língua de origem indígena, 7 derivada do tupi e chamada língua brasílica, brasiliana ou, mais comumente, geral.

No Brasil colônia, coexistiam duas versões de 10 língua geral: a amazônica, ou nheengatu, ainda hoje empregada por cerca de oito mil pessoas, e a paulista, que desapareceu, não sem que deixasse marcas na toponímia 13 do país e na língua portuguesa. São elas que nos

possibilitam olhar um caipira jururu à beira de um igarapé
socando milho para preparar mingau — sem os termos
16 que migraram para o português, só veríamos um habitante
da área rural, melancólico, preparando comida às margens
de um riacho. Sem caipira, sem jururu, sem igarapé,
19 sem socar e sem mingau, a cena poderia descrever uma
bucólica paisagem inglesa.
O idioma da gente paulista formou-se como
22 resultado de duas práticas: a miscigenação de portugueses
e índias e a escravização dos índios. Os primeiros europeus
que aqui aportaram, sem mulheres, uniram-se às nativas
25 e criaram os filhos juntos e misturados — as crianças
usavam o tupi da mãe e o português do pai. Aos poucos,
essas famílias mestiças se afastavam da cultura indígena
28 e casavam entre si, não mais em suas aldeias de origem.
Formava-se assim uma cultura mameluca, nem europeia
nem indígena, com uma língua que já não era o tupi, tampouco
31 era o português. Era o que falavam os primeiros paulistas,
os bandeirantes, que a difundiram nas bandeiras até as terras
que hoje constituem o Mato Grosso e o Paraná.

Branca Vianna. *O contrário da memória*. In: Piauí, ed. 116, maio/2016 (com adaptações).

077. (CEBRASPE/AUDITOR/SEFAZ-RS/2018) No **Texto 1A9BBB**, é verificado o emprego de discurso indireto no trecho “Sérgio Buarque de Holanda afirma que o processo (...) metade do século XVIII” (l. 1 a 4).



Como vimos em nossa aula, no discurso indireto o leitor tem acesso à fala de alguém pela voz do narrador do texto. Como o texto da questão é dissertativo, o “narrador/enunciador” é o próprio autor (Branca Vianna). Se o trecho fosse em discurso direto, teríamos o seguinte: Sérgio Buarque de Holanda afirma:

“o processo de integração efetiva dos paulistas no mundo da língua portuguesa ocorreu, provavelmente, na primeira metade do século XVIII.”

Certo.

078. (CEBRASPE/SEFAZ-RS/AUDITOR/2018) O vocábulo “toponímia” (l. 12) refere-se, no **Texto 1A9BBB**, ao conjunto de nomes próprios de lugares.

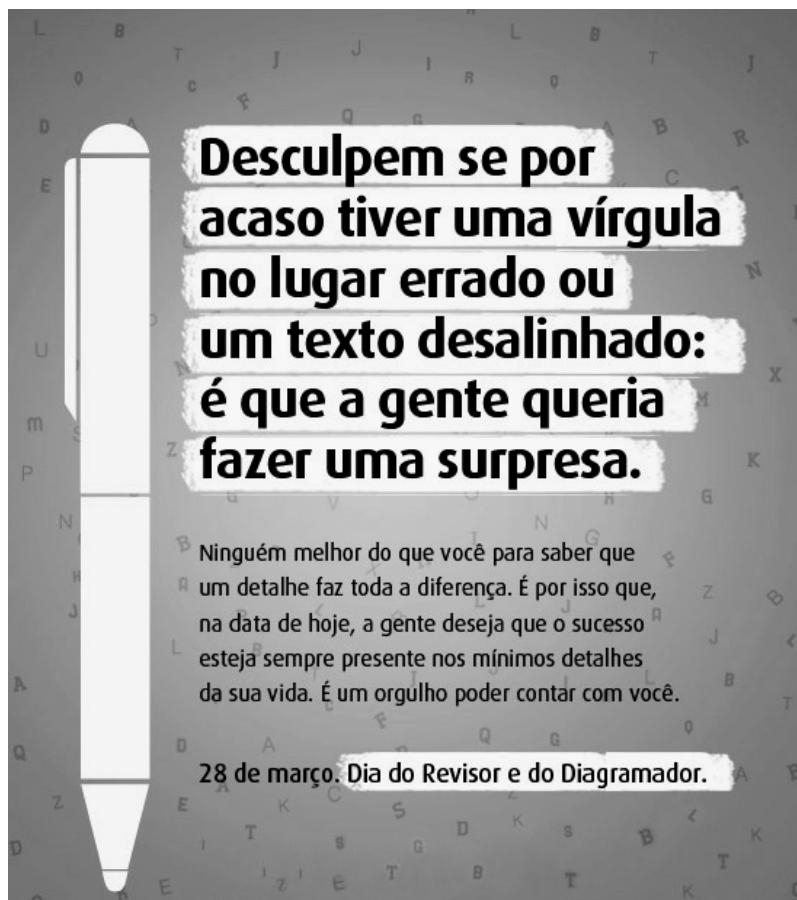


“Marcas na toponímia do país” = “marcas na origem de nomes geográficos do país”. A toponímia é uma parte específica da onomástica (estudo linguístico dos nomes próprios) e estuda os nomes próprios **de lugares**.

Certo.

079. (CEBRASPE/STM/SUPERIOR/2018)

Texto 6A4CCC



O público a quem a mensagem do **Texto 6A4CCC** se destina é específico: trata-se de revisores e diagramadores.



O “você” a quem o texto faz referência é o receptor do desejo de sucesso registrado na mensagem. Por ser o dia do revisor e do diagramador (28 de março), assume-se que o público-alvo seja composto por esses profissionais.

Certo.

080. (CEBRASPE/STM/MÉDIO/2018)

Texto CB4A1AAA

1 Narração é diferente de narrativa, uma vez que mantém algo da ideia de acompanhar os fatos à medida que eles acontecem. A narrativa é uma totalidade de 4 acontecimentos encadeados, uma espécie de soma final, e está presente em tudo: na sequência de entrada, prato principal e sobremesa de um jantar; em mitos, romances, contos, novelas, 7 peças, poemas; no Curriculum vitae; na história dos nossos corpos; nas notícias; em relatórios médicos; em conversas, desenhos, sonhos, filmes, fábulas, fotografias. Está nas óperas, 10 nos videoclipes, videogames e jogos de tabuleiro. A narração, por sua vez, é basicamente aquilo que um narrador enuncia. Uma contagem de palavras na base de dados do 13 Google mostra uma mudança nos usos de narrativa. A palavra vem sendo cada vez mais empregada nas últimas décadas, mas seu sentido vem mudando.

16 A expressão disputa de narrativas, que teve um boom dos anos 80 do século XX para cá, não costuma dizer respeito à acepção mais literária do termo, como narrativa de um 19 romance. Fala antes sobre trazer a público diferentes formas de narrar o mundo, para que narrativas plurais possam ser elaboradas e disputadas. É um uso do termo que talvez 22 aproxime narrativa de narração, porque sugere que toda narrativa histórica e cultural carrega em si um processo e um movimento e que dentro dela há sempre sinais deixados pelas 25 escolhas de um narrador.

Sofia Nestrovski. Narrativa. Internet: <www.nexojornal.com.br> (com adaptações).

Dadas a temática apresentada e a presença de referências temporais, como as expressões “nas últimas décadas” (l. 14) e “dos anos 80 do século XX para cá” (l. 17), o **Texto** classifica-se como narrativo.



A marcação temporal não é a única marca linguística a ser considerada na classificação de um texto como pertencente à tipologia narrativa. O texto é claramente dissertativo-expositivo (percebe que a autora apenas expõe as características da narrativa, sem o objetivo de convencer o leitor).

Para ser uma narrativa, faz-se necessária também a presença de personagens que sofrem e/ou praticam ações em determinado tempo e espaço. Além disso, a **função** do texto deve ser a de relatar um evento – e esse não é o caso do texto em análise.

Errado.

081. (CEBRASPE/TCE-PB/AGENTE/2018)**Texto 1A1AAA**

1 O medo do esquecimento obcecou as sociedades europeias da primeira fase da modernidade. Para dominar sua inquietação, elas fixaram, por meio da escrita, os traços do 4 passado, a lembrança dos mortos ou a glória dos vivos e todos os textos que não deveriam desaparecer. A pedra, a madeira, o tecido, o pergaminho e o papel forneceram os suportes nos 7 quais podia ser inscrita a memória dos tempos e dos homens. No espaço aberto da cidade, no refúgio da biblioteca, na magnitude do livro e na humildade dos objetos mais 10 simples, a escrita teve como missão conjurar contra a fatalidade da perda. Em um mundo no qual as escritas podiam ser apagadas, os manuscritos podiam ser perdidos e os livros 13 estavam sempre ameaçados de destruição, a tarefa não era fácil. Paradoxalmente, seu sucesso poderia criar, talvez, outro perigo: o de uma incontrolável proliferação textual de um 16 discurso sem ordem nem limites. O excesso de escrita, que multiplica os textos inúteis e abafa o pensamento sob o acúmulo de discursos, foi 19 considerado um perigo tão grande quanto seu contrário. Embora fosse temido, o apagamento era necessário, assim como o esquecimento também o é para a memória. Nem todos 22 os escritos foram destinados a se tornar arquivos cuja proteção os defenderia da imprevisibilidade da história. Alguns foram traçados sobre suportes que permitiam escrever, apagar e 25 depois escrever de novo.

Roger Chartier. Inscrever e apagar: cultura escrita e literatura (séculos XI-XVIII). Trad.: Luzmara Curcino Ferreira. São Paulo: UNESP, 2007, p. 9-10 (com adaptações).

Predomina no **Texto 1A1AAA** a tipologia narrativa.



O texto é predominantemente dissertativo-expositivo. Como eu já afirmei, para ser uma narrativa, faz-se necessária a presença de personagens que sofrem e/ou pratiquem ações em determinado tempo e espaço. Além disso, a **função** do texto deve ser a de relatar um evento – e esse não é o caso do texto em análise.

Errado.

082. (CEBRASPE/CGM-PB/TÉCNICO/2018)



O **Texto** apresentado combina elementos das tipologias expositiva e injuntiva.



O texto injuntivo é representado pela expressão central “DIGA NÃO”, além das formas infinitivas: “não **dar** nota fiscal”; “**colar** na prova” etc. A tipologia dissertativo-expositiva está presente no trecho disposto na parte superior à direita do texto.

Certo.

083. (CEBRASPE/STM/SUPERIOR/2018)**Texto 6A1AAA**

1 Está demonstrado, portanto, que o revisor errou, que
se não errou confundiu, que se não confundiu imaginou, mas
venha atirar-lhe a primeira pedra aquele que não tenha errado,
4 confundido ou imaginado nunca. Errar, disse-o quem sabia, é
próprio do homem, o que significa, se não é erro tomar as
palavras à letra, que não seria verdadeiro homem aquele que
7 não errasse. Porém, esta suprema máxima não pode ser
utilizada como desculpa universal que a todos nos absolveria
de juízos coxos e opiniões mancas. Quem não sabe deve
10 perguntar, ter essa humildade, e uma precaução tão elementar
deveria tê-la sempre presente o revisor, tanto mais que nem
sequer precisaria sair de sua casa, do escritório onde agora está
13 trabalhando, pois não faltam aqui os livros que o elucidariam
se tivesse tido a sageza e prudência de não acreditar cegamente
naquilo que supõe saber, que daí é que vêm os enganos piores,
16 não da ignorância. Nestas ajoujadas estantes, milhares e
milhares de páginas esperam a cintilação duma curiosidade
inicial ou a firme luz que é sempre a dúvida que busca o seu
19 próprio esclarecimento. Lancemos, enfim, a crédito do revisor
ter reunido, ao longo duma vida, tantas e tão diversas fontes de
informação, embora um simples olhar nos revele que estão
22 faltando no seu tombo as tecnologias da informática, mas o
dinheiro, desgraçadamente, não chega a tudo, e este ofício, é
altura de dizê-lo, inclui-se entre os mais mal pagos do orbe.
25 Um dia, mas Alá é maior, qualquer corrector de livros terá ao
seu dispor um terminal de computador que o manterá ligado,
noite e dia, umbilicalmente, ao banco central de dados, não
28 tendo ele, e nós, mais que desejar que entre esses dados do
saber total não se tenha insinuado, como o diabo no convento,
o erro tentador.
31 Seja como for, enquanto não chega esse dia, os livros
estão aqui, como uma galáxia pulsante, e as palavras, dentro
deles, são outra poeira cósmica flutuando, à espera do olhar
34 que as irá fixar num sentido ou nelas procurará o sentido novo,
porque assim como vão variando as explicações do universo,
também a sentença que antes parecerá imutável para todo o
37 sempre oferece subitamente outra interpretação, a possibilidade
duma contradição latente, a evidência do seu erro próprio.
Aqui, neste escritório onde a verdade não pode ser mais do que

40 uma cara sobreposta às infinitas máscaras variantes, estão os costumados dicionários da língua e vocabulários, os Morais e Aurélios, os Morenos e Torrinhas, algumas gramáticas, o
43 Manual do Perfeito Revisor, vademeco de ofício [...].

José Saramago. *História do cerco de Lisboa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 25-6.

Na construção do **Texto**, o autor, além de narrar fato que aconteceu com “o revisor”, explora, repetidas vezes e de diferentes modos, a ideia de que a dúvida pode ser algo positivo.



Vamos nos concentrar na parte em que o item afirma ser o texto uma narração. O “personagem” dessa narração é o revisor, apresentado pelo narrador (é, portanto, uma terceira pessoa). Esse revisor realiza ações em terceira pessoa (“errou”, “confundiu”). Trata-se, assim, de estrutura narrativa.

Certo.

Texto CB4A1BBB

1 O Zoológico de Sapucaia do Sul abrigou um dia um macaco chamado Alemão. Em um domingo de Sol, Alemão conseguiu abrir o cadeado de sua jaula e escapou. O largo 4 horizonte do mundo estava à sua espera. As árvores do bosque estavam ao alcance de seus dedos. Ele passara a vida tentando abrir aquele cadeado. Quando conseguiu, em vez de mergulhar 7 na liberdade, desconhecida e sem garantias, Alemão caminhou até o restaurante lotado de visitantes. Pegou uma cerveja e ficou bebericando no balcão.
10 Um zoológico serve para muitas coisas, algumas delas edificantes. Mas um zoológico serve, principalmente, para que o homem tenha a chance de, diante da jaula do outro, 13 certificar-se de sua liberdade e da superioridade de sua espécie. Ele pode então voltar para o apartamento financiado em quinze anos satisfeito com sua vida. Pode abrir as grades da porta 16 contente com seu molho de chaves e se aboletar no sofá em frente à TV; acordar na segunda-feira feliz para o batente. Há duas maneiras de se visitar um zoológico: com ou 19 sem inocência. A primeira é a mais fácil e a única com satisfação garantida. A outra pode ser uma jornada sombria para dentro do espelho, sem glamour e também sem volta.
22 Os tigres-de-bengala são reis de fantasia. Têm voz, possuem músculos, são magníficos. Mas, nascidos em

cativeiro, já chegaram ao mundo sem essência. São um desejo
25 que nunca se tornará realidade. Adivinham as selvas úmidas da
Ásia, mas nem sequer reconhecem as estrelas. Quando o Sol
escorrega sobre a região metropolitana, são trancafados em
28 furnas de pedra, claustrofóbicas. De nada servem as presas a
caçadores que comem carne de cavalo abatido em frigorífico.
De nada serve a sanha a quem dorme enrodilhado, exilado não
31 do que foi, mas do que poderia ter sido.

Eliane Brum. O cativeiro. In: A vida que ninguém vê. Porto Alegre: Arquipélago, 2006, p. 53-4 (com adaptações).

Com relação aos sentidos e aos aspectos gramaticais do **Texto** CB4A1BBB, julgue os itens que se seguem.

084. (CEBRASPE/MÉDIO/STM/2018) Ao narrar a história do macaco Alemão e ao comentar a vida dos tigres-de-bengala nascidos em cativeiro, a autora remete à perspectiva de visitar zoológicos que ela classifica como “sem inocência” (l. 19).



A parte narrativa do texto possui uma finalidade (a de apresentar um ponto de vista sobre determinado fato no mundo). Nessa narração, há personagens que sofrem e ou praticam ações (especialmente no passado), como lemos em “Alemão conseguiu abrir o cadeado de sua jaula e escapou”. Temos, então, uma estrutura narrativa.

Certo.

085. (CEBRASPE/STM/MÉDIO/2018) A forma verbal “passara” (l. 5) denota um fato ocorrido antes de duas outras ações também já concluídas, as quais são descritas nos dois períodos imediatamente anteriores ao período em que ela se insere.



A forma verbal “passara” está na terceira pessoa do singular do pretérito mais-que-perfeito do indicativo. Esse evento (passar) ocorre antes de um evento no passado, o de escapar. Esse passado, portanto, refere-se a um único evento anterior.

Errado.

086. (CEBRASPE/PC-MA/DELEGADO/2018)

Texto CG1A1AAA

1 A paz não pode ser garantida apenas pelos acordos políticos, econômicos ou militares. Cada um de nós, independentemente de idade, sexo, estrato social, crença religiosa etc. é chamado à criação de um mundo pacificado, um mundo sob a égide de uma cultura da paz.

Mas, o que significa “cultura da paz”?

7 Construir uma cultura da paz envolve dotar as crianças e os adultos da compreensão de princípios como liberdade, justiça, democracia, direitos humanos, tolerância, igualdade e solidariedade. Implica uma rejeição, individual e coletiva, da violência que tem sido percebida na sociedade, em seus mais variados contextos. A cultura da paz tem de procurar soluções que advenham de dentro da(s) sociedade(s), que não sejam impostas do exterior.

Cabe ressaltar que o conceito de paz pode ser abordado em sentido negativo, quando se traduz em um estado de não guerra, em ausência de conflito, em passividade e permissividade, sem dinamismo próprio; em síntese, condenada a um vazio, a uma não existência palpável, difícil de se concretizar e de se precisar. Em sua concepção positiva, a paz não é o contrário da guerra, mas a prática da não violência para resolver conflitos, a prática do diálogo na relação entre pessoas, a postura democrática frente à vida, que pressupõe a dinâmica da cooperação planejada e o movimento constante da instalação de justiça.

Uma cultura de paz exige esforço para modificar o pensamento e a ação das pessoas para que se promova a paz.

28 Falar de violência e de como ela nos assola deixa de ser, então, a temática principal. Não que ela vá ser esquecida ou abafada; ela pertence ao nosso dia a dia e temos consciência disso.

31 Porém, o sentido do discurso, a ideologia que o alimenta, precisa impregná-lo de palavras e conceitos que anunciem os valores humanos que decantam a paz, que lhe proclaimam e promovem. A violência já é bastante denunciada, e quanto mais falamos dela, mais lembramos de sua existência em nosso meio social. É hora de começarmos a convocar a presença da paz em nós, entre nós, entre nações, entre povos.

Um dos primeiros passos nesse sentido refere-se à gestão de conflitos. Ou seja, prevenir os conflitos

40 potencialmente violentos e reconstruir a paz e a confiança entre pessoas originárias de situação de guerra é um dos exemplos mais comuns a serem considerados. Tal missão estende-se às 43 escolas, instituições públicas e outros locais de trabalho por todo o mundo, bem como aos parlamentos e centros de comunicação e associações.

46 Outro passo é tentar erradicar a pobreza e reduzir as desigualdades, lutando para atingir um desenvolvimento sustentado e o respeito pelos direitos humanos, reforçando as 49 instituições democráticas, promovendo a liberdade de expressão, preservando a diversidade cultural e o ambiente. É, então, no entrelaçamento “paz — desenvolvimento 52 — direitos humanos — democracia” que podemos vislumbrar a educação para a paz.

Leila Dupret. Cultura de paz e ações socioeducativas: desafios para a escola contemporânea. In: Psicol. Esc. Educ. (Impr.) v. 6, n. 1. Campinas, jun./2002 (com adaptações).

O **Texto** CG1A1AAA, essencialmente expositivo-argumentativo, estrutura-se a partir da definição de conceitos e do uso de recursos retóricos.



Como podemos perceber pela leitura do texto, a autora busca expor os conceitos de paz (cultura de paz) e gestão de conflitos, por exemplo. Há também, recursos retóricos, como a graduação. Assim, o item está correto.

Certo.

087. (CEBRASPE/EMAP/MÉDIO/2018)

1 É curioso notar que a ideia de porto está presente nas sociedades humanas desde o aparecimento das cidades. Isso porque uma das características das primeiras estruturas 4 urbanas existentes na região do Oriente Próximo foi a presença do porto.
As primeiras cidades, no sentido moderno, 7 surgiram no período compreendido entre 3.100 e 2.900 a.C., na Mesopotâmia, civilização situada às margens dos rios Tigre e Eufrates. A estrutura desses primeiros agrupamentos 10 urbanos era tripartite: a cidade propriamente dita, cercada por muralhas, onde ficavam os principais locais de culto e as células dos futuros palácios reais; uma espécie 13 de subúrbio, extramuros, local que agrupava residências

e instalações para criação de animais e plantio; e o porto fluvial, espaço destinado à prática do comércio e que era 16 utilizado como local de instalação dos estrangeiros, cuja admissão, em regra, era vedada nos muros da cidade. Não se trata, portanto, de uma criação aleatória 19 apenas vinculada à atividade comercial. O porto aparece como mais um elemento de uma forte mudança civilizacional que marcou o contexto do surgimento das cidades e da 22 escrita. O comportamento fundamental dessa mudança localiza-se no aumento das possibilidades do agir humano, na diversificação dos papéis sociais e na abertura para 25 o futuro. Houve, em resumo, uma ampliação no grau de complexidade da sociedade.

Cristiano Paixão e Ronaldo C Fleury Trabalho portuário — a modernização dos portos e as relações de trabalho no Brasil São Paulo: Método, 2008, p 17-8 (com adaptações)

O **Texto** é predominantemente descritivo, na medida em que apresenta detalhadamente as características dos portos na Antiguidade.



No texto, há **trechos descritivos**, como podemos ler no segundo parágrafo. No entanto, a função central do texto é apresentar ao leitor o modo como uma localidade (o porto) é tida pelas sociedades humanas (“o porto é um elemento de uma forte mudança civilizacional” – linhas 17 e 18).

Errado.

088. (CEBRASPE/TJ-AM/ASSISTENTE/2019)

Texto CB3A1-I

1| O maior desafio do Poder Judiciário no Brasil é tornar-se cada vez mais acessível às pessoas, até mesmo a quem não pode arcar com o custo financeiro de um processo.
4| De um modo amplo, o acesso à justiça significa a garantia de amparo aos direitos do cidadão por meio de uma ordem jurídica justa e, caso tais direitos sejam violados, a 7| possibilidade de ele buscar a devida reparação. Para tornar efetivo esse direito fundamental e popularizá-lo, foram feitas várias mudanças na lei ao longo dos anos. Esse movimento de 10| inclusão é conhecido como ondas renovatórias. Atualmente, já se fala no surgimento da quarta onda, que está relacionada aos avanços da tecnologia.

13| Na primeira onda renovatória, buscou-se superar as barreiras econômicas do acesso à justiça. No Brasil, as medidas para garantir a assistência judiciária a quem não pode arcar com as custas de um processo ou ser assistido por um advogado particular foram efetivadas principalmente pela Lei n.º 1.060, de 1950, e pela criação da Defensoria Pública da União, em 1994, que atende muitos segurados do INSS que têm de recorrer ao Poder Judiciário para conseguir um benefício.

A segunda onda renovatória enfrentou os desafios de tornar o processo judicial acessível a interesses coletivos, de grupos indeterminados, e não apenas limitado a ser um instrumento de demandas individuais. Para assegurar a tutela dos direitos difusos, que dizem respeito à sociedade em geral, foram criados instrumentos para estimular a democracia participativa. Os principais avanços ocorreram com a entrada em vigor da Lei da Ação Civil Pública, em 1985, e do Código de Defesa do Consumidor, em 1990, que, conjuntamente, formaram o microssistema processual para assegurar os interesses da população.

A terceira onda encorajou uma ampla variedade de reformas na estrutura e na organização dos tribunais, o que possibilitou a simplificação de procedimentos e, consequentemente, do processo. Entendeu-se que cada tipo de conflito tem uma forma adequada de solução: a decisão final para uma controvérsia pode ser tomada por um juiz, árbitro ou pelas próprias partes, com ou sem o auxílio de terceiros neutros, como mediadores e conciliadores.

Hoje, na quarta onda renovatória, a chamada revolução digital e suas mudanças rápidas aceleraram a engrenagem judicial. Esse processo de transição do analógico para o digital não se resume apenas à virtualização dos tribunais com a chegada do processo eletrônico. As tecnologias da informação e comunicação oferecem infinitas possibilidades para redesenhar o que se entende por justiça.

As plataformas digitais de solução de conflitos popularizaram serviços antes tidos como caros e pouco acessíveis. Hoje existe até a oferta de experiências de cortes online, nas quais as pessoas têm acesso aos tribunais com um clique, sem sair de casa.

Mariana Faria. *O que tecnologia tem a ver com acesso à justiça?* 13/6/2018. Internet: <www.dacordo.com.br> (com adaptações).

Como o texto elenca fatos ocorridos ao longo da história da justiça brasileira, é correto classificá-lo como predominantemente narrativo.



O texto é predominantemente **expositivo**. O autor busca apresentar ao leitor o modo como a tecnologia (e as ondas renovatórias) está relacionada ao direito ao acesso à justiça. Nessa exposição, não há **personagens** (reais ou fictícios) inseridos em um tempo e um espaço.

Errado.

089. (CEBRASPE/TJ-AM/ANALISTA/2019)

Texto CB1A1-I

1| Em 1996, no artigo Contratos inteligentes, o criptógrafo Nick Szabo predizia que a Internet mudaria para sempre a natureza dos sistemas legais. A justiça do futuro, 4| dizia, estaria baseada em uma tecnologia chamada contratos inteligentes. Os contratos legais com que habitualmente trabalham os advogados estão escritos em linguagem frequentemente 7| ambígua e sujeita a interpretações diversas. Um contrato inteligente é um acordo escrito em código de software, que, como linguagem de programação, é claro e objetivo. 10| O contrato se executa de maneira automática quando se cumprem as condições acordadas. Ambas as partes podem ter certeza quase total de que o acordo se cumprirá tal como foi 13| combinado. E tudo ocorre em uma rede descentralizada de computadores. Não há nada que as partes possam fazer para evitar o cumprimento do contrato. 16| Imaginemos que Alice compre um automóvel com um crédito bancário, mas deixe de pagar suas prestações. Uma manhã, introduz sua chave digital no veículo, e a porta não 19| abre. Foi bloqueada por falta de cumprimento do contrato. Minutos depois, chega o funcionário do banco com outra chave digital. Abre a porta, liga o motor e parte com o veículo. 22| O contrato inteligente bloqueou, de maneira automática, o uso do dispositivo digital por Alice, porque ela não cumpriu o contrato. O banco recupera o veículo, sem perder tempo com 25| advogados. Szabo propôs os contratos inteligentes nos anos 90 do século passado. Mas, durante muito tempo, a proposta ficou só 28| na ideia. Até que, em 2014, um jovem russo-canadense de 19 anos de idade, Vitalik Buterin, lançou a Ethereum, uma

legaltech que mantém registro compartilhado com a rede
31| bitcoin, mas tem linguagem de programação mais sofisticada
que permite a gravação de contratos inteligentes. Os contratos
inteligentes prometem automatizar muitas das ações que
34| historicamente se fizeram por meio de sistemas legais, com
redução de seus custos e aumento de sua velocidade e segurança.
Ainda que o segmento esteja em fase inicial, aos
37| poucos vão surgindo mais legaltechs para aplicar contratos
inteligentes em diferentes setores da economia. Um dos
principais desafios está no ambiente regulatório — em
40| particular, no reconhecimento legal desses contratos. "Hoje
contamos com projetos de implementação de contratos
inteligentes com validade legal, como OpenLaw, da ConsenSys
43| (Estados Unidos da América – EUA), Accord Project (EUA e
Reino Unido), Agrello (Estônia) e dezenas de pequenos
empreendimentos pelo mundo", afirma o advogado
46| especializado em novas tecnologias Albi Rodriguez Jaramillo,
cofundador da comunidade LegalBlock.
Um segundo desafio é desenvolver a infraestrutura
49| necessária para que os contratos inteligentes possam ser
executados. Isso inclui a criação de fechaduras inteligentes que
respondam às ordens desses contratos. Elas farão a hipotética
52| devedora Alice não conseguir abrir o carro por ter deixado de
pagar as prestações. A empresa Slock.it desenvolve uma rede
universal de compartilhamento (universal sharing network) na
55| qual, espera-se, vão interagir carros, casas e outros ativos da
economia compartilhada. Será uma peça fundamental para o
desenvolvimento dos contratos inteligentes na nova economia.

Federico Ast. *Como faremos justiça? – A chegada dos contratos inteligentes*. In: *ÉPOCA negócios*.

9/12/2018. Internet: <<https://epocanegocios.globo.com>> (com adaptações).

A respeito das propriedades linguísticas e dos sentidos do texto CB1A1-I, julgue o item seguinte.

Embora o texto seja predominantemente dissertativo, seu terceiro parágrafo é essencialmente narrativo.

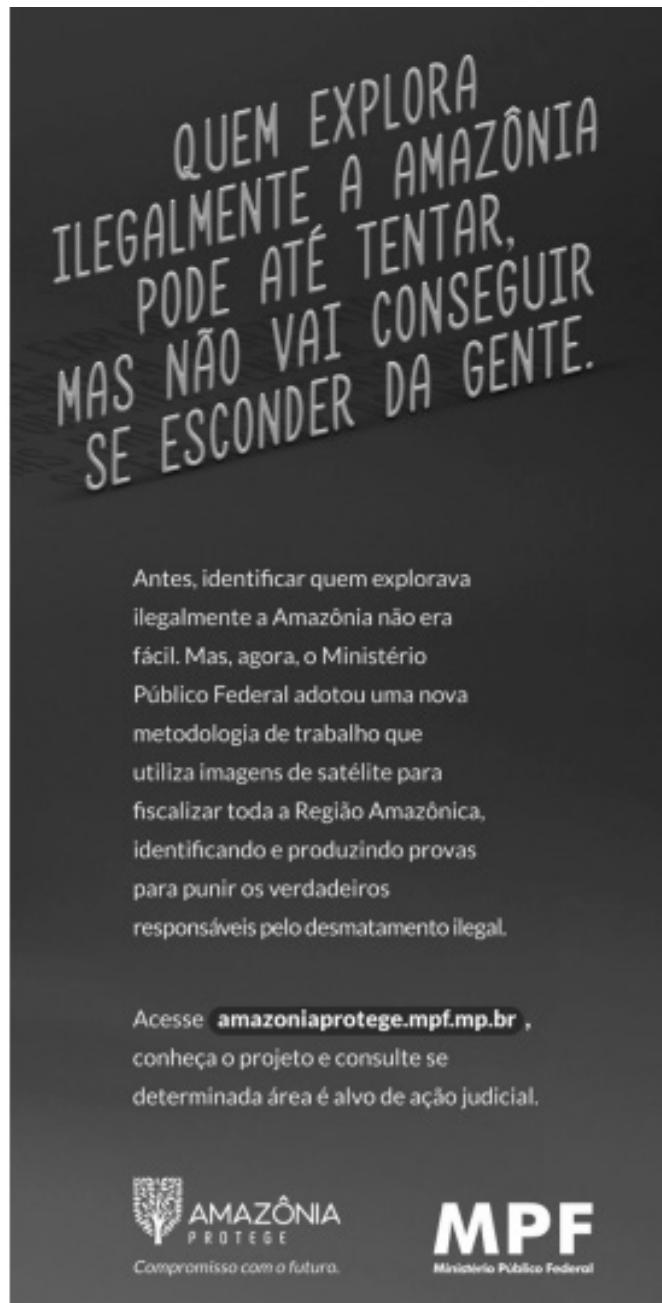


Primeiramente, o item está correto ao afirmar que o texto é predominantemente dissertativo. Em segundo lugar, o terceiro parágrafo é predominantemente narrativo: há personagens (reais, como Szabo e Vitalik Buterin) que realizam ações em um tempo (passado). Essa

narração, é claro, tem como finalidade ilustrar um dos temas abordados na dissertação (e, assim, a narração não é a tipologia predominante).

Certo.

090. (CEBRASPE/PREFEITURA DE BOAVISTA-PR/PROCURADOR/2019)



Internet: <www.amazoniaprotege.mpf.mp.br> (com adaptações).

Julgue o seguinte item, considerando os aspectos textuais e gramaticais do cartaz precedente veiculado pelo Ministério P\xfablico Federal, no \xambito do projeto Amazônia Protege. No texto, observam-se trechos expositivo e injuntivo.



O trecho expositivo está no texto “Quem explora ilegalmente [...]” e no seguinte: “Antes, identificar quem explorava [...].” O trecho injuntivo (aquele que busca indicar ao leitor comportamentos, ações) está em “Acesse..., conheça... e consulte”. Assim, o item está correto! **Certo.**

091. (CEBRASPE/PGE-PE/ASSISTENTE/2019)

- 1| Passávamos férias na fazenda da Jureia, que ficava na região de lindas propriedades cafeeiras. Íamos de automóvel até Barra do Piraí, onde pegávamos um carro de boi.
4| Lembro-me do aboio do condutor, a pé, ao lado dos animais, com uma vara: “Xô, Marinheiro! Vâmu, Teimoso!”. Tenho ótimas recordações de lá e uma foto da qual gosto muito, da 7| minha infância, às gargalhadas, vestindo um macacão que minha própria mãe costurava, com bastante capricho. Ela fazia um para cada dia da semana, assim, eu podia me esbaldar e me 10| sujar à vontade, porque sempre teria um macacão limpo para usar no dia seguinte.

Jô Soares. *O livro de Jô: uma autobiografia desautorizada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

O texto é essencialmente descritivo, pois detalha lembranças acerca das viagens de férias que a personagem e sua família faziam com frequência durante a sua infância.



O texto é essencialmente **NARRATIVO**. O autor, em primeira pessoa, rememora situações (eventos) de sua infância.

Errado.

092. (CEBRASPE/PGE-PE/ASSISTENTE/2019)

- 1| A modernidade é um contrato. Todos nós aderimos a ele no dia em que nascemos, e ele regula nossa vida até o dia em que morremos. Pouquíssimos entre nós são capazes de 4| rescindi-lo ou transcendê-lo. Esse contrato configura nossa comida, nossos empregos e nossos sonhos; ele decide onde moramos, quem amamos e como morremos.
7| À primeira vista, a modernidade parece ser um contrato extremamente complicado, por isso poucos tentam compreender no que exatamente se inscreveram. É como se 10| você tivesse baixado algum software e ele te solicitasse assinar um contrato com dezenas de páginas em “juridiquês”; você dá

uma olhada nele, passa imediatamente para a última página,
13| tica em “concordo” e esquece o assunto. Mas a modernidade,
de fato, é um contrato surpreendentemente simples. O contrato
interno pode ser resumido em uma única frase: humanos
16| concordam em abrir mão de significado em troca de poder.
Yuval Noah Harari. *Homo Deus: uma breve história do amanhã*.

*Yuval Noah Harari. Homo Deus: uma breve história do amanhã. São Paulo: Companhia das Letras, 2016
(com adaptações).*

O texto apresenta estratégia argumentativa que visa aproximar o leitor das ideias desenvolvidas pelo autor.



A estratégia argumentativa que busca aproximar o leitor das ideias expressas pelo autor pode ser vista nos seguintes trechos: “É como se você tivesse baixado” (linha 10); “você dá uma olhada nele” (linha 11). Nesses trechos, o uso da forma “você” é uma forma de atingir o leitor. Notamos, também, o uso de linguagem não formal, como “dá uma olhada”.

Certo.

093. (CEBRASPE/IPHAN/TÉCNICO/2018)

Texto CB3A1-I

1| As consequências da extinção de línguas são
diversas e irreparáveis. O desaparecimento de línguas tem
impacto imediato na perda de diversidade cultural.
4| O desconhecimento da diversidade linguística por
grande parte da população brasileira é sustentado pela
representação de uma suposta unidade da língua
7| portuguesa, ou seja, pela ideia de que a língua portuguesa é
a única língua falada no país. Essa falta de conhecimento e
de valorização leva, por conseguinte, à marginalização e à
10| discriminação de grupos falantes de outras línguas.
A construção de uma política específica para a
diversidade linguística constitui uma iniciativa que busca a
13| valorização da diversidade linguística do país. Atuar para a
sustentabilidade da diversidade linguística, entretanto,
exige a articulação de produção de conhecimento sobre as
16| línguas existentes no território nacional e de valorização e
promoção dessas línguas.
As línguas faladas por grupos sociais minoritários
19| requerem atenção especial de uma política de salvaguarda
da diversidade linguística, pois elas se encontram em

posição de maior vulnerabilidade linguística. Tal situação 22| decorre não só do fato de essas línguas serem faladas por grupos sociais pouco numerosos, mas também da falta de conhecimento sobre elas. Colocar no mapa as centenas de 25| línguas ainda ocultadas pela representação majoritária de um país com uma única língua talvez seja o caminho mais significativo para o reconhecimento das línguas como 28| patrimônio cultural.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Guia de pesquisa e documentação para o INDL: patrimônio cultural e diversidade linguística. Brasília: IPHAN, 2016, p. 23-4 (com adaptações).

O texto foi construído com o uso de elementos que caracterizam a tipologia argumentativa.



O autor claramente busca convencer o leitor sobre determinado ponto de vista: o impacto do desaparecimento de línguas e a necessidade de se valorizar os diversos registros linguísticos. Esse é o objetivo central do texto.

Certo.

094. (CEBRASPE/IPHAN/TÉCNICO/2018)

PICHAÇÃO É CRIME!



Conforme o art. 65 da Lei n.º 9.605/1998 (Lei de Crimes Ambientais), é crime pichar edificação ou monumento urbano. Em caso de condenação, a pena varia de três meses a um ano de detenção e multa.

Em se tratando de ato realizado em monumento ou coisa tombada em virtude de seu valor artístico, arqueológico ou histórico, a pena varia de seis meses a um ano de detenção, e a multa é ainda maior.

Não constitui crime a prática de grafite realizada com o objetivo de valorizar o patrimônio público ou privado mediante manifestação artística, desde que consentida pelo proprietário.



Internet: <www.meu-cantinho2014.blogspot.com> (com adaptações).

No texto, predomina a tipologia instrucional, uma vez que seu propósito comunicativo é conscientizar o leitor acerca do que são pichação e *grafite*, a fim de convencê-lo a não cometer crimes.



Predomina, no texto, a tipologia expositiva. Apresentam-se, basicamente, o entendimento de que o ato de **pichação** é crime e de que o **grafite**, quando consentido pelo proprietário/Estado, é manifestação artística. A **consequência** da apresentação desse entendimento é, claro, a mudança de comportamento da população.

Errado.

095. (CEBRASPE/FUB/NÍVEL MÉDIO/2018)

1| O ensino superior no Brasil é oferecido por universidades, centros universitários, faculdades, institutos superiores e centros de educação tecnológica. O cidadão pode 4| optar por três tipos de graduação: bacharelado, licenciatura e formação tecnológica. Os cursos de pós-graduação são divididos entre lato sensu (especializações e MBAs) e strictu sensu (mestrados e doutorados). Além da forma presencial, em que o aluno deve ter frequência em pelo menos 75% das aulas e avaliações, 10| ainda é possível formar-se por meio do ensino a distância. Nessa modalidade, não é necessária a presença do aluno dentro de sala de aula, e ele recebe livros e apostilas e conta com a ajuda da Internet. Há também cursos semipresenciais, 13| com aulas em sala e também a distância. A Secretaria de Regulação e Supervisão 16| da Educação Superior, órgão do Ministério da Educação, é a unidade responsável por afiançar que a legislação educacional seja cumprida para garantir a qualidade 19| dos cursos superiores do país.

Para medir a qualidade dos cursos de graduação no país, o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas 22| Educacionais Anísio Teixeira (INEP) e o Ministério da Educação utilizam o índice geral de cursos (IGC), divulgado uma vez por ano, logo após a publicação dos resultados 25| do ENADE. A base de cálculo do IGC é uma média dos conceitos dos cursos de graduação de uma instituição, ponderada a partir do número de matrículas mais as notas 28| de pós-graduação de cada instituição de ensino superior.

Internet: <www.brasil.gov.br> (com adaptações)

O texto, tipicamente argumentativo, apresenta informações acerca do ensino superior com o propósito de convencer o leitor da importância desse nível de ensino na formação educacional do cidadão brasileiro.



O texto é claramente **expositivo**. Não há, em nenhum parágrafo, uso de estratégias argumentativas que visem o convencimento do leitor. Encontramos apenas a exposição de fatos no mundo (relativos à organização do Ensino Superior Brasileiro).

Errado.

096. (CEBRASPE/FUB/NÍVEL SUPERIOR/2018)

1| Em um momento no qual a presença da inteligência artificial na vida cotidiana frequentemente gera medo e paranoia na mesma proporção em que fascina, pode ser 4| mesmo assustador descobrir que 99% de todas as traduções são feitas, atualmente, com o auxílio de máquinas.

A informação consta do mais recente relatório de uma 7| organização dedicada a fazer avançar o uso do computador nessa atividade, que, particularmente em sua vertente literária, pleiteia para si o status de arte — ou, no mínimo, 10| de processo criativo.

“A cada dia do ano de 2016, mais de 250 bilhões de palavras foram traduzidas por máquinas”, contabiliza 13| o estudo. É um cenário devastador para os tradutores profissionais. E, de fato, muitos foram dispensados ao longo das últimas décadas, exceto um punhado de privilegiados, 16| pois aquilo de que ainda não se tem notícia é que algum romance, conto ou poema tenha sido traduzido inteira e, sobretudo, satisfatoriamente por algoritmos.

19| Uma primeira e boa razão para isso é que até a menos sofisticada das recriações de uma língua a outra não se faz palavra por palavra. É curioso que o tal relatório 22| venha nos contar hiperbolicamente as vantagens do computador com base nessa falsa medida de eficiência.

O espantoso avanço das máquinas sobre o engenho 25| humano nessa área só começou, precisamente, quando seus desenvolvedores perceberam que a linguagem humana transcende o nível lexical: ela é sempre texto — uma interação 28| verbal com um fim específico — e, principalmente, contexto.

*Christian Schwartz. Avanço da tradução por máquinas gera debate sobre papel de humanos na tarefa.
Internet: <www1.folha.uol.com.br/ilustrissima> (com adaptações)*

O texto apresenta elementos textuais característicos das tipologias expositiva e argumentativa.



A parte expositiva está presente na apresentação de fatos e dados. A parte argumentativa está presente no modo como o autor se posiciona sobre os fatos e dados, concordando ou discordando sobre o que expõe. Esse posicionamento pode ser verificado no uso de certos vocábulos, como “curioso” (linha 16) e “espantoso” (linha 19). Por meio desse posicionamento, o autor busca, sim, convencer o leitor.

Certo.

097. (CEBRASPE/BNB/ANALISTA/2018)

1| O avião demorou a decolar, havia nevascas pela Europa, fui parar em Copenhague, perdi a conexão em Paris, me mandaram para Buenos Aires, mas gostei de chegar em 4| casa quase à meia-noite. O menino já estaria dormindo, e mesmo a Vanda logo iria para a cama. Estaria bicando um vinho, ou fechando as cortinas, ou tomando um banho, ou em 7| frente ao espelho, catando fios de cabelo branco, para mim era importante pegá-la desprevenida, queria ver com que gênero de surpresa me receberia. Girei a chave, na sala havia uma árvore 10| de Natal, a Vanda estava no quarto, do corredor ouvi sua voz. Devo ter aberto a porta com muito ímpeto, pois a babá, que estava sentada na ponta da cama, se levantou num pulo. Mas o 13| menino não se mexeu, continuou recostado na cabeceira com os olhos fitos na televisão.

Chico Buarque. Budapeste. São Paulo: Companhia das Letras, 2003 (com adaptações)

O texto é predominantemente narrativo, haja vista, entre outras características, o emprego de verbos no passado.



Novamente, vemos um item da banca Cebraspe com alusão a uma das características da narrativa: a ocorrência de eventos (expressos por verbos) no passado. A existência desses verbos no passado, no entanto, não é suficiente para caracterizar um texto como narrativo. É preciso haver personagens que sofrem e/ou praticam essas ações (expressas por verbos) – e, no texto em análise, há essas características: vemos um personagem-narrador (primeira pessoa).

Certo.

098. (CEBRASPE/BNB/ANALISTA/2018)

Texto 2A1-I

1| O carrinho de compras do sítio eletrônico está lotado, e o preço total agrada. Animado, você digita todas as informações referentes ao cartão de crédito e, sem entender, 4| observa a transação ser negada. Mais tarde, descobre que o banco tinha considerado suspeito aquele seu procedimento virtual, uma vez que tinha características semelhantes às de 7| uma fraude. Deceptionante, não? E muito comum. A fim de melhorar a experiência dos consumidores em

compras pela Internet, cientistas do Instituto de Tecnologia de 10| Massachusetts, nos Estados Unidos da América, desenvolveram um sistema baseado em princípios de aprendizagem de máquina.

13| A aprendizagem de máquina para a detecção de fraude é baseada em equações matemáticas e algoritmos e funciona em duas etapas. Na primeira, o sistema recebe exemplificações 16| de compras legítimas e ilegítimas. Em seguida, a máquina avalia compras reais, levando em consideração os padrões observados. O sistema funciona mais ou menos como nossos 19| neurônios. A partir de números e fórmulas, une ponto a ponto informações sobre características de transações já feitas pelo usuário — como valores médios gastos, horários de compra, 22| uso de celular, pontos usados, principais estabelecimentos —, até chegar a uma probabilidade de fraude final. Com cada constatação, o programa consegue melhorar os padrões 25| aprendidos.

Segundo um arquiteto de software de uma empresa não participante do estudo, o modo como a máquina aprende 28| os padrões antes de começar a analisar compras interfere diretamente no registro de falsos positivos e fraudes reais. "Se a preparamos apenas para detectar casos de não fraude, 31| podemos aumentar os riscos de fraudes que passam. Sendo assim, precisamos aumentar ao máximo o balanço de situações apresentadas à máquina para não pesar um lado mais do que o 34| outro", detalha.

Correio Braziliense, 1º/10/2018, p. 14 (com adaptações)

No primeiro parágrafo do texto, predomina o tipo textual narrativo.



O primeiro parágrafo do texto é, sim, narrativo. O personagem que realiza as ações é formalmente de terceira pessoa (veja as flexões verbais). Em termos discursivos, esse personagem é um leitor-ideal, o qual, em situação hipotética, encontra-se em diante de uma fraude.

Certo.

099. (CEBRASPE/PC-SE/DELEGADO/2018)

1| O Departamento de Atendimento a Grupos Vulneráveis (DAGV) da Polícia Civil de Sergipe atende a um público específico, que frequentemente se torna vítima

4| de diversos tipos de violência. Idosos, homossexuais, mulheres, crianças e adolescentes têm recebido atenção constante no DAGV, onde o atendimento ganha força e se 7| especializa diariamente.
A unidade surgiu como delegacia especializada em setembro de 2004. Agentes e delegados de atendimento a 10| grupos vulneráveis realizam atendimento às vítimas, centralizam procedimentos relativos a crimes contra o público vulnerável registrados em outras delegacias, abrem 13| inquéritos e termos circunstanciados e fazem investigações de queixas.

Internet: <www.ssp.se.gov.br> (com adaptações).

Predomina no texto a tipologia narrativa, a qual é adequada ao propósito comunicativo de apresentar ao leitor um relato linear e objetivo da história do DAGV desde o seu surgimento até os dias atuais.



O texto é predominantemente **expositivo**. O DAGV não pode ser tido como um personagem. O texto, assim, busca apresentar fatos no mundo acerca do funcionamento desse departamento (com o objetivo de informar o leitor). Ademais, o autor não busca convencer o leitor (e por isso não se trata de um texto argumentativo).

Errado.

100. (CEBRASPE/MPE-PI/TÉCNICO/2018)

1| Saiu a mais nova lista de coisas que devem ou não ser feitas, moda que parece ter contagiado o planeta. Desta vez, Arthur Frommer e Holly Hugues elencam os 500 locais que 4| precisamos visitar antes que desapareçam (500 places to see before they disappear). O livro traz lugares naturais e históricos, de antigos centros de culto a paisagens em vias de 7| extinção, assim como tesouros culturais únicos, como o Fenway Park, de Boston, inaugurado em 1912: um dos últimos estádios norte-americanos que mantêm sua construção original, 10| diz o Atlanta Journal Constitution.

Revista da Semana, dez./2008 (com adaptações)

O texto é essencialmente informativo.



Quando a banca diz que o texto é essencialmente informativo, é o mesmo que dizer que o texto é **expositivo**. E, de fato, é isso o que vemos no texto: o autor busca apresentar fatos

no mundo (o conteúdo de um livro). Não há personagens que sofrem e ou praticam ações (por isso não é uma narração) e não há busca por convencer o leitor (por isso não é uma argumentação).

Certo.

101. (CEBRASPE/MPE-PI/TÉCNICO/2018)

1| Eis que se inicia então uma das fases mais intensas na
vida de Geraldo Viramundo: sua troca de correspondência com
os estudantes, julgando estar a se corresponder com sua amada.
4| E eis que passo pela rama nesta fase de meu relato, já que me
é impossível dar a exata medida do grau de maluquice que
inspiraram tais cartas: infelizmente se perderam e de nenhuma
7| encontrei paradeiro, por maiores que tenham sido os meus
esforços em rebuscar coleções, arquivos e alfarrábios em minha
terra. Sou forçado, pois, a limitar-me aos elementos de que
10| disponho, encerrando em desventuras as aventuras de
Viramundo em Ouro Preto, e dando viço às suas peregrinações.

Fernando Sabino. O grande mentecapto. 62ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

A presença de um narrador é um dos elementos textuais que permitem classificar o texto como narrativo.



O narrador é de primeira pessoa (veja as formas verbais flexionadas). Esse narrador em primeira pessoa às vezes se volta para a apresentação de uma terceira pessoa (Viramundo).

Certo.

(CEBRASPE/PF/AGENTE/2018)

Texto 12A1AAA

1| — A polícia parisiense — disse ele — é extremamente
hábil à sua maneira. Seus agentes são perseverantes,
engenhosos, astutos e perfeitamente versados nos
4| conhecimentos que seus deveres parecem exigir de modo
especial. Assim, quando o delegado G... nos contou,
pormenorizadamente, a maneira pela qual realizou suas
7| pesquisas no Hotel D..., não tive dúvida de que efetuara
uma investigação satisfatória (...) até o ponto a que chegou
o seu trabalho.
10| — Até o ponto a que chegou o seu trabalho? —

perguntei.

— Sim — respondeu Dupin. — As medidas adotadas
13| não foram apenas as melhores que poderiam ser tomadas, mas
realizadas com absoluta perfeição. Se a carta estivesse
depositada dentro do raio de suas investigações, esses rapazes,
16| sem dúvida, a teriam encontrado.

Ri, simplesmente — mas ele parecia haver dito tudo
aquilo com a máxima seriedade.

19| — As medidas, pois — prosseguiu —, eram boas em
seu gênero, e foram bem executadas: seu defeito residia em
serem inaplicáveis ao caso e ao homem em questão. Um certo
22| conjunto de recursos altamente engenhosos é, para o delegado,
uma espécie de leito de Procusto, ao qual procura adaptar à
força todos os seus planos. Mas, no caso em apreço, cometeu
25| uma série de erros, por ser demasiado profundo ou demasiado
superficial. (...) E, se o delegado e toda a sua corte têm
cometido tantos enganos, isso se deve (...) a uma apreciação
28| inexata, ou melhor, a uma não apreciação da inteligência
daqueles com quem se metem. Consideraram engenhosas apenas
as suas próprias ideias e, ao procurar alguma coisa que se ache
31| escondida, não pensam senão nos meios que eles próprios
teriam empregado para escondê-la. Estão certos apenas num
ponto: naquele em que sua engenhosidade representa fielmente
34| a da massa; mas, quando a astúcia do malfeitor é diferente da
deles, o malfeitor, naturalmente, os engana. Isso sempre
acontece quando a astúcia deste último está acima da deles e,
37| muito frequentemente, quando está abaixo. Não variam seu
sistema de investigação; na melhor das hipóteses, quando são
instigados por algum caso insólito, ou por alguma recompensa
40| extraordinária, ampliam ou exageram os seus modos de agir
habituais, sem que se afastem, no entanto, de seus princípios.

(...) Você compreenderá, agora, o que eu queria dizer ao
43| afirmar que, se a carta roubada tivesse sido escondida dentro
do raio de investigação do nosso delegado — ou, em outras
palavras, se o princípio inspirador estivesse compreendido nos
46| princípios do delegado —, sua descoberta seria uma questão
inteiramente fora de dúvida. Este funcionário, porém, se
enganou por completo, e a fonte remota de seu fracasso reside
49| na suposição de que o ministro é um idiota, pois adquiriu
renome de poeta. Segundo o delegado, todos os poetas são
idiotas — e, neste caso, ele é apenas culpado de uma non
52| distributio medii, ao inferir que todos os poetas são idiotas.

— Mas ele é realmente poeta? — perguntei. — Sei que são dois irmãos, e que ambos adquiriram renome nas 55| letras. O ministro, creio eu, escreveu eruditamente sobre o cálculo diferencial. É um matemático, e não um poeta.

— Você está enganado. Conheço-o bem. E ambas as 58| coisas. Como poeta e matemático, raciocinaria bem; como mero matemático, não raciocinaria de modo algum, e ficaria, assim, à mercê do delegado.

61| — Você me surpreende — respondi — com essas opiniões, que têm sido desmentidas pela voz do mundo. Naturalmente, não quererá destruir, de um golpe, ideias 64| amadurecidas durante tantos séculos. A razão matemática é há muito considerada como a razão par excellence.

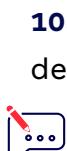
Edgar Allan Poe. A carta roubada. In: Histórias extraordinárias. VictorCivita, 1981. Tradução de Brenno Silveira e outros.

102. (CEBRASPE/AGENTE/PF/2018) Infere-se das falas de Dupin que a opinião do delegado a respeito dos poetas foi determinante para que ele não encontrasse “a carta roubada”.



Nesse item, interessa-nos o direcionamento às falas de Dupin (personagem que conduz a narrativa). Essas falas são apresentadas em **discurso direto**, e são nelas que encontramos a resposta para o item.

Certo.



103. (CEBRASPE/PF/AGENTE/2018) O primeiro parágrafo do texto é predominantemente descritivo, pois apresenta as características da “polícia parisiense”.

Apesar de haver pequenas caracterizações, o primeiro parágrafo é claramente **narrativo**: há um narrador-personagem (primeira pessoa) que relata eventos ocorridos em um tempo e um espaço.

Errado.

104. (CEBRASPE/IPHAN/NÍVEL SUPERIOR/2018)

1| Uma das grandes cousas que se veem hoje no mundo, e nós pelo costume de cada dia não admiramos, é a transmigração imensa de gentes e nações etíopes, que da

4| África continuamente estão passando a esta América. Entra
uma nau de Angola, e desova no mesmo dia quinhentos,
seiscentos e talvez mil escravos. Os israelitas atravessaram
7| o Mar Vermelho, e passaram da África à Ásia, fugindo do
cativeiro; estes atravessam o mar oceano na sua maior
largura, e passam da mesma África à América e para viver
10| e morrer cativos. Os outros nascem para viver, estes para
servir. Nas outras terras do que aram os homens, e do que
fiam e tecem as mulheres, se fazem os comércios: naquela
13| o que geram os pais e o que criam a seus peitos as mães, é
o que se vende, e se compra. Oh trato desumano, em que a
mercancia são homens! Oh mercancia diabólica, em que os
16| interesses se tiram das almas alheias, e os riscos das
próprias!

Já se depois de chegados olharmos para estes
19| miseráveis, e para os que se chamam seus senhores: o que
se viu nos dous estados de Jó, é o que aqui representa a
fortuna, pondo juntas a felicidade e a miséria no mesmo
22|teatro. Os senhores poucos, e os escravos muitos; os
senhores rompendo galas, os escravos despidos e nus; os
senhores banqueteando, os escravos perecendo à fome; os
25|senhores nadando em ouro e prata, os escravos carregados
de ferros; os senhores tratando-os como brutos, os escravos
adorando-os e temendo-os como deuses; os senhores em pé
28| apontando para o açoute, como estátuas da soberba e da
tirania, os escravos prostrados com as mãos atadas atrás
como imagens vilíssimas da servidão, e espetáculos da
31| extrema miséria.

Antônio Vieira. Sermão vigésimo sétimo do rosário. In: *Essencial padre Antônio Vieira*. Organização e introdução de Alfredo Bosi. São Paulo: Penguin Classics, Companhia das Letras, 2011, p. 532-3 (com adaptações).

Apesar de conter marcas de primeira pessoa do plural – como “nós” (l.2), “admiramos” (l.2) e “olharmos” (l.18) –, o texto caracteriza-se como uma descrição objetiva do tráfico de escravos da África para o Brasil.



O item erra ao afirmar que o texto é uma **descrição objetiva**. Trata-se, na verdade, de um relato cujo ponto de vista pessoal (subjetivo) prevalece.

Errado.

105. (CEBRASPE/IPHAN/NÍVEL MÉDIO/2018)

Texto CB2A1BBB

1| Uma das principais características da sociedade contemporânea é a velocidade de suas transformações. Esse novo cenário traz um desafio para as cidades: a 4| necessidade de conciliar os novos hábitos de sua população, em constante mutação, com a ocupação territorial, ou seja, com as soluções de habitação, de 7| localização de equipamentos públicos, de mobilidade. Essas mudanças são um reflexo da inserção das cidades na economia global, o que aumentou o número de 10| atores (empresas, instituições públicas, associações) envolvidos na condução das políticas públicas. Com a multiplicação das demandas sociais, no lugar 13| de soluções únicas para a cidade, passou-se a considerar a segmentação ainda maior de interesses. É cada vez mais difícil imaginar que uma ação pública vá atingir a 16| aspiração de todos em um único objetivo comum. Há de se pensar em sistemas mais ágeis de governança urbana, em que os cidadãos sejam chamados a 19| participar das decisões para ações de pequena ou grande escala. Além de todos os desafios impostos pela 22| inconstância e pela fragmentação das demandas sociais, vivemos um divórcio entre política e poder. Para fazer frente a essas transformações, é 25| necessário um novo tipo de planejamento urbano. Conceitos rígidos dão lugar à flexibilidade, à análise de cenários alternativos e à inclusão da sociedade na 28| formulação das políticas. Nesse contexto novo, o patrimônio histórico tem de ser integrado ao planejamento da cidade, sob pena de ficar 31| à deriva em um mar de interesses puramente econômicos.

Vanessa Fernandes Correa e Mauro Sérgio Procópio Calliari. As transformações da cidade contemporânea. In: Preservando o patrimônio histórico –um manual para gestores municipais. São Paulo (com adaptações).

O texto apresenta características da tipologia textual dissertativo-argumentativa.



Logo no segundo parágrafo, percebemos a presença de uma tese. Nos demais parágrafos, os autores buscam convencer o leitor sobre essa tese mediante a apresentação de argumentos.

Certo.

106. (CEBRASPE/IPHAN/NÍVEL MÉDIO/2018)

Texto CB2A1AAA

1| Se os historiadores produzem o passado e é o
passado que faz uma nação, os historiadores do patrimônio
fazem política, inventando o patrimônio nacional,
4| atribuindo valor e significados a bens e práticas culturais
que circunscrevem os limites da nação.
Sabemos bem que o trabalho do historiador, ao
7| fabricar um patrimônio no seu próprio ofício da escrita da
história, está integrado a um projeto de nacionalização, de
construção do Estado e, portanto, de poder.
10| Certa produção historiográfica e sociológica, em
debate pelo menos desde os anos 70 do século passado e já
clássica na atualidade, trouxe novos ingredientes para a
13| reflexão sobre essa ambiguidade do papel do historiador e
do intelectual de um modo geral. Essa literatura aponta os
numerosos constrangimentos a que estavam submetidos, na
16| sua produção intelectual, em função de um processo de
formação, enquadramento e disciplinarização que
delineava um lugar de fala, limitado por regras de diversas
19| naturezas. Dentre elas, podem ser destacadas as de
financiamento de estudos, postos a julgamentos sobre suas
finalidades e objetivos por comissões de alto nível, bem
22| como as regras que regem a oferta de trabalho. O perfil e a
política das instituições em que estão inseridos, entre
outros aspectos, impõem a agenda dos estudos do momento.
Alguns desses autores, em confronto com
interpretações totalizantes acerca dos fenômenos sociais,
28| verificavam, também, que, diante de estratégias
de dominação — identificadas em microescalas e em
diferentes tipos e níveis de relações —, havia a
31| possibilidade de pequenas subversões ou da adoção de
sutis táticas de resistência; noutra vertente, pode-se falar
nas brechas que se verificam em todo sistema e que arejam
34| e alimentam esperanças de transformação.
Ainda que circunscritas a determinados limites,
essas ações de resistência, aparentemente insignificantes,
37| colocam em movimento as relações e podem alterar a
realidade de uma ordem imposta ou dominante, em um
jogo vívido cotidiana e mais ou menos silenciosamente.
40| É evidente, nessa perspectiva, que, diante do

exercício de violência simbólica ao qual somos submetidos, na qualidade de sujeitos históricos,
43| verificam-se nossas capacidades inventivas nos limites de possibilidades de ação de que dispomos. Essa estranha “margem de manobra”, ou, em melhores palavras, essa
46| interseção entre um profundo pessimismo e a utopia de se construir um mundo melhor, é que mobiliza os homens para a ação.

Márcia Chuva. *História e patrimônio*. In: *Revista do patrimônio histórico e artístico nacional*, n. 34, 2012, p. 11 (com adaptações)

Por expor as ideias da autora, o texto é predominantemente descritivo.



O texto é predominantemente dissertativo-argumentativo. A autora não realiza mera caracterização de uma entidade/local/situação; antes, busca convencer o leitor sobre determinado ponto de vista.

Errado.

107. (QUADRIX/CRM-DF/ASSISTENTE/2018/ADAPTADA)

Com incontáveis linhas de cosméticos, academias, centros de estética, salões de beleza, clínicas de cirurgia plástica, revistas sobre beleza e boa forma, o mercado da aparência física é um dos que mais crescem atualmente. Negócios nesse ramo proliferam, atendendo enorme demanda da sociedade, mas o culto à beleza física não é uma novidade do nosso tempo.

Há registros bem antigos sobre a preocupação social com o corpo humano, não apenas por seus aspectos funcionais, mas muito fortemente por sua estética também. Os gregos antigos, na busca pela perfeição, valorizavam a beleza física, juntamente com um intelecto desenvolvido. Em Esparta, onde se chegava ao extremo da eugenia, os recém-nascidos eram examinados e podiam ser eliminados caso apresentassem alguma deficiência física ou mental, ou, ainda, se fossem considerados fracos. Apesar de essa prática ter motivações militares, guardava relação com o ideal do padrão físico vigente.

Ao longo dos séculos, houve variações significativas quanto à importância que se dava à forma física. Na Idade Média, com a supremacia da Igreja, predominou um dualismo entre corpo como fonte de pecado e alma como objeto de salvação. O culto à estética corporal foi proibido, assim como a exposição do corpo humano, mesmo nas artes. Somente no período renascentista, foram retomados padrões artísticos da Antiguidade, de celebração do corpo e da beleza física.

Entre os séculos XIX e XX, começaram a se disseminar popularmente programas de treinamento físico com um ideal de pessoas fisicamente mais eficientes e saudáveis. Apesar de haver uma proposta inicial de saúde e eficiência física, com o desenvolvimento das indústrias da beleza (moda, cosméticos etc.), a ênfase nos cuidados com o corpo foi recaindo sobre a estética.

Hoje, para cada parte coisificada da pessoa, há uma grande variedade de soluções oferecidas: produtos para “embelezar” os olhos, o rosto, o pescoço, o cabelo, as unhas, além de equipamentos de ginástica que prometem modelar especificamente cada grupo muscular, normalmente sem nenhum esforço.

Além disso, a medicina também acena com soluções cada vez mais seguras e acessíveis para os “problemas” estéticos: mude o nariz, aumente os seios e estique a barriga, pagando em tranquilas prestações.

A coisificação e a comercialização do corpo como objeto de adoração estão profundamente impregnadas no capitalismo. Somos bombardeados regularmente com propagandas sobre nossas “imperfeições” e limitações. Nossas singularidades são convertidas em inadequações, enquanto a publicidade nos mostra soluções milagrosas para nos libertar da grande infelicidade de sermos como somos.

A crueldade do mercado de estética reside no seu modo de operação: a mesma propaganda que anuncia a oferta cria a demanda, o que não é, por certo, exclusividade desse mercado, pois a base fundamental da publicidade comercial é gerar atitude de consumo pela crença de uma necessidade, exista ela ou não. Entretanto, quando se trata do corpo-mercadoria, a autorreferência afeta seriamente a autoestima, cada vez mais sensível a esses estímulos. A mensagem geral é que somos inadequados para os padrões estabelecidos e não conseguiremos ser felizes sem consumir as soluções oferecidas. O bem-estar subjetivo é comprometido quando se interfere na capacidade individual de autoavaliação.

Tudo isso traz consequências sérias à saúde. Por não corresponderem à imagem do corpo perfeito que aparece o tempo todo na TV, no cinema, nas revistas e, claro, nos anúncios comerciais, cada vez mais pessoas mergulham em quadros de depressão, perda de libido, transtornos alimentares (anorexia e bulimia) e obsessões diversas.

Enquadrar-se em padrões de grupo é uma necessidade humana, mas quanto mais autonomia pudermos desenvolver em relação à aprovação dos outros para aprovarmos a nós mesmos, melhor será nossa qualidade de vida.

Edwin Carrer. A escravidão do culto ao corpo perfeito: como a propaganda regula o seu espelho. Internet: <www.sobrepsicologia.com.br> (com adaptações).

O texto configura-se como uma narrativa de fatos históricos que comprovam os efeitos negativos da propaganda sobre o comportamento humano.



O texto não é uma narrativa, mas uma sequência argumentativa que faz uso de trechos narrativos.

Errado.

108. (CEBRASPE/STJ/ANALISTA/2018)

1 O conceito de direitos humanos assenta em um bem conhecido conjunto de pressupostos, todos eles tipicamente ocidentais: existe uma natureza humana universal que pode ser 4 conhecida racionalmente; a natureza humana é essencialmente diferente e superior à restante realidade; o indivíduo possui uma dignidade absoluta e irredutível que tem de ser defendida 7 da sociedade ou do Estado; a autonomia do indivíduo exige que a sociedade esteja organizada de forma não hierárquica, como soma de indivíduos livres. Uma vez que todos esses 10 pressupostos são claramente ocidentais e facilmente distinguíveis de outras concepções de dignidade humana em outras culturas, teremos de perguntar por que motivo a questão 13 da universalidade dos direitos humanos se tornou tão acesamente debatida.

Internet: <www.dhnet.org.br> (com adaptações).

O **Texto** é essencialmente dissertativo-argumentativo e nele o autor expressa sua opinião a respeito do assunto tratado.



Olha aí que interessante: a banca usa a mesma nomenclatura adotada em nossa aula. No texto em análise, o autor procura convencer o leitor em relação ao seu ponto de vista – e no parágrafo em destaque isso é feito por meio de um questionamento.

Certo.

109. (INÉDITA/2023) O narrador mostra-se capaz de ir além da percepção de ações concretas realizadas pelos personagens, chegando a apreender pensamentos, desejos e planos de Fabiano e Sinha Vitória.



De fato, o narrador é do tipo onisciente (aquele que tudo sabe e tudo vê). Em trechos como “Chegariam a uma terra desconhecida e civilizada” e “Sinha Vitória percebeu-lhe a inquietação”, notamos o narrador perscrutando a mente, a psicologia dos personagens Fabiano e Sinha Vitória, respectivamente.

Certo.

Lei de Acesso

Esta seção reúne e divulga, de forma espontânea, dados da Controladoria Geral de Alagoas (CGE) que são de interesse coletivo ou geral com o objetivo de facilitar o acesso à informação pública, conforme determina a Lei de Acesso à Informação (Lei 12.527, de 18/11/2011).



Sobre a Lei de Acesso à Informação
www.acessoainformacao.gov.br



<http://www.pm.al.gov.br/informacoes-publicas>.

110. (INÉDITA/2023) A forma verbal empregada em “Saiba como solicitar acesso” expressa a intenção do autor do texto de levar os leitores a realizarem determinada ação ou a desenvolverem determinado comportamento.



A forma verbal “Saiba” está sendo empregada no imperativo, modo que expressa comando, pedido, exortação. Como estamos diante de um texto informativo, o qual é direcionado aos cidadãos, o autor de fato tem a intenção de levar os leitores a realizarem determinada ação (acessar o site para saberem mais sobre como solicitar acesso (ao Serviço de Informação ao Cidadão).

Certo.

Texto NB35-HQ

1 Em menos de 30 dias, a lata de refrigerante que você descartou hoje voltará para as suas mãos. É isso mesmo. O ciclo de reutilização da latinha de alumínio — que vai do 4 descarte, passa pela coleta seletiva e pela fundição, até chegar ao fabricante de bebidas, que a recoloca no mercado consumidor — não dura mais que um mês no Brasil. A rapidez 7 do processo é um dos sinais da maturidade da reciclagem do alumínio no país. Outro marco é o volume reciclado. Em 2008, 91,5% de todas as latinhas consumidas pelos brasileiros 10 voltaram para a indústria. Apesar de menor que em anos anteriores — quando chegou a 96,5% —, o percentual mantém o país como o maior 13 reciclagem do mundo, à frente de nações desenvolvidas como

o Japão e os Estados Unidos da América. Mais: o Brasil é o maior reciclador de latínhas de alumínio há oito anos 16 consecutivos. Ainda não há previsões para o resultado de 2009, quando a indústria recicladora começou a se recuperar da crise econômica, tampouco estimativas para este ano. Henio De 19 Nicola, da Associação Brasileira do Alumínio (ABAL), afirma estar curioso sobre o desempenho deste ano. Como a estatística é feita a partir da compra de latínhas pelas empresas 22 recicadoras — e não pelo total de unidades consumidas ou coletadas pelos sucateiros e cooperativas —, é provável que o volume reciclado em 2010 supere o número de latas produzidas 25 no país. "2010 será um ano interessante. A tendência é que a reciclagem ultrapasse os 100%", afirma De Nicola, coordenador do Comitê de Reciclagem da ABAL.

28 Os números mostram que o setor conseguiu resolver uma equação muito complicada, que é fazer o lixo voltar ao mercado como matéria-prima nobre. Qualquer empresa que usa 31 sucata em suas linhas de produção enfrenta o grande desafio de encontrar fornecedores que garantam três condições contratuais: qualidade do reciclado, prazo de entrega e volume.

Karla Spotorno. Latinhas de alumínio são campeãs em reciclagem. Internet: <<http://epocanegocios.globo.com>> (com adaptações).

Com relação às ideias e a aspectos linguísticos do texto NB35-HQ, julgue os itens subsequentes.

111. (INÉDITA/2023) O texto, predominantemente expositivo, apresenta dados objetivos em relação ao processo de reciclagem do alumínio no Brasil.



Como corretamente afirmado no item, estamos diante de um texto dissertativo-expositivo, o qual apresenta dados objetivos em relação ao processo de reciclagem do alumínio no Brasil. Não há, ao longo do texto, a adoção de argumentos com o objetivo de convencer o leitor sobre determinado ponto de vista (defendido pela autora, por exemplo) – e, por isso, ele não pode ser caracterizado como pertencente à tipologia argumentativa.

Certo.

112. (INÉDITA/2023) No primeiro período do texto, a autora dirige-se ao leitor como estratégia para engajá-lo em relação à temática desenvolvida.



A estratégia de se direcionar ao leitor é muito comum em textos publicitários. Em textos expositivos e argumentativos, lança-se mão dessa estratégia como forma de se engajar o leitor em relação ao assunto abordado (interesse) ou em relação à defesa de um ponto de vista (convencimento).

Certo.

Texto 3HR-III

“O Dinheiro como Símbolo da Identidade Norte-Americana na Literatura e no Cinema dos EUA” é o tema da conferência que Sina Vatanpour, professor de civilização e cultura norte-americana na Universidade de Lille III-Charles de Gaulle, França, faz no dia 24 de agosto, às 14h30, no IEA. A conferência será em inglês, sem tradução.

“Em geral, o dinheiro representa valores e significados que ultrapassam suas funções comerciais e financeiras”, comenta o pesquisador. “Sua mágica, tilintar, cor e cheiro tem excitado a imaginação humana e criado fábulas, estórias e personagens como o Shylock de Shakespeare ou o Harpagon de Molière.”

Nos Estados Unidos, entretanto, o dinheiro evoca significados particulares ao espaço cultural do país, na opinião de Vatanpour: “Ele se torna intimamente conectado com o centro da identidade masculina norte-americana encontrada em aspectos históricos e religiosos específicos. Assim, ele produz temas, símbolos e significados que organizam o espaço ficcional e se associa a aspectos étnicos e de gênero nos romances e filmes norte-americanos”.

Além disso, Vatanpour destaca que, na escrita mítica norte-americana, o dinheiro guia o leitor iniciado “às profundezas do texto de maneira a questionar os valores históricos e tradicionais do país, como o sonho americano, o mito do sucesso e a busca do poder”.

As pesquisas atuais de Vatanpour estão ligadas aos romances e filmes de Paul Auster e sobre o dinheiro na literatura e nos filmes norte-americanos. Entre seus artigos mais recentes, há estudos sobre “Os Nus e os Mortos” de Norman Mailer, “Dogville” de Lars von Trier e “Cidade de Vidro” e “Fantasmas” de Paul Auster.

O dinheiro como símbolo no cinema e na literatura dos EUA. Flávia Dourado, Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, 2009.

Com relação às ideias e aos aspectos linguísticos do Texto 3HR-III, julgue os itens a seguir.

113. (INÉDITA/2023) O texto, predominantemente argumentativo, é uma sinopse que apresenta a temática da conferência “O Dinheiro como Símbolo da Identidade Norte-Americana na Literatura e no Cinema dos EUA”.



De fato, o texto é uma sinopse que apresenta a temática da conferência “O Dinheiro como Símbolo da Identidade Norte-Americana na Literatura e no Cinema dos EUA”. No entanto, não estamos diante de um texto predominantemente argumentativo, mas predominantemente

expositivo: não há defesa em relação a um ponto de vista e a autora (Flávia Dourado) não busca convencer o leitor por meio de argumentos. Notamos, pela leitura, que há apenas a exposição sobre a temática da conferência e sobre o conferencista.

Errado.

114. (INÉDITA/2023) O emprego das aspas, no segundo parágrafo, indica a voz de Sina Vatanpour.



Note que o item fala do emprego das aspas **no segundo parágrafo** (se fizesse referência ao emprego das aspas ao longo do texto, o julgamento seria diferente). Bom, realmente as aspas são utilizadas para uma citação: a voz (fala, pronunciamento) de Sina Vatanpour.

Certo.

115. (INÉDITA/2023)

Eu deveria cantar.

Rolar de rir ou chorar, eu deveria, mas tinha desaprendido essas coisas. Talvez então pudesse acender uma vela, correr até a igreja da Consolação, rezar um Pai Nossa, uma Ave Maria e uma Glória ao Pai, tudo que eu lembrava, depois enfiar algum trocado, se tivesse, e nos últimos meses nunca, na caixa de metal “Para as Almas do Purgatório”. Agradecer, pedir luz, como nos tempos em que tinha fé.

Bons tempos aqueles, pensei. Acendi um cigarro. E não tomei nenhuma dessas atitudes, dramáticas como se em algum canto houvesse sempre uma câmera cinematográfica à minha espreita. Ou Deus. Sem juiz nem plateia, sem close nem zoom, fiquei ali parado no começo da tarde escaldante de fevereiro, olhando o telefone que acabara de desligar. Nem sequer fiz o sinal da cruz ou levantei os olhos para o céu. O mínimo, suponho, que um sujeito tem a obrigação de fazer nesses casos, mesmo sem nenhuma fé, como se reagisse a uma espécie de reflexo condicionado místico.

Aconteceria um milagre. Um milagre à toa, mas básico para quem, como eu, não tinha pais ricos, dinheiro aplicado, imóveis, nem herança e apenas tentava viver sozinho numa cidade infernal como aquela que trepidava lá fora, além da janela ainda fechada do apartamento. Nada muito sensacional, tipo recuperar de súbito a visão ou erguer-se da cadeira de rodas com o semblante beatificado e a leveza de quem pisa sobre as águas. Embora a miopia ficasse cada vez mais aguda e os joelhos tremessem com frequência, não sabia se fome crônica ou pura tristeza, meus olhos e pernas ainda funcionavam razoavelmente. Outros órgãos, verdade, bem menos. Toquei o pescoço. E o cérebro, por exemplo.

Já chega, disse para mim mesmo, parado nu no meio da penumbra gosmenta do meio-dia. Pense nesse milagre, homem. Singelo, quase insignificante na sua simplicidade, o pequeno milagre capaz de trazer alguma paz àquela série de solavancos sem rumo nem ritmo que eu,

com certa complacência e nenhuma originalidade, estava habituado a chamar de minha vida, tinha um nome. Chamava-se – um emprego.

(ABREU, Caio Fernando. *Onde andará Dulce Veiga?* São Paulo: Planeta De Agostini, 2003, p. 11-12).

Em relação ao texto precedente e aos sentidos nele expressos, julgue os itens a seguir. O texto poderia ser classificado corretamente como descriptivo ou narrativo, não sendo possível afirmar qual desses tipos textuais nele predomina.



O texto é predominantemente narrativo. O narrador em primeira pessoa relata as suas impressões (subjetivas e em âmbito predominantemente psicológico) após receber uma notícia a partir de uma ligação telefônica. Os traços descriptivos são pontuais e de forma alguma predomina no texto. Por essa razão, é possível, sim, afirmar que predomina a narração.

Errado.

Os que o acusavam de se comportar, em relação ao seu país, como “o pássaro que suja o próprio ninho”, Karl Kraus respondeu que é perfeitamente possível, dentro de certas circunstâncias, sentir-se sujo pelo próprio ninho, e daí a necessidade legítima de torná-lo, na medida do possível, um pouco mais limpo. A consequência disso foi que ele “atraiu contra si o ódio das pessoas sujas, de uma intensidade tamanha que poderia não ter equivalente na história da vida intelectual”.

Sob muitos aspectos, é numa situação bastante similar que Noam Chomsky se encontra atualmente. Aos olhos de boa parte do mundo intelectual que, no fim das contas, se acomoda sem grandes problemas com a sujeira que denuncia, Chomsky também é um pássaro cuja atividade principal consiste em sujar os ninhos dos quais ele é material ou espiritualmente ocupante – ou deveria considerar-se como tal. Em primeiro lugar, é claro, critica os Estados Unidos, mas também a Europa, as democracias ocidentais em geral, o Estado de Israel, as elites intelectuais, o mundo científico, a universidade etc.

Esse já era o caso de Kraus, que pensa e age com a ideia de que um intelectual deve antes faxinar seu próprio país, com a esperança de que os outros farão o mesmo. Essa atitude esbarrará nos protestos violentos de quem reage como se isso equivalesse, automaticamente, a afirmar que a verdade, o bom direito e a justiça se encontram integralmente do lado do inimigo.

Chomsky denuncia os abusos de poder, as injustiças, os atos de violência e crimes cometidos por seu próprio país. No entender de seus adversários, isso significa que ele acha normais ações dessa natureza quando perpetradas por seus inimigos. Quando qualifica de “terrorismo internacional de Estado” ou de “terrorismo de atacado” tudo aquilo que os Estados Unidos e seus aliados se consideram autorizados a fazer, com toda a impunidade, em certos países, isso implica, segundo afirmam, que Chomsky nega a realidade, apesar de esta ser pouco contestável.

Deplorando aquilo que chama de “uma tendência da esquerda à autodestruição”, da qual a conversão de boa parte de seus representantes às ideias pós-modernas é sintoma

característico, ele constatava que “existe uma base popular para enfrentar os problemas humanos que há muito tempo faz parte do ‘projeto das Luzes’. Ela carece é da participação dos intelectuais de esquerda. (...) O fato de eles terem abandonado esse projeto é o sinal (...) de uma nova vitória da cultura do poder e dos privilégios, e sua atitude contribuiu para isso”.

As reações ocorrem da mesma forma quando Chomsky recorre à expressão “modelo de propaganda” para descrever o funcionamento dos meios de comunicação numa democracia como os Estados Unidos, onde a imprensa é reputada como sendo inteiramente livre e independente. Acusar os meios de comunicação, como faz Chomsky, de não representar a realidade tal como ela é e de deformar ou omitir regularmente fatos importantes, segundo seus adversários só pode ser uma calúnia e um insulto.

Assim como George Orwell, Chomsky acha incompreensível e preocupante o reduzido empenho com que os intelectuais de esquerda defendem noções como as de “verdade” e “objetividade” – isso quando não propõem abertamente considerá-las, daqui para a frente, reacionárias e obsoletas.

O anúncio feito pelos teóricos da revolução pós-moderna de que não existem verdadeiramente “fatos” – nem, consequentemente, um “mundo dos fatos” em relação ao qual poderíamos ter de nos preocupar – veio na hora certa. E não poderia ser recebido senão como uma justificativa filosófica e um incentivo a prosseguir no mesmo caminho.

Após ser testemunha, no decorrer da guerra civil espanhola e nos anos que se seguiram, da eficiência avassaladora e dificilmente imaginável da propaganda franquista, Orwell manifestou seu temor de ver o próprio conceito de verdade objetiva ser ameaçado de desaparição. “Esse tipo de coisas me assusta”, escreveu, “porque isso, não raro, provoca em mim o sentimento de que a própria noção de verdade objetiva está desaparecendo do nosso mundo. No final das contas, existe um risco importante de que essas mentiras, ou mentiras semelhantes, acabem sendo tidas como verdades históricas. Como será escrita a história da guerra da Espanha?”

Era de esperar que a experiência de como as ditaduras do século XX foram capazes de substituir as verdades objetivas por verdades inteiramente forjadas para seus próprios fins, com as consequências monstruosas que isso engendrou, reforçasse a convicção dos intelectuais de que a verdade, precisamente, não pode ser ela mesma o resultado de uma criação ou de uma invenção.

Mas é uma conclusão bastante diferente daquela a que eles parecem ter chegado: de que os próprios fatos e a verdade são efetivamente fabricados de uma maneira ou de outra, e em todos os casos. Portanto, além de uma “fabricação do consentimento”, pode-se falar daqui para a frente em uma “fabricação da verdade”. A menos que a produção da verdade deva ser considerada como impossível de distinguir da produção do consenso, daí que deve ser reconhecido como verdade.

(Jacques Bouveresse. *Chomsky e a produção da verdade. Le Monde Diplomatique*, 4 de maio de 2010).

Com relação às ideias e aos aspectos linguísticos do texto anterior, julgue os itens que se seguem

116. (INÉDITA/2023) O autor organiza a estrutura expositiva-argumentativa a partir do contraste entre ideias, como as divergências entre Karl Kraus e Chomsky e Chomsky e George Orwell.



A estrutura expositiva-argumentativa é organizada a partir da **semelhança** entre ideias, não pelo contraste/oposição/divergência.

Errado.

117. (INÉDITA/2023) A exposição de fatos e argumentos que estrutura o texto caracteriza-o como predominantemente dissertativo.



Por “dissertativo”, devemos compreender o seguinte: nesta tipologia, observamos a apresentação de argumentos e ideias, as quais informam sobre a realidade (política, cultural, intelectual). Não há predomínio de narração, de descrição ou de injunção (comando). O autor também não busca precipuamente convencer o leitor acerca de determinado ponto de vista. É claro que o autor se mostra adepto, de algum modo, às ideias de Chomsky, mas não é objetivo central do texto convencer o leitor sobre Chomsky estar certo. Por fim, destaco a predominância da terceira pessoa (estratégia de impessoalização), da linguagem formal e denotativa e da estrutura coesiva articulada por elementos sequenciadores e lógicos típicos de dissertações.

Certo.

No livro *O Visconde Partido ao Meio*, de Italo Calvino, o jovem Medardo di Terralba se mete em uma batalha pela cristandade, leva um balão de canhão e sai cortado em duas metades: o lado esquerdo é benigno, o direito é insidioso. Se fosse possível dividir o padre Júlio Renato Lancellotti em dois, a banda boa seria de uma simpatia comovente. O religioso tem fraqueza por doces retrôs, como marzipã e marrom-glacé, especialmente o espanhol. Reserva os sábados para regar plantas. Vive rodeado por uma coleção de imagens de seus santos preferidos, a maioria deles com histórias de vida dificílimas. Gosta de citações. Em momentos graves das conversas, encaixa uma da escritora existencialista Simone de Beauvoir: “O opressor não seria tão forte se não tivesse cúmplices entre os próprios oprimidos.” Em horas mais descontraídas, lembra da frase atribuída ao bovino Homer, o pai na animação *Os Simpsons*: “Se a culpa é minha, eu coloco em quem eu quiser.” Orgulha-se de nunca ter tirado férias e só ter ido ao exterior rapidamente e a trabalho, em rasantes pela Itália, Colômbia, Nicarágua, Panamá e El Salvador. Parece muito feliz com sua opção de não ter carro, roupas de marca, sapatos caros ou títulos imponentes demais dentro da Igreja Católica. Transita, embevecido, entre pilhas de livros espalhadas pela casa onde mora com três sobrinhos no bairro do Belém, na Zona Leste de São Paulo – só na sala,

são três, escoradas umas nas outras; no corredor, quatro, que sobem do chão até o teto como cobras. Às vezes, fica pensando quem é que cuidará desse acervo quando morrer.

A metade atroz do padre partido ao meio seria casca-grossa. Ele tem iracúndias sagradas – e não raro estoura alguma gritaria fenomenal na sacristia da Paróquia São Miguel Arcanjo, uma pequena igreja, bem no limite entre os bairros do Belenzinho e da Mooca, que comanda há 36 anos. Personalista, tende a narrar os feitos de sua comunidade na primeira pessoa, o que às vezes irrita e espana alguns colaboradores. Como, ao longo da vida, já visitou vários círculos do Inferno de Dante, é desconfiado e solta frases que parecem delírios persecutórios como “o próximo ataque, eu nunca sei de onde virá...”. Exige, sempre, soluções imediatas para o que quer e arma circos homéricos quando não consegue – como sabem todos os últimos prefeitos de São Paulo. E, por causa desse conjunto, pode provocar decepções nos que esperam virtude total dos líderes espirituais, mais ou menos como aquele desapontamento planetário de 2019, quando o papa Francisco, num arroubo de irritação extrema, tascou uma palmada nas mãos de uma peregrina que o puxou pelo braço.

Na vida pública, o padre Júlio Lancellotti é há décadas realmente cortado ao meio, em duas fatias irreconciliáveis. Por um lado, é beatificado em vida por seu destemido trabalho de assistência aos excluídos dos excluídos: os sem-teto, a população carcerária, os menores infratores, as crianças órfãs portadoras de HIV, os jovens LGBTQIA+ que são marginalizados. Por outro, é demonizado como aproveitador da população carente, um “esquerdopadre” viciado em mídia. Lancellotti reage suspendendo os ombros, num misto de indiferença e desânimo, sempre que fala desse pêndulo frequente sobre sua cabeça. “Na verdade, eu acho é que muita gente me vê como um enigma”, diz, ajeitando o longo crucifixo que usa no pescoço.

Mesmo dentro da Igreja Católica, o padre Júlio ocupa um lugar próprio, sujeito a rapapés e pedradas. No Brasil, a instituição é formada por uma tropa de 268 bispos, 48 cardeais na ativa e 19 428 padres distribuídos por 12,2 mil paróquias. Para se manter dentro dos preceitos, todos precisam andar na linha hierárquica e fechar questão em temas fundamentais de fé e moral, o que não é pouco. De resto, a Igreja é um cintilante regime democrático. Qualquer integrante do clero tem o direito de ser um conservador, um moderado ou um progressista. Nesse aquário colorido, a maioria esmagadora dos sacerdotes com influência que vai além de seus altares integra a categoria dos cantores e/ou youtubers ligados à Renovação Carismática, corrente de orientação conservadora. Dono de um magnetismo envolvente, o padre Marcelo Rossi é o expoente dessa ala.

Aos 72 anos, vigário episcopal para a Pastoral do Povo da Rua da Arquidiocese de São Paulo, o padre Júlio Lancellotti é também um nome famoso, mas acomoda-se numa gaveta mais solitária. Ele é, hoje, o padre mais político do Brasil.

(Angélica Santa Cruz. *O Padre que morde*. Revista Piauí, 18 de julho de 2021).

Com relação às ideias e aos aspectos linguísticos do texto anterior, julgue os itens que se seguem

- 118.** (INÉDITA, 2023) A menção à obra *O Visconde Partido ao Meio* é recurso utilizado para caracterizar o personagem central do perfil, o padre Júlio Renato Lancellotti.



Na obra de Italo Calvino, o personagem Menardo di Terralba é segmentado em duas partes. De igual modo, o padre Júlio Renato Lancellotti também possui duas partes, duas faces. No primeiro período, apresenta-se a face “benigna”; no segundo, a face “atroz”.

Certo.

119. (INÉDITA/2023) No texto, as descrições são realizadas de maneira impessoal, pois o autor não expressa seu ponto de vista acerca do personagem descrito.



Em diversos momentos, o autor do texto expressa o seu ponto de vista (de forma pessoal) sobre o padre Júlio Lancellotti, como em “solta frases que parecem delírios persecutórios” (2º parágrafo) e “seu destemido trabalho de assistência aos excluídos” (3º parágrafo).

Errado.

Texto LP44-XY

1 Os meninos deitaram-se e pegaram no sono. Sinha Vitória pediu o binga ao companheiro e acendeu o cachimbo. Fabiano preparou um cigarro. Por enquanto estavam 4 sossegados. Voltaram a cochichar projetos, as fumaças do cigarro e do cachimbo misturaram-se. Fabiano insistiu nos seus conhecimentos topográficos, falou no cavalo de fábrica.
7 Ia morrer na certa, um animal tão bom. Se tivesse vindo com eles, transportaria a bagagem. Ia morrer o amigo, num canto de cerca, vendo os urubus chegarem banzeiros, saltando, os bicos 10 ameaçando-lhe os olhos. A lembrança das aves medonhas, que ameaçavam com os bicos pontudos os olhos de criaturas vivas, horrorizou Fabiano. Sinha Vitória percebeu-lhe a inquietação 13 na cara torturada e levantou-se, acordou os filhos, arrumou os picuás. Fabiano retomou o carrego. Pouco a pouco uma vida nova, ainda confusa, se foi esboçando. Fabiano estava contente 16 e acreditava nessa terra, porque não sabia como ela era nem onde era. E andavam para o sul, metidos naquele sonho.
Uma cidade grande, cheia de pessoas fortes. Os meninos em 19 escolas, aprendendo coisas difíceis e necessárias. Chegariam a uma terra desconhecida e civilizada, ficariam presos nela.
E o sertão continuaria a mandar gente para lá. O sertão 22 mandaria para a cidade homens fortes, brutos, como Fabiano, Sinha Vitória e os dois meninos.

Graciliano Ramos. *Vidas Secas*.

A respeito dos sentidos e dos aspectos linguísticos do texto LP44-XY, julgue os próximos itens.

120. (INÉDITA/2023) O texto, predominantemente narrativo, é perspectivado em primeira pessoa.



O item acerta ao afirmar que o texto é predominantemente narrativo. No entanto, a perspectiva é estruturada em terceira pessoa, na qual o narrador apresenta personagens, eventos e cenários. Observe o uso abundante de verbos na terceira pessoa (estavam; pediu; percebeu; arrumou), que corroboram esse fato.

Errado.

REFERÊNCIAS

BUARQUE, S. *Raízes do Brasil*. 2016.

GARCIA, O. *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever aprendendo a pensar*. 2013.

JAROUCHE, M. (Tradutor). *Livro das Mil e Uma Noites*. 2009.

PEREIRA; NEVES. *Ler/Falar/Escrever. Práticas discursivas no ensino médio: uma proposta teórico-metodológica*. 2012.

PLATÃO; FIORIN. *Para entender o texto: leitura e redação*. 2007.

LE Monde Diplomatique. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/>. Acesso em: 13 abr. 2023.

TCHEKHOV, A. *O assassinato e outras histórias*. 2013.

WALTON, D. *Lógica informal*. 2012.

Abra



caminhos



crie

futuros

gran.com.br

